

CONHEÇA o BRASIL

REGIÃO NORTE

Volume Único

Anos Iniciais do
Ensino Fundamental



Organizadora: Editora Casa de Letras
Obra coletiva concebida, desenvolvida
e produzida pela Editora Casa de Letras.

Editor responsável:
Adriano Moreno Barbosa

Componente curricular:
Livro regionalizado
de Geografia e História.

Livro do Professor

Casa de letras

CONHEÇA o BRASIL

REGIÃO NORTE

Volume Único

Anos Iniciais do
Ensino Fundamental

Componente curricular:
Livro regionalizado de Geografia e História

Organizadora: Casa de Letras
Obra coletiva concebida, desenvolvida e produzida pela Editora Casa de Letras.

Editor responsável:
Adriano Moreno Barbosa

Anissa Felippini

Licenciada em História pelo Centro Universitário Barão de Mauá
e mestre em História pela Universidade Federal de Uberlândia.
Atua como autora e editora de materiais didáticos.

Matheus Felipe Oliveira

Licenciado e bacharel em Geografia pela Unesp - Campus de Ourinhos.
Mestre em Ciência do Solo pela Unesp - Campus de Jaboticabal.
Professor de Geografia do Ensino Fundamental e Médio.
Autor e editor de materiais didáticos.

Livro do Professor

1ª edição
São Paulo, 2025

Casa de letras

Professor, aqui começa a reprodução integral do Livro do Estudante. Ao final da reprodução você encontrará a assessoria pedagógica com orientações extras para o uso da obra em sala de aula.

© Casa de Letras, 2025

Elaboração dos originais:

Carlos Zlatic

Doutor em História pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). Autor e Editor de materiais didáticos.

Renato Garcia Freire Soares Pinto

Mestre em Geografia pela Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ). Professor, autor e editor de materiais didáticos.

William Kleyton Costa

Doutorando em Educação pela Universidade de São Paulo (USP). Professor e autor de materiais didáticos.

Diretoria Editorial: Ana Mortara

Coordenação Editorial: Heloisa Pimentel

Assistência Editorial: Ana Maria Herrera, Gisele Cerchiaro, Kátia Scaff, Luciana Bianni, Mirna Imperatore, Paula Dias, Regina Gomes

Produção: Hachura

Direção: Adriano Moreno Barbosa

Coordenação de Produção: Priscila Tobal

Gestão de Conteúdo: Matheus Felipe Oliveira

Gestão de Produção: Kátia Fortes

Assistente de Produção: Ana Luiza dos Santos

Edição Geral: Anissa Felippini

Edição: Ana Luiza Pedrosa, Beatriz Gomes, Carlos Augusto Ferreira, Carlos Augusto Ferreira Guimarães Rodrigues, Carlos Zlatic, Daniel Safadi, Daniel Viana, Eliana Moura Estúdio, Emanuelle Almeida, Gabriel Miranda, Jean Kleber, Juliana Cava Tanaka, Lys Villela, Manoella Soares, Priscila Ferreira, Renato Garcia, Rodolfo Rodrigues, Tatiana Soares

Revisão: Eliana Moura Estúdio Editorial

Edição de Arte: Alexandre Santiago

Diagramação: Pavoá Editorial

Ilustrações: Ana Beatriz Takano, Ana Hidalgo, Bruna Mendonça, Christiane Messias R.Pretero, Eduardo Silvestre Soares, Hercules Breno, Jocal, J.Moia, Katarina Tsuzuki, Stella Ribas, Vespúcio Cartografia, Will Silva

Cartografia: ABVetor, Jocal, Vespúcio Cartografia

Iconografia: Universo.cc (Gabriel Correa, Larissa Oliveira, Marcela Tosta, Selma Braz, Thiago Fontana)

Projeto Gráfico: Hachura

Capa: Adriano Moreno Barbosa

Objetos Educacionais Digitais: Estúdio GDI

Departamento Financeiro: Lourdes Borges

Catálogo na publicação

Elaborada por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

F315c

Conheça o Brasil: Região Norte: Volume único / Obra coletiva concebida, desenvolvida e produzida pela Editora Casa de Letras; editor responsável Adriano Moreno Barbosa. – 1ª ed. – São Paulo: Casa de Letras, 2025.

ISBN 978-65-6011-337-4 (Livro Impresso do Estudante)
ISBN 978-65-6011-336-7 (Livro Impresso do Professor)

1. Geografia no ensino fundamental - Anos iniciais. 2. Região Norte - Brasil.
I. Barbosa, Adriano Moreno.

CDD 372.891

1ª edição – São Paulo – 2025

Casa de letras

Casa de Letras Editora e Gráfica Ltda.
Rua Fradique Coutinho, 1139
Vila Madalena – São Paulo-SP
CEP 05416-011
www.casadeletras.com.br

Índice para catálogo sistemático

I. Geografia no ensino fundamental - Anos iniciais

APRESENTAÇÃO

Olá, estudante!

O Brasil é feito de muitos lugares, e cada um guarda histórias, paisagens e culturas únicas. Nesta obra, você será ao mesmo tempo guia e explorador da sua própria região, a partir do olhar sobre o espaço onde vive, convive, aprende, brinca e se transforma.

Ao observar o que está perto, vai descobrir que não é apenas alguém que olha. Você faz parte desse lugar, ajuda a cuidar dele e pode transformá-lo!

Preparado para essa jornada? Vamos juntos explorar as riquezas naturais e culturais do espaço onde você vive e como ele se conecta com o restante do Brasil.

Boa viagem e aprendizagem!

Coordenadores da coleção

Professor, apresente as partes dos livros para os estudantes e mostre como elas funcionam e como devem ser utilizadas.

CONHEÇA SEU LIVRO

Seu livro está organizado em 9 capítulos. Veja como a sua jornada está organizada nesta coleção.

CONECTANDO CONHECIMENTOS:

traga sua bagagem de conhecimentos para essa jornada e mostre o que já sabe sobre sua região. Aqui, você vai relacionar experiências do dia a dia com os temas do livro, percebendo que História e a Geografia começam no lugar onde você vive.



ABERTURA DE CAPÍTULO E PRIMEIROS OLHARES:

viaje através de imagens e textos que irão ser o ponto de partida para cada um dos destinos dessa jornada. Eles despertam sua curiosidade e ajudam a relacionar o tema do capítulo com a sua própria experiência.



SAIBA MAIS:

faça paradas extras nessa viagem para conhecer curiosidades e informações que ampliam o que você já aprendeu.



MERGULHANDO NA HISTÓRIA:

investigue documentos e fontes históricas para compreender como o passado moldou o presente de onde vive.

As lendas da floresta

Qual é o nome da lenda sobre o "Cariacari"?
 Qual é o nome da lenda sobre o "Cariacari"?
 Qual é o nome da lenda sobre o "Cariacari"?

CONTORNOS DA NOSSA REGIÃO

Da presença da floresta

Qual é o nome da lenda sobre o "Cariacari"?

CULTURAS DA NOSSA REGIÃO:

descubra tradições, festas e saberes que dão cor e vida ao seu lugar.

Povos indígenas: os guardiões da floresta

Qual é o nome da lenda sobre o "Cariacari"?

VOZES DA HISTÓRIA:

escute personagens e grupos que marcaram a história e ajudaram a transformar o Brasil a partir de sua região.

ORGANIZE AS IDEIAS

Qual é o nome da lenda sobre o "Cariacari"?

ORGANIZE AS IDEIAS:

revise os caminhos percorridos e registre o que aprendeu em cada etapa da jornada.

CARTOGRAFANDO

O Norte em festa e sabor

CARTOGRAFANDO:

os mapas irão guiar você nessa jornada de conhecimento. Eles mostram rios, cidades, florestas e muito mais, ajudando a localizar lugares e entender como os espaços se transformam.

REFLEXÕES E CONEXÕES

Mapa Vivo da Amazônia: histórias, saberes e cuidados

Qual é o nome da lenda sobre o "Cariacari"?

Passo 1. Escuta e memória

Qual é o nome da lenda sobre o "Cariacari"?

Passo 2. Descobrendo o mapa

Qual é o nome da lenda sobre o "Cariacari"?

REFLEXÕES E CONEXÕES:

no fim do livro, compartilhe sua experiência, conectando o que aprendeu com a escola, a família e a comunidade. Essa seção é um convite para rever a jornada, trocar ideias e pensar em atitudes que ajudam a transformar o lugar onde você vive.

Ícones que indicam como realizar algumas atividades:



Leitura



Pesquisa



Família



Dupla



Grupo



No caderno



Atividade oral



Socializando

Ícones OEDs:



Selos:

NÃO ESCREVA NO LIVRO.


NÃO ESCREVA NO LIVRO.

Professor, apresente o sumário para os alunos, mostre como é a divisão da obra e como será o uso na sala de aula.

SUMÁRIO

CONECTANDO CONHECIMENTOS	8	Marujada e Marabaixo: festas que contam histórias	39
CAPÍTULO 1 OS ENCANTOS NATURAIS DO NORTE	10	O Festival de Parintins	40
Onde estamos no Brasil?	11	 INFOGRÁFICO O Festival de Parintins por dentro	40
Entrando no clima do Norte	12	A Cavalhada: tradição e fé no Tocantins	42
Amazônia: uma floresta exuberante	13	Arraial Flor do Maracujá: dança e tradição em Rondônia	42
Os sabores da Amazônia	14	Dança do Parixara: ritmo e herança indígena em Roraima	43
As diferentes matas da Amazônia	15	Fé que navega: o encontro entre tradição e cultura no Acre	43
 INFOGRÁFICO Matas da Amazônia	15	As festas e seus ritmos	44
Terras altas, baixas e alagadas	16	As festas e seus sabores	45
CARTOGRAFANDO	17	CARTOGRAFANDO	46
Os rios e a vida na Amazônia	18	ORGANIZE AS IDEIAS	47
A riqueza hídrica da Região Norte	19	CAPÍTULO 4 AMAZÔNIA: O TESOURO DO NORTE E DO BRASIL	48
SAIBA MAIS	20	Rios que sustentam a vida	49
ORGANIZE AS IDEIAS	21	Os serviços ambientais da Amazônia	50
CAPÍTULO 2 VIDAS E POVOS DO NORTE	22	Povos indígenas: os guardiões da floresta	51
Os povos mais antigos da floresta	23	Biodiversidade incrível	52
SAIBA MAIS	24	Quem ajuda a floresta a viver	53
Arte rupestre da Amazônia	25	As plantas medicinais	54
 INFOGRÁFICO Arte nas Rochas do Monte Alegre	25	CARTOGRAFANDO	55
Sítio arqueológico Mirante	26	Contos da floresta: as culturas da natureza	56
Cultura Maracá	27	SAIBA MAIS	57
A arte das cerâmicas e a geometria ancestral	28	 INFOGRÁFICO Os lugares de proteção da Amazônia	57
CARTOGRAFANDO	29	MERGULHANDO NA HISTÓRIA	58
O passado ligado ao presente	30	ORGANIZE AS IDEIAS	59
SAIBA MAIS	31	CAPÍTULO 5 OURO VERDE DO NORTE	60
Os Javaé	32	O nosso ouro verde	61
CARTOGRAFANDO	33	Primeiro Ciclo da Borracha	62
MERGULHANDO NA HISTÓRIA	34	A questão do Acre	63
ORGANIZE AS IDEIAS	35	CARTOGRAFANDO	64
CAPÍTULO 3 AS CULTURAS E AS FESTAS DO NORTE	36	A vida nos seringais	65
Celebrando as festas da nossa região	37	As lendas da floresta	66
O Círio de Nazaré: fé, encontro e tradição	38	O declínio da borracha	67

MERGULHANDO NA HISTÓRIA	68
Segundo Ciclo da Borracha	69

 INFOGRÁFICO De soldados da borracha... a heróis anônimos	69
---	----

SAIBA MAIS	70
Museu do Seringal	72

ORGANIZE AS IDEIAS

CAPÍTULO 6 ENTRE ROÇAS, REBANHOS E IGARAPÉS

O cultivo tradicional no Norte	75
O trabalho com os animais: bois, búfalos e outras criações	76

CARTOGRAFANDO

Rios e igarapés: caminhos de vida	78
O Festival do Abacaxi	79

MERGULHANDO NA HISTÓRIA

Campo e cidade: produtos que viajam pelos rios e estradas	82
---	----

 MAPA Os caminhos das águas: vida na Região Norte	82
---	----


SAIBA MAIS

Trabalho e meio ambiente: os desafios no Norte	84
--	----

ORGANIZE AS IDEIAS

CAPÍTULO 7 O NORTE QUE COLHE SEM DERRUBAR

O extrativismo na Amazônia	87
----------------------------------	----

 MAPA Viver da floresta sem derrubar: modos de vida e reservas no Norte do Brasil	87
---	----

O extrativismo mineral na Amazônia	88
--	----

As cooperativas e a força do trabalho em grupo	89
--	----

Cuidar para usar sem destruir	90
-------------------------------------	----

MERGULHANDO NA HISTÓRIA

CARTOGRAFANDO

A lenda de laçã: o amor que virou fruto	94
---	----

A riqueza da cultura dos povos do Norte	95
---	----

SAIBA MAIS


ORGANIZE AS IDEIAS

CAPÍTULO 8 URBANIZAÇÃO NA AMAZÔNIA: CIDADES E NATUREZA

Cada cidade tem sua história	99
------------------------------------	----

MERGULHANDO NA HISTÓRIA

Transformações da cidade com o tempo	101
--	-----

 MAPA Como crescem as capitais da Região Norte?	101
---	-----

Quem faz a cidade funcionar?	102
------------------------------------	-----

Campo e cidade se conectam	103
----------------------------------	-----

CARTOGRAFANDO

Acessibilidade urbana	105
-----------------------------	-----

Transporte urbano sustentável	106
-------------------------------------	-----

Crescimento e sustentabilidade das cidades	107
--	-----

Cidades que acolhem a natureza	108
--------------------------------------	-----

SAIBA MAIS

.....	110
-------	-----

ORGANIZE AS IDEIAS

CAPÍTULO 9 SER CIDADÃO DO NORTE

Cidadania e cuidado	113
---------------------------	-----

Cidadania ambiental: floresta, cidade e rios	114
--	-----

Cidadania indígena e defesa do meio ambiente	115
--	-----


CARTOGRAFANDO

Água e energia elétrica do Norte	117
--	-----

Direitos e deveres de quem vive junto	118
---	-----

O poder público e a participação das pessoas	119
--	-----

As mulheres e a defesa dos territórios	120
--	-----

 INFOGRÁFICO Mulheres do Norte	120
--	-----

SAIBA MAIS

ORGANIZE AS IDEIAS

REFLEXÕES E CONEXÕES

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Objetivos gerais da seção

- Estimular os estudantes a observar e valorizar o lugar onde vivem.
- Identificar elementos da paisagem, do cotidiano e da cultura da Região Norte.
- Mobilizar memórias e sentimentos em relação ao território de vivência.
- Relacionar experiências pessoais aos conteúdos que serão trabalhados ao longo do volume.

Orientações didáticas

Esta seção tem caráter introdutório e funciona como avaliação diagnóstica, cujo objetivo é identificar os conhecimentos prévios e as percepções que os estudantes têm sobre o lugar onde vivem. As atividades não devem ser avaliadas com foco em acertos ou erros, mas como ponto de partida para orientar as abordagens do capítulo.

Inicie a aula com a turma em roda, em uma conversa aberta, acolhendo as falas dos estudantes. Pergunte o que eles mais gostam em sua cidade, vila ou comunidade. Incentive-os a explorar atentamente as imagens da página 8, destacando cenas da vida cotidiana, como a feira, a sala de aula, o píer e a paisagem urbana junto à floresta. Peça aos estudantes que descrevam o que veem: Você já viu algo parecido? Como é o lugar onde você mora? Alguma dessas cenas lembra sua vida?

CONECTANDO CONHECIMENTOS

NÃO ESCREVA NO LIVRO.

O Norte do Brasil é o nosso lar

Antes de começar os estudos deste volume, é importante lembrar: você já sabe muita coisa sobre o lugar onde vive. As paisagens, os cheiros, os sons e as histórias que fazem parte da sua vida.

Neste início da nossa jornada pela Região Norte, vamos resgatar tudo o que você sabe sobre a sua cidade, comunidade ou região. Não existe resposta certa ou errada — queremos saber o que você percebe, sente e pensa sobre o seu espaço e como ele reflete as características da Região Norte do Brasil.



TALES AZZIPSULSAR IMAGENS

Cidade de Palmas, Tocantins ao lado da Floresta Amazônica, 2023.



STEFAN KOLLIMANPULSAR IMAGENS

Barco no píer de Santa Inês, em Macapá, Amapá, 2024.



RUBENS CHAVESPULSAR IMAGENS

Feira de produtos regionais, em Boa Vista, Roraima, 2022.



RICARDO AZOURIPULSAR IMAGENS

Sala de aula de comunidade seringueira, em Xapuri, Acre, 2016.

8

Valorize todas as respostas, incentivando a oralidade e o respeito à diversidade de experiências. Use esse momento para despertar o interesse pelo tema e criar vínculos entre o conteúdo e a realidade dos estudantes. As trocas em grupo fortalecem a construção da identidade regional e a valorização do território de vivência, conforme a habilidade **EF03GE04**.



MARCO AMENDPULSAR IMAGENS

Base pesqueira às margens do Rio Guaporé, em Costa Marques, Rondônia, 2022.








LUIS SALVATOREPULSAR IMAGENS

Navio cargueiro no porto de Manaus, Amazonas 2022.



RUBENS CHAVESPULSAR IMAGENS

Multidão reunida em frente à Catedral Metropolitana durante o Círio de Nazaré em Belém, Pará, 2019.

-  1 Você já viu alguma das paisagens mostradas nessas imagens? Qual delas mais se parece com o lugar onde você mora? Por quê?
-  2 As pessoas nas imagens estão em momentos diferentes do dia a dia: na escola, no trabalho, no mercado ou em festas. O que essas cenas contam sobre a vida na Região Norte?
-  3 O que você lembra de ter vivido na sua cidade ou comunidade, que marcou você? Pode ser um lugar especial, uma festa, uma comida ou um passeio. Compartilhe com a turma.
-  4 Na sua opinião, o que torna único o lugar onde você mora? Pode ser o modo como as pessoas vivem, vestem-se, falam, alimentam-se ou celebram. Em seu caderno, escreva ou desenhe para mostrar isso.
-  5 Escolha uma das imagens que mais chamou sua atenção. Em seu caderno, escreva ou desenhe algo que você viveu que seja parecido com ela.

1 a 5. Respostas pessoais.

9

Na **atividade 3**, incentive os estudantes a compartilhar uma lembrança significativa vivida em sua cidade ou comunidade: pode ser um passeio, uma festa, uma comida, um lugar especial. Dê liberdade para que expressem suas memórias por meio de falas, desenhos ou pequenos textos, criando um ambiente de escuta e respeito à diversidade de experiências.

Para a **atividade 4**, oriente os estudantes a pensar sobre o que torna único o lugar onde vivem — o modo de falar, de se vestir, os costumes, as comidas (por exemplo: o consumo de açaí ou farinha), os jeitos de morar, as celebrações (como o Círio de Nazaré, festejos ou outras celebrações locais). Em seguida, proponha que representem o resultado das reflexões no caderno, com um desenho ou uma frase, estimulando a construção da identidade e o sentimento de pertencimento.

Por fim, na **atividade 5**, incentive os estudantes a escolher uma imagem com a qual se identificam e a registrar no caderno uma vivência parecida, como passear de barco, frequentar feiras, estudar ou participar de festas. Essa atividade amplia a conexão entre as experiências pessoais e os conteúdos que serão aprofundados no capítulo.

Incentive os estudantes, na **atividade 1**, a observar com atenção as imagens e a escolher aquela que mais se parece com o lugar onde vivem. Peça que justifiquem a escolha com base em elementos do cotidiano, como presença de rios, florestas, casas, feiras ou ruas. Essa atividade favorece o reconhecimento de referências locais e a valorização do olhar individual sobre o território.

Ao trabalhar a **atividade 2**, estimule os estudantes a comentar o que as pessoas estão fazendo nas imagens: estudando, trabalhando, vendendo, participando de festas. Espera-se que eles reconheçam aspectos da vida cotidiana, como a presença de festas culturais, o trabalho com os rios, a vivência escolar ou a alimentação típica, entendendo que esses elementos fazem parte da diversidade da região. Promova uma conversa sobre o que essas cenas revelam acerca da vida nas cidades e comunidades da Região Norte. Procure relacionar essas observações ao cotidiano deles, incentivando conexões com a própria realidade.

Objetivos gerais do capítulo

- Reconhecer elementos naturais e humanizados nas paisagens da Região Norte.
- Compreender como o modo de vida das pessoas se relaciona com o ambiente onde vivem.
- Refletir sobre o convívio entre cidade e floresta, reconhecendo suas características e seus desafios.
- Ampliar a percepção a respeito do território local, valorizando a diversidade da região.

Orientações didáticas

Este primeiro contato com o conteúdo do capítulo convida os estudantes a observar uma imagem aérea de uma área urbana cercada pela Floresta Amazônica, servindo de avaliação diagnóstica para resgatar conhecimentos prévios. Inicie com uma conversa aberta: O que vocês veem nessa imagem? Tem algo parecido perto de onde vivemos? Estimule a descrição oral dos elementos da cena e promova a escuta entre colegas.

Na **atividade 1**, incentive-os a identificar elementos da natureza (floresta, árvores, vegetação) e da ação humana (casas, ruas, construções). Se a escola tiver recursos, um projetor, por exemplo, projete a imagem para os estudantes e analise em conjunto com eles, organizando e incentivando a participação de cada um.

Na **atividade 2**, oriente a reflexão dos estudantes sobre como as pessoas interagem com esse ambiente, reconhecendo formas de convivência com a floresta. Espera-se que percebam que, na Região Norte, muitas pessoas vivem próximas



OS ENCANTOS NATURAIS DO NORTE

PRIMEIROS OLHARES



NÃO ESCREVA NO LIVRO.



Bairro da cidade de Manaus, Amazonas, em contato direto com a floresta, 2023.

Observando a imagem 1 a 4. Respostas pessoais.

- 1 O que você percebe nessa paisagem? Quais elementos naturais e quais elementos construídos aparecem nela?
- 2 Que ideias essa imagem traz sobre a convivência das pessoas com a natureza na região?
- 3 Por que a cidade foi construída tão perto da floresta? Quais são os benefícios e os impactos de morar próximo à floresta?
- 4 Com a ajuda de seu professor, diferencie paisagem natural de paisagem humanizada.

10

à natureza e que é comum a floresta estar perto das casas ou dos bairros. Enfatize que essa convivência pode ser harmônica, com respeito ao meio ambiente, mas também pode gerar desafios, como o risco de desmatamento ou de queimadas.

Para a **atividade 3**, a resposta deles pode indicar que a cidade cresceu nesse local em razão dos recursos naturais disponíveis, da geografia da região ou da origem histórica do povoamento.

Já na **atividade 4**, lembre os estudantes sobre a diferença entre paisagem natural e humanizada (ou cultural) usando exemplos da realidade deles: uma praça construída, um rio cercado por matas ciliares, um bairro com muitas árvores. Retome essas ideias ao longo do capítulo, aprofundando os conceitos.

Onde estamos no Brasil?

O Brasil é um país de grande diversidade natural e cultural. Possui um imenso território, abriga diferentes paisagens, climas, vegetações e modos de vida. Cada região tem características próprias que influenciam a forma como as pessoas vivem e utilizam os recursos naturais. Essa riqueza faz do Brasil um país único, repleto de tradições, costumes e saberes que refletem a diversidade de seu povo e de seu ambiente.

Para facilitar a organização e o cuidado com as pessoas e os lugares, o extenso território brasileiro está dividido em regiões. Mas você sabe o que define uma região? Trata-se de um espaço delimitado que apresenta características comuns, sejam elas físicas (como relevo, hidrografia e clima), históricas ou culturais. Essa divisão nos ajuda a compreender melhor a diversidade brasileira e a planejar políticas públicas adequadas às particularidades de cada área.

Dentre as cinco regiões do Brasil, a Região Norte se destaca por sua imensidão territorial e por abrigar a maior floresta tropical do mundo: a Amazônia.

A Região Norte possui sete estados: Acre (AC), Amapá (AP), Amazonas (AM), Pará (PA), Rondônia (RO), Roraima (RR) e Tocantins (TO). Localizada no norte do Brasil, faz fronteira com outros países da América do Sul.

Apesar de ter um grande território, é a região do país com menos habitantes. Essa população está distribuída pelas cidades, nas áreas rurais e nas **comunidades tradicionais**.



Fonte: IBGE. **Atlas geográfico escolar**. 9. ed. Rio de Janeiro: IBGE, 2023. p. 93.

NÃO ESCREVA NO LIVRO.

Glossário

Comunidades tradicionais: grupos de pessoas que vivem há muito tempo em um lugar e mantêm seus costumes, saberes, modos de viver e cuidar da natureza. Exemplos são os quilombolas, os povos indígenas, os ribeirinhos e os seringueiros.

1. Resposta pessoal. O estudante deve localizar o estado onde moram entre os sete da Região Norte (AC, AM, AP, PA, RO, RR, TO). Podem citar o nome do estado e perceber sua posição no mapa (mais ao norte, ao centro da região, à fronteira com outros países ou estados vizinhos).

1 Em qual dos sete estados da Região Norte você vive? Encontre o nome dele no mapa e observe onde ele está localizado.

2 Como é o lugar onde você mora? Ele fica perto de rio, floresta, cidade grande ou estrada? Compartilhe com a turma o que você mais gosta de onde vive. **2. Resposta pessoal.**

11

BNCC

(EF04GE05)

Orientações didáticas

A página propõe a introdução do conceito de região e a observação do mapa político do Brasil. Comece promovendo uma conversa simples e contextualizada: pergunte aos estudantes onde já ouviram a palavra **região**. As opções podem ser na escola, na televisão, em uma consulta médica, em viagens, no rádio ou

em conversas da comunidade. Incentive-os a compartilhar experiências e a refletir sobre o que entendem quando alguém diz Região Norte, região do abdômen ou região ribeirinha, considerando a polissemia da palavra.

Segundo o geógrafo Roberto Lobato Corrêa:

O termo região não apenas faz parte do linguajar do homem comum, como também é dos mais tradicionais em geografia. Tanto num como noutro caso, o conceito de região está ligado à noção fundamental de diferenciação de área, quer dizer, à

aceitação da ideia de que a superfície da Terra é constituída por áreas diferentes entre si.

CORRÊA, Roberto Lobato. **Região e organização espacial**. São Paulo: Ática, 2003.

Apresente o mapa político do Brasil projetado em tela ou impresso em tamanho ampliado para favorecer a leitura coletiva. Incentive os estudantes a explorarem a legenda, observando como as cores representam diferentes regiões e destacando o uso de símbolos cartográficos. Oriente a turma a localizar inicialmente a Região Norte, identificando seus limites, os estados que a compõem e a posição que ocupa no país. Em seguida, trabalhe a **atividade 1** a partir de uma progressão de escala: partindo da grande região, passe para o estado onde vivem, o município e, se possível, o bairro ou comunidade. Essa prática contribui para a construção do pertencimento territorial e para o letramento cartográfico.

Na **atividade 2**, oriente-os a localizar o estado onde vivem, nomeando-o e compartilhando algo de que gostam em seu entorno. O estudante pode descrever aspectos do seu bairro, vila ou cidade, como a presença de rios, matas, construções urbanas ou estradas. Pode citar elementos que valoriza no cotidiano: tranquilidade, natureza, pessoas conhecidas, festas, comidas típicas ou locais que gosta de frequentar.

Essas atividades reforçam o vínculo com o território e a compreensão da regionalização. Quando realizadas em uma grande roda, também contribuem para desenvolver a escuta, o exercício da fala em público, a empatia e o respeito entre os colegas.

Orientações didáticas

Esta página apresenta o clima da Região Norte, marcado por calor intenso e chuvas abundantes. Inicie a aula com uma conversa sobre o tempo: pergunte como está o clima naquele dia e o que costumam observar durante o ano — se chove muito, se faz calor o tempo todo, se há um período sem chuvas. Essa abordagem ativa conhecimentos prévios e aproxima o conteúdo da vivência local.

Leve os estudantes a observar a imagem do terminal hidroviário com a chuva. Pergunte o que percebem: o céu carregado, as poças no chão, as pessoas em movimento. Aproveite para explicar que uma hidrovía é uma via de transporte feita por rios, muito usada na Região Norte por causa da grande quantidade de rios navegáveis. Relacione esse modo de transporte à presença constante da água e à importância das chuvas na dinâmica da região.

Durante a leitura do texto, destaque expressões como “calor o ano todo” e “muita chuva”, explicando que esse tipo de clima favorece a vegetação da Floresta Amazônica e influencia a vida das pessoas. Com o auxílio de um mapa físico ou digital, apresente a linha do Equador como uma linha imaginária que ajuda a dividir o planeta em duas partes e que influencia o clima das regiões próximas a ela. Mostre que a linha passa pela parte norte do Brasil, o que contribui para o clima quente e úmido da região.

Na **atividade 1**, oriente os estudantes a observar as imagens e a relacionar com o que vivenciam. Organize as respostas orais, instigando-os a

Entrando no clima do Norte

NÃO ESCREVA NO LIVRO.

Você já sentiu aquele calor forte, de manhã, bem cedo? E aquela chuva que vem de repente, mas logo passa e deixa tudo verdinho de novo?

Quem mora na Região Norte conhece bem esse clima: quente o ano todo e com bastante chuva. É chamado de **clima equatorial**.



O clima equatorial é quente durante o ano inteiro e tem muita chuva, principalmente entre os meses de dezembro e maio.

Esse tipo de clima ajuda a manter a floresta sempre verde e cheia de vida. Por isso, a vegetação é densa, e os rios estão quase sempre cheios.

Viver com esse clima influencia muita coisa: o jeito como as casas são construídas, os horários em que saímos de casa, os alimentos que consumimos e até os caminhos que usamos para nos deslocarmos, como os rios!



Terminal Hidroviário Poeta Antônio Tavernard, em Belém, Pará, 2018.

-  **1** Como a chuva pode afetar o dia a dia das pessoas do local da imagem?
 **2** O que você faz quando está chovendo? **1 a 2. Respostas pessoais.**

Você sabia que a posição geográfica de um lugar influencia tanto no clima quanto na paisagem desse espaço? A **Linha do Equador** é uma linha imaginária que divide a Terra em duas partes: o Hemisfério Norte e o Hemisfério Sul. Observe o mapa da página anterior e procure essa linha.

O Brasil está predominantemente localizado no Hemisfério Sul, mas como a Região Norte fica bem perto da Linha do Equador, sendo atravessada por ela em alguns pontos, parte da região também se encontra no Hemisfério Norte. Essa linha, inclusive, passa pela capital do estado do Amapá, a cidade de Macapá.

Por causa dessa localização próxima à Linha do Equador, a Região Norte recebe muito calor do Sol durante o ano inteiro. É por isso que aqui o clima é sempre quente e chove bastante, o que possibilita a existência de uma de nossas maiores riquezas: a **Floresta Amazônica**.

12

trazer uma nova informação sobre o clima local, tomando como referência o lugar onde moram. Eles podem notar que a chuva às vezes pode dificultar os deslocamentos, atrapalhar o trabalho, causar alagamentos ou atrasos, principalmente em lugares onde as pessoas usam barcos, andam a pé ou moram perto de rios. Também podem comentar que a chuva é importante para refrescar, regar plantas ou encher os rios.

Para a **atividade 2**, promova a valorização das experiências locais e a construção do conceito de clima, de forma gradual e significativa, possibilitando que os estudantes expressem como percebem o tempo no decorrer do ano e no ambiente ao seu redor. Embora a resposta tenha caráter pessoal, é provável que o estudante compartilhe hábitos comuns em sua rotina durante a chuva, como ficar em casa, tomar banho de chuva, brincar com os colegas, proteger-se com capa ou guarda-chuva, ou até observar o ambiente pela janela. Pode também relatar sensações, como o cheiro da terra molhada ou o barulho da chuva.

Amazônia: uma floresta exuberante

A vegetação da Região Norte é dominada pela Floresta Amazônica, a maior floresta tropical do mundo. As árvores da Floresta Amazônica gostam muito da combinação de calor e água. É por isso que elas crescem tão altas, com folhas grandes e bem verdes. Essa vegetação também ajuda a manter o ar úmido e a refrescar o ambiente, mesmo nos dias mais quentes. Você já reparou como o ar muda depois de uma chuva?

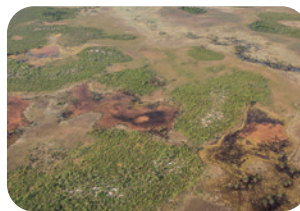
Rica em **biodiversidade**, ela abriga milhões de espécies de plantas, animais e **micro-organismos**, muitos ainda desconhecidos pela ciência. Vista de cima, a floresta parece um imenso "tapete verde" cobrindo grande parte da região.

Apesar de a Floresta Amazônica cobrir grande parte da Região Norte, também existem outras paisagens naturais, como o cerrado, ao sul dos estados do Pará e Tocantins e as campinaranas. Essas paisagens aparecem em algumas áreas mais abertas de solo pouco profundo e rochoso, com árvores mais espalhadas e muitos arbustos e gramíneas.



ANDRÉ DIBPULSAR IMAGENS

Parque Nacional do Viruá e Floresta Nacional do Anauá, em Caracará, Roraima, 2024.



ANDRÉ DIBPULSAR IMAGENS

Vista da campinarana no Parque Nacional do Viruá, em Caracará, Roraima, 2024.

Glossário

Biodiversidade: É a grande variedade de vida que existe em um lugar, como plantas, animais, insetos, peixes, aves, árvores e até micro-organismos.

Micro-organismos: Seres muito pequenos, que não podem ser vistos a olho nu. Muitos vivem no solo da floresta, fornecem nutrientes e ajudam a manter a natureza equilibrada.

VOZES DA HISTÓRIA



NÃO ESCREVA NO LIVRO.

Bertha Becker e a Amazônia



Bertha Becker foi uma importante geógrafa brasileira que estudou a Amazônia por muitos anos. Ela defendia que o desenvolvimento da região precisava respeitar a floresta e as pessoas que vivem nela. Para ela, era possível crescer sem destruir. Suas ideias ajudaram a mostrar o valor da Amazônia para o Brasil e para o mundo.

- 1 O que Bertha Becker quis dizer com "crescer sem destruir"? Como podemos cuidar da floresta e melhorar a vida de quem vive nela ao mesmo tempo?
1. Espera-se que os estudantes compreendam a ideia de desenvolvimento sustentável — proteger a natureza e valorizar os povos da floresta.



FABIO ROSSI/AGÊNCIA O GLOBO

Bertha Becker em congresso sobre a Amazônia, 2011.

13

Orientações didáticas

A página apresenta a diversidade da vegetação na Região Norte, com destaque para a Floresta Amazônica. Inicie a leitura do texto com os estudantes destacando o papel das árvores na regulação do clima: absorvem calor, retêm água e tornam o ambiente mais úmido e agradável. Relacione com o que percebem após uma chuva: o ar mais fresco, os cheiros da terra, o som dos animais. Esses elementos ajudam na construção de um conceito sensível e científico da floresta.

Durante a leitura, destaque os termos **biodiversidade** e **micro-organismos**, retomando as definições no glossário. Pergunte se os estudantes conhecem animais ou plantas da floresta e, se possível, leve imagens ou apresente o vídeo a seguir.

Diversificando

Amazônia: riqueza da natureza selvagem | Nossos Biomas. TV Brasil.

O vídeo apresenta imagens da Floresta Amazônica destacando a sua vasta biodiversidade e importância ambiental. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=_MyLk4v-Oj0. Acesso em: 5 ago. 2025.

Aponte que a Amazônia é rica em vida, mas que outras paisagens naturais também compõem a Região Norte, como o cerrado e as campinaranas. Use as fotos da página para compará-las com a floresta, incentivando a observação das diferenças.

Ao trabalhar o boxe **Vozes da História**, leia o trecho sobre Bertha Becker e converse com os estudantes sobre a ideia de "crescer sem destruir". Reforce a importância de respeitar a floresta e as pessoas que nela vivem.

Para a **atividade 1**, promova uma discussão sobre como é possível melhorar a vida das comunidades sem acabar com a natureza. Confira um exemplo de uso sustentável dos recursos da Amazônia:

A experiência melhor sucedida é a do projeto Reflorestamento Econômico Consorciado Adensado (Reca), localizado na fronteira entre o Acre e Rondônia. Baseia-se no manejo dos recursos naturais através do reflorestamento consorciado com espécies nativas e não nativas, e no beneficiamento do cupuaçu e da pupunha, exportados para o mercado interno. Reúne seringueiros e antigos colonos do sul do país, com experiência agrícola, inclusive como colonos do Inca em Rondônia.

BECKER, Bertha K. **Amazônia: geopolítica na virada do III milênio**. Rio de Janeiro: Garamond, 2009. 172 p.

Orientações didáticas

Para iniciar o trabalho com o texto do boxe **Culturas da Nossa Região**, realize uma leitura coletiva ou compartilhada, destacando os sabores e elementos culturais presentes. Em seguida, promova uma conversa com os estudantes sobre os alimentos típicos da Amazônia que fazem parte de sua rotina, anotando os exemplos na lousa para que os estudantes possam responder às atividades na sequência.

Na **atividade 1**, incentive os estudantes a listar frutas, peixes e alimentos da floresta presentes em sua rotina. Podem também relacionar esses alimentos com momentos da rotina familiar: o café da manhã com açaí, o peixe do almoço, o costume de ir à feira, entre outros. Valorize a oralidade e as memórias afetivas.

Na **atividade 2**, promova a reflexão sobre a presença da floresta na alimentação cotidiana, incluindo produtos consumidos frescos, vendidos em feiras ou utilizados em chás e remédios caseiros; e no fornecimento de sombra, ar puro, água e até proteção contra o calor. Outros aspectos sobre a floresta podem ser mencionados, como o contato visual com a vegetação ao redor, o uso de caminhos por trilhas, o som dos animais ou o modo como a natureza influencia a cultura e os costumes locais.

Na **atividade 3**, oriente a discussão sobre como as tradições alimentares da região podem mudar com o tempo ou quando são levadas a outras partes do país. Ao chegar a outras regiões, os alimentos amazônicos, como o açaí ou o peixe, passam a ser preparados

Os sabores da Amazônia

Entre as espécies mais comuns, estão as árvores: castanheira-do-pará, sumaúma, cupuaçu, bacurizeiro e palmeira de açaí (o açazeiro), que têm grande importância para a economia e para a alimentação das populações locais. Você gosta de castanha-do-pará? E de açaí? Já ouviu falar que o gosto do açaí das demais regiões do país é diferente do nosso?

CULTURAS DA NOSSA REGIÃO



NÃO ESCREVA NO LIVRO.

Açaí: tradição amazônica e diferentes formas de consumo

Quem mora na Região Norte sabe: o açaí não é sobremesa! Aqui, ele faz parte da nossa rotina, da nossa culinária e da nossa história.

Servido com farinha d'água, peixe, camarão ou carne-seca, o açaí é batido na hora, nas feiras e mercados, bem grosso, do jeito que a gente gosta.

Além de ser uma delícia, o açaí também movimenta a economia da região. Muitas famílias vivem da colheita, do preparo e da venda desse fruto, que cresce nas palmeiras da nossa floresta.

Em outras partes do Brasil, o açaí é consumido de outro jeito: gelado, adoçado, com frutas, com granola ou com leite condensado. Mas, para quem vive aqui, o sabor do açaí tradicional lembra a nossa casa!



A tradicional combinação de açaí com peixe frito servida em restaurante no Mercado Ver-o-Peso. Belém, Pará, 2024.



Açaí adoçado e com granola e morango.

- 1 Quais frutas, plantas ou alimentos da Amazônia fazem parte da sua rotina ou da sua família? **1. Resposta pessoal.**
- 2 A floresta está presente no dia a dia das pessoas da sua cidade ou comunidade? Cite exemplos. **2. Espera-se que os estudantes percebam que a floresta fornece alimentos, plantas medicinais, madeira, sombra, ar puro e até proteção contra o calor.**
- 3 Como você acha que a cultura de outras regiões do Brasil pode mudar a forma como os alimentos da Região Norte são consumidos? **3. Resposta pessoal.**

14

ou consumidos de formas diferentes muitas vezes, mais doces, industrializados ou misturados a novos ingredientes. Incentive o respeito à diversidade de hábitos, sem perder de vista o valor da cultura alimentar local.

Temas Contemporâneos Transversais (TCT)

Pluralidade Cultural e Meio Ambiente

Discutir a alimentação tradicional amazônica possibilita valorizar os saberes dos povos da floresta e reconhecer a diversidade cultural do Brasil. Ao mesmo tempo, fortalece o vínculo entre práticas alimentares e o cuidado com o meio ambiente, reforçando a importância do uso sustentável dos recursos naturais.

As diferentes matas da Amazônia

A Floresta Amazônica não é igual em toda parte. Ela se adapta ao solo e à água. Por isso, existem diferentes tipos de mata: várzea, terra firme e igapó.

Na **mata de várzea**, o rio enche durante vários meses e cobre tudo ao redor. É por isso que muitas casas são construídas em palafitas, que são estruturas altas de madeira. Assim, quando a água sobe, as pessoas continuam vivendo ali, com segurança. Os solos dessa mata são mais férteis, pois a cheia dos rios deposita nutrientes em suas margens, favorecendo a agricultura.

Já na **mata de terra firme**, o solo não está sujeito às cheias. Ali crescem árvores bem altas e largas, como a castanheira-do-pará e a seringueira. Muitas famílias retiram recursos da floresta, cultivam frutas ou criam pequenos animais nessa parte. Os seringueiros são uma das comunidades tradicionais que utilizam os recursos da Floresta Amazônica. Eles extraem o látex da seringueira, a matéria-prima da borracha. As atividades de extração de recursos da natureza e conhecida como extrativismo.

A **mata de igapó** é uma parte ainda mais alagada. As árvores vivem com as raízes dentro da água! Algumas comunidades navegam entre essas árvores com pequenos barcos. É uma floresta que parece um rio!

Índigenas navegando pela mata de igapó no Rio Anebé, em Silves, Amazonas, 2024.



Casa de madeira sobre palafitas na comunidade quilombola e ribeirinha de Mangabeira, Mocajuba, Pará, 2025.



Extração do látex da seringueira, em Xapuri, Acre, 2022.



15

OED

Utilize o objeto educacional digital “Degraus da Amazônia” para reforçar a compreensão das diferentes formações vegetais da floresta. O **infográfico** propõe uma leitura interativa do perfil da floresta com base nos níveis do terreno (igapó, várzea e terra firme), mostrando como a vegetação e o modo de vida se adaptam ao relevo e à presença da água. Oriente os estudantes a explorar as imagens e os textos do recurso, comparando-os com o conteúdo do livro e com a realidade local. Em seguida, promova um debate sobre os usos da floresta e a diversidade dos saberes tradicionais.

Orientações didáticas

A diferenciação das matas da Amazônia pode ser uma oportunidade para introduzir noções de zonalidade ecológica e dinamicidade da paisagem, ampliando o olhar dos estudantes para a complexidade ambiental da região.

Explique que os termos que dão nome às matas possuem raízes antigas e revelam diferentes formas de ver e viver o território. Por exemplo, “várzea” tem origem controversa: pode vir do latim *valles* (vale) ou do celta *warza* (terreno úmido). A presença desse termo em nossa língua é resultado da influência portuguesa, que, por sua vez, incorporou palavras de origens diversas durante sua história.

O termo “terra firme” não tem uma origem etimológica única, mas é uma construção do português coloquial que passou a nomear as áreas não alagáveis da floresta, em contraste com as regiões inundáveis — é, portanto, uma denominação funcional criada a partir da experiência cotidiana.

Já “igapó” vem da língua tupi, significando “caminho de águas” ou “lugar alagado onde crescem árvores”, revelando o conhecimento profundo dos povos originários sobre os ambientes aquáticos da Amazônia. Compartilhe essas informações com os estudantes para valorizar diferentes matrizes culturais e reforçar a relação entre linguagem, território e modos de vida.

Para facilitar a compreensão sobre as diferentes matas, incentive comparações com lugares que os estudantes conhecem: Há lugares que alagam na comunidade? Há casas em áreas altas? Assim, o conteúdo se conecta à vivência deles.

Orientações didáticas

A página amplia a compreensão do relevo da Região Norte, associando-o ao clima, à vegetação e à forma de vida das populações. Inicie a aula com uma conversa simples: pergunte se os estudantes já passaram por ruas em subida ou descida e se conhecem lugares mais altos ou planos. Essas observações ajudam a introduzir, de forma concreta, o conceito de relevo.

Explique que o relevo da Região Norte é predominantemente plano, formado por grandes planícies. Esse tipo de relevo facilita a formação de rios largos e calmos e a ocorrência de cheias. Durante a estação das chuvas, muitas dessas áreas ficam alagadas, formando paisagens como os igapós e as várzeas. Retome com a turma os tipos de mata trabalhados na página anterior.

Aproveite a imagem aérea para observar com os estudantes a paisagem da planície: o rio largo, com curvas suaves, cercado por uma vegetação densa e verde. Destaque a cor escura da água e explique, de forma acessível, que os rios das planícies acumulam materiais que descem das partes mais altas, como terra, restos de folhas e pequenos pedaços de rochas. Esses materiais, chamados de sedimentos, deixam a água com coloração mais escura e ajudam a tornar o solo das margens mais fértil.

1. Espera-se que os estudantes identifiquem um relevo plano ou pouco elevado, típico das planícies da Região Norte, o que facilita a formação de rios largos e a presença de áreas alagadas.

Terras altas, baixas e alagadas

NÃO ESCREVA NO LIVRO.

Você já prestou atenção nos caminhos que faz no seu dia a dia? Notou que atravessamos, muitas vezes, lugares mais altos e outros mais baixos? Mais planos ou mais irregulares que outros. Essas diferentes formas do terreno constituem o que chamamos de relevo.

Nas áreas mais baixas, chamadas de planícies, o solo costuma ficar alagado, especialmente durante as cheias dos rios.

Como visto anteriormente, muitas comunidades vivem nessas planícies e precisam construir casas elevadas, como as palafitas. O relevo influencia o jeito de as pessoas se locomoverem, como também onde constroem suas casas e até onde plantam.



Hidrografia amazônica, em Breves, Pará, 2021.

Observe a imagem com atenção. Em grupo, discuta o que você aprendeu sobre o relevo, o clima, os rios e a vegetação da Região Norte. Depois, descreva no seu caderno essa paisagem com base nas perguntas a seguir: 2. Os estudantes podem observar uma vegetação densa, com árvores altas e bem verdes, característica da Floresta Amazônica.

1. Que tipo de relevo parece ter nesse lugar?
2. Como é a vegetação que aparece na imagem?
3. O que os rios revelam sobre o clima da região?

3. Espera-se que os estudantes identifiquem que a presença de rios grandes e cheios indica um clima quente e úmido, com muitas chuvas ao longo do ano, o clima equatorial, típico da Região Norte, que mantém a floresta e os rios vivos.

Você também já parou para pensar na importância dos rios da região para as comunidades ribeirinhas. Além da pesca para consumo e venda, os rios são utilizados para o transporte, além é claro, de fazerem parte da cultura e das tradições dessas populações. Vamos nos aprofundar mais um pouco sobre esse assunto nas próximas páginas?

16

Na **atividade 1**, oriente os estudantes a observar pistas visuais que indiquem um relevo plano, como a ausência de áreas elevadas, os rios largos e as margens bem estendidas. Já na **atividade 2**, incentive a descrição da vegetação presente na imagem. Peça que observem as árvores altas, verdes e próximas da água, que cobrem o chão, formando um “tapete verde”, o que indica uma mata densa. Por fim, na **atividade 3**, conduza os estudantes a perceber que essa paisagem mostra um lugar com muita chuva no decorrer do ano e que a água influencia diretamente a vida das pessoas, da vegetação e até do relevo.

A maior parte da Região Norte é formada por planícies. Esse tipo de relevo facilita o caminho dos rios, que se espalham por toda a região e tornam-se largos e navegáveis. Por isso, muitos rios da Amazônia são usados para transporte, pesca e outras atividades do dia a dia.

Além das planícies, há também áreas de depressão, que são áreas que foram rebaixadas pelo desgaste ao longo do tempo, além de planaltos antigos com terrenos mais altos e irregulares. É nesse relevo que fica o ponto mais alto do Brasil: o Pico da Neblina, com 2.995,30 metros de **altitude**, localizado no estado de Roraima, perto da fronteira com a Venezuela.

A forma do relevo influencia muito o caminho das águas. Em regiões planas, os rios correm devagar, formando curvas e áreas alagadas, como os igapós e várzeas. Já nas áreas mais altas, os rios podem formar corredeiras e cachoeiras.

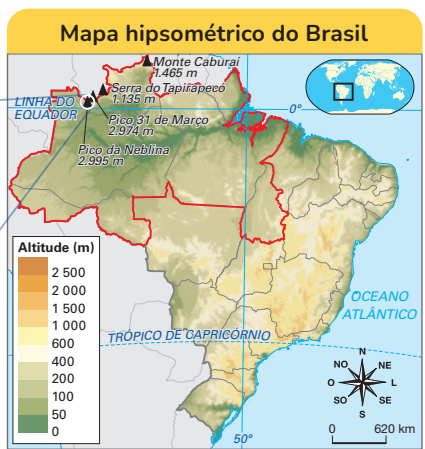
Para representar o relevo nos mapas, usamos o que chamamos de **mapa hipsométrico**. Esse tipo de mapa usa cores diferentes para mostrar a altura dos terrenos: tons de verde para as áreas mais baixas e tons de marrom ou laranja para as mais altas.

Assim, com um mapa hipsométrico, é possível identificar planícies, planaltos e montanhas, como o Pico da Neblina.

Vista do Parque Nacional do Pico da Neblina em Santa Isabel do Rio Negro, Amazonas, 2022.



IBGE. **Atlas geográfico escolar**. 9. ed. Rio de Janeiro: IBGE, 2023. p. 98.



NÃO ESCREVA NO LIVRO.

- 1 O relevo da Região Norte é, em sua maior parte, alto ou baixo? Como isso influencia o seu cotidiano? **1. Espera-se que os estudantes reconheçam que o relevo da Região Norte é predominantemente plano, com planícies que favorecem a formação de rios largos navegáveis.**
- 2 Compare o relevo da Região Norte com outras regiões do Brasil. Qual a diferença nas altitudes do Norte com o restante do país? **2. Espera-se que os estudantes reconheçam que a Região Norte tem mais áreas planas e florestadas, com menos altitudes elevadas que o Sudeste e o Sul.**

17

Orientações didáticas

A página da seção **Cartografando** trabalha a leitura do relevo com base em mapas, especialmente por meio do mapa hipsométrico, um tipo de representação que utiliza cores para indicar diferentes altitudes. Como os estudantes estão em processo de letramento cartográfico, é essencial conduzir a leitura com cuidado, construindo significados coletivamente.

Na **atividade 1**, incentive os estudantes a identificar a cor predominante na Região Norte e relacioná-la ao relevo plano do território. Essa característica facilita a formação de rios largos e navegáveis, o que influencia o modo como as pessoas se deslocam (com barcos, por exemplo), constroem casas (como palafitas) e até escolhem onde morar e plantar.

Na **atividade 2**, oriente a comparação com outras regiões: pergunte quais delas têm mais áreas em marrom ou laranja e o que isso indica sobre o relevo. Use mapas físicos simples ou recortes do próprio atlas escolar para reforçar o conteúdo. Nas comparações, é esperado que observem que, enquanto no Norte predominam planícies e florestas, em outras regiões há mais cidades em áreas altas. Mesmo assim, o ponto mais alto do Brasil fica no Norte: o Pico da Neblina, com 2.995,30 metros.

Diversificando

Relevo no Google Earth

Utilize o Google Earth para exibir imagens em 3D do relevo da Região Norte. Aproxime a visualização para evidenciar as áreas planas e o contorno de rios largos. Em seguida, busque o Pico da Neblina e mostre a elevação. Essa prática contribui para os estudantes relacionarem mapas com paisagens reais, tornando o letramento cartográfico mais significativo e concreto.

Orientações didáticas

Esta página aprofunda o papel dos rios na Região Norte, destacando sua importância para a mobilidade, a alimentação, a cultura e o cotidiano das populações ribeirinhas. Inicie com uma conversa sobre a presença dos rios na vida dos estudantes: Há rios próximos? Como eles são chamados? São usados para pesca, transporte ou lazer? Incentive relatos e promova a escuta das diferentes experiências.

Durante a leitura da página, aprofunde com os estudantes o papel dos rios como elementos dinâmicos da paisagem e da cultura amazônica. Explique que os rios não são sempre iguais: mudam com o tempo, com o clima e com a ação humana. Os ciclos de cheia e vazante, por exemplo, alteram a largura, a profundidade e até a cor dos rios ao longo do ano, influenciando diretamente a vida nas margens. Incentive os estudantes a relatarem como percebem essas mudanças em sua realidade.

Ao tratar do Encontro das Águas, vá além do fenômeno visual. Mostre que o Rio Negro tem águas escuras por conter alto teor de matéria orgânica em decomposição, acumulada em áreas de floresta alagada. Já o Solimões possui águas barrentas por arrastar grande quantidade de sedimentos vindos dos Andes. A diferença de temperatura (o Negro é mais quente) e de velocidade (o Solimões corre mais rápido) impede a mistura imediata das águas, criando o fenômeno visível.

Em relação à Pororoca, conte que o nome vem do tupi antigo *poró-por-oká*, que significa “estrondo que se move” — uma referência direta ao som forte da onda. Explique que esse fenômeno ocorre no encontro entre o rio e o mar, quando a maré sobe com força, invertendo o curso do rio.

Os rios e a vida na Amazônia

A Região Norte é atravessada por muitos rios. O maior deles é o Rio Amazonas, que nasce na Cordilheira dos Andes e atravessa todo o Norte do Brasil, levando água, vida e histórias por onde passa.

Os rios são muito mais que caminhos para barcos. Eles servem para o transporte de pessoas e mercadorias, para a pesca, o banho, o lazer e até como fonte de alimento. Muitas famílias vivem em comunidades chamadas ribeirinhas, que aprendem desde cedo a remar, navegar e cuidar da água.

Os rios mudam muito ao longo do ano. Quando chove bastante, eles enchem e invadem as margens — é a cheia. Quando chove pouco, secam um pouco e formam praias e bancos de areia — é a estiagem. Viver perto dos rios é aprender a observar a natureza todos os dias.

Um dos fenômenos mais conhecidos é o Encontro das Águas, que acontece perto de Manaus, no Amazonas. Lá, o Rio Negro e o Rio Solimões correm, lado a lado, sem se misturar, por vários quilômetros. Isso acontece, porque eles têm cores, temperaturas e velocidades diferentes.



Encontro das Águas, em Manaus, Amazonas, 2020.

Outro fenômeno famoso é a Pororoca, uma grande onda que se forma quando a água do mar invade o rio com força. Ela pode arrastar tudo pela frente, inclusive canoas e galhos. Em alguns lugares, as pessoas até surfam nessa onda gigante do rio, o que atrai turistas de outras partes do Brasil e do mundo.

Fenômeno da Pororoca no Rio Cassiporé, em Oiapoque, Amapá, 2018.



18

Diversificando

Conheça a fascinante HISTÓRIA do pororoca! Prefeitura de São Domingos do Capim.

Vídeo da prefeitura de São Domingos do Capim, no Pará, apresentando o fenômeno da Pororoca que ocorre no município. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=_ZE9exbNZ6w. Acesso em: 5 ago. 2025.

Finalize com uma roda de conversa: Como os estudantes se relacionam com os rios? Que memórias e cuidados têm com eles? Promova um amplo espaço de diálogo para que as vivências de cada estudante com os rios enriqueçam o aprendizado.

A riqueza hídrica da Região Norte

NÃO ESCREVA
NO LIVRO.

Você já ouviu falar em bacia hidrográfica? Esse nome estranho quer dizer o seguinte: todos os rios e córregos que deságuam em um mesmo rio maior fazem parte de uma mesma bacia. É como se fossem vários caminhos de água se encontrando em um mesmo destino. Esses caminhos, inclusive, foram muito importantes para o povoamento e desenvolvimento da Região Norte ao longo da história.

A maior parte da Região Norte está dentro da maior bacia hidrográfica do mundo, a Bacia Amazônica. Ela cobre quase toda a região e é formada por milhares de rios grandes e pequenos. O principal deles é o Rio Amazonas, que recebe água de muitos outros rios, como o Negro, o Solimões, o Tapajós, o Madeira e o Xingu.

As bacias hidrográficas são muito importantes, porque levam água para diferentes lugares, ajudam no transporte, alimentam muitas formas de vida e podem até mesmo gerar energia. Por isso, cuidar dos rios e da floresta ao redor é essencial para manter a água limpa e a vida saudável.



1. Resposta pessoal.
2. Resposta pessoal.
3. Espera-se que os estudantes identifiquem usos dos rios como pesca, transporte, extração de recursos, turismo ou atividades culturais.

IBGE. Atlas geográfico escolar. 9. ed. Rio de Janeiro: IBGE, 2023. p. 110.

Pense em um rio que exista perto da sua cidade, comunidade ou região e, a seguir, responda em seu caderno.

- 1 Qual é o nome dele e em qual bacia hidrográfica ele se encontra?
- 2 Como esse rio faz parte da vida das pessoas que vivem no entorno dele?
- 3 Qual é o principal uso que se faz desse rio?

19

Orientações didáticas

O conteúdo da página introduz o conceito de bacia hidrográfica, que pode ser compreendido com o apoio de comparações visuais e concretas. Para facilitar, leve para a sala uma folha grande de alguma árvore. Mostre os veios que percorrem toda a folha, desde as bordas até a nervura central. Explique que os veios menores se parecem com os rios menores, que vão se unindo e desaguardando em um rio maior — representado

pela nervura principal. Esse é o conceito de bacia hidrográfica: cursos de água que correm para o mesmo destino.

Com essa ideia, mostre o mapa das bacias hidrográficas do Brasil e oriente os estudantes a localizar a Região Norte. Mostre que quase toda a região faz parte da Bacia Amazônica, a maior bacia hidrográfica do mundo. Projete o mapa ou use o livro didático para que identifiquem o Rio Amazonas.

Na **atividade 1**, oriente os estudantes a pensar em um rio que conhecem, seja perto da escola, de casa ou da comunidade. Mesmo que não saibam o nome, a atividade será válida para aproximá-los da realidade local. Eles podem citar o Amazonas, Tapajós, Madeira, Xingu, Tocantins ou outros, e identificar a qual bacia pertencem.

A **atividade 2** convida à observação do cotidiano: Existe algum rio que faça parte da vida das pessoas ao redor de vocês? Esse rio é usado como? Para ajudá-los, forneça exemplos como pesca, banho, transporte, lazer, coleta de água, turismo, produção de energia e ponto de encontro ou celebrações da comunidade.

Já na **atividade 3**, com base nos exemplos mencionados na atividade anterior, peça que escolham qual dos usos parece mais importante ou mais presente em sua vivência.

Atividade complementar

Como complemento das atividades, os estudantes podem entrevistar familiares, funcionários da escola ou pessoas da comunidade que tenham experiências com o uso dos rios — como pesca, transporte, lazer ou coleta de água. Forneça um roteiro e peça que registrem os relatos em pequenos textos ou ilustrações, organizando uma exposição chamada “Histórias do rio”. Essa vivência valoriza os saberes locais, reforça vínculos com o território e desenvolve oralidade, escuta e empatia.

Orientações didáticas

Para iniciar, leia o texto com a turma e destaque que água potável é aquela própria para beber, cozinhar e tomar banho — limpa, tratada e segura. Muitas crianças podem nunca ter ouvido falar de aquíferos ou do Sistema Aquífero Grande Amazônia (SAGA), uma das maiores reservas subterrâneas de água doce do mundo.

Utilize o mapa para mostrar onde estão os aquíferos Alter do Chão e Solimões. Explique que, mesmo com tanta água ao redor, muitas comunidades não têm acesso fácil à água potável, por falta de tratamento ou infraestrutura. Aproveite para estimular a empatia: Como seria viver cercado de água, mas sem poder bebê-la com segurança?

Ao propor a **atividade 1**, incentive os estudantes a refletir por que todos deveriam ter acesso à água limpa. Conduza a discussão com base em situações do cotidiano: Como seria viver sem água para beber, tomar banho, cozinhar ou ir à escola? Aproveite para conectar o direito à água ao cuidado com a saúde e à vida digna.

Na **atividade 2**, amplie a reflexão para outros direitos fundamentais. Pergunte quais são importantes para viver bem: estudar, ter uma casa limpa e segura, receber atendimento médico e alimentação adequada, ter acesso à energia elétrica e ao transporte. Mostre como esses direitos estão interligados.

A **atividade 3** pode ser explorada com propostas práticas. Incentive os estudantes a pensar em atitudes que ajudem a melhorar o acesso à água: filtrar, ferver, não desperdiçar, evitar

SAIBA MAIS**Muita água, pouca água potável?****NÃO ESCREVA NO LIVRO.**


Você sabia que a maior reserva de água doce do mundo fica no Brasil, bem debaixo da Região Norte? Ela se chama Sistema **Aquífero** Grande Amazônia, ou SAGA, e guarda uma quantidade enorme de água limpa. Por isso, muitos chamam esse lugar de “oceano subterrâneo”.

Mas, mesmo com tanta água por perto, muitas comunidades ribeirinhas — que vivem perto dos rios — não têm água potável em casa, ou seja, não têm água própria para beber e cozinhar. Isso parece estranho, não é? Ter muita água ao redor e ainda assim faltar água limpa é o que chamamos de paradoxo, uma situação que não faz sentido à primeira vista.

Isso ocorre porque, mesmo morando em lugares ricos em natureza, muitas dessas comunidades não têm acesso a tratamento de água. A água dos rios ou dos poços pode estar suja ou contaminada, e isso traz riscos à saúde. Por isso, é tão importante garantir que todas as pessoas tenham acesso à água limpa e segura pois esse é um direito de todos!

O SAGA é formado pelos aquíferos: Alter do Chão e Solimões. Eles ficam embaixo dos estados do Amazonas, Pará e Acre. São tão grandes que, juntos, têm quatro vezes mais água do que o Aquífero Guarani, que fica no Centro-Sul do Brasil.

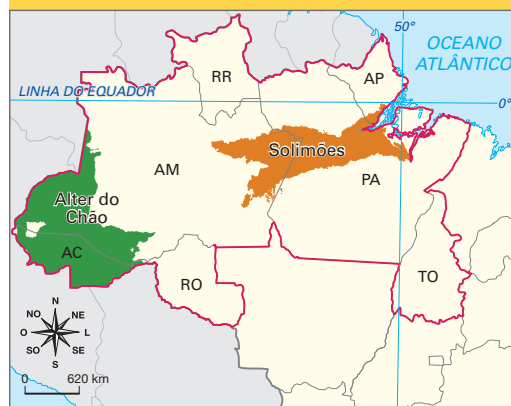
Mas para que toda essa água vire benefício para a população, é preciso investimento, tecnologia e escuta das comunidades locais, que conhecem muito bem o lugar onde vivem.

-  Responda no caderno:
- 1** Por que o acesso à água potável é um direito de todos? **1. Espera-se que os estudantes compreendam que a água potável é essencial para a saúde, a alimentação e a higiene. Podem dizer que todas as pessoas precisam de água limpa para viver bem e que garantir esse acesso é uma forma de cuidar da vida das pessoas, especialmente em comunidades que vivem perto da natureza.**
 - 2** Que outros direitos você conhece, que também são importantes para viver com dignidade? **2. Espera-se que os estudantes cite direitos como ter moradia segura, acesso à educação, alimentação, saúde e respeito, relacionando com situações do seu dia a dia, como ir à escola, ter transporte, energia elétrica e um ambiente limpo para viver.**
 - 3** O que você acha que pode ser feito para melhorar o acesso à água para essas comunidades? **3. Resposta pessoal.**

20

Glossário

Aquífero: grande reserva de água doce, armazenada no subsolo.

Sistema Aquífero Grande Amazônia (SAGA) – Aquíferos Alter do Chão e Solimões

Fonte: IBGE. **Atlas geográfico escolar: principais sistemas aquíferos.** 9. ed. Rio de Janeiro: IBGE, 2023. p. 111.

o lixo nos rios, conversar com pessoas da comunidade que saibam cuidar bem da água etc. Para que todas as pessoas tenham acesso à água, podem ser lembrados exemplos como: construir poços ou filtros, investir em tecnologia ou ouvir as pessoas que vivem nas comunidades para encontrar soluções.

Temas Contemporâneos Transversais (TCT)**Cidadania e civismo**

O direito à água potável está diretamente ligado à cidadania, à dignidade e à equidade social. Trabalhar isso em sala fortalece a noção de responsabilidade coletiva e o respeito às comunidades próximas da natureza. Estimule a turma a pensar como contribuir para garantir esse direito em sua realidade.

ORGANIZE AS IDEIAS

NÃO ESCREVA
NO LIVRO.

Você já sabia muita coisa sobre o lugar onde vive, porque faz parte do seu dia a dia. Ao longo do capítulo, teve a chance de observar com um olhar diferenciado, valorizando seus conhecimentos e sendo convidado a pensar de um jeito novo sobre o que já conhecia, descobrindo novos detalhes e pensando sobre o que torna a Região Norte tão especial. Agora, é hora de reunir tudo isso, refletir sobre o que aprendeu e mostrar do seu jeito!

Mapa com memória

- 1 Faça um desenho ou colagem de um mapa da Região Norte, incluindo elementos que marcaram seu aprendizado: rios, relevo, vegetação, animais ou alimentos típicos. Você pode escrever palavras, usar cores ou símbolos criativos. Depois, compartilhe com a turma e conte o que escolheu mostrar.

1. Resposta pessoal. Espera-se que os estudantes representem graficamente os elementos que mais marcaram sua aprendizagem, como o Rio Amazonas, vegetações típicas, o relevo plano, animais da floresta, alimentos - como o açaí e a castanha - e aspectos culturais. Eles podem utilizar palavras-chave ou símbolos visuais.

Meu clima, meu lugar

- 2 Pesquise com sua turma: como é o clima do local onde vocês moram. Vocês podem pesquisar em sites confiáveis, entrevistar moradores mais velhos, conversar com alguém da prefeitura ou até com um agricultor da região.

Depois, comparem o clima local com o que vocês aprenderam sobre o clima equatorial: faz muito calor? Chove bastante? O ar é úmido ou seco? Existem períodos de seca ou o tempo é igual o ano todo?

Juntos, montem um painel colorido, com desenhos, frases e palavras que representem o clima da sua localidade.

2. Os estudantes podem identificar temperaturas altas, chuvas frequentes, umidade, ou mesmo, períodos secos. O painel coletivo deve reunir essas percepções com apoio de frases, desenhos e comparações com o clima estudado no capítulo.

Histórias de quem vive perto dos rios

- 3 Converse com alguém da sua família ou da comunidade, que conheça bem um rio próximo. Pergunte como esse rio faz parte da vida das pessoas: se é usado para pesca, banho, transporte, celebrações ou outras atividades. Registre com um desenho ou escreva algumas frases, contando essa história para a turma.

3. Os estudantes podem dizer que o rio é usado para banho, pesca, lazer, transporte ou coleta de água, e relatar memórias da comunidade, como enchentes, travessias, festas ou mudanças no uso da água.

Riquezas da natureza, desafios da vida

- 4 Converse com seus colegas: por que lugares com tantos recursos naturais, como na Região Norte, ainda enfrentam dificuldades como falta de transporte, escolas ou água tratada? Será que cuidar da natureza pode ajudar a melhorar a vida das pessoas? Como?

4. Espera-se que os estudantes entendam que ter recursos naturais não garante boa qualidade de vida. É preciso organização, investimento e desenvolvimento sustentável para transformar essas riquezas em benefícios para a população.

21

Orientações didáticas

Na **atividade 1**, incentive representações visuais que incluam elementos como rios, relevo, vegetação e alimentos da Região Norte. Os estudantes podem usar palavras, desenhos, cores e colagens, representando rios, floresta, relevo plano, animais e alimentos típicos. Organize uma apresentação dos mapas para que cada um explique suas escolhas.

Na **atividade 2**, oriente a pesquisa colaborativa sobre o clima local. A pesquisa deve mostrar que o clima da localidade é parecido com o clima equatorial, se for quente e chuvoso, ou diferente, se tiver estações mais definidas ou menos chuvas. Podem aparecer temperaturas altas, chuvas frequentes, umidade ou períodos secos. O painel coletivo, com frases e desenhos, permitirá expressar percepções de forma criativa.

A proposta da **atividade 3** possibilita o exercício da escrita e da oralidade. Incentive conversas com pessoas da comunidade e registros com frases curtas ou desenhos, mostrando como os rios marcam o cotidiano. Os relatos podem abordar enchentes, travessias, festas ou mudanças no uso da água. Esse exercício contribui para compreender a importância social, econômica e afetiva do rio.

Na **atividade 4**, conduza um diálogo sobre o uso sustentável da água, a importância da organização social e os desafios enfrentados para transformar os recursos naturais em bem-estar para todos, promovendo equilíbrio entre natureza e sociedade.

Avaliação

As atividades desta seção podem ser utilizadas para uma avaliação formativa, observando a capacidade dos estudantes de mobilizar saberes aprendidos, interpretar a realidade local e se expressar por múltiplas linguagens.

Interdisciplinaridade com Arte

Sugira que as produções visuais das atividades, como mapas e painéis, utilizem colagens, texturas, desenhos e símbolos regionais, ampliando o repertório artístico e cultural e favorecendo a expressão sensível do território vivido. Reforce práticas sustentáveis, com materiais recicláveis (papelão, embalagens, plásticos) e orgânicos (sementes, gravetos, flores, folhas secas).

Objetivos gerais do capítulo

- Reconhecer a importância cultural da cerâmica marajoara e sua relação com os povos indígenas da Região Norte.
- Compreender como os artefatos arqueológicos, como urnas funerárias e cerâmicas, contribuem para o entendimento das culturas antigas da Amazônia.
- Refletir sobre o impacto histórico da arte indígena na formação da identidade regional e nacional.
- Ampliar a percepção sobre a riqueza cultural da Região Norte, valorizando suas tradições e contribuições para o Brasil.

BNCC

(EF04GE05)
(EF04GE06)

Orientações didáticas

Este capítulo convida os estudantes a se aprofundarem na cerâmica marajoara, importante artefato da história da Região Norte.

Na **atividade 1**, incentive os estudantes a analisarem a imagem do artefato e, com base nas perguntas de observação, discutirem possíveis usos do objeto para posteriormente realizarem uma discussão sobre como os povos antigos da Amazônia, como os de Marajó, produziam artefatos com grande habilidade e importância cultural.

Na **atividade 2**, os estudantes podem desenhar padrões inspirados nas cerâmicas marajoaras, utilizando figuras geométricas (círculos, triângulos etc.) que aprenderam em Matemática.

Para a **atividade 3**, proponha que os estudantes pesquisem sobre as técnicas antigas de produção de cerâmica e comparem com as utilizadas na fabricação de cerâmicas atualmente.

CAPÍTULO

2

VIDAS E POVOS DO NORTE

PRIMEIROS OLHARES



NÃO ESCREVA NO LIVRO.



CULTURAL ARCHIVE/ALAMY/ FOTODARENA

ground with bamboo handle,
ritual mourning dance. Kaimosi

Burial urn in the
ceramic with incisions
similar to later Shilluk
bits of bone of the
urns. Part of base
A.D. 1000-1250, M
#1079335

1. Espera-se que os estudantes observem que se trata de um objeto antigo, provavelmente feito por um povo indígena. Ele pode identificar que a peça representa algo como um vaso usado em rituais ou em sepultamentos, ou no dia a dia para guardar alimentos ou líquidos.

2. Espera-se que os estudantes identifiquem que a peça foi feita por povos indígenas da região Norte, especialmente os que viveram na Ilha de Marajó. Eles também podem apontar que ela foi criada com cuidado e detalhamento, possivelmente para ser usada em cerimônias ou como parte de rituais importantes da comunidade.

3. Espera-se que os estudantes compreendam que objetos antigos costumam ficar enterrados com o tempo, seja por causa da ação da natureza, do tempo ou porque foram colocados ali em rituais. Eles podem identificar que os arqueólogos encontraram esse objeto ao escavar um sítio arqueológico.

Urna Burian da cerâmica marajoara, datada entre 1 000 e 1 250 anos. Exposição na coleção sul-americana do Museu Americano de História Natural, Manhattan, Nova York, Estados Unidos.

Observando a imagem

- 1 O que você acha que essa peça representa?
- 2 Quem teria feito esse objeto e por quê?
- 3 Por que ele foi encontrado debaixo da terra?

Os povos mais antigos da floresta

Você sabia que a Amazônia já era habitada há milhares de anos? Povos muito antigos viveram aqui há mais de 10 mil anos. Eles sabiam plantar, pescar, construir casas, fazer cerâmicas e cuidar do solo com muito conhecimento.

Hoje, os **arqueólogos** estudam esses vestígios em lugares chamados sítios arqueológicos. Só no estado do Amazonas, o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan) já cadastrou mais de 300 sítios. Em toda a região amazônica, são mais de 4 mil. Um dos mais importantes é o **sítio arqueológico Hatahara**, no município de Iranduba, no Amazonas. Lá, foram encontrados objetos como **urnas funerárias** e fragmentos de cerâmica feitos com muito cuidado e arte.

Esses povos sabiam observar o ambiente, escolher os melhores lugares para plantar e até melhorar o solo, criando a chamada **terra preta de índio**. Esse solo, feito com restos de comida, cascas, carvão e cerâmica quebrada, tornava-se muito fértil. Assim, podiam ser plantados diversos alimentos como mandioca, milho, abóbora e frutas mesmo em regiões de terra pobre.

Eles também usavam os rios como caminhos, navegando em canoas para pescar, trocar produtos ou visitar outras aldeias. Os rios eram parte da vida, como uma estrada feita de água!

Hoje, os cientistas sabem que a Floresta Amazônica não é uma terra intocada. Muito do que vemos hoje é resultado da presença e do cuidado desses povos com a natureza. Eles moldaram a paisagem com sabedoria — e essa história ainda está sendo contada.

Glossário

Arqueólogos: são cientistas que estudam os vestígios deixados por povos antigos, como pedaços de cerâmica, ferramentas, construções e até restos de comida. Eles trabalham em lugares chamados sítios arqueológicos.

Urnas funerárias: são vasos de cerâmica usados por muitos povos antigos para guardar os ossos ou as cinzas de pessoas que faleceram. Elas eram enterradas no solo, muitas vezes decoradas com desenhos e símbolos, mostrando o respeito que esses povos tinham pelos seus antepassados.



Escavação do sítio arqueológico de Hatahara, Iranduba, Amazonas, 2006.

23

Orientações didáticas

Este trecho do conteúdo apresenta aos estudantes a ideia de que a Amazônia foi habitada por povos antigos há mais de 10 mil anos. Comece com uma conversa aberta, perguntando aos estudantes o que sabem sobre a história da Amazônia antes da chegada dos colonizadores. Explore com eles o papel fundamental da Arqueologia na reconstrução da história e na valorização do patrimônio cultural da região, evidenciando como esses vestígios nos ajudam a entender mais sobre o modo de vida desses povos. Incentive a observação das imagens e textos sobre as urnas funerárias e as cerâmicas encontradas no **Sítio Arqueológico Hatahara**, discutindo como esses objetos refletem as crenças e tradições das antigas civilizações amazônicas.

Proponha uma reflexão acerca do conceito de terra preta de índio, que os antigos habitantes da Amazônia usavam para melhorar a qualidade do solo. Incentive-os a discutir como essa prática pode ser útil atualmente, pensando em soluções sustentáveis para a agricultura.

Oriente os estudantes a observarem os vestígios encontrados por arqueólogos e pensarem sobre o significado de peças como urnas funerárias e fragmentos de cerâmica.

Explore com os estudantes como os povos antigos usavam os rios da região para pesca, transporte e comércio. Pergunte como isso contribuiu para o desenvolvimento da cultura e organização dessas comunidades. Oriente-os a refletir sobre o impacto da preservação ambiental na atualidade, relacionando com o cuidado que esses povos tinham com a terra e os rios.

Orientações didáticas

Inicie a aula com uma conversa aberta com perguntas que ajudem a despertar o interesse dos estudantes pela temática ambiental e pela história dos povos indígenas.

Trabalhe a seção **Saiba Mais**, relatando apresentando um exemplo de como os antigos povos da Amazônia sabiam aproveitar os recursos naturais de maneira sustentável, em harmonia com o meio ambiente ao seu redor. Além disso, essas práticas sustentáveis foram fundamentais para a sobrevivência e o equilíbrio das sociedades indígenas, garantindo que os recursos não se esgotassem ao longo do tempo. O conhecimento adquirido por esses povos ao longo de gerações ainda é valioso e pode nos ensinar importantes lições sobre a preservação ambiental. Ailton Krenak escreveu uma reflexão interessante sobre isso:

Quando os povos originários se referem a um povo como “uma nação que fica de pé”, estão fazendo uma analogia com árvores e florestas. Pensando as florestas como entidades, vastos organismos inteligentes. Nesses momentos, os genes que compartilhamos com as árvores falam conosco e podemos sentir a grandeza das florestas do planeta.

Krenak, Ailton. **A vida não é útil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019, p.29.

SAIBA MAIS**Hatahara: a aldeia do peixe**

NÃO ESCREVA NO LIVRO.

Você sabia que os antigos habitantes da região do Rio Solimões sabiam muito sobre os peixes da Amazônia? No sítio arqueológico de Hatahara, os cientistas encontraram vestígios de peixes, tartarugas, jacarés e até aves que eram consumidos por esses povos há mais de mil anos.

Eles sabiam onde e quando pescar cada tipo de peixe, como o pirarucu, o tucunaré, o pacu e o surubim. Usavam os rios, lagos e igarapés como caminhos e como fonte de alimento, cuidando da natureza e pescando de forma inteligente. Isso quer dizer que eles sabiam quando era a melhor época para pescar cada espécie de peixe sem prejudicar a natureza, e em que quantidade pescar para garantir que o rio continuasse cheio de vida.

A aldeia de Hatahara era tão grande que ocupava mais de 16 quilômetros das margens do Rio Solimões. Isso mostra que os povos indígenas da Amazônia sabiam viver em harmonia com o meio ambiente, usando os recursos naturais sem destruir, com muito respeito pela floresta e pelos animais.

Hoje, esse exemplo nos ensina que é possível cuidar da natureza com conhecimento, equilíbrio e sabedoria — como já faziam os povos originários da nossa região.



- 1** Por que os peixes eram tão importantes para a alimentação dos povos que viviam perto do Rio Solimões? 1. Espera-se que os estudantes identifiquem que os peixes eram a principal fonte de alimento para esses povos, pois eram abundantes nos rios e podiam ser pescados de acordo com as estações e locais certos. Eles também devem perceber que os povos sabiam pescar com equilíbrio, garantindo alimento o ano todo.
- 2** O que essa história nos mostra sobre o conhecimento que os povos indígenas tinham da floresta e dos rios? 2. Espera-se que os estudantes identifiquem que os povos indígenas tinham grande conhecimento sobre o ambiente em que viviam, sabiam utilizar os recursos naturais de forma sustentável e respeitavam os ciclos da natureza, como os períodos de cheia e seca dos rios.

24

Na **atividade 1**, oriente os estudantes a refletirem sobre como os povos antigos da Amazônia praticavam a pesca sustentável. Pergunte como isso pode se aplicar ao contexto atual, incentivando-os a pensar em práticas de preservação ambiental.

Durante a **atividade 2**, proponha uma discussão sobre a relação dos povos indígenas com os rios e o meio ambiente. Pergunte como podemos aprender com as técnicas sustentáveis desses povos para conservar nossos próprios recursos naturais.

Arte rupestre da Amazônia

Os povos originários da nossa região também produziram desenhos em pedras da Amazônia. No estado do Pará, existe um lugar muito especial chamado Monte Alegre, onde os cientistas encontraram pinturas feitas há milhares de anos nas paredes de pedras altas.

Essas pinturas são chamadas de **arte rupestre**. Elas mostram cenas do dia a dia, como pessoas pescando, animais, danças e símbolos misteriosos. Os povos antigos usavam tintas naturais, feitas com terra, carvão e plantas, para registrar suas histórias nas rochas.

Esses desenhos ajudam os arqueólogos a entenderem como essas pessoas viviam e o que era importante para elas. É como se as pedras tivessem guardado um diário antigo da floresta.



MAURICIO DE PAIVA

Paredão com arte rupestre no sítio arqueológico Serra da Lua. Monte Alegre, Pará, 2021.

VOZES DA HISTÓRIA



NÃO ESCREVA NO LIVRO.

O arqueólogo da floresta

Eduardo Góes Neves é um dos principais arqueólogos do Brasil. Ele estuda há muitos anos os vestígios deixados por povos antigos na Amazônia e já participou de várias escavações em lugares importantes da nossa região, como o sítio arqueológico de Hatahara, no estado do Amazonas. Foi lá que ele e sua equipe encontraram urnas, cerâmicas e restos de alimentos, mostrando que esses povos sabiam plantar, pescar e construir suas aldeias com muito cuidado e organização.



LUIS USHER/BRAINFAMAZONIA

Eduardo Góes Neves, em 2022.

Para ele, a Amazônia não é uma floresta vazia, mas sim um lugar cheio de histórias, caminhos e conhecimentos deixados por milhares de anos de presença indígena. Graças ao trabalho de Eduardo e de outros cientistas, hoje sabemos que os povos da floresta moldaram a paisagem e deixaram marcas que nos ajudam a entender melhor o passado do nosso território.

- 1 O que o trabalho de Eduardo Góes Neves nos ajuda a descobrir sobre os povos antigos da Amazônia? Espera-se que os estudantes identifiquem que o trabalho de Eduardo Góes Neves como arqueólogo ajuda a entender melhor como viviam os povos indígenas há milhares de anos na Amazônia.

25

BNCC

(EF04HI04)

(EF04GE06)

Orientações didáticas

Leia o texto com os estudantes e enfatize como a arte rupestre é uma forma de expressão cultural dos povos indígenas da Amazônia e como ela ajuda a entender a história e a cultura desses povos por meio dos registros em pedras.

OED

Para trabalhar o **infográfico** "Arte nas Rochas do Monte Alegre", explique a arte rupestre e sua importância para a história e cultura dos povos da Região Norte, como os do Parque Estadual de Monte Alegre. Use o infográfico interativo para mostrar imagens e peça interpretações por escrito ou desenho. Relacione as pinturas com a história indígena e sugira uma pesquisa sobre sítios arqueológicos, como a Pedra do Pilão. Apresente o trabalho de Eduardo Góes Neves e discuta sobre preservação histórica. Encoraje os estudantes a criarem suas representações de arte rupestre com materiais simples.

Interdisciplinaridade com Arte

Em grupos, peça para os estudantes criarem suas próprias representações de arte rupestre, incentivando a prática artística e a conexão com os conteúdos discutidos.

Nessa atividade, tente recriar as condições dos povos do passado, com materiais simples e naturais para a produção das representações. Os estudantes podem usar pedras, carvão, pó de terra, tinta feita com pigmentos naturais (como argila ou pigmentos de frutas ou plantas) e pincéis feitos com galhos ou palha.

O boxe **Vozes da História** explora o trabalho de Eduardo Góes Neves, um arqueólogo que estuda os vestígios culturais indígenas. Com base nesse texto, destaque a importância da arqueologia na preservação do patrimônio.

Orientações didáticas

Inicie a aula explorando o conceito de sítio arqueológico, explicando que são locais onde os cientistas, chamados de arqueólogos, encontram vestígios de culturas antigas. Mostre a imagem do sítio arqueológico de Rondônia e pergunte aos estudantes o que eles sabem sobre sítios arqueológicos ou o que acham que pode ser encontrado em escavações. Utilize o exemplo do **Sítio Arqueológico Mirante** para ilustrar como esses vestígios ajudam a entender como os povos antigos viviam.

Explique a função dos arqueólogos no estudo de objetos como cerâmicas e pedras, que revelam aspectos da vida cotidiana dos povos da região. Relacione os artefatos encontrados em Rondônia com as práticas de cultivo, pesca e produção de ferramentas desses povos, abordando a importância de preservar esses vestígios para compreender melhor o passado da região.

Ao trabalhar o conceito de grafismos rupestres, que são encontrados nas pedras, promova uma reflexão sobre o uso da arte como forma de expressão e comunicação, ligando-a ao contexto cultural e espiritual das comunidades antigas. Com base no exemplo do trabalho do arqueólogo Eduardo Góes Neves, enfatize a importância de preservar as histórias e os conhecimentos desses povos, que influenciam a cultura local até hoje.

Sítio arqueológico Mirante

Você sabia que o estado de Rondônia guarda muitos segredos sobre o passado? Os arqueólogos já encontraram centenas de sítios arqueológicos espalhados por todo o território. Um dos mais importantes é o do Mirante, localizado no município de Presidente Médici.

O nome “Mirante” vem da região onde o sítio foi descoberto, que fica em uma área mais alta. Lá, os povos antigos podiam observar os arredores e viver perto dos rios, aproveitando tudo o que a natureza oferecia.

Esse local faz parte de uma área cheia de vestígios de povos que viveram ali há muito tempo. Foram encontrados fragmentos de cerâmica, pedras trabalhadas e desenhos nas rochas, chamados de **grafismos rupestres**. Esses sinais mostram que o lugar era usado como moradia, passagem e ponto de encontro entre os rios. Os arqueólogos acreditam que a região pode ter sido um caminho por onde os povos Tupi se espalharam para outras partes do Brasil.

Também foram encontradas **oficinas líticas**, que são locais onde os povos indígenas antigos fabricavam ferramentas de pedra, como pontas de flecha, machados e raspadores. Eles escolhiam e lascavam as pedras para criar objetos que usavam no dia a dia.

Foram descobertos mais de 46 sítios com cerâmicas e pedras lascadas, além de 14 sítios com gravuras rupestres, especialmente nas margens dos rios Machado, Molim, Leitão e Riachuelo. Isso mostra que a região era muito habitada e cheia de vida.

Esses achados também ajudam a entender como a ocupação portuguesa, a partir do século 17, mudou a vida dos povos indígenas que viviam em Rondônia. A chegada dos colonizadores causou conflitos e transformações que deixaram marcas até hoje.



Grafismo em pedra encontrado no sítio arqueológico Mirante, Rondônia. [s./d.]

Cultura Maracá

Cultura Maracá é o nome dado a um povo que viveu há mais de mil anos na região amazônica, principalmente no atual estado do Amapá e no norte do Pará. Ela recebeu esse nome por causa da Ilha de Maracá, onde os arqueólogos encontraram os primeiros artefatos arqueológicos.

Esse povo deixou marcas importantes do seu modo de vida. Eles produziam cerâmicas decoradas com muito cuidado, como urnas funerárias, tigelas, potes e estatuetas, muitas vezes usadas em rituais ou para guardar alimentos. Os desenhos feitos nas peças mostram que essas pessoas tinham um forte sentido artístico e também um grande respeito pelos seus antepassados.

Além da beleza dos objetos, as descobertas indicam que os povos da Cultura Maracá viviam em comunidades organizadas, sabiam cultivar alimentos, pescar e trocar objetos com outros grupos indígenas, ocupando uma área ampla da floresta. Isso mostra que a Amazônia era cheia de vida, conhecimento e cultura muito antes da chegada dos colonizadores.

Estudando essas peças, aprendemos a valorizar a história antiga da nossa região e entendemos como os povos indígenas transformaram a paisagem com sabedoria, criando caminhos, cultivando a terra e respeitando a natureza.



Urnas funerárias da Cultura Maracá, datadas de cerca de mil anos. Local de coleta/origem: sul do Amapá.

Orientações didáticas

Inicie a aula apresentando a cultura Maracá, destacando a importância dessa comunidade que viveu na região do Amapá e norte do Pará. Explique por que a cultura Maracá recebeu esse nome e mostre como, com suas formas e desenhos, ela reflete as crenças e os modos de vida desses povos.

Explique que esses objetos eram usados em rituais religiosos e funerários, como urnas funerárias, tigelas e estatuetas. Eles não apenas mostram a habilidade técnica, mas também o profundo respeito que os povos indígenas da região tinham por seus antepassados e pela natureza ao seu redor.

Para conectar a história da cultura Maracá com a realidade dos estudantes, leve-os a refletir sobre a importância de objetos culturais na formação da identidade de um povo. Questione-os sobre como os artefatos materiais podem revelar aspectos culturais de um grupo, relacionando isso com exemplos locais da comunidade dos estudantes.

Orientações didáticas

Inicie a aula apresentando as artes e cerâmicas produzidas pelos povos indígenas da Região Norte, como a cerâmica Marajoara, destacando sua técnica, beleza e significado. Explique que as cerâmicas não eram apenas objetos utilitários, como potes e urnas funerárias, mas também formas de expressão cultural e espiritual. Mostre os desenhos geométricos e as formas de animais, e pergunte aos estudantes o que acham que esses desenhos podem representar.

Destacar o box **Culturas da nossa região** é importante, pois ele conecta as práticas artísticas tradicionais com a identidade local. Explique como a cerâmica Marajoara, por exemplo, é considerada uma das mais representativas formas de arte indígena no Brasil devido à habilidade técnica envolvida e como ela está relacionada ao cotidiano, aos rituais religiosos e à organização social dessas comunidades.

No destaque **Para saber mais**, incentive os estudantes a se aprofundarem na história da cerâmica indígena, convidando-os a explorar o papel desses artefatos nas sociedades antigas, como forma de comunicação e preservação de saberes.

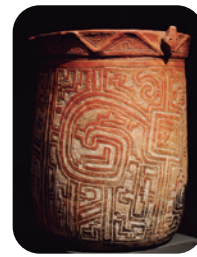
A arte das cerâmicas e a geometria ancestral

As cerâmicas marajoaras chamam a atenção pelos desenhos cheios de formas e detalhes. Esses padrões não eram apenas decorativos — eles faziam parte da cultura, das crenças e da vida das pessoas. Muitas peças eram usadas em rituais ou para homenagear os antepassados, como as urnas funerárias.

As linhas, curvas e figuras que aparecem nas cerâmicas podem ser comparadas às formas geométricas que estudamos na matemática. Por isso, podemos dizer que a arte e a matemática se encontram na história dos povos indígenas da Amazônia.



Vaso de cerâmica marajoara de 21 cm, datado entre 400 a 1400 anos. Ilha de Marajó, Pará.



Vaso da cultura marajoara de 38,5 cm, datado entre 400 a 1400 anos. Ilha de Marajó, Pará.

- 1** Observando os vasos marajoaras, você consegue encontrar círculos, triângulos, retângulos ou outras formas geométricas? Se sim, descreva quais.

Espera-se que os estudantes observem os detalhes dos desenhos nas cerâmicas marajoaras e identifique figuras geométricas como círculos, espirais, triângulos, linhas paralelas e formas simétricas.

CULTURAS DA NOSSA REGIÃO

NÃO ESCREVA NO LIVRO.

Os saberes dos povos da floresta

A **cestaria indígena**, saber ancestral transmitido entre gerações, transforma cipós, folhas e fibras da floresta em cestos, peneiras e armadilhas, que além de belos, continuam sendo usados no cotidiano — para armazenar alimentos, coar mandioca, pescar e transportar colheitas — demonstrando o uso inteligente e respeitoso dos recursos naturais e a preservação das tradições.



Mulheres da etnia Baniwa mostrando cestos e peneiras feitos de fibra de arumã. Rio Preto da Eva, Amazonas, 2024.

- 1** Por que a cestaria indígena é considerada um saber tradicional tão importante?

Espera-se que os estudantes reconheçam a cestaria indígena como um saber ancestral, transmitido entre gerações, feito de forma respeitosa com materiais da floresta e que, além de bela, é funcional no cotidiano.

Para saber mais:

Se quiser conhecer mais sobre a cestaria indígena, assista ao vídeo **Brasilidade - Cestaria de Arumã**, disponível no YouTube.

Nesse vídeo, é possível acompanhar o processo de produção dos cestos, conhecer as técnicas tradicionais e entender como esse saber indígena une beleza, funcionalidade e respeito à natureza.

Interdisciplinaridade com Arte

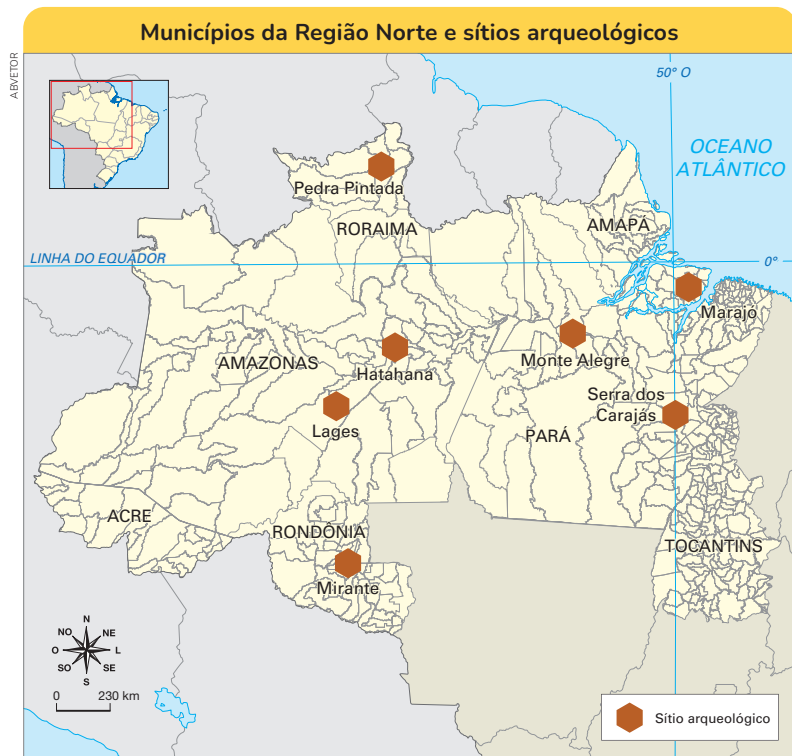
Peça aos estudantes que criem uma cerâmica inspirada nas técnicas indígenas. Eles devem desenhar padrões geométricos ou figuras representativas de seu próprio cotidiano e explicar como esse objeto seria utilizado em sua vida.

NÃO ESCREVA NO LIVRO.

O mapa a seguir mostra alguns sítios arqueológicos da Região Norte do Brasil, onde arqueólogos encontraram pistas sobre os primeiros habitantes da Amazônia. Observe com atenção:

1. Resposta pessoal. Espera-se que os estudantes identifiquem que, no sítio Hatahara, foram encontrados fragmentos de cerâmica e restos de peixes, mostrando atividades de pesca e produção de objetos; em Monte Alegre, as pinturas rupestres revelam registros feitos nas pedras pelos povos antigos; e

no sítio Mirante, a descoberta de cerâmicas e grafismos rupestres indica um local de moradia e circulação de grupos indígenas.



Fonte: Elaborado com base em GUARINELLO, Norberto Luiz; PAES, Maria Helena Simões. **Os primeiros habitantes do Brasil**. São Paulo: Atual, 2019; e Iphan. Patrimônio Arqueológico - Região Norte. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/874/>. Acesso em: 4 jun. 2025.

BNCC

(EF04GE02)
(EF04GE06)
(EF04GE01)

Orientações didáticas

Comece a seção **Carto- grafando** evidenciando que a leitura de mapas é essencial para compreender o mundo, permitindo a localização de lugares, a identificação de relações espaciais e o entendimento de elementos naturais e humanos. Mapas são ferramentas que ajudam os estudantes a desenvolverem um pensamento geográfico crítico e a se orientarem no espaço. Ao analisar mapas, é preciso entender escalas, legendas e símbolos, facilitando a localização e a reflexão sobre os processos históricos e sociais que moldaram o território. Essa habilidade desenvolve a consciência espacial, ampliando a compreensão das realidades regionais, ambientais e culturais.

Peça aos estudantes que localizem os sítios arqueológicos no mapa, observando a proximidade com os rios e as áreas geográficas mencionadas. Encoraje-os a identificar os estados e as regiões onde esses sítios estão localizados. Após a leitura do mapa, peça aos estudantes que escolham um sítio arqueológico e pesquisem sobre ele para realizar a **atividade 1**.

- 1** Escolha um dos sítios do mapa e escreva em seu caderno o que foi descoberto ali.
- 2** Você consegue encontrar o nome do seu estado no mapa? Ele tem algum sítio arqueológico marcado? **2. Resposta pessoal.** Os estudantes podem identificar o nome do seu estado e relatar se há algum dos sítios arqueológicos marcados nele.
- 3** Se pudesse visitar um desses lugares, qual você escolheria? Por quê? **3. Espera-se que os estudantes escolham um dos sítios e explique sua escolha com base no interesse por história, natureza ou curiosidade.**

Orientações didáticas

Esta parte do conteúdo visa promover uma reflexão sobre como os povos indígenas influenciam o meio ambiente, relacionando suas práticas culturais com a preservação e cuidados com a floresta e a biodiversidade. A partir da leitura do texto sobre os povos indígenas e suas línguas, como tupi-guarani e aruak, discuta como a compreensão ampla da contribuição desses povos é importante para o Brasil.

Com base no mapa, discuta a presença dos indígenas na região e comente sobre as causas que levam a pouca presença deles nas outras regiões do país, relacionando a contexto históricos.

O passado ligado ao presente

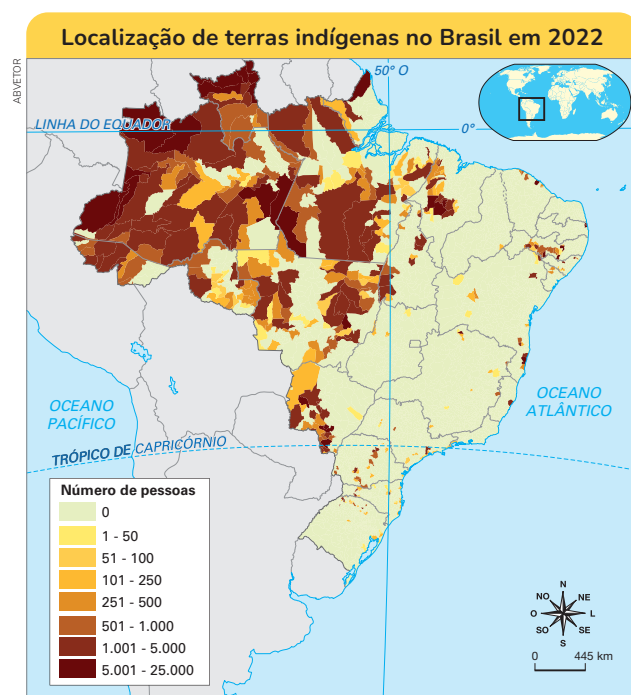
Os povos que viveram há milhares de anos na Amazônia deixaram marcas importantes em cerâmicas, sítios arqueológicos e na forma como cuidavam da floresta.

Esses povos deram origem aos povos indígenas que vivem na Região Norte até hoje. Com suas línguas, rituais, conhecimentos e formas de viver, eles seguem cuidando da natureza e ensinando outros jeitos de estar no mundo.

Existem diversos deles, cada um com sua própria língua, cultura e modo de viver. Alguns desses povos são: Yanomami, Tikuna, Munduruku, Kayapó, Baniwa, Wapichana, Sateré-Mawé, Baré, Macuxi, Karipuna, Karajá e Javaé. Eles estão presentes em vários estados e continuam contribuindo com seus saberes e tradições para a cultura da nossa região.

Esses povos pertencem a diferentes **famílias linguísticas**, que são grupos que falam línguas parecidas entre si. As principais famílias na região são a Tupi-Guarani, a Aruak (ou Arawak), a Macro-Jê e a Pano.

Cada povo tem sua própria cultura. Muitos vivem em terras demarcadas (os territórios indígenas), e suas mensagens ajudam a cuidar da floresta, dos rios e da biodiversidade. Os povos indígenas são parte viva e presente da história do Brasil — e aprender sobre eles é também valorizar o que somos, habitantes de um país diverso e cheio de saberes.



Fonte: AGÊNCIA IBGE.
Censo demográfico 2022: Indígenas – Primeiros Resultados do Universo. 2012.

Você já tinha percebido que muitas palavras que usamos no dia a dia vêm das línguas dos povos indígenas? Na nossa região, onde muitos povos originários vivem até hoje, o português falado tem uma forte influência dessas línguas. Isso acontece porque, durante muito tempo, o contato entre indígenas e não indígenas fez com que nomes de lugares, alimentos, objetos e até expressões virassem parte do nosso jeito de falar.

Por exemplo, a palavra *iwasa'i*, da língua tupi, deu origem ao nome açaí, uma fruta muito comum na região. Já *pi'póka*, também do tupi, é a pipoca, que muitas crianças adoram! Outras palavras que usamos e que vieram das línguas indígenas são cupuaçu, capim, caiçara, tucupi e até tatu.

Representação de criança yanomami socando grãos de açaí para extração de sumo.



HERCULES BRENO

Essas palavras mostram um pouco da riqueza cultural deixada pelos povos indígenas na nossa forma de falar. Valorizar essas expressões é uma forma de respeitar quem já vivia aqui muito antes da criação do Brasil como país. Quando descobrimos de onde vêm as palavras, aprendemos mais sobre a nossa história e sobre os muitos povos que fazem parte dela. Cada termo de origem indígena que usamos carrega com ela um pedaço da sabedoria e da vivência desses povos, que continuam presentes na identidade do nosso país.

- 1 Você já conhecia alguma dessas palavras? Já ouviu outras que podem ter vindo das línguas indígenas? **1. Resposta pessoal.**
- 2 Por que será que é importante manter vivas as línguas faladas pelos povos originários? **2. Os estudantes podem apontar que essas línguas fazem parte da história e da cultura do país, que mostram o modo de vida e o conhecimento dos povos indígenas e que ajudam a preservar tradições muito antigas.**

31

Diversificando

Incentive os estudantes a criarem um jogo da memória com palavras e imagens de origem indígena. O jogo da memória pode ser elaborado com imagens de animais, plantas e símbolos culturais indígenas, como o tucano, a palmeira e o cocar. Ao virar as cartas, os estudantes associam a imagem à palavra correspondente, fortalecendo sua memória visual e linguística. Essa dinâmica pode ser enriquecida com explicações sobre a importância cultural desses elementos, incentivando o respeito e o interesse pela diversidade indígena.

BNCC

(EF03GE02)

(EF03GE04)

Orientações didáticas

Inicie o tema com uma conversa aberta sobre os povos indígenas. Pergunte aos estudantes se eles conhecem alguma palavra ou alimento de origem indígena, como o açaí, cupuaçu, ou até nomes de animais como “tatu” e “jabuti”. Explique como essas palavras fazem parte da cultura brasileira e influenciam nosso cotidiano.

Na **atividade 1**, espera-se que os estudantes reconheçam palavras do cotidiano que têm origem nas línguas indígenas, como tatu, jabuti, mandioca guaraná, entre outras. Alguns podem relacionar essas palavras a comidas que conhecem ou consomem, a animais ou até a nomes de lugares próximos a onde vivem. É possível que mencionem também termos que já ouviram, mas não sabiam que tinham essa origem, o que pode despertar curiosidade e interesse pela diversidade linguística do Brasil.

Na **atividade 2**, os estudantes também podem comentar que é importante respeitar as diferentes formas de falar, pois isso mostra respeito pelas pessoas e pelos seus modos de viver.

Após as discussões dos exercícios, promova uma conversa sobre como essas palavras e influências moldam nossa identidade como brasileiros, e como o conhecimento sobre os povos indígenas contribui para a valorização da diversidade cultural no Brasil.

Orientações didáticas

Comece a aula destacando como o povo Javaé conhece os períodos de cheia e seca e como isso influencia suas práticas de pesca, agricultura e rituais.

Pergunte aos estudantes se eles conhecem algo sobre os ciclos naturais em sua própria região (como as estações de seca e chuva). Encoraje-os a relatar experiências ou informações que possuam sobre como essas mudanças afetam o cotidiano de suas comunidades.

Na sequência, explique o ritual Dança dos Aruanãs como uma expressão cultural dos Javaé. Pergunte aos estudantes o que acham da relação entre rituais e práticas agrícolas ou de caça. Você pode sugerir que eles desenhem ou escrevam sobre como um ritual de sua própria cultura pode ser comparado a esse.

Proponha uma discussão sobre a importância de manter vivos os saberes indígenas, como os relacionados à pesca e agricultura, e como essas práticas ajudam a manter o equilíbrio com a natureza.

Os Javaé

Um dos povos que vivem na nossa região e no estado de Tocantins, próximo ao rio Araguaia, são os Javaé. Eles moram na **Ilha do Bananal**. Segundo a crença desse povo, os Javaé são conhecidos como Ahana Òbira Mahãdu, que significa “o povo de fora”. De acordo com suas histórias, eles viviam no fundo das águas, debaixo do rio Araguaia, e saíram de lá para viver em terra firme.

Os Javaé conhecem muito bem os períodos de cheia e seca do Rio Araguaia. Esse conhecimento ajuda muito na pesca, que é uma das principais formas de alimentação da comunidade. A pesca acontece principalmente na época da seca, quando os peixes ficam concentrados em pequenos lagos.

Nas épocas de cheia do rio, os Javaé se dedicam mais à agricultura e à caça. Isso acontece por dois motivos: primeiro, porque fica mais difícil pescar; segundo, porque nesse período acontecem os rituais de iniciação dos meninos da comunidade — e esses momentos são mais ligados ao plantio e à caça.

Um desses rituais se chama **Dança dos Aruanãs**. Para os Javaé, é quando os ancestrais que vivem debaixo das águas do rio Araguaia vêm visitar a comunidade. Durante a celebração, há partilha de alimentos, troca de objetos importantes e muita festa. Os seres que vivem no fundo do rio, chamados de *ijasó*, trazem sabedoria e proteção aos humanos, segundo a tradição do povo Javaé.

Dança dos Aruanãs.
Ritual Hèrèrawo na
Aldeia Canuanã. Ilha do
Bananal, Tocantins, 2024.



FABIO COLOMBINI

Vista do Rio Araguaia com Ilha do Bananal à esquerda, o Rio das Mortes em Mato Grosso à direita e o Parque Estadual do Araguaia ao fundo. 2024.



ADRIANO KIRIHARA/PULSAR IMAGENS

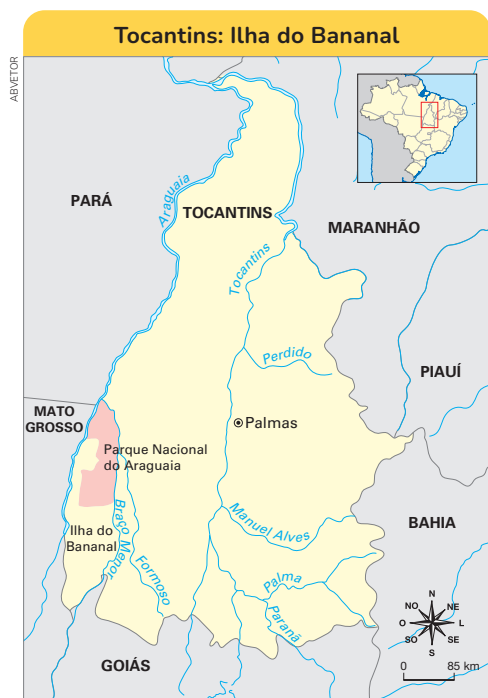
Atividade complementar

Estimule a reflexão sobre como os ciclos naturais afetam a vida cotidiana, ampliando a compreensão para outras realidades. Na sequência, proponha que os estudantes investiguem como seus próprios familiares ou comunidades lidam com os ciclos naturais. Eles podem coletar informações por meio de entrevistas com parentes ou pesquisa em livros ou internet.

NÃO ESCREVA NO LIVRO.

Agora, vamos observar no mapa onde está localizada a Ilha do Bananal. Repare que ela fica entre os cursos do Rio Araguaia e do Rio Javaés (também chamado de Braço Menor). Essa é a maior **ilha fluvial** do mundo, e nela vivem povos como os Javaé e os Karajá, que conhecem muito bem o ritmo das águas.

Os povos indígenas da Amazônia e do Cerrado aprenderam, ao longo do tempo, a observar os rios. Eles sabem quando o rio enche, quando seca e como isso muda tudo na natureza. Assim, organizam sua vida de acordo com esses ciclos. A pesca, a caça e até as festas e rituais mudam conforme as mudanças nos rios. Esse conhecimento ajuda a proteger o meio ambiente até hoje.



Glossário

Ilha fluvial: ilha que fica no meio de um rio, que corre ao redor dela. Diferente das ilhas que ficam no mar.

1. Espera-se que os estudantes identifiquem que a Ilha do Bananal está localizada na região oeste do estado do Tocantins, entre os rios Araguaia e Javaés (ou Braço Menor). Eles podem também reconhecer que ela faz parte de uma área natural protegida, onde vivem povos indígenas como os Javaé.

2. Espera-se que os estudantes reconheçam que os povos indígenas vivem há muito tempo nessas regiões e aprenderam a observar os rios, suas cheias e secas, para saber a melhor época para pescar, plantar e realizar rituais. Eles também podem identificar que esse conhecimento é passado de geração em geração, como parte da cultura do povo.

Fonte: IBGE. **Ilha do Bananal na Bacia Hidrográfica do Tocantins.** 2021. Disponível em: https://geoftp.ibge.gov.br/informacoes_ambientais/estudos_ambientais/bacias_e_divisoes_hidrograficas_do_brasil/2021/Divisao_Hidrografica_Nacional_DHN250/mapas/mapa_das_divisoes_hidrograficas_do_brasil_2021.pdf. Acesso em: 21 abr. 2025.

BNCC

(EF03GE01)

(EF03GE06)

Orientações didáticas

Inicie a seção **Cartografando** destacando a Ilha do Bananal e sua localização no estado de Tocantins com base no mapa da página. Oriente os estudantes a localizarem a Ilha do Bananal no mapa e observarem os rios que a cercam. Discuta a importância de saber a localização dos rios para os povos que dependem deles para suas atividades diárias, como a pesca e a agricultura.

Enfatize, com a utilização do boxe **Glossário**, que essa é a maior ilha fluvial do mundo e resalte sua importância para o povo Javaé.

Explique como a cheia e a seca do Rio Araguaia afetam as atividades de pesca, caça e rituais dos Javaé. Pergunte aos estudantes como os ciclos da natureza podem afetar suas vidas e incentive-os a compará-los com os ciclos que observam no seu próprio ambiente.

Discuta com os estudantes como o conhecimento tradicional indígena sobre os ciclos da água ajuda a proteger o meio ambiente.

Na sequência, peça para que, em grupos, os estudantes escrevam um pequeno texto sobre como as práticas de preservação podem ser aplicadas no contexto de suas próprias comunidades, sejam elas rurais ou urbanas.



- 1 Em qual parte do estado do Tocantins está localizada a Ilha do Bananal?
- 2 Por que os povos indígenas, como os Javaé, conhecem tão bem os rios da região onde vivem?

33

Temas Contemporâneos Transversais (TCT)

O professor pode relacionar a localização da Ilha do Bananal com a geografia regional e a importância dos rios para a ocupação do território pelos povos indígenas, explorando os conceitos de ciclos naturais e como os rios influenciam a vida das comunidades ribeirinhas, incluindo a fauna e a flora locais.

Orientações didáticas

A seção **Mergulhando na História** relata sobre os geoglifos do Acre. Destaque que esses desenhos gigantes foram feitos há mais de 2 mil anos e podem ser vistos de cima.

Mostre aos estudantes outros geoglifos encontrados no mundo, como os de Nazca, no Peru.

Explique que essas figuras geométricas têm formas como círculos, quadrados e linhas retas.

Pergunte aos estudantes o que acham que esses geoglifos representavam e porque eram feitos em um tamanho tão grande, visível apenas do céu.

Incentive os estudantes a refletirem sobre a complexidade e o esforço envolvidos na criação dos geoglifos, considerando a organização necessária para a sua execução e as dificuldades que os antigos povos enfrentaram. É importante que eles pensem nos materiais utilizados, como a escolha de pedras, terra e outros recursos naturais, além da perspectiva cultural e histórica de quem os criou.

Na **atividade 1**, peça para os estudantes refletirem sobre a relação dos povos indígenas com o espaço e o ambiente natural e os oriente a imaginar como seria viver na região onde esses geoglifos foram feitos.

MERGULHANDO NA HISTÓRIA**Geoglifos: arte e história no chão da Amazônia**

Você sabia que no estado do Acre, no meio da Floresta Amazônica, foram encontrados desenhos gigantes no chão, feitos há mais de 2 mil anos?

Esses desenhos são chamados de **geoglifos**. A palavra vem do grego: *geo* (terra) + *glifo* (desenho). Eles só podem ser vistos de cima, como se fossem desenhos feitos para quem olha do céu!

Os geoglifos do Acre têm formas geométricas, como círculos, quadrados e linhas retas. Os cientistas ainda estudam para entender exatamente por que esses desenhos foram feitos. Alguns acham que eram usados em rituais, encontros e cerimônias especiais. Outros acreditam que tinham significados religiosos ou de organização do território.



NÃO ESCREVA NO LIVRO.

Geoglifo no Sítio Arqueológico Jacó Sá, Rio Branco, Acre, 2022.

Os geoglifos do Acre são um exemplo de como os povos indígenas antigos transformaram a paisagem com inteligência e respeito pela natureza. Atualmente, o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan) está trabalhando para que os geoglifos do Acre sejam reconhecidos como Patrimônio Mundial pela Unesco. Esse reconhecimento ajudaria a proteger esses sítios arqueológicos e atrairia mais visitantes interessados em conhecer a história e a cultura da região.

1. O que os geoglifos do Acre nos mostram sobre os povos indígenas antigos que viviam nessa região? 1. Espera-se que os estudantes identifiquem que os povos antigos eram organizados, sabiam trabalhar a terra com cuidado e tinham conhecimentos sobre formas, espaços e rituais.
2. Por que esses desenhos só são visíveis do alto? O que isso pode significar sobre a relação desses povos com o espaço? 2. Espera-se que os estudantes percebam que os geoglifos são muito grandes e só podem ser vistos do céu, o que mostra que esses povos pensavam no espaço de forma ampla e planejavam seus desenhos para serem vistos de longe ou de cima. Isso também pode indicar que tinham um jeito diferente de se relacionar com a terra e o ambiente.
3. Você acha importante proteger lugares como esse? Por quê? 3. Resposta pessoal.

34



Na **atividade 2**, pergunte aos estudantes o que acham da importância de proteger os geoglifos e outros sítios arqueológicos indígenas. Explique que, atualmente, o Iphan, está trabalhando para que esses geoglifos sejam reconhecidos como Patrimônio Mundial pela Unesco, o que ajudaria a protegê-los e a atrair mais visitantes para aprender sobre a história dos povos da região.

Na **atividade 3**, espera-se que os estudantes reconheçam que esses lugares fazem parte da história do Brasil e ajudam a entender os povos que viveram aqui antes. Eles também podem perceber que proteger os geoglifos é uma forma de respeitar a cultura indígena e cuidar do nosso patrimônio.

ORGANIZE AS IDEIAS

NÃO ESCREVA
NO LIVRO.

Neste capítulo, você aprendeu que os povos indígenas da Amazônia vivem em conexão com a natureza, pescando e caçando com equilíbrio, usando com cuidado os recursos da floresta para construir suas casas e produzir sua arte. Suas línguas, como o Tupi-Guarani, Aruak, Macro-Jê e Pano, também influenciam nosso vocabulário, mostrando como sua cultura está profundamente ligada ao ambiente onde vivem. Agora é hora de relembrar e criar a partir do que foi mais marcante para você!

-  **1** Crie um símbolo ou cena que represente a vida dos povos antigos da Amazônia. Pode ser algo que você aprendeu neste capítulo: uma canoa navegando no rio, uma aldeia com ocas de palha, um animal importante para a caça ou uma cena de colheita de frutas e raízes. Use sua criatividade para transformar esse momento em imagens, como se estivesse fazendo uma pintura rupestre cheia de histórias.
- 2** Desenhe um padrão inspirado nas cerâmicas marajoaras, usando figuras geométricas que você aprendeu em matemática.
Depois, identifique as formas que usou (círculo, triângulo, retângulo, losango, espiral, entre outras). Se quiser, pode também colorir com tintas ou lápis, explorando as cores naturais usadas pelos povos indígenas.
- 3** No caderno, desenhe um mapa imaginário com:
 - Um rio (pode ser o Solimões, Araguaia ou outro);
 - Um símbolo de cerâmica (para Hatahara);
 - Um desenho de pedra com arte (para Monte Alegre);
 - Uma aldeia indígena (para a Ilha do Bananal ou Mirante).
-  **4** Converse com um colega ou com a turma:
O que os povos indígenas nos ensinam sobre cuidar da natureza? Pense em exemplos como pescar só o necessário, respeitar o tempo de crescimento das plantas, não desperdiçar os recursos da floresta, conhecer bem os animais e o solo. Como podemos, hoje, aprender com essa sabedoria para cuidar melhor do planeta em que vivemos? Compartilhe suas ideias e ouça as dos colegas.
- 5** Por que é importante conhecer a história dos povos indígenas da nossa região?
Você pode contar o que aprendeu, o que achou mais interessante ou o que não sabia antes.
- 6** Se você pudesse desenhar um geoglifo ou criar uma mensagem para o mundo inteiro ver, como ele seria? Pense em símbolos, animais, plantas ou palavras que demonstrem no que você acredita. Depois, explique o que o seu desenho quer dizer.

4. Espera-se que os estudantes percebam que os povos indígenas usam os recursos da natureza com cuidado, pescam no tempo certo, conhecem as plantas, constroem com materiais naturais e respeitam os rios e a floresta.

5. Espera-se que os estudantes reconheçam que os povos indígenas fazem parte da história do Brasil e da região onde vivem, que deixaram muitos saberes importantes e que continuam presentes até hoje. Eles podem mencionar cerâmicas, rituais, palavras, pesca ou respeito à floresta.

Orientações didáticas

Esta seção tem o intuito de revisar e sintetizar os conteúdos do capítulo sobre a vida e a cultura dos povos indígenas da Amazônia.

Peça para que os estudantes façam as atividades propostas no caderno. As atividades desta seção podem ser utilizadas para uma avaliação formativa, observando a capacidade dos estudantes de mobilizar saberes aprendidos, interpretar a realidade local e se expressar por múltiplas linguagens.

Nas **atividades 1 e 3**, instigue os estudantes a usarem sua imaginação ao desenhar. Essas atividades trabalham os desenvolvimentos cognitivo e físico.

Atividade complementar

Como complemento das atividades, os estudantes podem entrevistar familiares, funcionários da escola ou pessoas da comunidade sobre o conhecimento delas acerca das palavras aprendidas em sala, ampliando assim o conhecimento dos entrevistados e dos entrevistadores. Essa troca de saberes contribui para a valorização do vocabulário local e a construção de um aprendizado mais colaborativo e dinâmico. Além disso, promove o desenvolvimento de habilidades de comunicação e escuta ativa.

35

Interdisciplinaridade com Matemática

Na **atividade 2** da seção **Organize as Ideias**, ajude os estudantes a identificarem e desenharem as formas matemáticas (círculos, quadrados, triângulos, linhas retas) suas representações relacionando com os geoglifos trabalhados no capítulo.

Objetivos gerais do capítulo:

- Reconhecer elementos naturais e humanizados nas paisagens da Região Norte.
- Compreender como o modo de vida das pessoas se relaciona com o ambiente onde vivem.
- Refletir sobre o convívio entre cidade e floresta, reconhecendo suas características e desafios.
- Ampliar a percepção sobre o território local, valorizando a diversidade da região.
- Identificar as influências culturais e históricas que moldaram a sociedade da Região Norte.
- Valorizar as diferentes formas de vida e os saberes tradicionais presentes na região, reconhecendo suas contribuições para a formação cultural local e nacional.

Orientações didáticas

Esta seção tem caráter introdutório e funciona como uma avaliação diagnóstica, cujo objetivo é identificar os conhecimentos prévios, as percepções e as experiências que os estudantes têm sobre o lugar onde vivem, o que contribui para uma melhor compreensão do conteúdo a ser abordado ao longo do processo educativo.

Na **atividade 1**, convide os estudantes a observarem atentamente cada imagem. É possível que alguns deles comentem que conhecem ou já vivenciaram alguma daquelas celebrações apresentadas. Peça que os estudantes mencionem o que eles acham que é celebrado em cada uma das imagens. Então, oriente que eles avaliem se a imagem vinculada ao estado deles é representativa do que eles já viveram

CAPÍTULO 3

AS CULTURAS E AS FESTAS DO NORTE

PRIMEIROS OLHARES



NÃO ESCREVA NO LIVRO.



FOCUS PEXSHUTTERSTOCK



RICARDO OLIVEIRA/PULSAR IMAGES



MARCELO LOUREIRO GOVERNO DO AMAPÁ



OSVALDO DO FORTE/FOTARENA



MARCOS VICENTTI/SECOM



DAIANE MENDONÇA GOVERNO DO ESTADO DE RONDÔNIA



KADU SOUSA GOVERNO DO TOCANTINS

Observando as imagens

- 1 A imagem do estado onde você mora representa bem as festas da sua região? Que outras festas poderiam aparecer? **1. Espera-se que os estudantes reflitam sobre sua realidade local.**
- 2 Se você fosse criar uma imagem para representar uma festa importante da sua comunidade, o que não poderia faltar nessa ilustração? **2. Resposta pessoal.**

36

ou conhecem. Estimule os estudantes a relatarem experiências de festas que já participaram, como danças, músicas, comidas típicas e vestimentas específicas.

Na **atividade 2**, incentive os estudantes a apresentarem essas experiências no caderno com um desenho ou uma breve descrição daquilo que mais chama a atenção deles, que marcou a

memória ou a vivência de cada um. Peça que eles comparem o que mencionaram com as imagens de abertura do capítulo.

Professor, para aprofundar, convide os estudantes a refletirem sobre como imaginam que pessoas de outras regiões percebem a Região Norte e sobre o que, em sua própria visão, ela representa para o país e para o mundo.

Celebrando as festas da nossa região

NÃO ESCREVA
NO LIVRO.

Você já participou de uma festa na sua cidade, no seu bairro ou na sua comunidade? Já dançou, escutou músicas diferentes, provou comidas típicas ou viu roupas coloridas?

Na Região Norte, as festas populares acontecem o ano todo. Algumas são pequenas, feitas nos bairros, praças ou até mesmo à beira do rio. Outras são grandes, com muitas pessoas, desfiles, procissões e danças.

Essas festas são muito importantes porque mostram quem somos, em que acreditamos, o que sentimos e o que vivemos. Por isso, quando celebramos, também estamos contando a nossa história.

Na nossa região, muitas dessas festas vieram da mistura de diferentes culturas: indígenas, africanas, europeias e tradicionais, como a dos **ribeirinhos** e a dos seringueiros. Isso criou jeitos únicos de celebrar, com músicas, comidas, roupas e crenças que só existem aqui.

Glossário

Ribeirinhos: pessoas que vivem às margens dos rios, dependendo deles para quase tudo: se locomover, pescar, plantar, buscar água e até para fazer festas.



RICARDO OLIVEIRA/PULSAR IMAGENS

Moradores da comunidade Nossa Senhora das Lágrimas indo para o salão de festas onde são celebradas festas da comunidade. Parintins, Amazonas, 2024.

1. Espera-se que os estudantes reflitam sobre o valor da celebração como forma de união, fé, memória ou alegria.

1 Você acha importante as pessoas se reunirem para cantar, dançar, agradecer ou festejar algo juntas? Já viu ou ouviu alguém da sua família, da sua comunidade ou da sua escola fazer isso? Se sim, como foi esse momento?

2 Você gosta da ideia de manter as festas da nossa região vivas?

2. Os estudantes devem destacar que as festas contribuem para lembrar a história do lugar, valorizar as tradições da comunidade, reunir as pessoas e passar os costumes para as novas gerações.

37

BNCC

(EF03GE01)
(EF03GE02)
(EF04GE02)
(EF03HI03)

Orientações didáticas

Este conteúdo tem foco no reconhecimento das festas locais como uma expressão cultural. Após a leitura atenta, as atividades devem estimular os estudantes a refletirem sobre a importância dessas festas e celebrações, discutindo sobre como elas conectam a comunidade e preservam as tradições. Pergunte se os estudantes já dançaram, escutaram músicas diferentes ou provaram comidas típicas da região. Ao estimular esse tipo de lembrança, você promove a valorização da oralidade e das memórias afetivas deles.

Incentive os estudantes a refletirem sobre a importância de as pessoas se reunirem para celebrar. Eles devem compartilhar momentos de celebração em suas famílias, comunidades ou escolas, podendo incluir festas, eventos religiosos ou até mesmo encontros informais. Essa atividade promove a conexão dos estudantes com os próprios valores culturais.

Interdisciplinaridade com Arte

Na **atividade 1**, estimule os estudantes a relatarem experiências de festas que já participaram, como danças, músicas, comidas típicas, roupas coloridas. Incentive os estudantes a contarem sobre momentos marcantes e que sentimentos eles tiveram quando participaram. Professor, considere anotar na lousa palavras-chave que forem citadas.

Na sequência, na **atividade 2**, promova uma conversa sobre como as festas podem contar a história de uma comunidade, valorizando suas tradições e memórias, possibilitando que os estudantes compartilhem relatos sobre as festas de sua cidade ou região, bem como qual sua importância para o lugar e sociedade.

Se julgar oportuno, incentive os estudantes a pesquisarem ou compartilharem mais sobre as festas da sua região, refletindo sobre como elas preservam as culturas indígenas, afro-brasileiras e outras influências culturais. Debata os desafios para manter vivas as festas diante de mudanças culturais, diferenças geracionais e da falta de apoio.

BNCC

(EF03GE03)

(EF04GE01)

(EF04HI07)

Orientações didáticas

Inicie a aula apresentando o Círio de Nazaré, uma das maiores festas religiosas do Brasil, que acontece em Belém do Pará. Pergunte aos estudantes: “O que mais chama sua atenção nas festas religiosas?” e “Por que algumas festas se tornam tão importantes para as pessoas, mesmo sendo realizadas em cidades específicas?”. Esses questionamentos ajudarão os estudantes a refletirem sobre a força da fé e o valor cultural das festividades.

Na **atividade 1**, proponha que os estudantes observem a imagem da festa do Círio de Nazaré e descrevam o que chamaria sua atenção, como a multidão, os gestos de fé, os sentimentos e as expressões das pessoas durante a procissão. Esse exercício permitirá que os estudantes se conectem com as emoções e a energia de eventos religiosos e culturais, mesmo que não participem diretamente. Peça que eles mencionem quais impressões ou sensações a imagem transmite. É oportuno propor uma reflexão sobre as motivações que levam uma multidão a se reunir para celebrar algo. Professor, desperte os estudantes para as sensações da coletividade, mencione exemplos de atividades feitas individualmente e a diferença de quando são desempenhadas coletivamente, como, por exemplo, assistir a um filme, ouvir uma piada ou torcer para uma competição.

O Círio de Nazaré: fé, encontro e tradição

Em muitas cidades da Região Norte, a fé caminha com a festa. Um dos exemplos mais conhecidos é o **Círio de Nazaré**, que acontece todos os anos em Belém, capital do Pará.

O Círio é uma grande celebração que mistura fé, emoção, arte e cultura. Durante vários dias, a cidade se enche de pessoas vindas de várias partes do Brasil. Nessa festa, ocorrem procissões, romarias, cantos, orações, comidas típicas e muito acolhimento.




A imagem da Virgem de Nazaré é conduzida até o Colégio Gentil Bittencourt em um trajeto de aproximadamente 800 metros. Belém, Pará, 2024.

NÃO ESCREVA
NO LIVRO.

Tudo começou há muito tempo, em 1793, com uma homenagem a Nossa Senhora de Nazaré, considerada pelos católicos a padroeira dos paraenses. Ao longo dos anos, o Círio cresceu e se transformou em uma das maiores festas religiosas do mundo, com a participação de milhões de pessoas.

Mesmo quem não é católico ou não mora em Belém costuma acompanhar o cortejo, ajudar os fiéis ou se emocionar com a festa. Muitas famílias se reúnem nesse dia para preparar o tradicional almoço do Círio, com pratos como pato no tucupi, maniçoba e arroz paraense.

-  **1** O que mais chama sua atenção na imagem do Círio? Quais sentimentos você imagina que as pessoas estavam vivendo naquele momento?
- 2** Por que você acha que festas como essa, mesmo acontecendo em uma cidade específica, tornam-se importantes para toda a região? **1 e 2. Respostas pessoais.**

38

Professor, se for possível, explore a canção “Eu sou de lá”, entoada por Fafá de Belém, disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=FiTXA0zd2hl>, acesso em 19 set. 2025.

Na **atividade 2**, discuta como o Círio de Nazaré, apesar de acontecer em uma cidade específica, se torna importante para toda a região, atraindo milhares de pessoas. Aprofunde o entendimento sobre o impacto cultural e social de grandes celebrações, que destacam a cultura regional, reforçam

a identidade e o orgulho de pertencer à comunidade e estimulam a curiosidade pela região, movimentando a economia e estimulando o turismo.

Professor, se houver recursos, mostre como o Círio de Nazaré é apresentado pela Embratur (<https://www.youtube.com/watch?v=vceT4lT011w>, acesso em 19 set. 2025) e passe para os estudantes a produção do Canal History Brasil, disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=ulk2RHFgBz8>, acesso em 19 set. 2025.

Marujada e Marabaixo: festas que contam histórias

Em diferentes cidades da Região Norte, existem festas populares que misturam fé, dança, música e muita tradição. Duas dessas celebrações — a Marujada e o Marabaixo — são muito importantes para as comunidades que as realizam.

A **Marujada** acontece no Pará, especialmente na cidade de Bragança. O nome da festividade se origina da palavra marujo, pois homens e mulheres vestem-se com roupas coloridas semelhantes ao traje de marinheiro. Os participantes tocam instrumentos e dançam ao som do **retumbão**.

Essa festa começou no tempo da escravidão, em homenagem a São Benedito, muito querido pelas populações negras. Hoje, o evento é um símbolo de resistência e fé.

Já o **Marabaixo** é celebrado no Amapá, principalmente na cidade de Macapá, e foi criado por comunidades negras que mantêm viva a memória de seus antepassados.

O nome Marabaixo tem raízes na antiga tradição de fazer promessas aos santos e agradecer pelas graças alcançadas. Os devotos se reúnem para cantar, dançar e celebrar, lembrando os que vieram antes e mantendo vivas suas histórias.

A festa tem música com tambores, danças em roda e cantos conhecidos como “ladrões” — versos cantados em forma de pergunta e resposta. Essa é uma forma de demonstrar fé e fortalecer os laços da comunidade.



Festividade da Marujada para São Benedito em frente à igreja, Bragança, Pará, 2022.



Grupo de Marabaixo Azebic em evento cultural em Macapá, Amapá, 2024.

NÃO ESCREVA NO LIVRO.

Glossário

Retumbão: tambor grande usado nas festas da Marujada. Seu som marca o ritmo da dança.



- 1 Na sua localidade, existe alguma festa ou tradição criada por grupos populares ou comunidades tradicionais? Como ela acontece e o que ela representa para as pessoas?

Resposta pessoal.

39

BNCC

(EF04GE01) (EF04GE02) (EF03HI03)

Orientações didáticas

Este conteúdo visa promover a compreensão sobre a diversidade cultural das festas regionais, que se tornaram símbolos de resistência e preservação de identidades, com forte influência afro-brasileira e indígena.

Inicie a aula apresentando as festas populares da Região Norte, como a Marujada, celebrada no

Pará, e o Marabaixo, realizado no Amapá. Explique o contexto histórico de cada uma, como a Marujada tem raízes no período da escravidão e foi criada em homenagem a São Benedito, e o Marabaixo é uma celebração afro-brasileira, criada pelas comunidades negras. Pergunte aos estudantes: “Vocês conhecem alguma festa ou tradição criada por grupos populares em sua cidade?”, “Como ela acontece?”. Essas questões ajudarão os estudantes a perceberem que muitas festas e tradições têm origens profundas e estão ligadas à resistência e à luta por preservação cultural.

Comece a **atividade 1** perguntando aos estudantes o que significa resistência e explique o contexto histórico das festas, discutindo como ajudam a preservar a identidade cultural. Incentive os estudantes a perguntarem a adultos do convívio deles, e busquem em meios digitais, sobre festas e tradições criadas por grupos historicamente negligenciados.

Professor, debata com os estudantes sobre como as festas são formas de expressar resistências, contar histórias e como elas são maneiras de fazer alguns grupos serem ouvidos e ganharem atenção. Reflita com a turma sobre como algumas festas recebem mais destaque e incentivos e os motivos disso.

Explique também o papel da música nessas celebrações, exemplificando o papel do retumbão, descrito no box **Glossário**, incentivando os estudantes a aprenderem um trecho das músicas. Discuta também como a música contribui para a preservação da cultura, abordando a presença de elementos indígenas e afro-brasileiros.

Professor, aprofunde o assunto assistindo ao documentário “Batuques – O Ritmo da Marujada”, disponível em https://www.youtube.com/watch?v=T1603_2pKCw, acesso em 19 set. 2025. Se houver recursos, apresente aos estudantes o vídeo do Governo da Bahia, “Nossa Cultura – Marujada” (disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=laY5s59ew-E>, acesso em 19 set. 2025).

Para completar a visualização dos festejos abordados na página, há o vídeo produzido pelo Sesc São Paulo chamado “Percurso da Tradição – Dança do Marabaixo”, disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=Wmud0XEqN4s>, acesso em 19 set. 2025.

BNCC

(EF03GE01)
(EF03GE02)
(EF03HI01)
(EF03HI04)
(EF04GE01)

Orientações didáticas

Inicie a aula apresentando o Festival de Parintins, que ocorre na cidade de Parintins, no Amazonas, e é uma das maiores festas folclóricas do Brasil. Explique que o evento é uma competição entre dois bois, o Boi Caprichoso e o Boi Garantido, e que cada um deles busca contar a história da Amazônia e dos povos indígenas através de músicas e danças.

Para trabalhar este conteúdo, reflita sobre a importância do Festival de Parintins como uma das maiores expressões culturais da Região Norte, destacando a diversidade das culturas e a preservação das tradições locais.

Peça aos estudantes para imaginarem como seria participar do Festival de Parintins. Que sons, cores e sensações eles acreditam que viveriam nesse evento? Os estudantes devem escrever um pequeno texto ou fazer um desenho, representando o que mais chamaria a atenção em uma festa cultural como essa.

Se houver recursos, reproduza algumas toadas do Festival de Parintins. Quais instrumentos e ritmos eles percebem? Como a música pode ajudar a contar a história de um povo e de uma região?

Professor, se possível, reproduza para os estudantes o vídeo do Governo do Estado do Amazonas anunciando o Festival de Parintins de 2025, disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=Fm1KNXYt8sA>, acesso em 19 set. 2025.



O Festival de Parintins

Outra festa muito importante na Região Norte é o **Festival de Parintins**, que acontece no mês de junho, na cidade de Parintins, no estado do Amazonas. Essa celebração já tem mais de cinquenta edições e envolve uma competição muito animada entre dois grupos: o **Boi Caprichoso** e o **Boi Garantido**. Eles disputam quem conta melhor a história do boi-bumbá.

Os bois desfilam em um espaço chamado Bumbódromo. Lá acontecem espetáculos coloridos, com músicas, danças e alegorias, narrando histórias sobre a Amazônia, os povos indígenas, as lendas da floresta e a cultura da região.

Durante a apresentação, cada boi mostra suas toadas, que são canções tradicionais compostas especialmente para o festival. Elas misturam sons e ritmos regionais, indígenas e populares, criando um espetáculo cheio de emoção e identidade cultural.

Vamos conhecer agora duas toadas. Leia a seguir:

Texto 1



Os ventos uivantes

Que sopram de longe a nos abraçar

Trazendo consigo a riqueza da fauna
da flora

Num canto a nos conscientizar

Que a nossa Amazônia é um paraíso

Reluz no horizonte, onde floresce a vida

Viagem de sonhos, caminho de brisa

Que a mãe natureza teceu com carinho

[...]

Unindo os povos da Amazônia na dança
das raças

Como no encontro das águas

Para brincar de boi-bumbá

Mais é preciso saber preservar

Nossa Amazônia que é o nosso lar

Ar que eu respiro e que me faz
cantar

Boi Garantido. **Nossa Amazônia.**
Disponível em: <https://www.letras.mus.br/garantido/671318/>. Acesso em: 19 abr. 2025.



A cor vermelha
representa o
Boi Garantido.

40

OED

Utilize o **infográfico** “O Festival de Parintins por dentro” para explorar com os estudantes o processo de preparação do festival, desde a confecção das alegorias e figurinos até os ensaios e a apresentação final. Oriente-os a navegar pelas diferentes etapas do recurso, observando como cada fase envolve o trabalho coletivo da comunidade. Em seguida, promova um debate sobre a importância do festival para a cultura amazônica e como tradições populares podem fortalecer identidades e laços sociais.



Olha parente escute o que eu vou
lhe dizer
Sem água na terra não dá pra viver
Quem disse que o rio ia secar
A boca, o furo o atalho fechar
O imaginável hoje bate na porta
e assusta
Quem disse que o barco não ia passar
Na terra, na lama iria encalhar
E eu agora, isolado espantado
sem acreditar

Texto 2

A cobra grande agoniza no Sol escaldante
E o curumim caminha há mais de uma
hora em busca de água
A fumaça acinzentada o céu
E a única fonte de água são as lágrimas
ao ver sem nada o espinhel
A ganância te envenenará
E o meu Boi Caprichoso agora é bandeira,
é povo fazendo a luta ecoar

Boi Caprichoso. **Amazônia de pé**. Disponível em:
[https://www.letras.mus.br/caprichoso-boi-bumba/
amazonia-de-pe/](https://www.letras.mus.br/caprichoso-boi-bumba/amazonia-de-pe/). Acesso em: 19 abr. 2025.

Cada apresentação é composta de muitos dançarinos, personagens fantásticos, músicos e artistas que ajudam a contar as histórias. Durante a festa, a cidade fica toda enfeitada e recebe muitos turistas, enquanto as pessoas torcem pelo seu boi favorito. Mesmo sendo uma competição, o Festival de Parintins é um momento de celebração e respeito da riqueza e das tradições amazônicas.

NÃO ESCREVA NO LIVRO.



1 A primeira toada que você leu é a do Boi Garantido, e a segunda é a do Boi Caprichoso. Ambas falam sobre a Amazônia, mas de formas diferentes. Que imagens ou sentimentos sobre a floresta cada música evoca?

2 Das toadas que você leu, escolha um verso que chamou sua atenção. O que ele significa para você?

3 Agora é a sua vez! Crie uma pequena toada sobre o lugar onde você vive e depois compartilhe sua criação com a turma.

1. Espera-se que os estudantes percebam o tom de beleza, sonho e natureza viva na toada do Garantido e reconheçam o alerta e a resistência perante a destruição na toada do Caprichoso. Ambas valorizam a floresta, mas com enfoques diferentes: uma celebra, a outra faz uma denúncia.

2. Os estudantes podem citar versos como "nossa Amazônia que é o nosso lar" ou "sem água na terra não dá pra viver" e explicar com suas palavras o que entenderam ou sentiram.

3. Os estudantes devem criar de dois a quatro versos rimados ou ritmados, considerando a realidade em que vivem.

A cor azul
representa o
Boi Caprichoso.

KATARINA TSUZUKI

41

BNCC

(EF03GE01)
(EF03GE02)
(EF03HI01)
(EF03HI04)
(EF04GE01)

Orientações didáticas

Professor, se houver recursos, apresente vídeos ou toque as músicas sugeridas. Na **atividade 1**, peça que os estudantes expressem o que eles imaginaram e sentiram ao ver, ouvir ou ler as toadas. Oriente-os a perceber as diferentes abordagens sobre a Amazônia.

Na **atividade 2**, incentive os estudantes a demonstrarem os motivos das escolhas e contarem para a turma. Indique que os versos podem ser um alerta para riscos à Amazônia, podem enaltecer a região que eles vivem e também despertar alguma memória afetiva, além de outros motivos.

Avaliação

Na **atividade 3**, o estudante será avaliado pela criatividade e pela capacidade de representar culturalmente sua comunidade, além de expressar de forma clara o vínculo com a identidade local e regional.

Solicite que os estudantes criem uma toada (canção) que represente algum aspecto de sua cidade ou comunidade. Eles devem pensar em elementos que consideram importantes, como a natureza, as tradições, as festas ou até os desafios locais. Essa atividade incentiva a criação de um vínculo emocional com o lugar onde vivem e a valorização de suas próprias culturas e histórias.

Temas Contemporâneos Transversais (TCT)

Proteção Ambiental

Mostre aos estudantes manchetes de jornal sobre queimadas e desmatamento na Amazônia e, a partir das letras das toadas, discuta como a cultura local aborda a natureza, os povos indígenas e a preservação ambiental. Em seguida, destaque a rivalidade entre Caprichoso e Garantido no Festival de Parintins, explicando como essa disputa ultrapassa a festa, influenciando grandes marcas brasileiras, que adaptam cores e logos para se conectar com o público. Assim, os estudantes poderão refletir sobre o poder do festival na construção da identidade cultural e em seu impacto econômico.

BNCC

(EF03GE01)
(EF03GE02)
(EF03HI03)
(EF04GE01)
(EF04HI07)

Orientações didáticas

Apresente aos estudantes a Cavalhada como um evento cultural que mistura tradições indígenas, africanas e portuguesas. Explique o contexto histórico e social no qual a Cavalhada se inseriu, destacando suas influências. Se houver recursos, explore o vídeo da Secretaria de Cultura do Tocantins, disponível em https://www.youtube.com/watch?v=V7ujdlM_XM0, acesso em 19 set. 2025.

Na sequência, faça a mesma apresentação do Arraial Flor do Maracujá, relacionando sua origem a chegada de imigrantes do Nordeste que vieram para a região durante o ciclo da borracha. Professor, se for viável, apresente aos estudantes o vídeo da Assembleia Legislativa de Rondônia sobre o Arraial Flor do Maracujá, disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=IK3C4-1enMA>, acesso em 19 set. 2025.

Utilize imagens do livro e, se houver recursos digitais, vídeos para que os estudantes compreendam as dinâmicas de cada uma das festas e proponha uma discussão sobre outras festas tradicionais na região, como o Círio de Nazaré ou a Festa de Parintins, para que percebam as semelhanças e diferenças. Essa discussão pode ser iniciada por perguntas, como: “Quais elementos culturais vocês observam nessas imagens que poderiam ser típicos de sua região?”.

A Cavalhada: tradição e fé no Tocantins

Você já viu uma festa com cavaleiros vestidos de azul e vermelho fazendo acrobacias com seus cavalos? Essa é a **Cavalhada**, uma tradição antiga que acontece em Taguatinga, no estado do Tocantins.

A festa chegou com os portugueses e faz parte da celebração do Divino Espírito Santo. É uma apresentação cheia de movimento e cor, em que os cavaleiros encenam histórias e batalhas do passado com muita habilidade. Além desse espetáculo, há missas, comidas típicas e músicas que reúnem a comunidade.

Cavalhada – representação da corrida das argolinhas dentro do torneio. Taguatinga, Tocantins, 2023.



RAOUI SOUZA/GOVERNO DO TOCANTINS

Arraial Flor do Maracujá: dança e tradição em Rondônia

Como vimos em capítulos anteriores, muitos migrantes do Nordeste vieram morar na Região Norte durante o ciclo da borracha, trazendo seus costumes e tradições. Dessa incorporação cultural, surgiu o **Arraial Flor do Maracujá**, que acontece desde 1983. A festa, que mistura ritmos nordestinos com a cultura da Amazônia, é cheia de danças, como quadrilha, boi-bumbá, coco, xaxado e forró.

O evento é um verdadeiro espetáculo de cores e música. Os dançarinos usam roupas cheias de brilho, dançam coreografias animadas e contam histórias que mesclam tradição, criatividade e cultura popular. Além das apresentações, há barracas com comidas típicas: pamonha, canjica, arroz-doce, mungunzá e bolo de milho.

O Arraial Flor do Maracujá é um momento especial para valorizar as tradições locais e mostrar como o povo rondoniense gosta de celebrar com dança, música e alegria.



DAIANE MENDONÇA/GOVERNO DO ESTADO DE RONDÔNIA

Arraial Flor do Maracujá em Porto Velho, Rondônia, 2024.

42

Se julga oportuno, incentive os estudantes a desenharem ou encenarem uma parte da Cavalhada, como a luta entre cavaleiros ou as danças típicas. Incentive-os a incluir detalhes históricos e culturais em sua representação.

Dança do Parixara: ritmo e herança indígena em Roraima

No estado de Roraima, o povo indígena celebra a vida dançando o **Parixara**. É uma dança feita em roda, com cantos e instrumentos como maracás, flautas e pau de chuva.

Homens e mulheres dançam juntos para agradecer pelas colheitas, pelos animais e pela união do grupo. Os participantes usam pinturas no corpo, cocares e colares feitos com sementes, folhas e fibras.

Tudo vem da floresta, e é por isso que essa dança é também um jeito de honrar a natureza.



Grupo dançando o Parixara em Roraima, 2023.

Fé que navega: o encontro entre tradição e cultura no Acre

Na cidade de Cruzeiro do Sul, no Acre, todos se preparam para o **Novenário de Nossa Senhora da Glória**. São nove dias de orações, missas e celebrações que mostram a fé do povo.

O momento mais especial é a procissão fluvial, quando os ribeirinhos seguem de barco pelos rios da região. Além disso, a festa tem barracas de comidas típicas, artesanato, danças e muita alegria. É uma mistura de fé e cultura que fortalece os laços da comunidade.



Procissão religiosa de Nossa Senhora da Glória, em Cruzeiro do Sul, Acre, 2024.

1. Os estudantes podem citar a dança indígena como forma de gratidão, o festival ligado ao rio, a procissão nos barcos ou a fé nas celebrações.

NÃO ESCREVA NO LIVRO.



1 Em cada uma dessas festas, as pessoas se conectam com a fé, com a natureza ou com as tradições. Qual dessas relações mais chamou sua atenção? Por quê?

2 Se você pudesse participar de uma dessas festas, qual escolheria? O que você gostaria de ver, fazer ou sentir? 2. Resposta pessoal.

43

BNCC

(EF03GE01) (EF03GE02) (EF03HI01)

Orientações didáticas

Apresente aos estudantes o Parixara, uma dança feita em roda pelo povo indígena de Roraima, na Região Norte, com cantos e instrumentos como maracás, flautas e pau de chuva. Essa manifestação cultural reflete modos de vida tradicionais, marcados pela interação com a natureza e pela

preservação de saberes ancestrais. Professor, se for possível, apresente a pintura Parixara, da artista Carmézia Emiliano, do acervo do MASP, disponível em <https://masp.org.br/en/collections/works/parixara>, acesso em 19 set. 2025.

Na sequência, introduza o Novenário de Nossa Senhora da Glória, uma importante festividade religiosa na região que dura nove dias, sendo repleta de orações, missas e celebrações feitas até mesmo por uma procissão fluvial. Professor, se for viável, apresente o vídeo da

procissão fluvial da celebração, disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=Mk9fETjWUuU>, acesso em 19 set. 2025.

Refleta com os estudantes como essas festas são expressões culturais que vão além da fé religiosa, abrangendo aspectos de convivência social, manifestações artísticas e formas tradicionais de expressão. Além disso, discuta como essas festas são também uma oportunidade de fortalecimento de laços das comunidades.

Na **atividade 1**, convoque os estudantes a expressarem aquilo que mais os surpreendeu e estimule que eles narrem vivências e exemplos próximos a eles, contando sobre participação nesses eventos ou semelhantes. Debata sobre a importância da preservação dessas celebrações e como elas são transmitidas.

Com a **atividade 2**, promova uma roda de conversa sobre como as festas podem ajudar a manter vivas as tradições de um grupo e, em seguida, peça que os estudantes escrevam sobre uma festa ou tradição que eles participam ou conhecem.

Avaliação

Divida a turma em grupos e atribua a cada um uma festa trabalhada até então no capítulo para que eles busquem mais informações sobre as origens da festa, quais são suas raízes culturais e sociais e como ela é celebrada em diferentes regiões.

BNCC

(EF03GE01)
(EF03GE02)
(EF03GE03)
(EF03HI01)

Orientações didáticas

Destaque a importância das festas tradicionais na Região Norte, evidenciando como elas são reflexos das influências culturais. Em seguida, explore com os estudantes como essas festas, com suas músicas, danças, comidas típicas e ritmos, têm raízes tanto nas culturas indígenas, afro-brasileiras quanto nas europeias e de migrantes.

Explique o boxe **Vozes da História** abordando como as festas são reflexos históricos de resistência e fé, criando um contexto cultural. Na **atividade 1**, estimule os estudantes a pensarem histórias próximas a eles, da comunidade e da família, e proponha que eles criem uma letra com refrão que represente o que eles sentem. Incentive também a criação de uma dança, de preferência carregando algum simbolismo da cultura local.

Professor, se houver recursos, reproduza aos estudantes os ritmos mencionados no boxe e incentive-os a compartilhar o que sentiram e reconheceram ao ouvi-los.

As festas e seus ritmos

Você já pensou em uma festa sem música e dança? Difícil imaginar, não é?

Nas festas populares da Região Norte, o som é parte da celebração. Os ritmos ajudam a marcar os passos das danças, acompanham os **cortejos** e fortalecem os laços entre as pessoas. Cada festa tem uma música própria, que vem sendo ensinada de geração em geração.

No Festival de Parintins, as toadas do boi-bumbá embalam as histórias sobre a Amazônia e seus povos. No Círio de Nazaré, **ladainhas** e hinos religiosos são entoados com fé durante as procissões. No Amapá, durante o Marabaixo, os toques de caixa e os “ladrões” fazem parte da celebração. Já no Parixara, em Roraima, são os maracás, o pau de chuva e os cantos em língua indígena que marcam o ritmo da dança.

Essas músicas são mais do que som: são maneiras de contar histórias, de passar adiante os costumes do nosso povo e de sentir orgulho da cultura da nossa terra.

Agora, vamos conhecer alguns dos responsáveis por esses ritmos.

Glossário

Cortejos: desfiles ou caminhadas organizadas que fazem parte das festas populares ou religiosas. Nos cortejos, as pessoas seguem juntas pelas ruas ou à beira dos rios, muitas vezes cantando, dançando ou carregando imagens religiosas.

Ladainhas: orações cantadas ou rezadas, geralmente em grupo, durante festas religiosas. As ladainhas são feitas com fé e respeito e costumam repetir nomes de santos, pedidos de proteção ou agradecimentos.

VOZES DA HISTÓRIA



NÃO ESCREVA
NO LIVRO.

A cultura musical das festas da Região Norte é construída pela sabedoria de muitas pessoas: mestres e mestras da tradição, músicos populares, cantores de toada, compositores de carimbó, guardiões do Marabaixo e tocadores de tambor. Em cada estado, homens e mulheres ajudam a manter vivos os sons das festas.



Caixas de Marabaixo na Casa do Artesão, Macapá, Amapá, em 2022.

Entre as vozes ressoantes, estão nomes como: Pinduca, que popularizou o carimbó no Pará; Arlindo Júnior, símbolo do boi-bumbá no Amazonas; e a mestra Dona Chiquinha, que tocou caixa, cantou os “ladrões” e manteve viva a tradição do Marabaixo no Amapá.

- 1 Se você pudesse criar uma música ou dança para contar a história da sua comunidade, como seria essa representação cultural? Que sons ou movimentos ela teria?

Espera-se que os estudantes usem a imaginação e descrevam sons do cotidiano, músicas que ouvem em casa ou ritmos que já conheceram na escola ou pela televisão.

44

Interdisciplinaridade com Arte

Peça para que os estudantes desenvolvam instrumentos musicais utilizando latas e panos, decorando-os com enfeites e cores vibrantes que representem a diversidade cultural da Região Norte. Ao final, os estudantes poderão apresentar seus instrumentos, explicando como cada detalhe da decoração reflete a rica herança cultural da música nortista.

As festas e seus sabores

Nas festas populares da Região Norte, a comida também tem um papel muito especial. Em cada celebração, os pratos típicos ajudam a reunir as pessoas, lembrar tradições e valorizar os saberes transmitidos entre gerações.

Em festas como o Círio de Nazaré, a Marujada ou o Novenário de Nossa Senhora da Glória, não podem faltar maniçoba, pato no tucupi, peixe com açaí, farinha-d'água e tacacá servido na cuia. Já em eventos como o Festival de Praia, são comuns pratos feitos com peixe frito, caldeirada e frutas nativas da floresta.

Essas comidas não são apenas saborosas, elas ajudam a contar a história dos povos da Amazônia, com ingredientes explorados e difundidos por indígenas, africanos e europeus.

CULTURAS DA NOSSA REGIÃO



NÃO ESCREVA
NO LIVRO.

Mandioca-brava: raiz que alimenta nossas festas

A **mandioca-brava** está presente em muitos pratos das festas populares da Região Norte. Com ela, fazem-se a farinha, o tucupi, a maniçoba e o tacacá — comidas que reúnem famílias em momentos de celebração, fé e alegria.

Para se tornar segura para o consumo, a mandioca-brava precisa passar por um preparo cuidadoso. A maniçoba, por exemplo, é cozida por sete dias seguidos, até que a folha perca sua toxina e se transforme em um prato saboroso e muito especial.

Entre os povos indígenas, existe uma lenda sobre a origem da mandioca. Dizem que, há muito tempo, uma criança, chamada Mani, partiu ainda pequena. Logo depois, nasceu, do chão de uma oca, uma planta com raiz branca por dentro, que passou a alimentar toda a aldeia. Por isso, ela recebeu o nome “Mani-oca”, que quer dizer “casa de Mani”.

Essa história mostra como a mandioca, além de alimento, é também parte da memória, do respeito e do cuidado dos povos da floresta.

- 1 Qual é o prato típico da sua região de que você mais gosta? Ele costuma ser servido em alguma festa tradicional da sua cidade ou comunidade? Conte o que torna esse prato especial para você. *Resposta pessoal.*



Tacacá servido na cuia.



Maniçoba, comida típica do Norte.

WIS-STUDIO/SHUTTERSTOCK

PARALAN/SHUTTERSTOCK

45

BNCC

(EF04GE01)
(EF03GE02)
(EF03GE03)
(EF04GE04)

Orientações didáticas

Explique que as festas da Região Norte são marcadas por sabores únicos que refletem a cultura local. Os pratos típicos, como o açaí, o pato no tucupi, a maniçoba e outros alimentos tradicionais, são parte essencial da identidade cultural e estão presentes nas festividades regionais.

Através do boxe **Culturas de Nossa Região**, exemplifique como os alimentos, em todas as suas etapas — da colheita ao preparo e consumo — refletem profundamente a cultura local, conectando os povos às suas tradições e ao ambiente. Pratos como a maniçoba e o tacacá exemplificam essa relação. A maniçoba, feita com a folha da mandioca, exige um processo cuidadoso de preparo e simboliza a paciência e o respeito aos saberes ancestrais. Já o tacacá, preparado com tucupi e camarão, destaca o uso de ingredientes locais e o ritual de compartilhamento entre amigos e familiares. Ambos os pratos são mais do que alimentos, representando práticas culturais, identidade e a união das comunidades.

Na **atividade 1**, espera-se respostas muito variadas, mas estimule os estudantes a contarem sobre suas experiências e preferências. Peça que alguns narrem vivências no preparo de receitas, de refeições e celebrações. É possível que os estudantes contem sobre os produtos, os cheiros, as divisões de tarefas, os sabores e possíveis tradições familiares sobre forma de preparo e mesmo de transmissão dos saberes.

Professor, a depender do envolvimento da comunidade escolar, sugira um piquenique em que cada estudante leve uma comida tradicional preparada em casa.

BNCC

(EF03GE01)

(EF03GE04)

(EF04GE02)

Orientações didáticas

Apresente o mapa da seção **Cartografando** e explique a importância dos mapas para entender a geografia e como ele pode mostrar recursos naturais essenciais, como rios e florestas, que influenciam a produção de alimentos.

Juntamente com o mapa da seção, apresente o mapa da Região Norte, destacando os principais aspectos e relacione a localização geográfica à produção de alimentos.

Solicite que, em grupos, os estudantes desenhem um mapa simplificado da sua cidade ou região, destacando alguns limites (fronteiras), aspectos naturais e outros locais importantes. Estimule os estudantes a utilizarem cores diferentes para marcar diferentes elementos (como áreas urbanas e rurais, por exemplo), facilitando a visualização e a compreensão. A partir desse exercício, discuta como esses espaços refletem a cultura e o modo de vida local.



Diversificando

Para transformar o ensino da cartografia de forma mais envolvente, utilize ferramentas digitais como *Google Earth* ou aplicativos de mapas interativos. Isso permitirá aos estudantes visualizarem suas comunidades, cidades e regiões com mais detalhes, promovendo uma interação direta com o território.

Peça que os estudantes criem um livro de receitas. Para isso, divida os estudantes em grupos e incentive-os a escolher uma comida típica ou tradicional para criar uma página de um livro de receitas. Cada grupo incluirá uma imagem do prato, uma breve história sobre sua origem, a receita com ingredientes e modo de preparo e informações sobre como o prato é consumido. Ao final, cada grupo apresentará sua receita para a turma, criando um livro de receitas com conteúdo cultural e educativo.

ORGANIZE AS IDEIAS

NÃO ESCREVA
NO LIVRO.

1. Os estudantes podem compor versos inspirados nas toadas, nos "ladrões" do Marabaixo ou nos cantos indígenas. Podem usar rimas ou frases livres que falem de elementos locais: o rio, a praça, as festas, a vida das pessoas.

Como vimos ao longo deste capítulo, as festas e tradições culturais ajudam a contar a história de um povo. Elas aproximam as pessoas, trazem alegria e mostram quem somos. Por isso, é importante cuidar bem dessas tradições para que não se percam com o tempo.



Responda às questões a seguir no seu caderno.



1 Você percebeu como a música ajuda a contar a história de um lugar? Pesquise um ritmo que apareceu neste capítulo e escreva uma pequena letra ou estrofe que fale sobre a sua comunidade, o seu bairro ou a sua escola.

2 Escolham uma festa popular que vocês conheçam ou que aprenderam neste capítulo. Imaginem como essa festa poderia acontecer na sua cidade ou no seu bairro:

- Façam um desenho mostrando as pessoas participando, as roupas, as comidas e os enfeites típicos. 2. Espera-se que os estudantes representem elementos visuais da festa.
- Pensem onde ela poderia acontecer: numa praça, na rua, na escola ou em outro lugar da comunidade.
- Se quiserem, escrevam algumas palavras ou frases para contar como seria essa festa e sobre sua importância cultural.



3 Conversem com alguém da sua família sobre uma receita típica da sua localidade. Descubram juntos quais são os ingredientes, como é o modo de preparo e em quais ocasiões essa comida costuma ser feita, como festas ou encontros em família. Escrevam tudo no caderno. Se possível, tragam a receita escrita para a escola e apresentem para a turma. Quem sabe vocês não podem até trazer um pouquinho para todos experimentarem? 3. Os estudantes podem trazer receitas como maniçoba, tacacá, caldeirada, peixe com açaí, beiju ou outras preparações familiares.



4 Vamos organizar uma festa da cultura amazônica na escola? Com a ajuda do(a) professor(a), escolham as tarefas de cada grupo:

- Um grupo pode criar músicas ou paródias com ritmos regionais.
- Outro grupo pode fazer cartazes para apresentar uma festa (com nome, comida, ritmo e roupas típicas). 4. Espera-se que os estudantes se envolvam ativamente na criação da festa ou pelo menos se engajem em uma que já exista, aplicando os conteúdos estudados.
- Um terceiro grupo pode cuidar da decoração ou das danças.

Apresentem a produção para a turma ou para as outras classes.

5 Imagine que você é um repórter da sua cidade ou comunidade. Faça uma pequena entrevista com uma pessoa que conheça ou participe de alguma manifestação tradicional, festa ou costume local que foi apresentado neste capítulo. Pergunte sobre como essa tradição começou, o que ela significa para as pessoas e como é celebrada hoje. Depois, compartilhe a entrevista com a turma. 5. Espera-se que os estudantes conversem com alguém da família ou da comunidade para aprender sobre uma tradição local.

47

Orientações didáticas

A seção **Organize as Ideias** tem o objetivo de revisar e sintetizar os conceitos abordados no capítulo, focando nos aspectos culturais da Região Norte do Brasil. A partir do que foi aprendido sobre suas festas, danças, religiosidade, música e alimentação será possível compreender como esses elementos são fundamentais para a construção da identidade desses povos.

Explique aos estudantes a relevância desses elementos na formação da identidade indígena e

como a herança cultural contribui para a diversidade cultural do Brasil. Mostre como as práticas culturais indígenas, como celebrações, rituais religiosos e tradições alimentares, impactam não só as comunidades indígenas, mas também as demais populações, por meio de influências no modo de vida, na culinária e nas expressões culturais brasileiras.

Incentive os estudantes a refletirem sobre a presença desses elementos no dia a dia, como nas festividades, nas comidas típicas e nas manifestações culturais que ocorrem em suas comunidades,

e ajude-os a estabelecer conexões entre o aprendizado escolar e a realidade local.

Solicite aos estudantes que realizem as atividades propostas no caderno, aplicando o conhecimento adquirido até o momento. Lembre-os de que essas atividades têm como objetivo consolidar o aprendizado e permitir a reflexão sobre os temas trabalhados.

Atividade complementar

Como complemento das atividades, sugira que os estudantes entrevistem familiares, funcionários da escola ou pessoas da comunidade que participem das festas e conheçam as comidas trabalhadas nesse capítulo, valorizando os saberes locais, reforçando os vínculos com o território e desenvolvendo oralidade, escuta e empatia.

De modo semelhante, as festas populares amazônicas revelam como as práticas comunitárias podem dialogar com a preservação e a inovação cultural, a exemplo do Festival de Parintins:

O festival dos Bois-Bumbás de Parintins (AM) alcançou nos últimos anos dimensões massivas, conjugando, de modo inesperado e criativo, padrões e temas culturais tradicionais a procedimentos e abordagens modernizantes. É hoje uma das grandes manifestações populares do Norte do Brasil, atraindo milhares de pessoas não só de Manaus (a capital do estado) e cidades próximas, como de diversas partes do país.

CAVALCANTI, Maria Laura Viveiros de Castro. O Boi-Bumbá de Parintins, Amazonas: breve história e etnografia da festa.

História, Ciências, Saúde – Manguinhos, Rio de Janeiro, v. VI (supl.), p. 1019-1046, set. 2000.

Disponível em: <https://www.scielo.br/j/hcsm/a/nBC7VW39jNnV3vHB9gzbGnC/?format=html&lang=pt>. Acesso em:

18 ago. 2025.

Objetivos gerais do capítulo

- Reconhecer a importância da Floresta Amazônica e do Rio Amazonas e seus afluentes para o equilíbrio ecológico global e local.
- Refletir sobre os impactos do desmatamento e das práticas humanas sobre o meio ambiente da região, reconhecendo também a importância dos locais de proteção.
- Ampliar a percepção sobre a biodiversidade da Amazônia, valorizando sua fauna e flora únicas e destacar a sabedoria ancestral no uso tradicional das plantas medicinais.
- Examinar as práticas sustentáveis de povos indígenas e outras comunidades tradicionais para a preservação da natureza e do patrimônio cultural, e a importância das celebrações e contos que transmitam saberes e valores.

BNCC

(EF03GE03)

(EF04GE11)

Orientações Didáticas

Promova uma conversa aberta e acolhedora, partindo do que os estudantes já sabem, ouvir o que imaginam ou conhecem sobre a Amazônia e compreender suas percepções sobre a importância da floresta para o Brasil e para o planeta.

Na **atividade 1**, proponha que observem a primeira imagem e, com base em seus conhecimentos e realidade local, descrevam se vivem próximos a rios. Incentive-os a comentar características como tamanho, cor, uso pela comunidade, vegetação ao redor e cuidados ou problemas ambientais. Destaque que a Amazônia guarda 20%

CAPÍTULO 4

AMAZÔNIA: O TESOURO DO NORTE E DO BRASIL

PRIMEIROS OLHARES



NÃO ESCREVA NO LIVRO.



JHAMPER GRON NISLUTTERSTOCK

Trecho do Rio Amazonas. Amazonas, 2024.



ANDRE DIBPULSAR IMAGENS

Onça-pintada em árvore na Estação Ecológica de Maracá-Jipioca. Amapá, 2019.



ANDRE DIBPULSAR IMAGENS

Área desmatada da Floresta Amazônica para plantação de milho. Mucajaí, Roraima, 2024.



CESARDINZPULSAR IMAGENS

Indígenas da etnia Xerente se preparam para corrida masculina com toras de buriti na Semana Cultural 2025 Centro de Ensino Médio Indígena Xerente Warã. Tocantínia, Tocantins, 2025.

- 1 Você já viu, no lugar onde mora, um rio grande ou com curvas parecidas com o da imagem? Descreva esse rio. **1 a 3. Respostas pessoais.**
- 2 Em todas as fotografias, a floresta está preservada? O que essas imagens mostram sobre a relação entre natureza e seres humanos?
- 3 Além da onça-pintada, quais outros animais da Amazônia você conhece?

48

de toda a água do mundo e que o rio Amazonas é o segundo mais extenso do mundo.

Na **atividade 2**, questione sobre a preservação da floresta nas imagens, estimulando a percepção de sinais de conservação ou degradação. Chame a atenção dos estudantes alertando que a Amazônia possui 1/3 das reservas de florestas tropicais do planeta.

Na **atividade 3**, traga a questão dos animais ameaçados de extinção, com exemplos de espécies já extintas e outras em risco. Aponte para

os alunos que a onça-pintada está na nota de 50 reais, e debata os motivos disso: identidade cultural do país presente em lendas, valorização da biodiversidade e a conscientização para sua preservação.

Se houver recursos disponíveis, oriente os estudantes a jogar o jogo **Floresta Virtual**. Disponível em: <https://eic.ifsc.usp.br/explorando-a-floresta-amazonica/>. Acesso em: 11 set. 2025. Se possível, acompanhe os estudantes e aponte aspectos didáticos e informações relevantes.

Rios que sustentam a vida

NÃO ESCREVA
NO LIVRO.

Você já parou para pensar na importância dos rios para a vida das pessoas e da natureza?

Em nossa região, os rios são como grandes caminhos que ligam cidades e comunidades. O maior deles é o Rio Amazonas, que é um dos maiores rios do mundo, tanto em comprimento quanto na quantidade de água que carrega. Ele nasce nas montanhas de um país vizinho, o Peru, e atravessa toda a Amazônia até desaguar no Oceano Atlântico.

Por onde passa, o Rio Amazonas e seus **afluentes**, como o Rio Negro, o Rio Madeira e o Rio Tapajós, ajudam no transporte de pessoas e mercadorias, abastecem comunidades com água e alimentos, e mantêm o equilíbrio da floresta. É comum ver embarcações de madeira, chamadas de “casas-barco”, levando famílias, estudantes, alimentos e até consultas médicas pelas águas da região.

Glossário

Afluentes: rios menores que desaguam em um rio maior, ajudando a aumentar a quantidade de água dele.



Transporte no Rio Amazonas durante a cheia. Parintins, Amazonas, 2025.



Pescadores em canoas sobre o Rio Tapajós. Santarém, Pará, 2025.

Além dos grandes rios, a região amazônica também possui os igarapés — rios menores usados pelas comunidades para pescar, tomar banho, lavar roupas e se locomover. A palavra **igarapé**, de origem tupi, significa “caminho da canoa”.

Esses rios e igarapés são essenciais para o dia a dia das famílias e para o equilíbrio da natureza. O Rio Amazonas, por exemplo, despeja tanta água doce no mar que mantém a umidade do ar e ajuda a refrescar a floresta, favorecendo a vida de plantas e animais.



Comércio em palafita na margem do Igarapé do Bom Jardim. Terra Santa, Pará, 2024.



- 1 Mencione o nome de algum rio importante em sua localidade. Faça uma pesquisa para descobrir a origem do nome desse rio. *Resposta pessoal.*

49

Diversificando

Professor, oriente os estudantes a usar plataformas de buscas e de mapas para explorar os rios da região e observar como as cidades se distribuem ao seu redor. Analise junto com os estudantes como esses corpos hídricos influenciam o desenvolvimento urbano, o transporte, a economia e a organização do espaço. Observe as margens, identifique áreas de influência e possíveis impactos ambientais. Reflita também sobre como a proximidade com os rios molda o modo de vida, as práticas culturais e a relação das populações com a natureza.

É possível propor um trabalho em grupos para fazer uma maquete sobre o ciclo da água na Amazônia.

BNCC

(EF03GE04)

(EF04GE11)

(EF04HI07)

Orientações Didáticas

Este conteúdo trata da importância dos rios para a vida na Amazônia, com destaque para o Rio Amazonas, seus afluentes e os igarapés — pequenos cursos d'água que também desempenham um papel essencial no cotidiano das populações amazônicas.

Promova um diálogo com os estudantes sobre o papel dos rios e igarapés em sua comunidade e em outras regiões, explorando suas experiências e percepções.

Em seguida, leia o texto com a turma e oriente-os a consultar o box **Glossário** para entender a diferença entre rios, afluentes e igarapés, destacando sua importância e papel social para o transporte, abastecimento, alimentação e vida cultural das comunidades amazônicas.

Na **atividade 1**, peça aos estudantes que citem nomes de rios que fazem parte de sua vida, seja por estarem próximos de suas residências ou por terem marcado sua memória de alguma forma. Em seguida, proponha que pesquisem a origem dos nomes desses rios, investigando se têm origem indígena, portuguesa ou de outros idiomas, e o que esses nomes significam.

Se houver possibilidade, indique a leitura do livro infantil da autora indígena Márcia Kambeba: **O povo Kambeba e a gota d'água** (Edebe, 2022).

BNCC

(EF04GE10)

(EF05GE10)

Orientações Didáticas

Pergunte aos estudantes se eles já sentiram a diferença de temperatura e umidade entre uma área com muitas árvores e uma área sem elas. Explique que a Amazônia é como um grande condicionador de ar e uma bomba d'água natural para o planeta.

Se houver a possibilidade de recursos na escola, apresente para os estudantes o vídeo **Rios voadores**. Disponível <https://www.youtube.com/watch?v=0R0tXcOTZDw>. Acesso em: 11 set. 2025.

Professor, é possível aprofundar esse assunto lendo o relatório **Análise do transporte de umidade da Amazônia para o Sudeste do Brasil durante o verão austral (DJF)**. Disponível em: http://mtc-m21c.sid.inpe.br/col/sid.inpe.br/mtc-m21c/2020/06.30.20.04/doc/Lemes_analise.pdf. Acesso em: 11 set. 2025.

Use o boxe **Glossário** para destacar a fertilidade e outros serviços ambientais.

Peça que observem a imagem da página e apresente o conceito de "rios voadores", discutindo como a água da floresta influencia o clima em outras regiões do Brasil e do mundo.

Os serviços ambientais da Amazônia

Você sabia que a Floresta Amazônica presta um serviço muito importante para toda a natureza e para as pessoas, mesmo que elas morem longe dela? Estamos falando dos chamados **serviços ambientais**, ou serviços ecossistêmicos, que acontecem quando a natureza faz algo que ajuda a manter a vida no planeta.

A Amazônia, por exemplo, contribui para que haja chuva em nossa região e em outras regiões do Brasil, a manter o ar limpo, os rios cheios e a manter a **fertilidade** dos solos. As árvores da floresta, com suas folhas e raízes, fazem um trabalho silencioso e poderoso: elas absorvem a água do solo e liberam vapor pela transpiração. Esse processo se chama evapotranspiração.

Esse vapor forma nuvens que carregam a umidade para outras regiões do Brasil e da América do Sul. É como se a floresta criasse um "rio voador", levando água pelo céu. Esse fenômeno ajuda a trazer chuvas para muitas áreas do país, inclusive lugares que estão bem distantes da floresta.

No mapa a seguir, você vai ver onde fica o **Bioma Amazônico**, que ocupa grande parte do território do Norte do Brasil. Essa área é formada por florestas densas, rios e uma variedade imensa de animais e plantas que tornam esse bioma um dos mais importantes do mundo.



Tempestade sobre parte da Floresta Amazônica. Região de Manaus, Amazonas, 2020.

Glossário

Fertilidade: capacidade que a terra tem de ajudar as plantas a crescer fortes e saudáveis.



NÃO ESCREVA NO LIVRO.

Fonte: Adaptado de IBGE. **Biomas**. Disponível em: https://www.ibge.gov.br/apps/biomas/Images/SistCostMar_AmAz_2024_15M.png. Acesso em: 26 jul. 2025.

- 1** Em seu caderno, faça um desenho mostrando como você se beneficia dos serviços ambientais prestados pela Amazônia. **Resposta pessoal.**

50

Interdisciplinaridade com Arte

Na **atividade 1**, solicite aos estudantes que façam um desenho mostrando de que maneira a vida deles se relaciona e se beneficia diretamente ou indiretamente pela Amazônia. Peça aos estudantes que mostrem seus desenhos uns aos outros a fim de apresentar a diversidade de relações entre o bioma e a sociedade.

Temas Contemporâneos Transversais (TCT)

Meio Ambiente

Contextualize com reportagens, como da **Revista Fapesp**. Disponível em: <https://revistapesquisa.fapesp.br/um-rio-que-flui-pelo-ar/>. Acesso em: 11 set. 2025.

Explique como a evaporação das florestas tropicais forma esses rios de vapor, que influenciam o ciclo hídrico e as chuvas. Ao tratar do desmatamento, mostre como a perda da floresta afeta esses rios e compromete o equilíbrio climático. Enfatize que preservar a Amazônia é essencial para mitigar o aquecimento global e manter a biodiversidade.

Povos indígenas: os guardiões da floresta

Como visto em capítulos anteriores, os indígenas cuidam das florestas há muito tempo, conhecem seus ciclos, seus frutos, suas águas e seus animais. Eles aprendem com a natureza e a protegem para que continue viva para as próximas gerações.

Na Região Norte, vivem dezenas de etnias indígenas, como os Yanomami (Roraima e Amazonas), os Wapichana (Roraima), os Tikuna (Amazonas), os Tembé (Pará), os Karipuna (Amapá), os Xerente (Tocantins) e os Kaxinawá (Acre). Cada um desses povos tem sua própria língua, seus costumes, suas formas de plantar, colher e até de curar doenças com ervas e rezas.

Esses saberes tradicionais são ensinados de geração em geração e, claro, pela educação escolar, por meio das leituras, contação de histórias, celebrações, músicas, caçadas, caminhadas na mata, produção de remédios naturais e plantios em pequenas roças. Para os povos indígenas, cuidar da floresta é cuidar da vida. Por isso, eles são considerados verdadeiros guardiões da biodiversidade.

Indígenas da etnia Yanomami da Aldeia Maturacá, com pintura corporal e adereços, fazendo cestas de fibra de palha. São Gabriel da Cachoeira, Amazonas, 2022.



RENATO SOARES/PULSAR IMAGENS

VOZES DA HISTÓRIA



NÃO ESCREVA NO LIVRO.

Alessandra Korap Munduruku: a voz das mulheres e da floresta

Alessandra Korap é uma liderança do povo Munduruku, que vive no estado do Pará. Desde pequena, aprendeu com os mais velhos a importância da floresta e, quando cresceu, passou a defender os direitos da sua comunidade, principalmente das mulheres indígenas. Ela ficou conhecida no Brasil e no mundo por lutar contra o garimpo ilegal, a poluição dos rios e a destruição da Amazônia. Mesmo sendo ameaçada, continua participando de encontros e levando sua voz a muitos lugares.



KATARINA TSUZUKI

Por sua coragem, recebeu prêmios internacionais, como o Goldman, conhecido como o “Nobel Verde”. Alessandra nos ensina que cuidar da floresta é também cuidar das pessoas, e que as mulheres indígenas são grandes protetoras da vida e da natureza.

- 1 Com base na história de Alessandra Korap e nas imagens, o que você aprendeu sobre a força dos povos indígenas na proteção da floresta e da cultura?

Ver resposta no Manual do Professor.

51

BNCC

(EF03GE03) (EF03HI03)

Orientações Didáticas

Convide os estudantes a compartilhar o que sabem sobre os povos indígenas e seus modos de vida, explorando o conceito de saberes tradicionais e sua relação com o cuidado da natureza. Explique o que são saberes tradicionais, como a medicina natural, plantio sustentável e rituais culturais.

Mostre como esses povos aprendem com a natureza na vivência do dia-a-dia, interagindo em equilíbrio, respeitando os ciclos da floresta com práticas ancestrais de preservação do meio. É possível aprofundar no assunto pela reportagem do **Jornal da Unicamp** (Disponível em: <https://jornal.unicamp.br/edicao/705/pesquisadores-comprovam-efeito-protetivo-de-saberes-ancestrais>. Acesso em: 11 set. 2025) e no vídeo apresentado por Drauzio Varella, **Comunidades tradicionais e a preservação do meio ambiente**. Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=aGYpyvYNkyE>. Acesso em: 11 set. 2025.

Apresente também o boxe **Vozes da História**, destacando a importância das mulheres indígenas nas lutas e resistências pela preservação das florestas e de seus povos.

Na **atividade 1**, incentive-os a discutir como as lideranças indígenas influenciam a preservação ambiental e como a coragem de lideranças como Alessandra nos ensina. Convoque os estudantes a conversarem com adultos do convívio deles e, se houver a possibilidade, pesquisar em meios digitais, por outras lideranças indígenas, inclusive locais e quais suas reivindicações.

Professor, é possível aprofundar o assunto a partir de sites como a **Articulação dos Povos Indígenas do Brasil** (Disponível em: <https://apiboficial.org/>. Acesso em: 11 set. 2025) e da **Fundação Nacional dos Povos Indígenas** (Disponível em: <https://www.gov.br/funai/pt-br>. Acesso em: 11 set. 2025).

Para indicar aos estudantes, se houver recursos, o site **Mirim – Povos Indígenas do Brasil**. Disponível em: <https://mirim.org/pt-br>. Acesso em: 11 set. 2025. Se possível, explique e jogue com os estudantes alguma das brincadeiras abordadas como Heiné Kuputisu e peteca.

Há rica diversidade de livros infantis que tratam do assunto de maneira lúdica como obras de **Márcia Wayna Kambeba – Infância na aldeia** (Ciranda na Escola, 2023), **Rita Carelli** autora de **Menina Mandioca** (Pallas Mini, 2022) e de **Daniel Munduruku** com **Coisas de índio** – versão infantil (Callis, 2019).

BNCC

(EF04GE11)

(EF05GE10)

Orientações Didáticas

Inicie a aula perguntando o que eles sabem sobre o tema e qual a importância de existir uma grande variedade de espécies na natureza.

Ressalte que a biodiversidade é fundamental para o equilíbrio da floresta, para a regulação do clima, além de ser fonte de alimentos, remédios e conhecimentos tradicionais. Professor, um bom recurso para aprofundar o assunto e buscar imagens é o site do **Museu Paraense Emílio Goeldi**. Disponível em: <https://www.gov.br/museugoeldi/pt-br>. Acesso em: 11 set. 2025.

Incentive os estudantes a refletir sobre o papel de cada espécie nesse equilíbrio e os impactos que ações humanas, como o desmatamento, podem causar.

Atividade complementar

Incentive os estudantes pesquisar sobre diferentes tipos de animais e plantas característicos da Amazonia e listar suas características e a importância deles para o equilíbrio da floresta. Convide os estudantes a criarem fichas de diferentes tipos de animais: que eles desenhem a espécie, constando características, hábitos, importância para o equilíbrio da floresta. É possível concluir criando um tipo de álbum de figurinhas ou um jogo da memória.

Se houver recursos disponíveis, oriente os estudantes a jogar o jogo **Amazônia Viva – Animais em extinção**. Disponível em: <https://amazoniavivagames.com.br/>. Acesso em: 11 set. 2025. Se possível, acompanhe os estudantes e aponte aspectos didáticos e informações relevantes.

Biodiversidade incrível

Você sabia que a Floresta Amazônica é o lar de muitos seres vivos? Ela tem mais de 10% de todos os tipos de animais e plantas que existem no mundo! Isso quer dizer que, de cada dez seres vivos que existem no planeta, um vive na Amazônia.

A essa grande variedade de plantas, animais, peixes, insetos, fungos e até micro-organismos damos o nome de biodiversidade. Na Amazônia, essa biodiversidade é tão rica que os cientistas ainda estão descobrindo novas espécies.

Nos estados do Amazonas e do Acre, por exemplo, existem áreas protegidas com uma quantidade impressionante de animais e plantas. Nesses lugares, vivem onças-pintadas, botos-cor-de-rosa, preguiças, antas, tamanduás, ariranhas, sapos coloridos, jacarés, tartarugas da Amazônia e muitos outros animais que fazem parte do equilíbrio da floresta.

Nesse bioma tão rico, as aves também chamam a atenção pela diversidade. Podemos mencionar, por exemplo, a arara-azul, o galo-da-serra, o mutum e muitos beija-flores que encantam quem vive ou visita essa localidade.



Boto-cor-de-rosa fotografado em Manacapuru, Amazonas, 2023.



Arara-azul-grande na Pedra Furada na região do Jalapão. Ponte Alta do Tocantins, Tocantins, 2018.



Lago com vitórias-régias e vegetação amazônica no Parque do Museu Paraense Emílio Goeldi. Belém, Pará, 2025.

52

Interdisciplinaridade com Ciências e Arte

Proponha aos estudantes que, em uma abordagem interdisciplinar, desenhem uma planta típica da Amazônia, como a vitória-régia, integrando os conhecimentos de Ciências e Artes. Incentive-os a pesquisar sobre as características da planta, sua importância ecológica e os animais que dependem dela para sobreviver, como os peixes e insetos. Em seguida, oriente-os a ilustrar a planta de forma detalhada, explorando as cores e formas de maneira criativa, e identificar outros elementos da biodiversidade amazônica que contribuem para o equilíbrio ecológico da floresta.

Quem ajuda a floresta a viver

Conforme você observou anteriormente, a Floresta Amazônica é cheia de vida. Mas você sabia que até os animais pequenos, insetos, sapos e cobras têm um papel muito importante para que tudo continue funcionando bem?

Alguns insetos, como abelhas e borboletas, ajudam e muito a polinizar as flores. Isso significa que eles levam o pólen de uma flor para outra e fazem nascer novos frutos e sementes. Sem esse trabalho, muitas plantas não conseguiriam se reproduzir nesse bioma.

Outros animais ajudam de outros jeitos. Os sapos, como o sapo-cururu, que vive em vários estados da Amazônia, comem muitos insetos e mantêm o equilíbrio da natureza. Já as cobras, como a jiboia amazônica, se alimentam de pequenos roedores e também ajudam a controlar a população desses animais.



Sapo-cururu em poça de água de chuva na Reserva Biológica do Cuieras do INPA – Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia. Manaus, Amazonas, 2020.



Abelhas polinizando flor típica do Bioma Amazônico. Maués, Amazonas, 2020.

NÃO ESCREVA NO LIVRO.

Nesse bioma, muitos animais ajudam a espalhar sementes pela floresta. Alguns répteis e anfíbios, como certos lagartos e sapos, comem frutas e, mais tarde, soltam as sementes em outros lugares. Isso permite que novas árvores cresçam em diferentes partes da mata, mantendo a floresta viva.

Mesmo sendo pequenos, esses animais são grandes ajudantes da natureza. De modo geral, eles nos ensinam que, na floresta, tudo está ligado e que cada ser vivo, do menor ao maior, tem um papel importante para o equilíbrio da vida nos biomas da região.

Em seu caderno, responda:

- 1 Por que os animais pequenos também são importantes?
- 2 Dê um exemplo de como um animal pode ajudar a floresta a crescer.

53

BNCC

(EF03GE02) (EF05GE10)
(EF04GE11) (EF04HI05)

Orientações Didáticas

Trabalhe a ideia de interdependência entre os seres vivos e a natureza. Enfatize como todos os seres vivos estão interligados e dependem uns dos outros para manter o equilíbrio dos biomas amazônicos, incentivando os estudantes a refletir sobre a importância de cada animal,

mesmo os mais discretos, para a manutenção da vida na floresta e o funcionamento harmonioso do ecossistema. Explique o papel de polinizadores de abelhas e borboletas e dos pássaros e macacos como dispersores de sementes.

Um bom recurso para aprofundar as informações é o site do Embrapa. Disponível em: <https://www.embrapa.br/meio-norte/polinizacao>. Acesso em: 11 set. 2025.

Na atividade 1, oriente os estudantes sobre a importância dos animais de pequeno porte para a floresta como um todo. Na sequência, na

atividade 2, peça para que os estudantes perguntem para familiares um exemplo de um animal que auxilia no crescimento da floresta. Para tornar o aprendizado mais concreto, organize uma atividade de mapeamento da cadeia alimentar da Amazônia. Peça que os estudantes desenhem ou recortem figuras de animais e plantas e construam um esquema visual ligando quem se alimenta de quem. Isso favorece a compreensão da ideia de rede ecológica, mostrando que todos os elementos estão conectados.

Se houver recursos, assistam ao vídeo **Amazônia do Macro ao Micro: Abelhas sem ferrão da Amazônia**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=6yTaBdXStfk>. Acesso em: 11 set. 2025.

Temas Contemporâneos Transversais (TCT)

Meio Ambiente

Promova uma conversa sobre o direito à existência dos animais, destacando que eles têm o direito de viver conforme suas necessidades naturais, sem interferências prejudiciais, e que a preservação desses seres é essencial para o equilíbrio ecológico. Oriente os estudantes a pesquisarem projetos de preservação na Amazônia, como reflorestamento e proteção das áreas indígenas; e também os instigue a pesquisar quais as principais ameaças ao equilíbrio da floresta.

BNCC

(EF04GE01)

(EF03GE02)

(EF05GE02)

Orientações Didáticas

Apresente o uso de plantas medicinais na Amazônia, valorizando o saber tradicional dos povos indígenas e comunidades ribeirinhas.

Explique que muitas dessas plantas também são utilizadas pela indústria farmacêutica e cosmética, e que a exploração sustentável desses recursos pode gerar renda sem causar danos à floresta. Destaque usos da copaíba (anti-inflamatório), andiroba, breu-branco (limpeza de feridas) e guaraná, usados para fazer chás, pomadas e remédios. Aprofunde o tema acessando o site da Fiocruz sobre Plantas Medicinais em <https://cbpm.fiocruz.br/index?ethnobotany>, acesso em 11 set. 2025.

Utilize o box **Glossário** para explicar a diferença entre exploração legal e ilegal, relacionando sustentabilidade à legalidade.

Promova um debate sobre a importância de proteger os saberes tradicionais e traga o tema da biopirataria apresentando o caso de Conrad Gorinsky. Reforce com os estudantes a importância de valorizar, respeitar e defender os direitos das comunidades tradicionais, garantindo o uso ético e justo da biodiversidade amazônica.

Na **atividade 1**, peça aos estudantes que expliquem como as plantas medicinais auxiliam nos cuidados com a saúde e bem-estar dos moradores da região e os impactos econômicos de sua exploração e comercialização.

Se houver condições, assistam ao vídeo **Amazônia: riqueza da natureza selvagem**. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=_MyLk4v-Oj0. Acesso em: 11 set. 2025.

As plantas medicinais

Por toda parte da Floresta Amazônica, existem muitas plantas que são utilizadas como remédios naturais. Os povos indígenas e outras comunidades tradicionais conhecem essas plantas há muito tempo e aprenderam com os mais velhos como utilizá-las com cuidado.

O óleo de copaíba é usado para tratar inflamações, o guaraná dá energia e ajuda na dor de cabeça. Já o breu-branco, uma resina tirada de uma árvore ajuda com dores e pode limpar feridas. Há ainda outras plantas como o jatobá, a unha-de-gato e o boldo amazônico, que servem para fazer chás e tratar diferentes problemas de saúde das pessoas.

Esses conhecimentos são muito importantes e fazem parte da sabedoria das pessoas que vivem em diferentes estados da Região Norte do nosso país. Cuidar das plantas medicinais e respeitar a natureza é uma forma de manter a saúde e também de proteger a biodiversidade da Amazônia.



Breu-branco, resina extraída pela cooperativa mista dos produtores extrativistas do Rio Iratapuru. Laranjal do Jari, Amapá, 2022.



Ervas medicinais da floresta amazônica. Manaus, Amazonas, 2024.

NÃO ESCREVA NO LIVRO.

Glossário

Ilegal: algo que não está de acordo com a lei, ou seja, é proibido. Quando uma pessoa faz algo ilegal, ela está desrespeitando regras importantes que servem para proteger as pessoas e a natureza.

Você sabia que tem gente que usa a natureza e o saber dos povos indígenas para ganhar dinheiro sem pedir permissão?

Foi isso que fez um pesquisador da Inglaterra chamado Conrad Gorinsky. Ele aprendeu com indígenas o uso do canhambi, que ajuda a pescar, e do tipir, usado como remédio. Depois, registrou essas plantas como se fossem descobertas dele. Isso é **ilegal** e é chamado de **biopirataria**: usar saberes de um povo sem permissão nem reconhecimento.

Em seu caderno, responda:

- 1** Qual é a importância das plantas medicinais para a população amazônica? Cite o nome de uma planta que você conhece. **1. Resposta pessoal.**
- 2** Você acha certo usar o conhecimento dos povos indígenas sobre plantas sem pedir permissão ou reconhecer quem ensinou? Por quê?
2. Espera-se que os estudantes demonstrem compreensão da importância do respeito e da justiça em relação aos conhecimentos tradicionais.

54

Atividade complementar

Peça que os estudantes pesquisem e tragam rótulos de produtos com ingredientes da Amazônia (como açaí, guaraná, copaíba ou andiroba). Promova uma discussão sobre seus usos, valor econômico e a necessidade de uma exploração responsável.

Temas Contemporâneos Transversais (TCT)

Economia

Proponha um debate sobre o futuro da exploração sustentável dessas plantas. Questione como conciliar economia e preservação, e como beneficiar as populações locais.

NÃO ESCREVA NO LIVRO.

Você já pensou no que acontece quando parte de uma floresta é derrubada? Em várias partes da Região Norte, áreas que antes eram cheias de árvores, rios e animais estão desaparecendo por causa do desmatamento.

O desmatamento acontece quando as árvores são cortadas ou queimadas. Muitas vezes isso é feito para construir grandes lavouras, criar gado, abrir garimpos ou tirar madeira para as fábricas.

Você já viu como o tempo muda quando chove menos? A retirada das árvores deixa o clima mais seco, os rios ficam com menos água e o solo se torna mais fraco para plantar. Além disso, muitos animais perdem seu lugar de viver e acabam desaparecendo. Na floresta, moram povos indígenas, ribeirinhos e extrativistas. Quando o desmatamento aumenta, essas pessoas também têm mais dificuldade para viver daquilo que a floresta oferece. Fica mais difícil encontrar frutos, ervas e pescar.

Na Região Norte, isso já acontece em lugares do Pará, do Amazonas, de Rondônia e do Acre. Em muitos desses lugares, a mata está sendo trocada por grandes plantações ou por garimpos que contaminam os rios.

Por isso, pensar sobre o desmatamento é importante para a gente entender como tudo está ligado: a floresta, o clima, os animais e o nosso jeito de viver.

Fonte: Adaptado de MAPBIOMAS. **Mapa com alertas de desmatamento no Brasil em 2022.** Disponível em: <https://ciclovivo.com.br/planeta/meio-ambiente/desmatamento-nos-biomas-do-brasil-cresceu-223-em-2022/>. Acesso em: 23 jul. 2025.



No caderno, responda: **1. Espera-se que os estudantes observem o mapa e identifiquem os estados com maior intensidade de desmatamento, representados pelas áreas mais vermelhas, como o Pará e o Acre.**

1. Quais estados apresentam os maiores focos de desmatamento?
2. Escreva ou desenhe uma ideia de como você pode ajudar a proteger a floresta. **2. Produção pessoal.**

55

BNCC

(EF03GE11)
(EF04GE05)
(EF04HI05)

Orientações Didáticas

Com base no mapa da seção **Cartografando**, explique à turma que, em várias partes da Região Norte, áreas antes cheias de árvores, rios e animais estão desaparecendo devido à retirada da vegetação pela ação humana.

Enfatize que isso ocorre para abrir espaço para atividades econômicas, muitas vezes ilegais, como garimpos, madeiras e agropecuária. Alerta para as consequências dessa ocupação desenfreada, como clima seco, rios com menos água, solo prejudicado, perda da biodiversidade e ameaça aos povos tradicionais.

Um ótimo recurso para estar sempre atualizado sobre os dados do desmatamento é o *site* do INPE, **TerraBrasilis** disponível em https://terrabrasilis.dpi.inpe.br/app/dashboard/deforestation/biomes/legal_amazon/rates, acesso em 11 set. 2025.

Ajude os estudantes a entender que a floresta, os animais, o clima e o modo de vida das pessoas estão interligados, e que a destruição de um desses elementos impacta todos.

Na **atividade 1**, peça para que os estudantes identifiquem os estados com os maiores índices de desmatamento: Pará, Acre e Rondônia. Na **atividade 2**, estimule os estudantes a refletir e pesquisar sobre ações viáveis para impedir o desmatamento.

Se houver a possibilidade, conte sobre o desenho animado *Capitão Planeta* e estimule os estudantes a criarem um super-herói protetor da Amazônia.

Diversificando

Caso a escola tenha recursos como sala de vídeo ou projetor, acesse com os estudantes o *site* do **MapBiomas Alerta** (disponível em: <https://plataforma.alerta.mapbiomas.org/>, acesso em: 11 set. 2025) e explorem juntos as regiões próximas para identificar áreas de desmatamento e discutam as consequências ambientais e sociais desse problema na floresta.

Interdisciplinaridade com Matemática

Solicite que os estudantes pesquisem e comparem os dados de desmatamento entre as diferentes regiões do Brasil, tanto numéricos quanto visuais, enfatizando as diferentes causas e impactos, tanto regionais quanto em nível nacional e global.

Orientações Didáticas

Leia o texto sobre o Curupira e convide os estudantes a refletir sobre o significado dos contos e mitos na cultura popular. Explique que essas histórias, passadas de geração em geração, fazem parte do imaginário coletivo e revelam valores, temores, conhecimentos e formas de convivência com a natureza. Pergunte aos estudantes se conhecem outras lendas da região ou do Brasil e incentive-os a compartilhar o que sabem.

Reforce que os mitos não são apenas “fantasias”, mas formas de ensinar, proteger e valorizar a cultura e o meio ambiente.

Faça uma leitura coletiva do boxe **Culturas da Nossa Região** explicando aos estudantes que essas festas não apenas entretêm, mas também têm um profundo significado cultural. Mostre que essas narrativas fazem parte da sabedoria popular e ajudam a manter viva a identidade dos povos amazônicos.

Na **atividade 1**, peça aos estudantes que relatem se já participaram de alguma celebração diretamente associada a natureza e peça-lhes que descrevam como foi. Caso não tenham participado, incentive-os a imaginar como seria.

Há sugestões interessantes de literatura infantil sobre o tema, como **Tapajós** de Fernando Vilela (Brinque-Book, 2014) e **Tykuã e a origem da anunciação** de Elias Yaguakãg (Rovelle, 2014).

Há a possibilidade, se houver recursos, de buscar em plataformas de vídeos por contos e lendas da Amazônia para crianças.

Contos da floresta: as culturas da natureza

Você já ouviu falar do Curupira? Ele é um personagem muito conhecido no folclore do Brasil, especialmente na Região Norte. O Curupira é um menino de cabelos vermelhos e pés virados para trás, que vive nas matas e protege as árvores e os animais.

Diz a lenda que ele aparece quando alguém quer destruir a floresta. Seus pés ao contrário confundem os caçadores, que se perdem na mata ao seguir as pegadas. Ele também solta assobios fortes que assustam quem desrespeita a natureza. Desde muito tempo, os povos indígenas contam essas histórias. Eles acreditam que o Curupira cuida da floresta para que ela continue viva para todos. Essa lenda é um exemplo de patrimônio imaterial, pois faz parte da memória e da cultura dos povos da Amazônia e de todo o Brasil.



KARINA TSUZUKI

CULTURAS DA NOSSA REGIÃO**NÃO ESCREVA NO LIVRO.****Um festejo da floresta em Alter do Chão: Festa do Sairé**

Na região de Alter do Chão, no estado do Pará, acontece todos os anos a Festa do Sairé, uma das celebrações mais importantes da região amazônica. Ela mistura costumes dos povos indígenas com músicas, danças e rituais que celebram a natureza e os rios.

Tudo começa com o hasteamento de mastros enfeitados com frutas da região, seguido por danças, cantos e comidas típicas. Um dos momentos mais esperados é o Ritual dos Botos, em que dois grupos representam os botos da Amazônia: o Boto Tucuxi e o Boto Cor-de-Rosa. Eles encenam uma história cheia de magia, natureza e respeito pelas águas do Lago Verde.



TARCÍSIO SCHNAIDER/PULSAR IMAGENS

Apresentação do grupo folclórico Boto Tucuxi na Festa do Sairé realizada em Alter do Chão, Santarém, Pará, 2025.

- 1 Como você acha que seria participar de uma festa que celebra a natureza? Já vivenciou uma experiência assim?

56

Espera-se que os estudantes descrevam como imaginam uma festa que celebra a natureza: com danças, músicas, comidas típicas, enfeites naturais e alegria. A resposta também pode incluir sentimentos como felicidade, aprendizado ou encantamento com a cultura local.

Interdisciplinaridade com Arte

Oriente os estudantes a escrever seu próprio conto da floresta, utilizando elementos que eles consideram importantes na cultura amazônica, como os animais, a floresta e os fenômenos naturais.

Diversificando

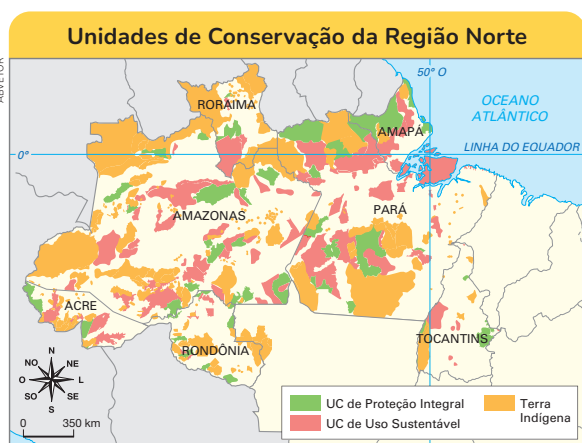
Incentive os estudantes a explorarem episódios da série **Lendas Animadas**, e o livro **Turma da Mônica - Folclore para crianças**, de forma lúdica e visual. Oriente que eles conversem com seus familiares sobre contos e lendas locais para descobrir se conhecem alguma lenda ou conto da região onde vivem. Caso conheçam, anote a história para contar para a turma na próxima aula.



Você já ouviu falar em **Unidades de Conservação**? Esse é o nome que damos aos lugares protegidos pelo governo para cuidar da natureza. Essas áreas podem ser florestas, rios, matas ou partes da Amazônia que precisam ser preservadas para que os animais, as plantas e os povos que vivem nela continuem existindo.

Esses espaços são divididos em dois tipos, sendo eles: áreas de “**Proteção Integral**”: lugares onde quase ninguém pode morar ou usar os recursos naturais. São protegidos para que a natureza fique bem conservada; e áreas de “**Uso Sustentável**”: locais onde as pessoas podem morar e viver dos recursos naturais, mas sem agredir o meio ambiente. É o caso dos povos ribeirinhos, indígenas e extrativistas que sabem como cuidar da natureza com respeito.

Na Região Norte, existem muitas áreas assim. A Floresta Nacional do Tapajós, no Pará é uma delas. Lá, as comunidades extrativistas vivem da pesca, do cultivo de roças e da coleta de sementes e frutos da mata. E por fim, no Amapá, há também a Estação Ecológica de Maracá-Jipioca, criada para proteger os animais e as árvores de uma parte especial da floresta.



Terra Indígena Munduruku-Taquara em processo de demarcação – Floresta Nacional do Tapajós. Belterra, Pará, 2023.

Fonte: Adaptado de Andressa Mendes Argenta. Referências de Bases digitais ICMBio, Funai, IBGE.

NÃO ESCREVA NO LIVRO.



1 Junto com seus colegas, escolham uma Unidade de Conservação e pesquisem:

- Em qual estado ela fica?
- Ela é de Proteção Integral ou de Uso Sustentável? Alguém mora ou trabalha lá?
- Quais plantas e animais vivem nesse lugar?

Com as informações que descobriram, montem um cartaz para apresentar à turma!
Resposta pessoal.

57

manter o clima equilibrado e conserva a biodiversidade. Debata sobre o papel das comunidades locais na preservação dos recursos naturais.

Na **atividade 1**, oriente os estudantes nas escolhas e pelas etapas de pesquisa: sugira **sites** de órgãos oficiais como ICMBio, Ministério do Meio Ambiente, IBGE, já referenciados nesse material e também perguntando para adultos do convívio. Instigue a buscarem curiosidades como quando foi criada e a explicação do nome. Incentive que os estudantes produzam um cartaz com imagens (como recortes e desenhos), legendas e cores chamativas.

OED

Peça aos estudantes que explorem o **infográfico** “Os lugares de proteção da Amazônia”, identificando terras indígenas, unidades de uso sustentável e de proteção integral. Oriente-os a organizar essas informações em uma tabela ou mapa, relacionando cada tipo de área aos grupos sociais responsáveis por sua conservação. Depois, promova uma reflexão sobre como essas áreas protegidas contribuem para o clima, a biodiversidade e os modos de vida, sendo vitais para o futuro da Amazônia e do planeta.

BNCC

(EF03GE02) (EF05GE02)
(EF04GE01) (EF04HI05)

Orientações Didáticas

Apresente aos estudantes o conceito de Unidades de Conservação lendo o texto da seção **Saiba Mais**. Explique que essas áreas são protegidas pelo governo para preservar a natureza, os animais, as plantas e os modos de vida dos povos da floresta. Diferencie com clareza os

dois tipos: Proteção Integral, com uso restrito da terra, e Uso Sustentável, onde comunidades tradicionais vivem em equilíbrio com a floresta.

Se possível, projete ou mostre o mapa das Unidades de Conservação da Região Norte (site do ICMBio ou do MMA) e localize com os estudantes exemplos citados no texto.

Peça que observem a distribuição dessas áreas e reflitam sobre sua importância na proteção da Amazônia e no combate ao desmatamento. Estimule-os a pensar como essas áreas ajudam a

BNCC

(EF03GE04)
(EF04GE11)
(EF03HI02)

Orientações Didáticas

A seção **Mergulhando na História** apresenta o Parque Nacional do Jaú como exemplo de Unidade de Conservação da natureza, abordando sua criação, extensão e diversidade de fauna e flora. Debata com os estudantes sobre a necessidade de criação de áreas como essa e reflitam sobre outras que precisariam ser criadas.

Para iniciar a seção, proponha uma leitura coletiva do texto, destacando os principais objetivos dos parques nacionais: proteger os ambientes naturais, garantir a sobrevivência de espécies ameaçadas, conservar os recursos naturais e promover pesquisas e educação ambiental.

Inicie a conversa perguntando aos estudantes se conhecem algum parque nacional ou área protegida próxima, incentivando o compartilhamento de experiências. Reforce que esses espaços não são apenas locais de beleza, mas cumprem funções essenciais para o equilíbrio ecológico e o bem-estar das comunidades, como ilustrado na convivência das famílias ribeirinhas com a floresta.

Comente o verbete “Corredores ecológicos” presente no box **Glossário** da página, explicando que esses corredores permitem que os animais se movimentem com segurança entre áreas protegidas. Isso é essencial para manter a biodiversidade e o equilíbrio dos ecossistemas, e está diretamente ligado à função dos parques nacionais.

MERGULHANDO NA HISTÓRIA

A criação do Parque Nacional do Jaú

Você sabia que o Brasil tem uma das maiores áreas de preservação ambiental do mundo? Estamos falando da Unidade de Conservação Parque Nacional do Jaú, que fica no estado do Amazonas. Criado em 1980, esse parque nasceu da vontade de proteger a natureza, os rios e os animais da floresta.

O parque ocupa uma área gigantesca. São mais de 2 milhões de hectares, ou seja, um território muito maior do que várias cidades juntas. Lá existem muitos rios, igarapés, colinas, cachoeiras e matas densas. É como se fosse um verdadeiro berço de espécies, pois abriga animais que só existem neste espaço.

Entre os animais que vivem no Parque Nacional do Jaú estão o peixe-boi-da-Amazônia, o boto-cor-de-rosa, a onça-pintada, o gavião-real, o jacaré-açú, a ariranha e muitos outros. Os rios da região são conhecidos pelas águas escuras, que são ricas em nutrientes da floresta, e abrigam mais de 260 espécies de peixes, incluindo os famosos peixes elétricos.



Grupo de ariranhas no Parque Nacional do Jaú. Novo Airão, Amazonas, 2022.



Moradores participam do evento de soltura de filhotes de quelônios do manejo e proteção de praias no Parque Nacional do Jaú. Novo Airão, Amazonas, 2022.

As plantas também têm uma grande variedade. Lá encontramos o açaizeiro, a castanheira-do-pará, o angelim, a acupira, o jarana e muitas outras. Além disso, algumas famílias ribeirinhas vivem dentro do parque, cuidando da floresta, pescando, plantando mandioca e colhendo frutas e cipós, como seus avós já faziam.

Esse parque faz parte de um projeto chamado **Corredores ecológicos**, que une diferentes áreas protegidas para que os animais possam circular e viver em segurança. É como se fosse uma ponte verde entre as florestas, permitindo que os bichos encontrem comida, abrigo e outros da sua espécie.

Glossário

Corredores ecológicos:

grandes áreas de floresta que ligam diferentes partes da natureza, como parques e reservas. São importantes para os animais se movimentarem de um lugar para outro em segurança.



1

Para que servem parques como o Parque Nacional do Jaú?

Espera-se que os estudantes reconheçam que esses parques são criados para proteger a natureza.

NÃO ESCREVA NO LIVRO.

58


Para aprofundar o tema, destaque o papel dos parques como o do Jaú na proteção de espécies como o peixe-boi, o boto-cor-de-rosa e a onça-pintada, além de vegetações nativas, como o açaizeiro e a castanheira-do-pará. É interessante pesquisar mais informações, e se houver recursos na escola mostrar aos alunos, no site da **Unesco**. Disponível em: <https://whc.unesco.org/list/998/>. Acesso em: 11 set. 2025.

Na **atividade 1**, estimule os estudantes a dialogarem entre si e com adultos do convívio deles, na expectativa que compreendam a importância da proteção da biodiversidade, manutenção do equilíbrio dos ecossistemas e preservação de espécies. Considere debater a importância cultural, a conservação para a pesquisa científica e até mesmo diplomática, citando o reconhecimento pela Unesco.

ORGANIZE AS IDEIAS

NÃO ESCREVA
NO LIVRO.



Ao longo deste capítulo, aprendemos por que a Floresta Amazônica é tão importante para a nossa região e para todo o Brasil. Vimos também que nós, povos da Região Norte, somos, e devemos continuar sendo, os guardiões dessa floresta incrível. Agora é hora de colocar em prática o que aprendemos!

-  Observe a imagem a seguir. Depois, responda no caderno às questões 1 e 2.



MARCOS AMENDIPULSAR IMAGENS

Pescadores recolhendo rede no encontro das águas do Lago Tefé com Rio Solimões. Tefé, Amazonas, 2022.

- 1 O que essa fotografia nos mostra sobre a relação entre as pessoas e os rios da Amazônia?
- 2 Por que é tão importante proteger os rios da Região Norte?
-  3 Escolha um animal da Floresta Amazônica que foi citado no capítulo (como o boto-cor-de-rosa, a onça-pintada ou o peixe-boi). Com a ajuda da sua família, pesquise mais sobre ele: onde vive, o que come, como cuida dos filhotes e por que precisa de proteção. Depois, faça um desenho mostrando o que descobriu.
- 4 Pesquise a existência de alguma área protegida no seu estado ou perto da sua cidade. O que ela protege? Quem vive lá? Traga para a sala de aula uma foto, um recorte de jornal, um desenho ou um relato com as informações que encontrar.
-  5 Converse em casa sobre alguma planta medicinal que sua família já usou. Registre o nome da planta, para que serve e quem ensinou a usar.
- 6 Peça a alguém da sua família para contar uma história, lenda ou ensinamento sobre a natureza. Registre o que aprendeu.

59

BNCC

(EF03GE03)
(EF05GE02)
(EF03HI03)
(EF04HI05)

Orientações Didáticas

A seção **Organize as Ideias** retoma os principais conteúdos do capítulo, incentivando os estudantes a mobilizar conhecimentos, experiências e percepções sobre a Floresta Amazônica. As atividades articulam diferentes componentes curriculares e promovem reflexão crítica, valorização cultural e consciência ambiental.

Avaliação

Utilize as atividades dessa seção para uma avaliação formativa, observando a capacidade dos estudantes de mobilizar saberes aprendidos, interpretar a realidade local e se expressar por múltiplas linguagens.

Na **atividade 1**, estimule que os estudantes observem a fotografia com atenção, percebam a atividade e as ferramentas e registrem como os rios são importantes para o dia a dia das comunidades amazônicas. Na sequência, na **atividade 2**, peça para que expliquem por que é fundamental proteger esses rios e reflitam sobre as consequências de degradação ambiental.

Na **atividade 3**, oriente sobre a atividade e incentive que os estudantes escolham algum animal com o qual eles tenham algum tipo de experiência ou vivência. Peça que façam um desenho chamativo e usem a criatividade para criarem um cenário ambiente ou alertarem para riscos àquela espécie.

Para a **atividade 4**, indique aos estudantes conversar com adultos do convívio deles, entrar em contato com a prefeitura e se houver possibilidade, buscar em sites como ICMBio, Ibama e IBGE. Solicite que os estudantes apresentem suas pesquisas e se possível, façam uma apresentação dos resultados para toda a escola.

Para as **atividades 5 e 6**, oriente os estudantes a montarem uma entrevista, formularem perguntas previamente à interação familiar. Se possível, sugira que eles gravem em vídeo ou áudio, e possivelmente, até apresentem para toda a turma

Objetivos gerais do capítulo

- Compreender a importância da Floresta Amazônica e o papel dos recursos naturais para as populações que dependem diretamente da floresta, como as comunidades ribeirinhas e indígenas.
- Refletir sobre as práticas sustentáveis utilizadas por essas comunidades para garantir a preservação dos recursos naturais, como a borracha, e as implicações dessas práticas para o meio ambiente e para as futuras gerações.
- Analisar os impactos das atividades humanas na Amazônia, incluindo o desmatamento e a exploração econômica da floresta, e os desafios enfrentados pelas comunidades locais.

BNCC

(EF03GE04)
(EF03GE05)
(EF03GE09)
(EF03GE10)
(EF04GE01)

Orientações didáticas

A seção **Primeiros Olhares** pretende despertar a reflexão dos estudantes sobre a relação entre as comunidades locais e os recursos naturais da Floresta Amazônica. Com base nas imagens, aborde o uso sustentável do látex extraído da seringueira e sua transformação em objetos úteis, como calçados, colares e luvas. Reflita sobre como os recursos naturais contribuem para o modo de vida das pessoas e como é fundamental usá-los de maneira responsável para garantir o equilíbrio ambiental.

Para começar, pergunte o que os estudantes veem nas imagens e quais objetos podem ser feitos a partir do látex. Na **atividade 1**, peça para identificarem o que os objetos das imagens têm em comum.



OURO VERDE DO NORTE

PRIMEIROS OLHARES



NÃO ESCREVA NO LIVRO.



RICARDO AZOURY/PULSAR IMAGENS

Extração da seiva da seringueira na Reserva Extrativista Chico Mendes, Xapuri, Acre, 2022.



CADU DE CASTROPULSAR IMAGENS

Índigena da etnia Taurepang usando luvas de borracha para plantar mudas de açaí na Terra Indígena Araçá, Amajari, Roraima, 2021.

1. Resposta pessoal.

Observando as imagens

- 1 O que o calçado, os colares artesanais e a luva na mão do indígena têm em comum?
- 2 Qual a relação entre a atividade da primeira imagem e os objetos que aparecem nas outras fotos? 2. Resposta pessoal.
- 3 Qual a importância de cuidar da floresta e transformar seus recursos em objetos úteis para o nosso dia a dia? 3. Espera-se que os estudantes compreendam que proteger a floresta garante trabalho, sustento e equilíbrio ambiental.



TARCÍSIO SCHMIDT/PULSAR IMAGENS



RUBENS CHAVES/PULSAR IMAGENS

Calçado e artesanato confeccionados com borracha vegetal em loja da comunidade de Jamaraguá na Floresta Nacional do Tapajós, Belterra, Pará, 2024.

60

Na **atividade 2**, solicite que estabeleçam a relação entre a atividade da primeira imagem e os objetos que aparecem nas outras fotos. Encoraje-os a identificar também outros objetos do cotidiano que poderiam ser inseridos nessa relação.

Na **atividade 3**, conversem sobre a importância de cuidar da floresta e transformar seus recursos em objetos úteis para o nosso dia a dia e como a utilização responsável dos recursos naturais pode contribuir para a manutenção do equilíbrio ambiental. Relacione a proteção da Floresta

Amazônica e a garantia de sustento das populações locais com o equilíbrio ecológico global.

Promova um diálogo sobre produtos sustentáveis e demanda por produtos ecológicos e certificados. Mostre como, hoje, tais características são utilizadas até na diplomacia das relações comerciais entre países. Apresente, de maneira didática, as práticas de *greenwashing* e, se quiser aprofundar, há o projeto Moda Livre, disponível em <https://modalivre.org.br/>, acesso em 18 set. 2025.

O nosso ouro verde

Você sabia que um dos produtos mais importantes da nossa região já recebeu o apelido de **ouro verde**?

Estamos falando da borracha, obtida a partir do látex, uma substância retirada da árvore seringueira. Lembra dela? Já falamos um pouco sobre isso!



NÃO ESCREVA NO LIVRO.

Detalhe de extração de látex no seringal Vitória Nova, Tarauacá, Acre, 2017.

Os povos indígenas da Região Norte conhecem a seringueira há muito tempo e usam seu látex de várias maneiras: fabricam objetos, **impermeabilizam** roupas e até fazem utensílios, pois o material é elástico e resistente. Foram os povos originários que descobriram como usar a borracha e depois compartilharam esse conhecimento com outras pessoas.

Com o tempo, a borracha passou a ser usada no mundo todo na fabricação de diversos produtos, como pneus, solas de sapato e brinquedos. Por essa razão, a **Floresta Amazônica** ganhou ainda mais valor, já que era dela que saía esse “ouro” que não brilhava — mas que valia muito!

Assim, a seringueira ganhou o apelido de ouro verde: uma árvore da floresta tão valiosa quanto o metal extraído das minas.

Já pensou em uma árvore valer tanto quanto o ouro? Pois é! Isso mostra a importância de cuidarmos bem da Floresta Amazônica.



1 Observe os objetos ao seu redor. Quais deles você acha que são feitos de borracha?

- Faça uma lista em seu caderno e escreva para o que cada um deles pode ser utilizado.

Resposta pessoal. Espera-se que os estudantes identifiquem objetos, como bolas, pneus, borracha escolar, chinelo, elásticos, mangueira etc. Os usos podem incluir brincar, apagar lápis, andar, molhar plantas, entre outras atividades.

61

BNCC

(EF03GE04) (EF03GE09)

(EF03GE05) (EF04GE01)

Orientações didáticas

Inicie a aula explorando o conceito de “ouro verde”, enfatizando a importância histórica e econômica da borracha extraída da seringueira. Foque na utilização dessa substância, descoberta pelos povos indígenas, e sua disseminação no mundo, especialmente durante o Ciclo da Borracha. Reflita

sobre como os recursos naturais geram produtos de grande valor econômico, como pneus e calçados, e analise a relação desse uso com o meio ambiente. Explique o que significa “ouro verde” e por que esse termo foi utilizado para descrever a borracha da seringueira. Se necessário, relacione a importância da borracha nesse cenário com o petróleo na atualidade, chamado de “ouro negro”.

Explique que, assim como o ouro extraído das minas, a borracha foi extremamente valiosa durante o Ciclo da Borracha, que começou no final do século XIX. Para ajudar na compreensão, apresente

a imagem da extração do látex e estimule uma discussão sobre as transformações no ambiente, na economia local e na vida das pessoas envolvidas geradas pela extração do látex.

A seguir, utilize o box **Glossário** para explicar termos-chave como “impermeabilizar”. Os estudantes devem entender como o látex é utilizado para impermeabilizar produtos, como roupas e utensílios, além de ser transformado em objetos, como pneus e calçados.

Na **atividade 1**, peça aos estudantes que observem os objetos ao seu redor e listem aqueles que são feitos de borracha. Eles podem mencionar pneus, bolas, chinelos, entre outros. Em seguida, discuta como a borracha extraída da seringueira é transformada em produtos que fazem parte do cotidiano.

BNCC

(EF03GE04)
(EF03GE05)
(EF03GE09)
(EF04GE01)

Orientações didáticas

Inicie a aula contextualizando o Ciclo da Borracha e sua importância histórica para a região Norte do Brasil, explicando como o látex extraído da seringueira transformou a economia local e impulsionou o crescimento urbano. Mostre como a demanda mundial por borracha, especialmente com o aumento da produção de carros, foi essencial para esse processo, destacando seu papel fundamental na fabricação de pneus.

Incentive os estudantes a refletir sobre o impacto dessa exploração (urbano, econômico e social). Encoraje-os a analisar não só os benefícios econômicos, mas também os desafios sociais e ambientais que surgem a partir dessa prática.

Cite como a exploração dessa matéria-prima trouxe grandes mudanças para a região, incluindo o crescimento das cidades, o aumento da imigração e a transformação das paisagens naturais devido à expansão das atividades extrativistas.

Utilize as fotografias para ilustrar a urbanização e discuta com os estudantes sobre as transformações que Manaus passou, com a construção de teatros, mercados, palácios e a instalação de luz elétrica, características que tornaram a cidade conhecida como “Paris dos Trópicos”. Evidencie que essa ideia de modernização não se limitava a Manaus, sendo amplamente perseguida por outras cidades da região, assim como pelo Rio de Janeiro, na mesma época.

Primeiro Ciclo da Borracha

NÃO ESCREVA
NO LIVRO.

Você sabia que, há mais de 100 anos, a borracha era um dos produtos mais procurados do mundo?

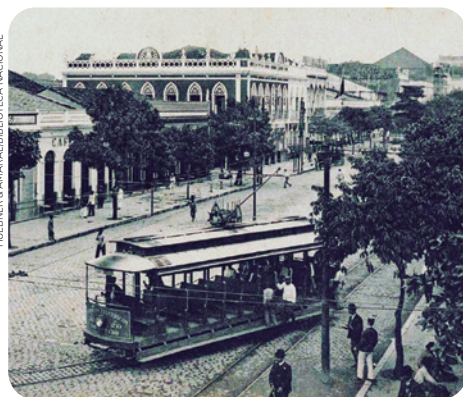
Tudo começou por volta do ano de 1879. Nessa época, muitos países da Europa começaram a usar a borracha para fabricar objetos úteis no dia a dia, como pneus de carros, rodas de bicicleta, mangueiras e outras peças de máquinas.

Esse período ficou conhecido como o **Primeiro Ciclo da Borracha**, que foi de 1879 a 1912. A borracha da Amazônia passou a ser muito valorizada, e muitas pessoas vieram morar na Região Norte para trabalhar com a extração do látex, o “leite” da seringueira.

Naquela época, o Brasil era governado por um imperador chamado Dom Pedro II. Como ele queria que o país ficasse mais rico, incentivou a retirada do látex da floresta.

Mais tarde, quando o Brasil se tornou uma república, governada por um presidente, esse incentivo continuou. A borracha era levada para alguns países, como a Inglaterra, a França e os Estados Unidos, para ser usada na fabricação de pneus, sapatos e muitas outras coisas.


Com isso, a Floresta Amazônica começou a mudar. A chegada de diversas pessoas fez com que algumas cidades, como Manaus e Belém, crescessem bastante. Nelas, foram construídos teatros, mercados e palácios. As ruas foram iluminadas com luz elétrica, o que era muito raro naquela época no Brasil.



Avenida Eduardo Ribeiro, Manaus, Amazonas, 1909.



Relógio municipal na Avenida Eduardo Ribeiro, Manaus, Amazonas, 2021.

-  **1** O que você percebe de diferente entre a avenida na foto antiga e a mesma avenida na foto atual? **1. Resposta pessoal.**
- 2** Apesar das mudanças, o que ainda continua parecido entre as duas imagens? O que não mudou muito? **2. A resposta pode mostrar que a cidade mudou, mas também preserva parte da sua história.**

62

Na **atividade 1**, solicite que observem as fotos antiga e atual da avenida em Manaus e reflitam sobre as mudanças ocorridas. Algumas respostas podem identificar a presença de bonde e paralelepípedo na avenida antiga e a presença de ônibus e motos na imagem atual.

Para a **atividade 2**, peça que observem as fotos e relatem o que permanece igual entre elas. Incentive-os a identificar elementos constantes, como cenários, objetos ou pessoas. As

respostas podem abordar os prédios com fachadas antigas, a presença de árvores e o nome da avenida.

Se possível, acesse mapas com visão das ruas e faça um passeio pelo centro histórico de Manaus. Há uma interessante reportagem da série Documentos da Amazônia sobre o período. Selecione trechos para apresentar aos estudantes, disponível em https://www.youtube.com/watch?v=WdnQ0cLEE_I, acesso em 19 set. 2025.

Durante o Ciclo da Borracha, cidades da Região Norte passaram por grandes transformações. Manaus, por exemplo, passou a ter construções muito diferentes das que existiam antes, como teatros, ruas iluminadas e bondes elétricos para levar as pessoas de um lado a outro. Essas mudanças tinham uma forte inspiração em países que importavam nossa borracha, como a França. Por conta disso, começaram a chamá-la de “Paris dos Trópicos”.

Belém também viveu esse período de transformações, visto que nessa cidade foram construídos praças, portos e casas grandes com muitos detalhes.

Já Porto Velho, fundada em 1914, cresceu com a construção da **Estrada de Ferro Madeira-Mamoré**, que ajudava a transportar a borracha até os portos, de onde ela seguia para outros países.

Autoridades em visita ao trecho concluído da Ferrovia Madeira-Mamoré, em 1910.



JOSE ROSAEL/HELIONBRE/MUSEU PAULISTA DA USP

A questão do Acre

Você sabia que o Acre nem sempre fez parte do Brasil?

No tempo do Ciclo da Borracha, essa região ainda pertencia à Bolívia, mas muitos brasileiros — seringueiros em busca de trabalho — mudaram-se para lá e começaram a extrair látex da floresta.

A situação ficou tão complicada que os governos do Brasil e da Bolívia precisaram negociar. Em 1903, assinaram o **Tratado de Petrópolis**, um acordo em que o Brasil ficou com o Acre e, em troca, construiu uma ferrovia para ajudar a Bolívia a escoar seus produtos até o oceano.

Assim nasceu a Estrada de Ferro Madeira-Mamoré, que ligava Porto Velho a Guajará-Mirim (em Rondônia). A construção foi extremamente difícil: a floresta era fechada, o calor intenso, animais selvagens dificultavam o trabalho e muitos operários adoeceram ou morreram.

Apesar dos desafios, a ferrovia foi concluída e se tornou um símbolo da coragem e resistência dos trabalhadores. O Ciclo da Borracha transformou não só a floresta, mas também a história da Região Norte: muitas cidades surgiram e cresceram graças a esse período.

63

BNCC

(EF03GE04) (EF04GE04) (EF04GE06)
(EF04GE02) (EF04GE05)

Orientações didáticas

Retome como o Ciclo da Borracha impactou a Floresta Amazônica. Além de Manaus, cite outras cidades ao longo dos rios. Explique como a urbanização e a expansão das fronteiras

econômicas alteraram as dinâmicas sociais, políticas e ambientais da região Norte.

Mostre como o Ciclo da Borracha transformou Belém e Porto Velho em centros estratégicos de escoamento da borracha. Explique o crescimento explosivo dessas cidades, destacando Belém como um ponto-chave para exportação e Porto Velho como marco da Estrada de Ferro Madeira-Mamoré. Enfatize a importância da ferrovia para conectar o interior da Amazônia

ao Brasil e ao mercado internacional.

Use a fotografia do trecho da ferrovia em 1910 e questione: “O que veem na foto?”, “Quais são suas impressões e ideias?”. Oriente sobre a paisagem, as pessoas e as vestimentas. Aprofunde a análise dos impactos ambientais provocados pelo empreendimento, incentivando os estudantes a refletirem sobre o delicado equilíbrio entre desenvolvimento e preservação da natureza. Relacione a discussão ao contexto histórico e ao presente, destacando como esse desafio permanece atual e exige escolhas conscientes da sociedade.

Introduza sobre a questão do Acre, explicando como o conflito pela posse das terras ricas em seringueiras resultou na migração de seringueiros para o Acre e, posteriormente, na assinatura do Tratado de Petrópolis, que garantiu ao Brasil a posse do Acre em troca da construção da ferrovia e outros compromissos com a Bolívia. Narre brevemente a trajetória e o legado do Barão do Rio Branco.

Diversificando

Se possível, assistam ao episódio da série **Brasil Visto de Cima: Manaus – A Paris dos Trópicos**, para explorar a cidade de Manaus e compreender como suas construções centrais estão diretamente ligadas ao ciclo da borracha, observando a arquitetura e imaginando o impacto social e econômico dessa época sobre a cidade e seus habitantes.

BNCC

(EF04GE05)
(EF04GE09)
(EF05GE01)
(EF05GE09)

Orientações didáticas

Na seção **Cartografando**, os estudantes entenderão como a cartografia e o desenvolvimento de infraestruturas foram essenciais para a expansão do Ciclo da Borracha, com foco especial nas tentativas de Henry Ford de estabelecer cidades na Amazônia, como Fordlândia e Belterra.

Com base no texto, lembre que, nos anos 1920, Henry Ford tentou criar uma cidade na Amazônia chamada Fordlândia, a fim de garantir o abastecimento de borracha para sua indústria automobilística. Destaque como planejou a cidade com infraestrutura moderna, como casas ao estilo americano, hospital e campo de golfe.

Explique que o projeto falhou devido a dificuldades com a adaptação ao clima e ao solo amazônicos, além de problemas com a saúde dos trabalhadores e a resistência às regras rígidas impostas pela empresa. Depois, explique também como Ford tentou novamente com a criação de Belterra, em 1934, uma cidade próxima a Fordlândia, que também buscava a produção de borracha, mas que enfrentou as mesmas dificuldades.

CARTOGRAFANDO

Belterra e Fordlândia


NÃO ESCREVA
NO LIVRO.

Em 1927, algo curioso aconteceu na Amazônia: Henry Ford, o famoso dono da fábrica de carros, decidiu construir uma cidade no meio da floresta, chamada Fordlândia. Ela tinha casas no estilo americano, hospital e até campo de golfe. O objetivo era plantar seringueiras para produzir borracha, usada na fabricação de pneus e peças dos carros. Assim, Ford queria deixar de depender da borracha de outros países.

Após o fracasso de Fordlândia, Ford criou Belterra em 1934, com casas e móveis importados dos Estados Unidos. Brasileiros e estadunidenses viviam ali: os primeiros, como trabalhadores; os segundos, como engenheiros e gerentes. Mas, novamente, o projeto não deu certo.

As condições naturais da Floresta Amazônica foram desafiadoras: pragas atacaram as seringueiras, o solo não era ideal e os trabalhadores brasileiros não se adaptaram às regras rígidas da empresa, como horários fixos e alimentação estrangeira. Ford nunca visitou a Amazônia, e os problemas impediram que suas cidades funcionassem como o esperado.

Hoje, Belterra e Fordlândia ainda existem, com ruínas, memórias e histórias que mostram a força da floresta e das pessoas da região.

-  **1** Em qual estado do Brasil ficam Fordlândia e Belterra? E por que Henry Ford escolheu essa região para construir as cidades?
1. Resposta pessoal.
- 2** Qual a importância do Rio Tapajós no surgimento de Fordlândia e de Belterra?
2. Espera-se que os estudantes considerem que o Rio Tapajós era muito importante porque servia como rota de transporte. Era por ele que as pessoas, as máquinas e os materiais chegavam até as cidades.



Fonte: ALMEIDA, Fabiano. No meio da Amazônia, Fordlândia vive era de desmanche e furto à espera de tombamento. UOL Notícias, 03 abr. 2012. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2012/04/03/no-meio-da-amazonia-fordlandia-vive-era-de-desmanche-e-furto-a-espera-tombamento.htm>. Acesso em: 27 jun. 2025.



Caixa-d'água da fábrica em Fordlândia. Aveiro, Pará, 2021.



Vila americana construída pela Ford para abrigar os funcionários de cargos mais altos. Belterra, Pará, 2017.

Use o mapa da região Norte para mostrar a localização de Fordlândia e Belterra, ambas no estado do Pará, e destaque a proximidade com o Rio Tapajós. Na **atividade 1**, incentive-os a localizar Fordlândia e Belterra e explicar o porquê dessa localidade para tais empreendimentos.

Para a **atividade 2**, relacionem a existência do Rio Tapajós com o surgimento dessas cidades, demonstrando seu papel na produção e escoamento dos produtos. Se possível, apre-

sente imagens disponíveis no site <https://www.fordlandia.com.br/fotosdefordlandia>, acesso em 19 set. 2025 e seleccione trechos do vídeo *Fracasso dos Estados Unidos na Amazônia Brasileira?*, disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=u970OadZ1KY>, acesso em 19 set. 2025.

Destaque empreendimentos semelhantes, de comunidades fundadas ou transformadas para atender a setores específicos, como ocorre no Vale do Silício atualmente.

A vida nos seringais

Para extrair o látex da floresta, muitos trabalhadores foram morar em áreas chamadas **colocações**. Lá, cada pessoa ficava responsável por uma parte do seringal. Todos os dias, caminhavam por horas no meio da mata, cortando seringueiras com uma faca especial chamada de “cabrita”, recolhendo o látex e carregando baldes pesados até suas casas simples feitas de madeira.

Nos primeiros anos do Ciclo da Borracha, também foi utilizada mão de obra escravizada, principalmente em áreas próximas aos rios e às cidades. Mesmo após a abolição da escravidão em 1888, diversos trabalhadores negros continuaram sendo explorados de outras formas, sem liberdade ou salário justo.

Os povos indígenas da Amazônia também sofreram com a exploração da borracha, pois foram tirados de suas terras, forçados a trabalhar nos seringais e tiveram sua cultura e modo de vida ameaçados. Apesar disso, resistiram e lutaram para preservar suas línguas, seus costumes, seus rituais e sua relação profunda com a floresta.

Com o passar dos anos, milhares de trabalhadores vindos do Nordeste começaram a chegar ao Norte. Eram pessoas que fugiam da seca e da fome em busca de trabalho nos seringais. Porém, ao chegarem à floresta, encontravam isolamento, doenças, dívidas e condições muito difíceis.

Eles compravam alimentos, roupas e ferramentas nas lojas dos patrões, mas não recebiam salário em dinheiro. Em vez disso, tudo era anotado em um caderno de dívidas. Esse sistema chamava-se **aviamento** e fazia com que os trabalhadores ficassem sempre devendo, sem conseguir sair dos seringais.

Ainda assim, esses povos resistiram e deixaram sua marca na Amazônia, unindo as culturas africanas, indígenas e nordestina que formam a rica diversidade cultural que existe na nossa região.



Moradia de um seringueiro na Amazônia em 1865.



1 Os seringais enriqueceram várias pessoas, mas a maioria delas continuou pobre. Quem você acha que se beneficiou mais com a riqueza gerada pela borracha?

É esperado que os estudantes identifiquem que os maiores beneficiados com a riqueza da borracha foram os donos dos seringais, os comerciantes e as pessoas que controlavam o transporte e a venda do látex para outros países.

65

Atividade complementar

Divida os estudantes em grupos para pesquisarem sobre a vida dos seringueiros, abordando a história, as condições de trabalho e os impactos sociais e ambientais da extração de borracha. Eles devem explorar relatos sobre os desafios enfrentados, como jornadas exaustivas, más condições de moradia e alimentação, além do trabalho análogo à escravidão.

Glossário

Colocação: é a área do seringal onde um trabalhador extrai o látex.

BNCC

(EF03GE05)
(EF03HI01)
(EF03HI11)
(EF04GE01)

Orientações didáticas

Retome o conteúdo já abordado, destacando a importância econômica da borracha extraída da seringueira e seu impacto nas comunidades e principalmente na vida dos trabalhadores da Amazônia.

Apresente o **Glossário** para explicar o termo “colocações” e o seu significado, para que os estudantes compreendam a realidade cotidiana dos trabalhadores do seringal.

Utilize a imagem e traga relatos sobre a vida no seringal para contextualizar as dificuldades enfrentadas pelos seringueiros, que, além do isolamento, eram obrigados a trabalhar sob condições precárias e sem liberdade.

Explique como a exploração não afetou apenas os nordestinos que migraram para a Amazônia, mas também os povos indígenas, que tiveram suas terras tomadas e foram forçados a trabalhar nas seringueiras.

Ao trabalhar a resistência dos trabalhadores, destaque como, apesar das adversidades, seringueiros e indígenas conseguiram preservar e transmitir suas culturas e saberes tradicionais. Explore a ideia de identidade regional formada por essas comunidades, com uma rica mistura de culturas.

Finalize incentivando os estudantes a refletir, por meio da **atividade 1**, sobre como e quem os seringais enriqueceram, evidenciando a exploração de trabalhadores na região.

BNCC

(EF03GE05)
(EF03HI01)
(EF04GE01)
(EF04GE02)

Orientações didáticas

Explore as lendas da Amazônia como uma rica tradição de narrativas orais, transmitidas por trabalhadores, indígenas e comunidades ribeirinhas. Enfatize que essas histórias refletem a conexão entre o ser humano e a natureza, além de transmitir a sabedoria e as crenças dessas comunidades. Incentive a discussão sobre a importância da cultura popular, da preservação das tradições e da relação com o meio ambiente.

Inicie a aula propondo uma reflexão sobre as lendas como uma forma de explicar os fenômenos naturais, ensinar valores e preservar a cultura. Mostre como essas histórias eram ferramentas para transmitir sabedoria sobre o mundo, ensinar ética, respeito à natureza e reforçar a identidade cultural das comunidades.

Na **atividade 1**, explique que as lendas são narrativas que buscam a conscientização e o respeito à natureza e proteção ambiental.

Na sequência, como **atividade 2**, discuta com os estudantes sobre a importância de cuidar da floresta e dos povos que nela vivem e trabalham, relacionando as lendas como formas de discutir tais cuidados. Interrogue se os estudantes conhecem outras narrativas tradicionais com aspectos semelhantes e questione qual lenda eles criariam para proteger o quê.

As lendas da floresta

Você já conhece alguma lenda da nossa região?

Durante o tempo em que os trabalhadores viviam isolados nos seringais, muitas histórias eram contadas à noite e ao redor do fogo. Essas narrativas ajudavam a passar o tempo, ensinavam a respeitar a floresta e também a enfrentar o medo do desconhecido. Assim, surgiram e espalharam-se as lendas amazônicas, que até hoje fazem parte da cultura da região.

CULTURAS DA NOSSA REGIÃO



NÃO ESCREVA
NO LIVRO.

Os protetores da floresta

Uma das lendas mais conhecidas é a da Cobra Grande, também chamada de **Boiúna**. A lenda relata que ela vive nos rios e nos igarapés, principalmente no Rio Amazonas, e é tão grande que pode engolir barcos inteiros. Quando fica brava, causa enchentes e destruição. Muitos acreditam que ela aparece para proteger os segredos da floresta e punir quem maltrata a natureza.



Representação ilustrativa da Mãe da Seringueira.



Representação ilustrativa da Boiúna.

No meio da floresta, as seringueiras têm um espírito que as protegem. É a **Mãe da Seringueira**, que aparece quando alguém retira o látex de forma errada ou desrespeitosa com a árvore. Sua aparência lembra uma seringueira com as marcas da extração do látex.

- 1 O que essas duas lendas têm em comum?
1. Ambas tratam de protetores da natureza. Aparecem para defender a floresta e os seres que vivem nela.
- 2 Você acha que é importante cuidar da floresta, assim como as lendas, e respeitar o trabalho das pessoas que vivem nela, como os seringueiros? 2. Resposta pessoal.

66

Interdisciplinaridade com Arte

Divida os estudantes em grupos e proponha que criem sua própria lenda por meio de uma história imaginativa. Na sequência, peça para que eles façam uma representação gráfica dessa lenda.

Diversificando

Literatura e Meio Ambiente

A Região Norte e a Amazônia inspiram histórias em quadrinhos, como o herói Papo Amarelo, que defende a floresta e ensina, de forma lúdica, a importância da preservação ambiental.

O declínio da borracha

O **declínio** da borracha começou no início do século 20 e tem um nome que muitos ainda não conhecem: Henry Wickham. Ele era um explorador inglês que, em 1876, levou escondido milhares de sementes de seringueira da Amazônia para a Inglaterra.

Com as sementes em mãos, os ingleses começaram a plantar seringueiras em suas colônias no continente asiático, como na Malásia, na Indonésia e no Sri Lanka. Por lá, criaram grandes plantações organizadas, com muitos pés de seringueira alinhados, o que permitia produzir muito mais borracha e por um custo bem menor.

Semente de seringueira na Floresta Nacional do Tapajós. Belterra, Pará, 2024.



PEDRO TURRINI NETOSHUTTERSTOCK

Glossário

Declínio: é quando algo começa a enfraquecer ou perder importância.

As imagens a seguir mostram as ruínas de lugares que cresceram com a borracha e foram abandonados depois do seu declínio.

A primeira é da Vila de Paricatuba, perto de Manaus. O casarão foi construído em 1898 com materiais vindos da Europa para receber trabalhadores que vinham de outros países. Hoje, o prédio está em ruínas, mas ainda guarda parte dessa história e é um ponto turístico. A segunda mostra o que sobrou de Airão Velho, uma vila que cresceu com o trabalho nos seringais. Depois da Segunda Guerra Mundial, a população foi saindo e o local acabou abandonado.



JURGINHO SHUTTERSTOCK

Fachada das ruínas da Vila de Paricatuba, Iranduba, Amazonas, 2022.



HANS ELMO SHUTTERSTOCK

Ruínas de Airão Velho no Parque Estadual do Rio Negro, Airão, Amazonas, 2025.

permitiu a construção de palácios, teatros e mercados, e como a decadência econômica afetou a manutenção dessas estruturas. Destaque que essas imagens ajudam a compreender o impacto econômico da borracha na urbanização e no desenvolvimento das cidades amazônicas.

Explique como a crise provocada pelo declínio da borracha afetou os seringueiros e as comunidades locais. Mostre que a queda da demanda levou à perda de empregos, dificuldades econômicas e mudanças na qualidade de vida. Relacione essas transformações à adaptação da região, que passou a investir em outros produtos, como açaí e guaraná, mas que nunca recuperou o esplendor do auge da borracha.

Como **atividade 1**, peça para que os estudantes observem atentamente as imagens que retratam construções antigas de Manaus. Peça que reflitam e discutam o que essas construções nos contam sobre o tempo em que foram feitas, pensando em como a economia da borracha influenciou o estilo, a grandiosidade e a função dessas edificações.



1

O que essas construções antigas nos contam sobre o tempo em que foram feitas?

Resposta pessoal. Os estudantes podem comentar que as construções parecem grandes, antigas ou diferentes das casas atuais. Também podem perceber que foram feitas com outro estilo e materiais, além de imaginar como era a vida naquela época.

67

BNCC

(EF03GE05) (EF04GE07)

(EF03GE09) (EF05GE12)

Orientações didáticas

Apresente o contexto do Ciclo da Borracha, destacando que a Amazônia foi a principal produtora mundial de borracha no final do século XIX e início do XX. Explique que o declínio da borracha ocorreu principalmente devido à ex-

pansão da produção em seringais asiáticos, que ofereciam preços mais baixos, prejudicando a competitividade da borracha amazônica. Utilize o boxe **Glossário** para esclarecer o que é “declínio”, relacionando-o à transferência da produção para outros países e aos impactos econômicos sobre a Amazônia.

Mostre imagens da cidade de Manaus no auge e após o declínio da borracha. Oriente os estudantes a observar as mudanças na cidade, discutindo como a riqueza gerada pelo ciclo da borracha

BNCC

(EF03GE05)
(EF03HI01)
(EF03HI03)
(EF04GE01)

Orientações didáticas

Na seção **Mergulhando na História**, relate que o acúmulo das grandes fortunas dos “barões da borracha”, transformou Manaus em uma cidade de luxo.

Mostre as imagens e explique como o teatro foi construído com materiais importados da Europa, imitando a arquitetura dos teatros europeus. Discuta como essas construções refletem o luxo dos barões em contraste com as condições de vida dos seringueiros, que viviam em extrema pobreza. Enfatize que, enquanto Manaus prosperava, os seringueiros e povos indígenas viviam em condições precárias.

Na **atividade 1**, oriente os estudantes a observar o estilo arquitetônico e interogue se eles já viram algo semelhante em outro lugar. É esperado que destaquem o luxo e a grandiosidade da construção, só possível com altos investimentos. Discuta sobre a construção de um espaço de lazer restrito e as prioridades sociais à época.

Com a **atividade 2**, instigue os estudantes a perceber a influência europeia e a busca pela imitação da cultura e do luxo. Debata como atualmente existem influências estrangeiras no consumo e os significados disso, como marcador de distinção social e exibição de poder.

MERGULHANDO NA HISTÓRIA

O Teatro Amazonas

NÃO ESCREVA NO LIVRO.

Como vimos anteriormente, a cidade de Manaus ficou conhecida como a “Paris dos Trópicos”. Isso se referia à arquitetura inspirada na Europa e ao estilo de vida da elite da época, influenciada pelos costumes europeus. Quem mais se beneficiou com essa riqueza foram os chamados **barões da borracha**, pessoas que enriqueceram controlando os seringaais e a exportação do látex.

Um dos maiores símbolos desse período é o Teatro Amazonas, inaugurado em 1896. Ele foi construído com materiais vindos do continente europeu, como mármore da Itália, lustres da França e estruturas de ferro da Inglaterra. O teto da sala principal foi pintado para parecer com o interior de um teatro francês. Observe os detalhes na imagem a seguir.

Hoje, o Teatro Amazonas é uma fonte histórica importante, pois nos ajuda a entender como o dinheiro da borracha foi usado e como vivia a elite da época. Porém, também nos faz refletir, porque, enquanto alguns assistiam às óperas, milhares de trabalhadores enfrentavam uma vida difícil nos seringaais, em regiões isoladas da floresta.

Interior do Teatro Amazonas, Manaus, Amazonas, 2025.



Teatro Amazonas em 1906.



Vista aérea do Teatro Amazonas, Manaus, Amazonas, 2025.

1. Resposta pessoal. Espera-se que os estudantes considerem a beleza, o tamanho, os detalhes, as suas cores e a sua localização.

1 O que mais chama sua atenção nas imagens do Teatro Amazonas? Por quê?

2 Por que você acha que o teatro foi construído com materiais da Europa?

2. Resposta pessoal.

3 Quem eram os barões da borracha? Como eles viviam?

3. Resposta pessoal.

68

Na **atividade 3**, solicite que pesquisem sobre Waldemar Scholz e outros barões da borracha, explicitando como viviam e quais foram os impactos desses magnatas em Manaus. Solicite também que pensem como as condições de vida dos seringueiros contrastavam com a deles. Reflita com os estudantes que, provavelmente, a maioria dos trabalhadores que construíram o teatro não frequentavam o espaço depois de inaugurado.

Atividade complementar

Peça para que os estudantes pesquisem os legados culturais, sociais e ambientais do Ciclo da Borracha, como influências na música, culinária ou tradições locais, refletindo como esses legados ainda estão presentes na cultura amazônica.

Segundo Ciclo da Borracha



Durante a Segunda Guerra Mundial (entre 1939 e 1945), muitos países pararam de produzir a borracha. Então, os Estados Unidos pediram ajuda ao Brasil para conseguir mais látex das seringueiras. Foi assim que teve início o Segundo Ciclo da Borracha.

O governo brasileiro lançou uma grande campanha para atrair trabalhadores, especialmente do Nordeste, prometendo trabalho e uma vida melhor. Esses homens eram chamados de “soldados da borracha”, porque, enquanto os soldados lutavam com armas, eles ajudavam com o trabalho duro de tirar a borracha da floresta.

Para convencer as pessoas, o governo usava cartazes, como os dois que você verá a seguir. Eles foram criados por um artista chamado **Jean-Pierre Chabloz** e mostravam o trabalho nos seringais como algo corajoso e importante.



Cartazes do suíço Jean-Pierre Chabloz. O maior ilustra soldados defendendo o litoral enquanto seringueiros extraem a borracha. O menor faz propaganda para o recrutamento de “soldados da borracha”.

Todavia, quando os trabalhadores chegaram à floresta, enfrentaram muitas dificuldades. O trabalho era duro, o calor era intenso e nem sempre havia boa moradia ou comida. Depois que a guerra acabou, a borracha da Amazônia perdeu valor outra vez, e muitos trabalhadores foram esquecidos. Alguns nunca voltaram para casa e formaram comunidades que existem até hoje na floresta.

Espera-se que os estudantes identifiquem que os cartazes mostram soldados e seringueiros como heróis, para que isso pudesse convencer as pessoas a ajudar na guerra e a ir trabalhar na Amazônia, sendo isso um ato de coragem e patriotismo.

- 1** Observe novamente os dois cartazes da época do Segundo Ciclo da Borracha. O que você acha que o governo queria que as pessoas sentissem ao vê-los?

69

BNCC

(EF03GE05)
(EF03HI01)
(EF03HI03)
(EF04GE01)

Orientações didáticas

Explique aos estudantes que o segundo ciclo da borracha ocorreu durante Segunda Guerra Mundial, citando que o governo brasileiro, diante da escassez de borracha causada pela guerra no Sudeste Asiático, fez campanhas intensivas para aumentar a produção na Amazônia.

Mostre imagens de cartazes de propaganda utilizados para motivar a população e demonstre como estes eram uma ferramenta poderosa para atrair trabalhadores e aumentar a produção.

Ilustre como o governo fez chamadas como “A Borracha é a Vida” para promover a importância estratégica da borracha para a indústria de guerra. Destaque que, enquanto o governo brasileiro buscava fortalecer a economia com a borracha, os seringueiros enfrentavam duras condições de trabalho, sem muitas melhorias significativas nas condições de vida.

Cite também como, após o fim da guerra, o mercado de borracha enfrentou uma crise, com a concorrência da borracha sintética e a queda na demanda e, com isso, a região amazônica voltou a enfrentar dificuldades econômicas.

Na **atividade 1**, oriente-os a observar as imagens e escrever no caderno. Guie-os a analisar os *slogans*, a atividade dos humanos retratados, a associação dos seringueiros com soldados e a exaltação do trabalho como um combate. Debata o contraste entre as propagandas e a realidade do trabalho anunciado.

OED

O **infográfico** “De soldados da borracha... a heróis anônimos” convida os estudantes a conhecer a história dos trabalhadores nordestinos recrutados para a extração de borracha durante a Segunda Guerra Mundial, destacando suas dificuldades e legados. Utilize-o para explorar os diferentes momentos da história dos soldados da borracha e valorizar sua memória histórica.

BNCC

(EF03GE04)
(EF03GE05)
(EF04GE01)
(EF04GE02)
(EF04GE04)

Orientações didáticas

Inicie a aula perguntando aos estudantes se eles sabem como o látex é extraído para posteriormente incentivá-los a descobrir como se dá esse processo.

Comece a aula explicando como a borracha natural é produzida. Diga aos estudantes que ela vem do látex, uma seiva retirada das seringueiras, que são árvores encontradas principalmente na Amazônia. Para pegar o látex, os trabalhadores fazem cortes na casca da árvore, e depois esse líquido é processado até virar a borracha. Fale sobre como a borracha é usada para fazer coisas importantes, como pneus e sapatos, e como ela ajudou no crescimento do Brasil durante o ciclo da borracha. Aproveite para discutir com os estudantes os impactos desse processo para o meio ambiente, como o desmatamento.

Depois, explique que existe também a borracha sintética, que não vem das árvores, mas do petróleo, um líquido extraído do subsolo. Diga que, para fazer a borracha sintética, são usados produtos do petróleo que se transformam em um material muito parecido com a borracha natural. Pergunte aos estudantes o que eles acham sobre as diferenças entre essas duas borrachas e como o uso de cada uma pode afetar o nosso planeta.

SAIBA MAIS

A floresta se transforma em trabalho

Depois de tudo o que estudamos, já dá para entender melhor a importância da extração do látex das seringueiras. Mas surge uma dúvida: como o látex se transforma em borracha?

Esse processo envolve várias etapas, além de muito cuidado, técnica e conhecimento químico. É assim que o látex vira folhas de borracha, que depois serão usadas para fabricar diversos objetos.

Até hoje, esse trabalho muitas vezes ainda é feito de forma artesanal, ou seja, com as mãos, por pessoas que conhecem bem a floresta e suas tradições.

Vamos descobrir como esse processo acontece?



Sangria da seringueira

Com uma faca especial, o seringueiro faz cortes cuidadosos no tronco da seringueira. O látex começa a escorrer e é recolhido em um pequeno recipiente.



Filtragem

O látex é coado para tirar as impurezas.



Sangria da seringueira

Depois de algumas horas, o seringueiro passa por todas as árvores da colação e recolhe o látex que escorreu.

70

Atividade complementar

Realize uma atividade experimental utilizando amido ou cola para simular o processo de coagulação. Peça para que os estudantes observem como a substância muda de estado e comparem com o látex, que também sofre transformações físicas.

Orientações didáticas

Na **atividade 1**, convide os estudantes a identificar qual processo da borracha nativa é mais interessante e por quê. Destaque as ferramentas utilizadas em cada processo representadas nas imagens para diferenciar cada etapa.

Na **atividade 2**, pergunte aos estudantes a diferença entre o impacto da produção artesanal e industrial da borracha, destacando os produtos utilizados e seus impactos no meio ambiente e na vida dos seringueiros.



Após esse processo, a borracha feita na floresta é chamada de **borracha nativa** ou **borracha artesanal**. Ela é diferente daquela feita nas grandes fábricas, pois vem diretamente do trabalho dos seringueiros e causa menos impacto ambiental.

1. Espera-se que os estudantes percebam que em algumas etapas do processo são utilizados objetos cortantes e

1

Converse com a turma: qual etapa da produção da borracha mais chamou sua atenção? Qual delas você acha que exige mais cuidado e por quê? produtos químicos.

2

É esperado que os estudantes compreendam que os processos de produção artesanal da borracha, por serem realizados em menor escala, causam menos impacto do que a produção em escala industrial.



Mistura

Ele é misturado com água e outros ingredientes, como ácido fórmico ou vinagre, que ajudam a coagular o líquido (deixá-lo mais grosso).



HERCULES BRIBNO

Secagem

As folhas são penduradas em varais ou colocadas em defumadores (fornos com fumaça) para secar. A secagem pode levar dias.



Coagulação

O látex fica descansando até transformar-se em uma massa sólida, parecida com uma gelatina branca.



Prensagem

Essa massa é colocada em uma prensa (manual ou mecânica), que aperta e achata a borracha até formar uma folha.

71

Avaliação

Proponha que, em grupos, os estudantes pesquisem os impactos da borracha nas comunidades locais, abordando cultura, economia e ecologia. Eles devem investigar como a extração e o comércio da borracha influenciaram a vida das populações amazônicas e suas consequências para a floresta. Ao final, os grupos apresentarão suas descobertas à turma, promovendo uma reflexão sobre os impactos desse processo.

Temas Contemporâneos Transversais (TCT)

Meio ambiente

Organize um debate sobre a exploração dos recursos naturais e a importância de práticas sustentáveis para a preservação da Amazônia. Divida a turma em grupos para discutir os benefícios econômicos da exploração de recursos como madeira e biodiversidade, assim como os impactos negativos, como o desmatamento e a perda de fauna e flora. Estimule a reflexão sobre alternativas sustentáveis, como o manejo responsável dos recursos e o incentivo à agricultura e energias renováveis. Durante o debate, incentive que apresentem soluções viáveis, como políticas de preservação e ações para mitigar os danos ambientais, promovendo uma discussão construtiva sobre como equilibrar desenvolvimento e preservação.

Orientações didáticas

O boxe **Vozes da História** aborda a vida de Chico Mendes, líder sindical e defensor da Amazônia, que lutou pelos direitos dos seringueiros e pela preservação da floresta. Inicie a aula destacando sua importância na resistência à exploração da Amazônia e na defesa dos povos da região.

Mostre a biografia de Chico Mendes, ressaltando sua atuação sindical, a luta pela preservação da floresta e a criação das Reservas Extrativistas; explique que são áreas protegidas onde comunidades locais podem viver e trabalhar de forma sustentável.

Aborde a importância de locais como o **Museu do Seringal** para a preservação da história do país e do reconhecimento de trabalhadores seringueiros. É possível aprofundar sobre o museu no vídeo disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=qpOcuWycHuY>, acesso em 19 set. 2025.

Na **atividade 1**, pergunte aos estudantes se conhecem algum museu parecido e apresente o ICMBio, sugerido no boxe abaixo.

VOZES DA HISTÓRIANÃO ESCREVA
NO LIVRO.**Chico Mendes: uma voz na floresta**

Francisco Alves Mendes Filho, mais conhecido como Chico Mendes, nasceu em 1944, no Acre, e desde pequeno trabalhou como seringueiro com sua família.

Defensor dos direitos dos trabalhadores, ele lutava contra o desmatamento e a violência nos seringais, promovendo protestos pacíficos e unindo comunidades para proteger as pessoas e a floresta.

Sua atuação ganhou destaque no Brasil e no mundo. Em 1988, foi assassinado por fazendeiros contrários à sua luta.

Mesmo assim, seu legado continua vivo. Em sua homenagem, no ano de 2007, foi criado o **Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio)**, que protege áreas naturais em todo o Brasil. Ele é lembrado como uma figura importante da Amazônia, símbolo de resistência e de amor pela floresta.

1 **Converse com a turma: Por que você acha que Chico Mendes é considerado um símbolo de resistência?** *Espera-se que os estudantes reconheçam Chico Mendes como um símbolo de resistência; ele lutou para proteger a floresta e os direitos das pessoas que viviam nela, mesmo enfrentando ameaças e perigos. Eles podem comentar que ele não desistiu, organizou protestos pacíficos e defendeu a Amazônia de forma corajosa, tornando-se um exemplo de luta pelo bem comum.*

Para saber mais:

Se quiser saber mais sobre esse líder, leia o **Chico Mendes: um povo da floresta**, de Edilson Martins (Editora Garamond). Neste livro, você vai conhecer a história de Chico Mendes: como ele viveu, o que acreditava e por que é lembrado até hoje como um defensor da floresta.



Vista aérea captada por drone da sede do Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade, Santarém, Pará, 2024.

TARCÍDIO SCHNAIDER/PULSAR IMAGENS

Museu do Seringal

O **Museu do Seringal Vila Paraíso** fica em Manaus, no Amazonas, e permite uma viagem no tempo. Ele ajuda a entender como era a vida dos seringueiros e dos barões da borracha, como eram suas casas e até suas ferramentas de trabalho. Um lugar cheio de histórias sobre um tempo muito importante para a Amazônia!



1 Existe algum museu como esse na comunidade onde você vive? O que acha dele?

Resposta pessoal.

72



Vista externa do museu com carroça lotada de "pélas", nome dado às bolas de borracha do látex, Manaus, Amazonas, 2022.

GUEITER/ANAS/SHUTTERSTOCK

Diversificando**Site do ICMBio**





Sugira que os estudantes acessem o site do ICMBio e explorem o mapa interativo, visualizando as áreas de atuação, como parques e reservas biológicas. Incentive-os a observar as iniciativas de conservação, recuperação de áreas degradadas e pesquisa científica, refletindo sobre o impacto na biodiversidade. Peça que escolham uma área ou projeto de interesse e pesquisem mais sobre ele, utilizando outras fontes para entender o papel do ICMBio na sustentabilidade ambiental.

Na sequência, aborde a existência de um museu destinado somente às histórias da extração de borracha e pergunte aos estudantes se eles conhecem algum museu destinado a contar histórias sobre uma atividade produtiva.

ORGANIZE AS IDEIAS

NÃO ESCREVA
NO LIVRO.

Agora que você aprendeu mais sobre o Ciclo da Borracha e suas transformações na região, é hora de organizar o que descobriu.

-  **1** No caderno, desenhe uma linha do tempo criativa com os principais acontecimentos do Ciclo da Borracha. Use palavras-chave, datas e pequenas ilustrações (seringueira, navio, fábrica etc.). Sugestões:
 - Roubo das sementes por Henry Wickham (1876);
 - Início do ciclo (1879);
 - Crescimento de Manaus e Belém (final do século 19);
 - Declínio da borracha (após 1912);
 - Segundo Ciclo da Borracha (década de 1940);
 - Criação do ICMBio (2007, como herança da luta de Chico Mendes).
-  **2** Em duplas, escrevam uma carta imaginária de um trabalhador da borracha para sua família. Relatem como é a vida no seringal, a rotina, dificuldades (isolamento, trabalho duro), sentimentos e esperanças.
-  **3** Com a turma, criem um cartaz com o título "A floresta também tem memória!". Usem desenhos, colagens, palavras e frases para mostrar a importância de proteger a Amazônia.
-  **4** Criem uma maquete em grupo representando um seringal amazônico. Pesquisem:
 - Como é o ambiente de um seringal;
 - Elementos principais (árvores, trilhas, casas, barracões);
 - Objetos e ferramentas dos seringueiros.No caderno ou em uma folha à parte:
 - Façam um rascunho com a disposição dos elementos;
 - Listem os materiais (papelão, argila, folhas secas etc.);Montem a maquete com:
 - Árvores de seringueira com potes para representar a sangria do látex;
 - Casas de madeira (moradias dos trabalhadores);
 - Barracões onde o látex vira borracha;
 - Trilha no meio da floresta.Organizem uma exposição das maquetes:
 - Cada grupo apresenta sua maquete e explica o que representou;
 - Compartilha descobertas sobre o modo de vida dos trabalhadores da floresta.

73

BNCC

(EF03GE04)
(EF03GE05)
(EF04GE01)
(EF04GE07)
(EF04HI05)
(EF04HI06)

Orientações didáticas

A seção **Organize as ideias** tem como objetivo ajudar os estudantes a organizar e sintetizar as informações sobre o Ciclo da Borracha, as condições de trabalho nos seringais e as transformações econômicas e sociais da Amazônia. As atividades visam fortalecer as habilidades de síntese, organização e reflexão crítica, permitindo que conectem diferentes aspectos da história e apresentem suas ideias de forma estruturada.

Inicie a aula explicando que irão revisar e organizar as informações discutidas sobre o Ciclo da Borracha, suas conexões e o impacto na região. Sinalize que essa seção pode ser utilizada como avaliação formativa do conteúdo.

Avaliação

Para a **atividade 1**, represente no quadro, ou em outro meio, uma linha do tempo a fim de demonstrar como se produz esse tipo de estrutura. Na sequência, peça para que os estudantes produzam no caderno sua própria linha do tempo com base nos elementos estudados no capítulo.

Interdisciplinaridade com Língua Portuguesa

Na **atividade 2** solicite que escrevam uma carta imaginária de um trabalhador para sua família. Enfatize que eles devem retratar as condições de vida e de trabalho na floresta aos parentes fictícios, abordando como é seu dia a dia e quais são as etapas da produção de borracha nativa.

Interdisciplinaridade com Arte

Na **atividade 3**, promova a criação de um cartaz com desenhos e colagens que retrate a importância de proteger a Amazônia. Oriente-os a pesquisar, se preciso, para as imagens.

Na **atividade 4**, direcione-os a criar maquetes representando um seringal, destacando a organização e o cotidiano dos seringueiros. Enfatize a importância do planejamento, com levantamento de materiais, definição clara do que será produzido e divisão de tarefas. A atividade promove aprendizado histórico, habilidades artísticas e trabalho colaborativo.

Objetivos gerais do capítulo

- Compreender a relação entre o modo de vida das populações da Região Norte e os elementos naturais do território, como rios, florestas e o clima.
- Reconhecer práticas agrícolas e pecuárias tradicionais e modernas, valorizando os saberes locais e o trabalho no campo.
- Analisar o papel dos rios e igarapés na vida cotidiana das comunidades amazônicas, compreendendo sua importância social, econômica e ambiental.
- Identificar aspectos culturais ligados à produção de alimentos, como a Casa de Farinha e festas regionais, refletindo sobre identidade e pertencimento.
- Refletir sobre a importância da preservação ambiental e do uso sustentável dos recursos naturais, valorizando práticas que respeitem o equilíbrio entre sociedade e natureza.

BNCC

(EF03GE04)
(EF03GE05)
(EF03GE09)
(EF03GE10)
(EF04GE01)

Orientações didáticas

Inicie observando coletivamente a imagem que ilustra a paisagem rural e o trabalho no campo. Pergunte aos estudantes o que veem e quais produtos podem ser cultivados ou criados nessa área. Ao abordar as questões, destaque a relação entre os roçados e os rios — essenciais para a vida das comunidades. Pergunte como a água dos igarapés e dos rios é vital para o transporte, a pesca e a irrigação das plantações. Relacione isso ao cuidado necessário



ENTRE ROÇAS, REBANHOS E IGARAPÉS

PRIMEIROS OLHARES



NÃO ESCREVA NO LIVRO.



TARCISO SCHNAIDERPULSAR/IMAGENS

Gado pastando em propriedade rural na margem do Igarapé do Bom Jardim, Terra Santa, Pará, 2024.

Observando a imagem 1 a 4. Respostas pessoais.

- 1 O que você vê nessa paisagem? Qual atividade econômica está sendo realizada?
- 2 Pense em um lugar que você conhece ou já ouviu falar. O que há de parecido ou diferente entre essa paisagem e esse lugar? Como é a vida lá?
- 3 Que produtos você imagina que são cultivados ou criados nesse tipo de lugar?
- 4 Por que será que o igarapé é importante para as pessoas dessa comunidade?

74

para manter esses recursos limpos e acessíveis, ligando à importância da preservação ambiental.

Na **atividade 1**, peça aos estudantes que analisem a imagem e identifiquem o que estão vendo. Incentive-os a refletir sobre o que reconhecem da paisagem em sua própria vivência.

Para a **atividade 2**, solicite que comparem paisagens que conhecem com a imagem, identificando semelhanças e diferenças.

Na **atividade 3**, oriente-os a pensar nos produtos que são cultivados ou criados na imagem, relacionando como o ambiente contribui para isso.

Ao trabalhar **atividade 4**, encoraje-os a refletir sobre a importância dos igarapés, abordando seu papel no transporte, na pesca e no fornecimento de água para as comunidades locais e para as atividades pecuária e agrícola.

O cultivo tradicional no Norte

Na Região Norte do Brasil, a agricultura tem uma história antiga e cheia de saberes passados de geração em geração. Muitas famílias plantam alimentos para o próprio consumo em áreas conhecidas como **roçados**, que são pedaços de terra preparados para o cultivo, geralmente perto das casas ou das comunidades.

A **mandioca** é um dos alimentos mais importantes cultivados na região. Com ela, é possível produzir farinha, beiju, tapioca e tucupi. O alimento está presente no dia a dia de muitas famílias e nas festas e tradições locais. Além da mandioca, as pessoas também cultivam **milho, feijão, banana, cupuaçu, cacau, açaí, guaraná** e outros alimentos.

Em várias partes da Amazônia, o cultivo é feito de forma tradicional, usando ferramentas simples, como a enxada e o terçado, respeitando o tempo da natureza. Muitas vezes, esse modo de plantar está ligado aos conhecimentos de povos tradicionais, como os **quilombolas**, ou agricultores familiares.

Acompanhe o infográfico a seguir, que mostra o sistema agrícola tradicional conhecido como **coivara**:

Glossário

Quilombolas: pessoas que vivem em comunidades chamadas quilombos. Nesses lugares, moram descendentes de africanos que foram escravizados no passado e que mantêm tradições, histórias e costumes transmitidos de geração em geração.



EDUARDO SILVESTRE SOARES

75

uma comparação com outras formas de agricultura mais mecanizadas, apontando as vantagens e os desafios de cada uma. Incentive a valorização dos conhecimentos passados de geração em geração, reforçando a identidade cultural e o vínculo com o território.

Utilize a prática da coivara, demonstrada na imagem, como exemplo de técnica agrícola tradicional, explicando como ela pode ser feita de maneira controlada e sustentável. Compare-a com a queimada indiscriminada, destacando seus impactos ambientais negativos. Encoraje os estudantes a refletir sobre as diferenças entre essas práticas e a importância de preservar o meio ambiente.

Atividade complementar

Sugira aos estudantes que entrevistem um familiar ou morador da comunidade sobre os modos de plantar e cultivar alimentos, anotando ou desenhando as respostas em seus cadernos.

BNCC

(EF03GE05) (EF04GE07)
(EF03GE09) (EF05GE05)

Orientações didáticas

Inicie conversando com os estudantes a respeito do que já conhecem sobre plantações na região. Explique o termo “roçados” — pequenas áreas próximas às casas destinadas ao consumo. Destaque o verbete “Quilombolas”, presente no box **Glossário**. Incentive também a consulta,

ressaltando a contribuição cultural desses povos para o modo de vida agrícola.

Explore os exemplos de alimentos citados no texto relacionando-os à alimentação cotidiana dos estudantes. Promova uma conversa sobre tais alimentos, como a mandioca e seus diversos usos na culinária, conectando-a a saberes locais e tradições familiares.

Ao abordar o cultivo tradicional, proponha uma roda de conversa que destaque a utilização de ferramentas simples e o respeito aos ciclos da natureza. Esse é um bom momento para realizar

BNCC

(EF03GE04)
(EF03GE05)
(EF03GE09)
(EF03GE10)
(EF04GE01)

Orientações didáticas

Ao abordar o trabalho com animais na Região Norte, comece explicando como a criação de bois e búfalos é realizada, destacando a adaptabilidade desses animais aos terrenos alagados da região.

Explique que os búfalos, por sua resistência ao ambiente alagado, são ideais para a criação em regiões como a Ilha de Marajó, onde são usados tanto para o transporte quanto para a produção de leite, carne e couro. Este é um exemplo claro de como os animais desempenham um papel central na vida das comunidades locais — não apenas na alimentação, mas também como apoio no trabalho diário. Aprofunde o assunto e, se for viável, selecione trechos para apresentar aos estudantes do vídeo da TV Brasil, *Caminhos da Reportagem – Riquezas da nossa terra: Uma fatia de Marajó* (<https://www.youtube.com/watch?v=hz6QxS8owCg>).

Incentive os estudantes a refletir sobre as diferenças entre a criação tradicional e a moderna. Discuta sobre as formas de manejo, que podem ser mais simples e ligadas aos conhecimentos passados entre gerações; ou mais tecnológicas, com o uso de cercas elétricas, máquinas e alimentação industrializada. Fale sobre os desafios que a criação de animais enfrenta em termos de impacto ambiental, como o uso excessivo de recursos naturais, e o que pode ser feito para tornar essa atividade mais sustentável.

O trabalho com os animais: bois, búfalos e outras criações

NÃO ESCREVA NO LIVRO.

Além da agricultura, muitas famílias da Região Norte também trabalham com a criação de animais, atividade conhecida como **pecuária**. A criação de bois e búfalos é comum em várias partes da região, especialmente nos estados do Pará, Tocantins, Amapá e Rondônia.

Os búfalos, por exemplo, se adaptam bem aos terrenos alagados da Amazônia. Em ilhas do estado do Pará, como a Ilha de Marajó, é comum ver búfalos caminhando pelas ruas ou ajudando no trabalho do campo. Esses animais fornecem leite, carne e couro, e fazem parte da vida das pessoas da região.

Além de bois e búfalos, também há criação de galinhas, porcos, peixes e patos. Os animais são criados para o consumo das próprias famílias, mas também podem ser vendidos nas feiras, nos mercados ou em outras cidades.

A criação de animais pode ser feita de forma tradicional, solta e em pequenos currais, ou de maneira mais moderna, com uso de máquinas, cercas elétricas e alimentos preparados. Cada tipo de criação depende do tamanho da área, da cultura da comunidade e dos recursos disponíveis.



ANDREDBIPULSAR IMAGENS

Criação de búfalos em área alagada, Reserva Extrativa (RESEX) Marinha de Soure, Ilha de Marajó, Pará, 2024.

Alguns criadores estão aprendendo a cuidar melhor do meio ambiente, mantendo os rios limpos, evitando o desmatamento e buscando formas sustentáveis de produzir alimentos e criar animais para manter o equilíbrio com a natureza.



1

Na sua opinião, por que esses animais são criados em áreas alagadas, como a Ilha de Marajó? *Espera-se que os estudantes compreendam que os búfalos, ao contrário de outros animais, têm grande capacidade de adaptação a ambientes alagados, como os da Ilha de Marajó.*

76

Ressalte a importância de práticas responsáveis no manejo de animais, incluindo o cuidado com a água, o solo e o bem-estar dos próprios animais. Encoraje os estudantes a discutir como os cuidados com os animais e a preservação do meio ambiente estão interligados e como a sustentabilidade pode ser incorporada tanto nas práticas agrícolas quanto pecuárias.

Na **atividade 1**, incentive os estudantes a refletir sobre a relação entre as condições geográficas e a criação dos animais. Pergunte se eles conhecem outras espécies que poderiam ou não ser criadas nessas condições.

Proponha a criação de um “Igarapé de palavras”: recorte uma tira larga, escreva “Igarapé de palavras” e picote “franjas” pintadas de azul como se fossem igarapés, onde devem ser escritas palavras-chave que representam a importância da água na região.

CARTOGRAFANDO

O que se planta e se cria na Região Norte?

NÃO ESCREVA NO LIVRO.

A Região Norte é muito rica em produtos agrícolas e criação de animais. Cada estado tem cultivos que se destacam, como soja, milho, mandioca, arroz e banana. Além disso, há grandes rebanhos de bois, bubalinos e galináceos, que são importantes para a alimentação das famílias e para a economia do Brasil.

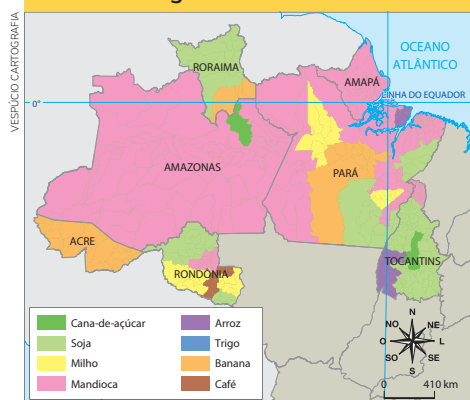
Os mapas a seguir mostram os principais alimentos cultivados e os animais criados na Região Norte em 2023. Observe os pictogramas para entender o que é produzido em cada estado.

Glossário

Bubalinos: nome dado aos búfalos, animais que produzem carne e leite.

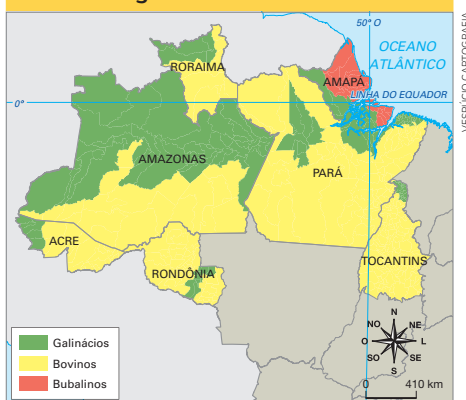
Galináceos: aves, como galinhas, perus e faisões.

Produtos agrícolas mais produzidos na Região Norte em 2023



Fonte: IBGE. PAM – Produção Agrícola Municipal, 2023. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/economicas/agricultura-e-pecuaria/9117-producao-agricola-municipal-culturas-temporarias-e-permanentes.html?edicao=41285&t=destaques>. Acesso em: 9 jul. 2025.

Produção pecuária na Região Norte em 2023



Fonte: IBGE. PPM – Pesquisa da Pecuária Municipal, 2023. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/economicas/agricultura-e-pecuaria/9107-producao-da-pecuaria-municipal.html?&t=resultados>. Acesso em: 9 jul. 2025.

- 1 Observe o mapa e descubra quais são os alimentos ou animais criados no estado onde você vive. Depois, anote no caderno.
- 2 Escolha um dos alimentos ou animais do mapa. Com a ajuda da sua família, pesquise como esse produto chega até as cidades e é vendido às pessoas.
- 3 Você acha que a produção de alimentos pode causar impactos na natureza? Que cuidados os agricultores e criadores devem ter para proteger os rios, os solos e as florestas?

77

BNCC

(EF03GE04)
(EF03GE05)
(EF03GE09)
(EF03GE10)
(EF04GE01)

Orientações didáticas

Na seção **Cartografando**, explique a importância de entender as divisões geográficas e como elas impactam a produção e o transporte de produtos. Na sequência, apresente os mapas que ilustram os principais alimentos cultivados e os animais criados na região. Pergunte aos estudantes como a localização de determinados produtos pode influenciar o comércio e a economia local.

Encoraje-os a observar as legendas e a localização dos produtos em cada estado da Região Norte. Use o glossário para explicar os termos em destaque, garantindo que os estudantes compreendam bem o vocabulário relacionado aos recursos naturais e à pecuária. Explique também como os pictogramas no mapa representam de maneira simplificada as informações sobre a produção, ajudando a visualizar a distribuição geográfica desses produtos.

Aproveite a oportunidade para retomar alguns conceitos associados a cartografia, como escala, legenda e orientação, reforçando a importância dessas ferramentas para a leitura e interpretação dos mapas.

Na **atividade 1**, oriente os estudantes a identificar, no mapa, os alimentos ou animais criados em seu estado. Promova uma conversa para que compartilhem suas descobertas.

Na **atividade 2**, proponha que investiguem como o alimento ou animal chega até a cidade. Incentive-os a conversar com suas famílias, pesquisando os caminhos da produção: transporte por barcos, estradas ou aviões.

Para a **atividade 3**, sugira aos estudantes que façam uma reflexão no caderno sobre os impactos da produção agrícola e pecuária no meio ambiente, como o desmatamento e a poluição, incentivando também que eles proponham soluções para os problemas elencados.

BNCC

(EF03GE09)
(EF03GE10)
(EF04GE04)
(EF03HI08)
(EF04HI05)

Orientações didáticas

Inicie a aula destacando a relação dos rios com o transporte de produtos e a sobrevivência das comunidades ribeirinhas. Explique como os rios e igarapés não são apenas fontes de água, mas também canais de transporte para mercadorias e pessoas, além de serem fundamentais para atividades como pesca e irrigação.

Utilize o **Glossário** para enfatizar a importância de manter os rios limpos e preservados, mostrando os impactos da poluição e do desmatamento nas comunidades que dependem desses recursos. Incentive os estudantes a refletir sobre o impacto de atividades humanas, explicando como a agricultura intensiva e o uso de produtos químicos podem afetar o acesso à água potável e à pesca, e porque é importante adotar práticas mais sustentáveis para garantir a saúde ambiental e a qualidade de vida.

Na **atividade 1**, promova uma discussão em grupo sobre os cuidados necessários para proteger rios e igarapés. Registre no quadro as ideias que surgirem, como não jogar lixo na natureza, preservar a mata ciliar e evitar o desmatamento.

A **atividade 2** propõe refletir de que maneira a poluição afeta a vida das pessoas. Incentive a oralidade com perguntas disparadoras e incentive os estudantes a estabelecer relações entre poluição, alimentação e doenças.

Rios e igarapés: caminhos de vida

Na Região Norte, os rios e igarapés são muito mais do que caminhos de água; são parte da vida das pessoas. Além de servirem para o transporte da população e das mercadorias, eles são usados para banho, pesca, irrigação das plantações e fornecimento de água para cozinhar e beber. Sem eles, muitas comunidades ficariam isoladas e teriam dificuldades para sobreviver.

O nome **igarapé** vem da língua tupi e significa “caminho de canoa”. Esses pequenos braços de rio cortam a floresta e passam bem perto de casas, roçados e aldeias. As pessoas se deslocam por eles de canoa, barco ou **rabeta**.



NÃO ESCREVA NO LIVRO.

Pescadores retornando de pescaria no Igarapé do Bom Jardim, Terra Santa, Pará, 2024.

Nas margens dos rios, muitas famílias constroem seus roçados e criam animais. A proximidade com a água facilita o cultivo e a pesca. Os peixes fazem parte da alimentação diária, e os rios ajudam a manter o solo úmido e fértil.

Mas é preciso cuidar bem dessas águas. Quando há desmatamento, uso excessivo de **agrotóxicos** ou lixo jogado nos igarapés, os peixes desaparecem, a água fica suja e o equilíbrio da natureza é quebrado. Por isso, algumas comunidades estão aprendendo a usar a água com cuidado, respeitando o ritmo da floresta e garantindo água limpa para todos.

Glossário

Rabeta: tipo de barco pequeno com motor adaptado que é muito usado nos rios da Amazônia. Ele é mais leve que os barcos grandes e ideal para navegar nos igarapés e nos rios estreitos da floresta.

Agrotóxicos: substâncias químicas usadas para matar pragas e proteger as plantações, mas que podem poluir o solo e os rios e afetar a saúde das pessoas e dos animais.



Formem grupos e discutam:

- 1 Na sua opinião, quais cuidados devemos ter para proteger os rios e igarapés?
 - 2 Como você acha que a poluição pode afetar a vida das pessoas que dependem da água?
- 78 2. Espera-se que os estudantes compreendam que a poluição deixa a água imprópria para consumo, causa doenças, prejudica a pesca e dificulta o transporte, afetando diretamente a saúde e a vida das pessoas que vivem próximo aos rios.

1. Espera-se que os estudantes mencionem ações como não jogar lixo nos rios, evitar o desmatamento próximo às margens, usar menos produtos químicos, preservar as matas ciliares e reutilizar a água de forma consciente.

Atividade complementar

Solicite aos estudantes que busquem reportagens, como as que se referem ao Rio Doce (MG) ou outros, sobre o que aconteceu com comunidades em que os rios foram poluídos ou secaram, a fim de promover um debate reflexivo sobre o tema.

Interdisciplinaridade com Ciências

Peça que os estudantes registrem no caderno um pequeno esquema mostrando os usos da água em suas respectivas casas e na comunidade, inserindo esse uso dentro do ciclo da água.

O Festival do Abacaxi

No município de Conceição do Araguaia, no sul do Pará, o Festival do Abacaxi é um evento que celebra a colheita dessa fruta tão importante para a economia local. Além de destacar o trabalho dos agricultores, o festival traz música, danças, concursos e barracas de comida, além de contar com a participação de grande parte da comunidade.

Assim como a produção de farinha, a festa mostra como a agricultura está ligada à cultura, à identidade e ao modo de vida das pessoas da região.

CULTURAS DA NOSSA REGIÃO



NÃO ESCREVA
NO LIVRO.

Farinha, festa e tradição: a Casa de Farinha no Norte

Na Região Norte, especialmente no Pará, Amazonas e Acre, muitas comunidades mantêm viva uma tradição que passa de geração em geração: o preparo artesanal da farinha de mandioca. Esse alimento é parte essencial da cultura alimentar do Norte e está presente no café da manhã, no almoço e em celebrações.

A Casa de Farinha é o lugar onde tudo acontece. Lá, a mandioca é lavada, descascada, ralada, prensada, peneirada e torrada em grandes fornos. A produção é feita de forma coletiva, reunindo famílias inteiras, e cada pessoa tem uma função. Durante esse trabalho, há música, conversa e, às vezes, até festa. Mais do que alimento, a farinha representa união, história e identidade.

Produzir farinha exige esforço, tempo e cuidado, mas também é uma forma de manter viva uma cultura que resiste às mudanças e valoriza os saberes locais.



CADU DE CASTROPULSAR IMAGENS

Quilombola usando rodo para mexer a farinha de mandioca durante a torra na casa de farinha, em comunidade quilombola e ribeirinha da Vila Mangabeira, Mocajuba, Pará, 2025.

- 1 Converse em sala sobre as comidas típicas da sua região. A farinha está presente? Como ela é usada no dia a dia da sua casa ou da sua comunidade?

Espera-se que os estudantes falem da alimentação em suas casas e comunidades, reconhecendo a presença da farinha ou de outros produtos típicos.

79

BNCC

(EF03GE01) (EF03GE05)
(EF03GE04) (EF04GE01)

Orientações didáticas

Trabalhe com as festas tradicionais associadas à agricultura fazem parte da cultura e identidade local. Apresente aos estudantes o boxe **Culturas da Nossa Região**, destacando a tradição do preparo da farinha de mandioca e a participação coletiva das famílias.

Explique que esses eventos valorizam o trabalho agrícola e fortalecem os laços comunitários, mostrando como a produção de alimentos e a cultura se entrelaçam. Se possível, mostre outras imagens do festival para os estudantes e peça que reflitam como a música, a dança e as atividades coletivas transformam o trabalho em celebração. Incentive-os a comparar esses eventos com festas e tradições da própria região, destacando a importância da agricultura para a economia local, para a alimentação e para a manutenção da cultura.

Contextualize que a produção de farinha e de outros alimentos típicos envolve saberes antigos e cuidados com o meio ambiente, evidenciando a ligação entre tradição, sustentabilidade e identidade regional. Se for viável, apresente o vídeo do Instituto Laurinda Amazônia sobre a produção de farinha (<https://www.youtube.com/watch?v=ZKL0les6uEE>).

Para tornar a aula mais dinâmica, proponha aos estudantes que compartilhem suas experiências com comidas típicas da região, discutam os processos de produção e reflitam sobre como o trabalho coletivo fortalece a comunidade. Enfatize a relevância de respeitar e valorizar os conhecimentos e as práticas tradicionais, mostrando que o cultivo de alimentos e a preservação das tradições são essenciais para manter viva a cultura e a identidade local.

Para a **atividade 1**, discuta a culinária típica da região e peça aos estudantes que citem como a farinha está presente no cotidiano deles. Além disso, enfatize o uso comercial e industrial dela, mostrando produtos alimentícios cuja matéria prima seja farinha.

BNCC

(EF03GE04)
(EF03GE05)
(EF03GE09)
(EF03GE10)
(EF04GE01)

Orientações didáticas

Esta página mostra a evolução da agricultura na Região Norte, do roçado tradicional ao uso da mecanização, destacando mudanças no trabalho e no impacto ambiental. Explore a importância de combinar saberes antigos e técnicas modernas para garantir sustentabilidade.

Inicie a leitura mostrando as duas imagens e, na sequência, na **atividade 1**, promova uma conversa sobre as diferenças que os estudantes percebem dentre as formas de produção.

Durante a leitura do texto, destaque o box **Glossário**, os instrumentos usados no cultivo tradicional e como o trabalho necessitava de mais pessoas da comunidade. Em seguida, explique que a mecanização trouxe mudanças no ritmo do trabalho, na quantidade de pessoas envolvidas e no meio ambiente.

Pata a **atividade 2**, sugira aos estudantes que, em duplas, listem no caderno as vantagens e desvantagens de cada tipo de produção (tradicional e mecanizada).

1. Espera-se que os estudantes identifiquem as diferenças entre o cultivo tradicional (com poucas ferramentas, feito por famílias) e o cultivo moderno (com máquinas e grandes áreas).

Do roçado tradicional à mecanização

NÃO ESCREVA NO LIVRO.

Ao longo do tempo, o modo de plantar e criar animais na Região Norte foi mudando. Antes, tudo era feito de maneira bem simples, com ferramentas manuais, como o facão, a enxada e o **terçado**. A terra era preparada aos poucos, e os roçados eram pequenos, feitos apenas para alimentar as famílias.

Muitos saberes e técnicas foram passados de geração em geração, como a forma certa de plantar a mandioca ou de cuidar do solo durante a época das chuvas. Esse conhecimento é muito importante e faz parte da história de muitas comunidades indígenas, ribeirinhas e quilombolas da região.

Com o passar dos anos, algumas áreas começaram a usar máquinas agrícolas, tratores, cercas elétricas e fertilizantes industriais. Isso facilitou o trabalho e aumentou a produção, mas também mudou o jeito de viver no campo: menos gente trabalhando diretamente na terra, mais uso de produtos químicos e, portanto, mais impacto no meio ambiente.

Glossário

Terçado: ferramenta parecida com um facão, muito usada por agricultores da Região Norte. Serve para cortar galhos, limpar terrenos e abrir caminhos no mato. É resistente e fácil de carregar, sendo muito comum nos roçados tradicionais.



Plantação de açaí em roça na comunidade quilombola de Mangabeira, Mocajuba, Pará, 2022.



Colheita de soja mecanizada, Brejinho de Nazaré, Tocantins, 2025.

Hoje, existe um desafio: como podemos usar novas tecnologias sem esquecer dos saberes antigos e sem destruir a natureza? Muitos grupos estão buscando jeitos de unir o tradicional e o moderno, respeitando o tempo da terra e protegendo os rios e as florestas.

- 1 Observe as imagens e compare os tipos de plantação. O que muda no modo de trabalhar na terra em cada uma delas?
 - 2 O que você acha importante manter das práticas antigas? E o que pode ser bom nas novas formas de plantar?
2. Espera-se que os estudantes reflitam sobre a importância de respeitar os saberes tradicionais, como cuidar do solo e usar sementes nativas, ao mesmo tempo que reconheçam benefícios das novas práticas, como a agilidade no plantio e na colheita.

80

Interdisciplinaridade com Ciências

Utilize dados do **Atlas dos Agrotóxicos**, produzidos pela Fundação Heinrich Böll e por várias organizações francesas, para discutir os efeitos do uso de fertilizantes e agrotóxicos, incentivando reflexões sobre impactos na saúde e na natureza.

Diversificando

Vídeo da EMBRAPA sobre mudanças no campo

Se possível, mostre para os estudantes o vídeo sobre a evolução da agricultura nos últimos 50 anos, feito pela EMBRAPA (<https://www.youtube.com/watch?v=RuzwM0e1NhU>). Em seguida, conduza uma discussão sobre as mudanças apresentadas que também podem ser observadas na região.

MERGULHANDO NA HISTÓRIA

Integrar para ocupar: a floresta ameaçada

Durante o período da ditadura militar no Brasil (1964–1985), o governo criou programas para “ocupar” a Amazônia com o lema “Integrar para não entregar”. Nesse período, foram abertas rodovias, como a Transamazônica (BR-230), incentivando a migração de famílias do Sul e Sudeste e promovendo o desmatamento para instalação de grandes projetos agropecuários. A floresta era vista como um espaço “vazio”, sendo considerada um obstáculo ao desenvolvimento.

Observe o cartaz a seguir. Ele mostra como a floresta era representada e quais ideias circulavam sobre a Amazônia.

Cartaz do período da ditadura civil-militar, incentivando a ocupação da Amazônia.



REPRODUÇÃO/REVISTA REALIDADE



Agora, pesquise e reflita:

NÃO ESCREVA NO LIVRO.

- 1 O que esse cartaz nos mostra sobre a visão que o governo militar tinha da Amazônia? Como ela é representada? **1 a 4. Respostas pessoais.**
- 2 Quais são as consequências dessa visão para as populações indígenas, ribeirinhas e quilombolas que já viviam na região? Que mudanças aconteceram nos modos de vida dessas comunidades?
- 3 No cartaz, a Amazônia aparece como um espaço a ser ocupado. Com base nos seus estudos de Geografia, que regiões foram mais afetadas por esse tipo de ocupação? Quais elementos do espaço foram modificados?
- 4 Imagine que você precisa criar um novo cartaz com uma visão diferente da Amazônia. No lugar de ser vista como “vazia” ou “obstáculo”, ela deve ser valorizada por sua diversidade, pelas culturas que abriga e pela importância para o equilíbrio do planeta. Use desenhos, palavras ou recortes para montar seu cartaz no caderno coletivamente com seus colegas.

81

Na **atividade 2**, oriente os estudantes a listar as consequências desse grande projeto para a população da região, especialmente aqueles que têm relações mais diretas com a natureza.

Na **atividade 3**, enfatize como a construção dessa estrada impactou as comunidades e o bioma amazônico.

Para concluir as atividades, se houver recursos, apresente o vídeo do Arquivo Nacional, A Transamazônica (1970) (<https://www.youtube.com/watch?v=8lo0WfKo0Qo>).

Interdisciplinaridade com Arte

Na **atividade 4**, peça aos estudantes que criem um cartaz, modificando a visão dada à Amazônia nos cartazes associados ao projeto de construção da estrada.

BNCC

(EF03GE11)
(EF04GE04)
(EF04GE07)
(EF05GE05)
(EF04HI05)

Orientações didáticas

Oriente os estudantes a observar a imagem da estrada na floresta e ajude-os a compreender que grandes obras, como a Transamazônica, impactam a vida das pessoas e da floresta.

Destaque que a Transamazônica buscava integrar a região ao restante do país, já que muitas comunidades só se conectavam por rios e igarapés. Enfatize como a abertura da estrada trouxe consigo um fluxo intenso de trabalhadores, famílias e empresas, transformando profundamente a paisagem e o cotidiano local, os quais se tornaram eixo viário ao redor do qual a dinâmica social passou a girar. No entanto, esse processo também trouxe impactos negativos ao meio ambiente, como o desmatamento, a poluição dos rios e a redução da biodiversidade.

Na **atividade 1**, discuta o papel da propaganda na construção de grandes projetos, enfatizando o desdobramento dessa comunicação na sociedade. Relacione o contexto político ao processo em questão, tomando como base o lema “Integrar para não entregar” e analisando de que modo a Amazônia foi apresentada como um obstáculo, desconsiderando a vida e as comunidades que nela habitam.

BNCC

(EF03GE01)
(EF04GE04)
(EF03HI08)
(EF03HI12)
(EF04HI03)

Orientações didáticas

No boxe **Vozes da História**, enfatize a protagonista, uma liderança indígena do Acre que lutou pela preservação da floresta e pelos direitos de seu povo. Leia o relato em voz alta e destaque a coragem e a resistência de Francisca diante das pressões de madeireiros e fazendeiros.

Se houver recursos disponíveis, apresente o vídeo da Coordenação das Organizações Indígenas da Amazônia Brasileira em que Francisca Arara fala sobre sua atuação (https://www.youtube.com/watch?v=H_zXX-K8pX0). Enfatize a relevância de uma liderança feminina e como isso ainda é uma realidade incomum em toda a sociedade.

Na **atividade 1** do boxe, peça aos estudantes que entrevistem mulheres de sua família que trabalham e que exercem algum tipo de liderança.

Na **atividade 1** da página, incentive os estudantes a refletir sobre o abastecimento da região, os meios de transporte e as condições em que a logística da região acontece.

Diversificando

Proponha aos estudantes uma atividade lúdica que una realidade e ficção: após conhecerem a história de Francisca Arara, e assistirem a trechos da série “Guerreiros da Amazônia”, eles criarão uma versão heroica da Francisca como guerreira amazônica. Usando desenhos ou materiais recicláveis, deverão inventar seu poder especial, animal protetor e lema de luta. Ao final, as personagens serão apresentados em grupo.

OED

Apresente aos estudantes o **mapa clicável** “Os caminhos das águas: vida na Região Norte”. Ao clicar nos ícones, eles descobrem curiosidades sobre transporte, pesca, agricultura ribeirinha e desafios ambientais. Use o recurso para ampliar a compreensão de como rios e igarapés estruturam a vida regional e para incentivar reflexões sobre práticas sustentáveis e preservação das águas.

VOZES DA HISTÓRIA

NÃO ESCREVA
NO LIVRO.

Francisca Arara: a força da floresta

Francisca Oliveira Lima Costa Arara, conhecida como Yaka Shawãdawa, é uma liderança indígena do povo Arara, no Acre. Professora, ativista e guardiã de saberes tradicionais, luta pelos direitos territoriais e culturais e pelo fortalecimento das mulheres indígenas da Amazônia. Ela defende a preservação da língua, da medicina tradicional, dos cantos e dos rituais do seu povo, unindo saberes ancestrais, agricultura sustentável e participação social.

- 1 Com a ajuda de um adulto, entreviste uma mulher da sua comunidade que trabalhe utilizando plantas. Pergunte o que ela cultiva, como aprendeu esse saber e sua relação com a natureza. Depois, compartilhe com a turma.

Espera-se que os estudantes desenvolvam a habilidade de investigar saberes locais por meio de entrevistas, valorizando as contribuições femininas no cuidado com a terra, na preservação ambiental e na transmissão de conhecimentos tradicionais.

Campo e cidade: produtos que viajam pelos rios e estradas



Na Região Norte, os produtos do campo, como mandioca, banana, milho, peixe e castanha, são levados até as cidades por meio das estradas e dos rios, muitas vezes em pequenas embarcações. Esse caminho dos alimentos e outros bens mostra como o campo e a cidade estão interligados.

Ribeirinhos, pequenos agricultores, indígenas e extrativistas plantam, pescam e colhem na floresta ou em suas terras. Depois, os produtos são levados para feiras, mercados e até outras regiões do Brasil. Muitas vezes, esse transporte é feito por barcos chamados de **gaiolas**, que descem os rios com mercadorias empilhadas e passageiros.

Nos grandes centros urbanos do Norte, como Manaus, Belém ou Porto Velho, há feiras populares que recebem esses alimentos e movimentam a economia local.

Do outro lado, enviam produtos para o interior, como roupas, remédios e alimentos. Esse fluxo conecta campo e cidade, mostrando que ambos se ajudam e dependem um do outro.

Desembarque e comércio de abóboras e bananas no porto Manaus Moderna, no Rio Negro. Manaus, Amazonas, 2024.



RICARDO OLIVEIRA/PULSAR IMAGENS



1

Você já viu algum transporte de produtos na sua comunidade? Como isso acontece?

82

Espera-se que os estudantes relatem experiências pessoais ou observações sobre como os produtos circulam em sua comunidade, podendo mencionar caminhões, barcos, carroças ou outros meios de transporte.

NÃO ESCREVA NO LIVRO.

Na Região Norte, muitas comunidades têm buscado maneiras de produzir alimentos e criar animais sem destruir a floresta. Essa forma de trabalho é chamada de **manejo sustentável**. Ela valoriza os saberes tradicionais e protege os rios, os igarapés, o solo e os animais.

Uma prática comum é o plantio agroflorestal, em que se mistura o cultivo de alimentos com árvores nativas. Por exemplo: o agricultor planta banana, mandioca e açaí no mesmo espaço, junto com árvores da floresta. Isso ajuda a manter o solo fértil, atrair animais polinizadores e garantir sombra e umidade.

Essas formas de produção mostram que é possível viver da terra sem prejudicá-la, garantindo alimento para hoje e para o futuro.

Leia o texto a seguir.

“Somente neste ano, [...] comunidades que vivem na reserva promoveram o plantio de seis mil mudas de 19 espécies nativas, no mês de março. Sob orientação técnica do Idesam, a iniciativa ocorre no contexto de mitigação da crise climática dentro de um projeto de compensação de emissão de carbono. [...] ‘Esse plantio, no cenário de seca, ajuda a garantir segurança alimentar para as famílias. Mesmo com árvores que foram afetadas, porque a seca foi muito forte, ainda assim fez a diferença. A gente tem relatos das pessoas falando: ‘ainda bem que tem esse SAF aqui.’”

BOEHM, Camila. Sistema Agroflorestal promove redução de efeitos da seca na Amazônia. **Agência Brasil**. 11 maio 2024. Disponível em: <https://agenciabrasil.etc.com.br/geral/noticia/2024-05/sistema-agroflorestal-promove-reducao-de-efeitos-da-seca-na-amazonia>. Acesso em: 23 jun. 2025.



Solo preparado para plantio de Sistema Agroflorestal. Careiro, Amazonas, 2022.

MARCOS AMENDPULSAR/IMAGENS

BNCC

(EF03GE04)
(EF03GE05)
(EF04GE01)
(EF04GE04)

Orientações didáticas

Aborde o conceito de manejo sustentável e o Sistema Agroflorestal (SAF), que combina produção de alimentos e preservação da floresta. Explique como as comunidades cultivam alimentos respeitando os ciclos naturais. Contextualize o significado de “agrofloresta” e mostre como essa prática preserva o solo, a biodiversidade e a segurança alimentar das famílias.

Incentive os estudantes a refletir sobre as vantagens do SAF, como o uso de espécies nativas para não apenas manter o equilíbrio ecológico, mas também reduzir os impactos da crise climática. Proponha uma pesquisa sobre a presença dessas práticas na comunidade, valorizando a agricultura sustentável e a importância de preservar a natureza enquanto se produz alimentos.

Na **atividade 1**, peça aos estudantes para escrever no caderno o que é um SAF. Em seguida, discuta com a turma os benefícios ambientais, econômicos e sociais desse sistema, destacando a contribuição dele para a sustentabilidade.

Para a **atividade 2**, relacione essas práticas com a questão da seca na Amazônia, destacando como elas podem ajudar a minimizar os impactos da falta de água e promover a preservação dos recursos naturais.

Já para a **atividade 3**, ajude-os a identificar práticas sustentáveis nas proximidades da escola, de casa ou de regiões de seu convívio.



Com base no texto, responda no caderno:

- 1 O que é um SAF (Sistema Agroflorestal)?
- 2 Por que essas práticas são importantes para enfrentar os efeitos das secas na Amazônia?
- 3 Na sua região, há pessoas que produzem alimentos respeitando a natureza? Como elas fazem isso?

1. Espera-se que os estudantes compreendam que um SAF (Sistema Agroflorestal) é uma forma de plantio que promove o equilíbrio entre produção de alimentos e preservação da natureza.

2. Espera-se que os estudantes compreendam que essas práticas ajudam a manter o solo úmido, a proteger os rios e a conservar a floresta, tornando a produção de alimentos mais segura mesmo em tempos de seca.

3. Espera-se que os estudantes cite exemplos de agricultura sustentável, como compostagem, preservação de matas, plantio de árvores, uso reduzido de agrotóxicos e colheita de frutas nativas.

83

Temas Contemporâneos Transversais (TCT)

Meio Ambiente – A Sustentabilidade na Produção de Alimentos

Faça uma reflexão sobre os impactos negativos da agricultura, como o desmatamento e o uso de agrotóxicos, apresentando o Sistema Agroflorestal (SAF) como uma solução sustentável. Discuta o uso responsável da água e a preservação das florestas, encorajando práticas agrícolas que protejam os recursos naturais e promovam um futuro mais equilibrado.

BNCC

(EF03GE04)
(EF03GE05)
(EF03GE09)
(EF04GE01)
(EF04GE04)

Orientações didáticas

Proponha aos estudantes uma reflexão crítica sobre os impactos das atividades econômicas, como a agricultura e a pecuária, no meio ambiente da Região Norte. Se possível, mostre dados, como as estatísticas de desmatamento do INPE, para ilustrar como a expansão de fazendas e pastagens destrói florestas e polui rios, contextualizando a gravidade do problema.

Apresente soluções sustentáveis, como os Sistemas Agroflorestais (SAF), que combinam o cultivo de alimentos com a preservação das árvores nativas. Mostre vídeos de organizações como o IDESAM sobre projetos de agricultura sustentável, permitindo que vejam como práticas agrícolas podem proteger o solo e a biodiversidade.

Se possível, realize uma pesquisa com os estudantes sobre técnicas de cultivo locais, usando o Google Earth para observar mudanças nas paisagens. Compare métodos tradicionais e mecanizados, discutindo os impactos do uso de agrotóxicos e da conversão de florestas em pastagens. Finalize com um debate sobre alternativas sustentáveis e como os estudantes podem contribuir para a preservação ambiental.

Trabalho e meio ambiente: os desafios no Norte

Produzir alimentos, criar animais e extrair produtos da natureza são atividades muito importantes para quem vive no campo na Região Norte. Mas essas atividades também trazem desafios quando não são feitas com cuidado.

Quando grandes áreas são desmatadas para plantar só um tipo de produto, como soja ou capim para o gado, o solo pode ficar mais fraco, e os rios, mais poluídos. Além disso, o uso de máquinas pesadas e produtos químicos pode prejudicar os animais, as plantas e a saúde das pessoas.

Em algumas partes da região, grandes fazendas têm substituído as pequenas roças, o que dificulta a vida de agricultores e comunidades tradicionais. Muitas famílias precisam sair de suas terras por causa da chegada de fazendas, estradas ou garimpos ilegais.

Mas também há bons exemplos: agricultores que cuidam da água e do solo, comunidades que compartilham ferramentas e sementes, e grupos que defendem o uso equilibrado dos recursos da floresta. Esses exemplos mostram que é possível trabalhar e cuidar da natureza ao mesmo tempo.

1. Espera-se que os estudantes identifiquem parte da floresta preservada e outra desmatada, evidenciando o impacto do uso da terra.

O futuro da Região Norte depende dessas escolhas. Então, como podemos plantar, pescar e colher sem destruir aquilo que nos dá vida?



NÃO ESCREVA NO LIVRO.

Desmatamento da Floresta Amazônica para abrir espaço para pastagem de gado na rodovia Transamazônica, Pará, 2023.

2. Espera-se que os estudantes mencionem que a floresta foi retirada para abrir espaço para a criação de gado, como indica a legenda. No lugar da mata, há pastagens e estrada, o que mostra o uso da terra para atividades econômicas.

- 1 O que você vê nessa imagem? Há diferenças entre as partes da paisagem?
- 2 Por que parte da floresta foi destruída? O que foi colocado no lugar?
- 3 Quais consequências o desmatamento pode trazer para as pessoas e para o meio ambiente? 3. Espera-se que os estudantes citem perda da biodiversidade, poluição dos rios, mudanças no clima e dificuldade para as comunidades que vivem da floresta.
- 4 Você conhece algum lugar perto da sua comunidade onde a floresta está sendo desmatada ou preservada? Conte para a turma. 4. Espera-se que os estudantes citem um local próximo, como margens de igarapés, áreas de plantio ou reservas protegidas, estimulando o debate sobre a realidade local.
- 5 Como seria possível usar a terra de forma mais equilibrada? a realidade local. 5. Espera-se que os estudantes indiquem práticas sustentáveis, como plantar sem derrubar a floresta, cuidar da água, evitar queimadas e excesso de agrotóxicos, valorizando saberes dos povos da floresta.

84

Na **atividade 1**, peça aos estudantes que, no caderno, analisem imagens e dados sobre o desmatamento, identificando as atividades que contribuem para isso e seus impactos no ambiente.

Para a **atividade 2**, solicite que pesquisem e citem quais as finalidades do desmatamento.

Na **atividade 3**, peça que escrevam sobre as consequências desse processo.

Na **atividade 4**, encoraje-os a observar se esses problemas podem ser vistos nas suas localidades.


Para finalizar, na **atividade 5**, incentive-os a pensar como essa terra poderia ser utilizada de maneira sustentável.

ORGANIZE AS IDEIAS

NÃO ESCREVA
NO LIVRO.

Neste capítulo, você aprendeu que o campo na Região Norte não é apenas um lugar de plantar e criar animais. É também um espaço de saberes tradicionais, onde as famílias vivem em equilíbrio com a floresta, pescam, colhem e mantêm vivas as tradições.

Agora é hora de organizar o que aprendeu, pensar sobre os cuidados com a natureza e mostrar como tudo isso chega até a nossa mesa!

-  **1** Com a ajuda de um familiar, faça uma pequena pesquisa sobre um alimento ou produto do campo na sua região. No caderno, anote e ilustre:
- Qual é o produto? É cultivado, pescado ou extraído da floresta?
 - Onde ele é produzido e como chega até sua casa ou escola? (Transporte por rios ou estradas.)
 - Quais são os cuidados que os agricultores, pescadores ou coletores devem ter para proteger a natureza enquanto trabalham?
 - Por que é importante valorizar quem vive e trabalha no campo?


Depois, crie um pequeno cartaz ou uma página de “Diário de aprendizagem” com desenhos, colagens ou frases para ilustrar.

- 2** Converse com alguém da sua família ou da sua comunidade que trabalhe ou já tenha trabalhado com agricultura, pesca ou criação de animais. Com a ajuda de um adulto, registre a conversa em áudio ou escreva no caderno as respostas para estas perguntas:
- Qual era a atividade realizada?
 - Como era o uso da terra e da água?
 - O que mudou com o tempo?

1. Espera-se que os estudantes relacionem o que aprenderam sobre a importância do campo, o cuidado com rios e florestas, a cultura das comunidades rurais e ribeirinhas, e reflitam sobre consumo consciente e respeito à natureza.

2. Espera-se que os estudantes relatem informações simples, mas que demonstrem entendimento sobre a atividade, o uso dos recursos naturais e as mudanças com o tempo.

Você pode registrar essa conversa em áudio ou escrever as respostas no caderno. Depois, compartilhe com a turma.

-  **3** Em grupo, reúnam imagens, palavras e desenhos que mostrem como as pessoas vivem e trabalham no campo. Para montar o mural, vocês podem usar cartolina, papel pardo ou uma grande folha de papel kraft. Reúnam materiais como revistas velhas, jornais, papéis coloridos, figuras impressas e materiais recicláveis. Recortem ou desenhem elementos que representem o tema escolhido. Escrevam frases curtas explicando a importância de cada parte do mural.

No final, deem um título criativo ao trabalho e organizem uma exposição para que outras turmas possam conhecer o que vocês aprenderam sobre o campo e a floresta.

3. Espera-se que os estudantes trabalhem de forma colaborativa, exercitando criatividade, pesquisa e reflexão sobre a relação entre trabalho, natureza e sustentabilidade na região.

85

BNCC

(EF03GE04)
(EF03GE05)
(EF04GE01)
(EF04GE04)

Orientações didáticas

Na seção **Organize as Ideias**, oriente os estudantes a revisar os principais conceitos discutidos, como a relação entre trabalho no campo e preservação ambiental. Encoraje-os a refletir de que maneira as práticas agrícolas sustentáveis, como o uso de agroflorestas, podem ajudar a proteger os recursos naturais enquanto garantem a produção de alimentos.

Na **atividade 1**, peça aos estudantes que, com a ajuda de um familiar, pesquisem sobre um produto do campo da região e, com base nas informações coletadas, criem um cartaz ou uma página ilustrada no “Diário de aprendizagem”, destacando as características do produto, a produção e os cuidados necessários para preservar a natureza.

Na **atividade 2**, solicite que conversem com pessoas próximas que tenham trabalhado com agricultura, pesca ou criação de animais, buscando informações sobre a atividade e a relação com a natureza.

Na **atividade 3**, peça que, em grupo, criem um mural utilizando imagens, palavras e desenhos que representem a vida e o trabalho no campo. Oriente-os a usar materiais recicláveis e a escrever frases curtas explicando cada parte do mural. Ao final, solicite que deem um título criativo e organizem uma exposição para compartilhar o que aprenderam com outras turmas.

Avaliação

Peça aos estudantes para escrever ou desenhar um mapa mental, conectando as ideias discutidas sobre o uso responsável da terra, a importância de preservar a água e a biodiversidade, além das formas de trabalho rural sustentável. Para orientar os estudantes, demonstre no quadro como começar com uma ideia central e criar ramificações com palavras-chave e imagens, como gotas de água para “preservação” e árvores para “biodiversidade”.

Objetivos gerais do capítulo:

- Compreender o que é o extrativismo e identificar suas formas de ocorrência na Região Norte.
- Distinguir práticas extrativistas sustentáveis e predatórias, reconhecendo seus impactos ambientais e sociais.
- Valorizar os saberes e modos de vida das comunidades tradicionais da floresta, como indígenas, ribeirinhos, quilombolas e extrativistas.
- Refletir sobre a importância da organização coletiva no trabalho, com destaque para cooperativas que atuam na preservação e uso responsável dos recursos naturais.
- Reconhecer a diversidade da vegetação amazônica e os diferentes modos de vida adaptados às paisagens da região.
- Estimular o respeito à natureza e à cultura regional como base para a construção de identidade, pertencimento e sustentabilidade.

BNCC

(EF03GE04)
(EF03GE05)
(EF03HI02)
(EF03HI03)

Orientações Didáticas

Inicie a seção **Primeiros olhares** pedindo aos estudantes que observem as imagens e comentem o que veem. Valorize todas as contribuições, incentivando a escuta respeitosa e a diversidade de vivências.

Na **atividade 1**, pergunte aos estudantes se conhecem as atividades representadas nas imagens se eles veem cenas semelhantes no lugar onde vivem. A ideia é perceber que essas atividades

CAPÍTULO 7

O NORTE QUE COLHE SEM DERRUBAR

1. Espera-se que os estudantes compreendam que muitas pessoas vivem da floresta de forma respeitosa, sem derrubá-la. Mesmo que não conheçam alguém pessoalmente, podem mencionar que já viram em livros, reportagens ou vídeos pessoas que colhem castanha-do-pará, extraem látex da seringueira, pescam em igarapés ou colhem frutos como o açaí.

NÃO ESCREVA NO LIVRO.

PRIMEIROS OLHARES



Exatção de borracha na Amazônia, em 2025.



Coleta de castanha-do-pará na Reserva de Desenvolvimento Sustentável Mamirauá. Uarini, Amazonas, 2021.



Jovem quilombola espalhando as sementes de cacau para a secagem. Mocajuba, Pará, 2025.



Índigenas da etnia Munduruku pescando em igapó na Terra Indígena Munduruku-Taquara. Belterra, Pará, 2023.

1. Espera-se que os estudantes compreendam que muitas pessoas vivem da floresta de forma respeitosa, sem derrubá-la. Mesmo que não conheçam alguém pessoalmente, podem mencionar que já viram em livros, reportagens ou vídeos pessoas que colhem castanha-do-pará, extraem látex da seringueira, pescam em igarapés ou colhem frutos como o açaí.
2. Resposta pessoal.
3. Espera-se que os estudantes percebam que o dia a dia dessas pessoas envolve muito trabalho em contato com a natureza. Elas acordam cedo, caminham por trilhas, sobem em árvores, pescam nos rios e usam técnicas tradicionais passadas por gerações.

86

fazem parte do modo de vida de muitas comunidades da Região Norte.

Na **atividade 2**, incentive-os a relacionar as atividades ao modelo de vida das pessoas, indicando sua relação com a floresta.

Na **atividade 3**, convide os estudantes a imaginar como é o cotidiano das pessoas que aparecem nas imagens e a refletir sobre o tipo de trabalho que realizam, respeitando a floresta e vivendo em equilíbrio com ela.

O extrativismo na Amazônia



Extrativismo é o nome dado à atividade em que as pessoas retiram da natureza recursos que já existem prontos, sem precisar cultivá-los ou criá-los. Essa prática pode envolver a coleta de produtos vegetais, a pesca de animais ou a extração de minerais do solo. Desde os tempos antigos, comunidades da Região Norte do Brasil dependem do extrativismo para se alimentar, gerar renda e fabricar produtos que utilizam no dia a dia.

Existem três principais tipos de extrativismo:



Extrativismo vegetal

Coleta de frutos, sementes e óleos das plantas.



Extrativismo animal

Pesca de peixes e outros animais da floresta.



Extrativismo mineral

Retirada de minerais como argila, sal, ouro e pedras preciosas.

ANA HIDALGO

A forma como o extrativismo é realizado faz toda a diferença para o futuro da floresta. Quando é praticado sem planejamento e sem cuidado, pode acabar esgotando os recursos naturais, provocando desmatamento, poluindo os rios e destruindo habitats importantes para muitos seres vivos.

Por outro lado, o **extrativismo sustentável** é feito de forma consciente e responsável, garantindo que a floresta continue viva e produtiva por muito tempo. As comunidades que seguem esse modelo cuidam para coletar apenas o necessário, respeitam os ciclos da natureza e ajudam a preservar a biodiversidade. Assim, conseguem tirar da floresta o que precisam, sem destruir tudo o que ela oferece.

Um bom exemplo disso acontece na Ilha de Marajó, no Pará. Lá, as populações ribeirinhas fazem a coleta do açaí de forma sustentável, trabalhando juntas em todas as etapas — desde a colheita do fruto até a produção da polpa. Um projeto chamado Manejái (Centro de Referência em Manejo de Açaizais Nativos do Marajó) ensina técnicas que aumentam a produção em até 30% e ajudam a manter a floresta saudável para todos.

87

BNCC

(EF03GE04)
(EF03GE05)
(EF03GE09)
(EF03HI02)
(EF04HI05)

Orientações Didáticas

Nesta página, os estudantes entram em contato com um dos modos de vida mais emblemáticos da Região Norte: o extrativismo. É importante destacar que esse tema oferece uma oportunidade valiosa para abordar relações entre natureza e cultura, respeitando os conhecimentos tradicionais das comunidades locais.

Ao tratar o conceito de extrativismo, explique que se refere à retirada de recursos da natureza sem a necessidade de plantio ou criação. Diferencie os três tipos principais — vegetal, animal e mineral — por meio de exemplos contextualizados da realidade amazônica. Utilize imagens, vídeos e objetos concretos para apoiar a compreensão, explorando produtos como castanha-do-pará, látex da seringueira, açaí, peixes dos rios e minérios como bauxita e ouro.

Busque relacionar o conteúdo com a realidade dos estudantes. Estimule a escuta dessas experiências e valorize os saberes locais.

Destaque o extrativismo sustentável como prática fundamental para garantir a preservação da floresta. Explique que essa prática respeita os ciclos da natureza e busca manter os recursos disponíveis para as futuras gerações. Use o exemplo do projeto Manejái, na Ilha de Marajó, como uma forma concreta de mostrar a organização comunitária e o conhecimento tradicional em prol da conservação ambiental.

OED

Finalize com a exibição e exploração do objeto educacional digital, “Viver da floresta sem derrubar: modos de vida e reservas no Norte do Brasil”, **mapa clicável** que apresenta cinco experiências reais de extrativismo sustentável na Região Norte. Navegue com a turma pelos ícones, com destaque para os saberes dos povos e produtos típicos de cada lugar. Esse recurso amplia a percepção geográfica dos estudantes, promovendo a valorização da diversidade cultural e ambiental da Amazônia.

BNCC

(EF03GE04)
(EF03GE05)
(EF03GE09)
(EF03GE11)
(EF04HI05)

Orientações Didáticas

Apresente aos estudantes o conceito de extrativismo mineral, explicando que ele envolve a retirada de minerais e rochas do subsolo, como ferro, bauxita e ouro. Utilize o box **Glossário** para explicar o que é garimpo, diferenciando o legal do ilegal.

Destaque que esses recursos são importantes para o cotidiano, mas que a exploração sem planejamento pode trazer sérios impactos ambientais e sociais. Relacione com situações conhecidas, como buracos abertos em terrenos, rios poluídos ou mudanças nas paisagens próximas a áreas de mineração.

Na **atividade 1**, retome com os estudantes os produtos citados no texto — como açaí, castanha-do-pará, borracha, alumínio e peixes — e pergunte se eles já viram ou usaram algum desses produtos em casa, na escola ou na comunidade. Eles podem perceber, por exemplo, que frutos como açaí e castanha são consumidos em casa ou na escola, que o alumínio está em latas de refrigerante ou panelas, e que objetos de borracha, como calçados ou brinquedos, fazem parte do cotidiano.

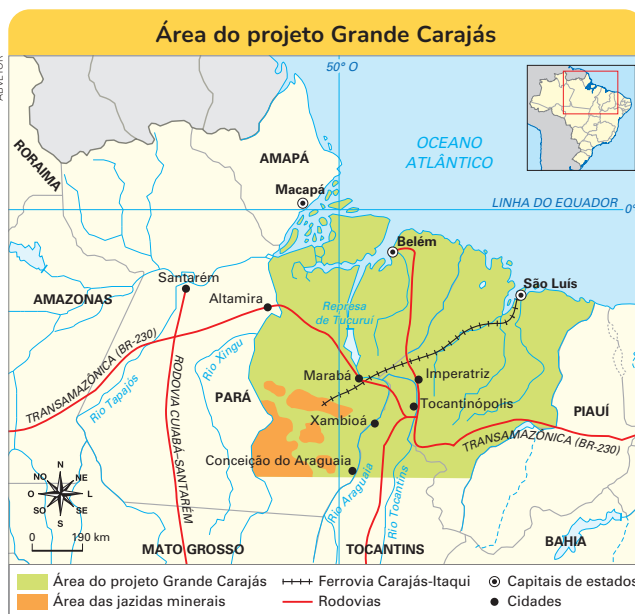
Para a **atividade 2**, promova um debate sobre os riscos e benefícios do extrativismo mineral. Peça que escrevam no caderno possíveis soluções para reduzir os impactos da mineração. Podem mencionar que o meio ambiente sofre com desmatamento e poluição

O extrativismo mineral na Amazônia

NÃO ESCREVA NO LIVRO.

O extrativismo mineral ocorre quando se retiram do solo ou do subsolo elementos como petróleo, ferro, bauxita (que serve para fazer alumínio), manganês e ouro. Essa atividade é muito valiosa para a economia do país, pois gera empregos e produtos que são usados em várias partes do Brasil e do mundo.

Você sabia que o subsolo da Amazônia é muito rico em minérios? No estado do Pará, por exemplo, há grandes minas de ferro e bauxita. O problema é que essa atividade, quando não é feita de forma responsável, pode causar muita destruição à floresta, como desmatamento, poluição dos rios e expulsão de comunidades de seus territórios originais.



Glossário

Garimpo: lugar onde se exploram minerais preciosos, como diamante e ouro.

Fonte: OESTADONET.
Amazônia: Internacionalizar para não Internacionalizar. Disponível em: <https://www.oestadonet.com.br/noticia/12357/amazonia-internacionalizar-para-nao-internacionalizar>. Acesso em: 18 jul. 2025.

Um caso muito conhecido aconteceu no município de Curionópolis, no Pará, onde ficava o **garimpo** de Serra Pelada. Na década de 1980, milhares de pessoas foram para lá em busca de ouro. O local ficou famoso por ter um dos maiores garimpos a céu aberto do mundo. Mas, com o tempo, o garimpo desorganizado causou poluição dos rios, conflitos e grande impacto ambiental naquela região do estado.



No seu caderno, responda:

- 1 Quais dos produtos do extrativismo você usa no seu dia a dia?
1. Espera-se que os estudantes relacionem produtos presentes em sua rotina com aqueles retirados da natureza.
- 2 O que pode acontecer quando o extrativismo mineral é feito sem cuidado com a natureza e com as pessoas?
2. Espera-se que os estudantes demonstrem que entenderam os impactos negativos de uma exploração sem planejamento.

88

e que comunidades que vivem da floresta podem ser prejudicadas. Também devem refletir sobre os perigos do garimpo ilegal e sobre a importância de respeitar a natureza.

Temas Contemporâneos Transversais (TCT)

Meio ambiente e Economia

O estudo do extrativismo mineral permite discutir a relação entre desenvolvimento econômico e preservação ambiental. Reforce com os estudantes que é necessário equilibrar a utilização dos recursos com práticas que garantam a qualidade de vida das comunidades e a conservação da natureza.

As cooperativas e a força do trabalho em grupo

Você sabia que muitas comunidades se juntam para vender seus produtos sem depender de **atravessadores**? Elas formam cooperativas, que são grupos organizados de pessoas trabalhando juntas para cuidar da produção e da comercialização. Vamos analisar alguns casos?

No Pará, por exemplo, existem agricultores familiares e extrativistas organizados na AmazonCoop. Essas pessoas plantam, colhem e vendem, em conjunto, frutas, hortaliças, sementes e produtos da floresta. Assim, conseguem vender com melhores preços e participam de programas como o PAA (Programa de Aquisição de Alimentos), que ajuda escolas e comunidades com a oferta de alimentos.

No Amapá, a Comaru (Cooperativa Mista dos Produtores e Extrativistas do Rio Iratapuru) reúne famílias que vivem da coleta da castanha-do-pará. O grupo organiza a colheita, a produção de óleo, o beneficiamento e a venda dos produtos. Assim, todos ganham mais, e a floresta continua sem grandes impactos. Já no Acre, a CooperCintra reúne dezenas de famílias que fazem extrativismo sustentável da andiroba e de outras plantas da floresta. As pessoas colhem as sementes, extraem o óleo em uma usina da cooperativa e vendem o produto para empresas, conseguindo melhores preços do que antes, quando dependiam de atravessadores. Hoje em dia, mais de 200 famílias participam dessa organização no estado.

Glossário

Atravessadores:

pessoas que compram produtos diretamente dos trabalhadores por um preço muito baixo e depois revendem por um preço bem mais alto. Isso faz com que quem produz receba pouco e tenha menos lucro. As cooperativas ajudam a evitar os atravessadores.


NÃO ESCREVA NO LIVRO.

1. Espera-se que os estudantes compreendam que, ao trabalhar em grupo, como em cooperativas, as pessoas conseguem produzir mais, vender melhor e alcançar preços mais justos pelos seus produtos.

Trabalhadoras retirando cascas de castanhas-do-pará com auxílio de descascador, na sede da cooperativa Comaru. Laranjal do Jari, Amapá, 2022.



RUBENS CHAVES/PULSAR

 1 Por que é melhor trabalhar em grupo para vender os produtos?

89

Atividade complementar

Em grupos, os estudantes imaginarão que vivem em uma comunidade da floresta e precisam formar uma cooperativa. Cada grupo deve escolher um produto da natureza (como castanha, açaí, andiroba ou peixe) e decidir como coletá-lo, prepará-lo para venda e, ao mesmo tempo, cuidar da floresta. Depois, devem apresentar suas ideias para a turma, explicando os benefícios econômicos e ambientais da cooperativa criada.

BNCC

(EF03GE05)
(EF03GE09)
(EF04GE04)
(EF04GE07)
(EF04GE08)
(EF03HI03)

Orientações Didáticas

A página apresenta o papel das cooperativas como forma de organização coletiva que fortalece o extrativismo sustentável na Amazônia. Inicie a leitura destacando que o trabalho em grupo permite que comunidades conquistem melhores condições de vida, evitando a exploração por atravessadores — conceito presente no **Glossário**, que deve ser lido e debatido com os estudantes. Explique que essas pessoas costumam pagar preços baixos pelos produtos e lucrar mais com a revenda, o que prejudica quem produz.

Mostre como cooperativas como a AmazonCoop (Pará), Comaru (Amapá) e CooperCintra (Acre) ajudam famílias a organizar a produção e comercialização de produtos da floresta. Aproveite a imagem das trabalhadoras com castanhas-do-pará para ilustrar essa atuação coletiva e perguntar: “O que essa imagem nos mostra sobre trabalhar em grupo?”. Relacione essas experiências a benefícios econômicos (melhores preços e renda), sociais, comunitários e ambientais, reforçando a importância da cooperação.

Para aprofundar, proponha a **atividade 1**: organize um debate com o tema “Por que as cooperativas ajudam a preservar a floresta e melhorar a vida das pessoas?”. Divida a turma para listar ideias e compartilhe em plenária. Estimule a escuta e o respeito às opiniões.

BNCC

(EF03GE09)
(EF03GE10)
(EF04HI05)
(EF05GE10)

Orientações Didáticas

Inicie a aula com uma apresentação aos estudantes sobre a importância do cuidado com a floresta e os rios, lembrando que muitas comunidades vivem diretamente da natureza e precisam mantê-la saudável para garantir sua sobrevivência. Durante a leitura do texto, faça perguntas que incentivem a reflexão: “O que acontece se poluímos um rio?”, “Por que precisamos proteger as árvores?”, “Como os povos da floresta conseguem viver sem destruir a natureza?”.

Peça que observem as imagens e identifiquem quais mostram práticas de cuidado ambiental. Aproveite para explicar a piracema, período em que os peixes sobem os rios para se reproduzir e a pesca deve ser suspensa, e questione por que é importante respeitar esse tempo da natureza.

Apresente e explique o termo sementes nativas inserido no **Glossário** e o relacione com a produtividade e cuidado com o meio ambiente.

Para a **atividade 1**, inicie uma conversa sobre os alimentos e plantas típicos da região, destacando aqueles que têm tempo certo para colheita ou que dependem de um ambiente limpo para crescer, como o açaí, o cupuaçu ou a castanha-do-pará. Os estudantes podem mencionar, por exemplo, que o açaí só deve ser colhido quando maduro ou que o cupuaçu e a castanha têm seu tempo certo de

Cuidar para usar sem destruir

NÃO ESCREVA NO LIVRO.

No estado de Roraima, por exemplo, vive uma das etnias indígenas mais tradicionais da região: os Wapichana. Lá, é comum ver esses povos originários morando em aldeias próximas aos rios, onde sabem o momento certo de colher frutos da floresta, pescar e plantar alimentos para o consumo diário das famílias, que vivem perto umas das outras.

Eles costumam usar **sementes nativas**, que são mais adaptadas ao lugar, além de deixarem a mata crescer junto às roças e pescarem só quando os peixes já estão grandes e fortes. Durante a piracema, que é o período de reprodução dos peixes, eles não pescam, ajudando a manter a vida nos rios.

Glossário

Sementes nativas: são sementes de plantas que existem naturalmente em uma região. Elas se adaptam melhor ao clima e ao solo, ajudando a manter a biodiversidade.



Novelos de algodão fiados por mulheres artesãs da etnia Wapichana para fazer rede de descanso. Boa Vista, Roraima, 2023.

1. Espera-se que os estudantes reconheçam que algumas frutas, plantas ou alimentos da sua região precisam de cuidados especiais em certas épocas do ano. Podem mencionar, por exemplo, que o açaí só deve ser colhido quando maduro ou que o cupuaçu e a castanha têm seu tempo certo de queda. Os estudantes podem também identificar que, para proteger essas espécies, é importante respeitar o tempo da natureza e evitar o desperdício ou a retirada exagerada.



Família indígena da etnia Wapichana usa pá de madeira na torra de farinha de mandioca. Comunidade Guariba da Terra Indígena Araçá, Amajari, Roraima, 2021.



1

No seu caderno, desenhe ou escreva sobre um alimento ou uma planta da sua região que precise de cuidado ou proteção em alguma época do ano. Pode, por exemplo, ser uma fruta que só pode ser colhida quando madura ou uma planta que precisa de um ambiente limpo para crescer bem.

90

queda. Eles podem também identificar que, para proteger essas espécies, é importante respeitar o tempo da natureza e evitar o desperdício ou a retirada exagerada.

Interdisciplinaridade com Arte

Explore com os estudantes os novelos de algodão fiados pelas mulheres Wapichana, mostrados na imagem da página. Converse sobre como esse saber tradicional é também uma forma de arte. Proponha que desenhem objetos feitos com fibras naturais e criem legendas explicando seu uso.

Você já parou para imaginar como é morar em uma casa sobre a água e usar um barco para tudo? Essa é a rotina de muitas famílias ribeirinhas na Amazônia, como na comunidade de Tumbira, no Amazonas.

Tumbira fica dentro da Reserva de Desenvolvimento Sustentável do Rio Negro. Lá, algumas dezenas de famílias vivem em casas construídas às margens do rio e utilizam canoas como principal meio de transporte — tanto para levar as crianças à escola quanto para fazer compras ou visitar parentes. Logo cedo, os ribeirinhos saem para pescar, coletar frutos como açaí e buriti, e plantar alimentos nas várzeas. Muitos ainda trocam parte de sua produção ou oferecem passeios de turismo ecológico, ajudando a gerar renda e a valorizar a cultura amazônica.

Assim como os ribeirinhos vivem de forma respeitosa com os rios e a floresta, outras comunidades da Região Norte também seguem os ciclos da natureza. É o caso das famílias que vivem próximas aos manguezais, onde crescem plantas diferentes e vivem animais importantes para o equilíbrio do ambiente, como o caranguejo-uçá. Para proteger essa espécie, existe um período chamado defeso.

O defeso do caranguejo-uçá acontece em vários estados da Região Norte do país, como o Pará. Durante alguns meses do ano, é proibido capturar o caranguejo, porque ele está se reproduzindo. Esse tempo de descanso é importante para garantir que a espécie continue existindo, sem desaparecer. Além disso, ajuda a preservar o **manguezal**, um ambiente que protege o solo, filtra a água e serve de abrigo para muitos animais. **1 e 2. Respostas pessoais.**





Movimentação de canoas no Rio Solimões. Tabatinga, Amazonas, Brasil, 2023.



Comunidade do Tumbira, na Reserva de Desenvolvimento Sustentável do Rio Negro. Iranduba, Amazonas, 2022.

Glossário

Manguezal: tipo de ambiente que existe onde o rio encontra o mar. O solo do manguezal é úmido e cheio de raízes, e ali vivem muitos animais, como caranguejos, peixes e aves.

-  **1** Converse com alguém mais velho da sua família ou da comunidade. Pergunte se essa pessoa conhece ou já viveu em um lugar onde as pessoas moram perto do rio, como os ribeirinhos. Descubra como era o modo de vida dessas famílias no passado e o que mudou até hoje.
-  **2** Como é viver (ou como você acha que seria viver) em uma casa na beira do rio, como fazem os ribeirinhos?

91

BNCC

(EF03GE04) (EF04GE04) (EF03HI03)
(EF03GE09) (EF05GE10)

Orientações Didáticas

Inicie a aula retomando a discussão já iniciada e apresente a comunidade ribeirinha de Tumbira (AM), exemplo de convivência equilibrada com o rio, fonte de alimentação, transporte, lazer e identidade cultural.

Peça que observem as imagens e identifiquem práticas como pesca, transporte em canoas e turismo comunitário, refletindo sobre como realizá-las sem prejudicar o ambiente.

Destaque o papel do caranguejo na economia e explique o defeso, período em que a pesca é proibida para garantir a reprodução da espécie, protegendo a natureza e o sustento futuro. No glossário, apresente o termo manguezal, ressaltando seu papel como berçário natural e barreira contra erosões, com semelhanças aos rios amazônicos.

Reforce a importância de valorizar esses ambientes para preservar a vida. Em seguida, debata os diferentes usos dos rios, relacionando com capítulos anteriores e sua relevância para as comunidades.

Na **atividade 1**, proponha aos estudantes que conversem com alguém mais velho da família ou da comunidade. Peçam que essa pessoa conte como era viver perto do rio no passado e o que mudou até hoje. Pode aparecer a lembrança de casas sobre palafitas, transporte por canoa, pesca para alimentação, uso de plantas medicinais e mudanças ocorridas com o tempo, como o uso de motores ou a chegada da energia elétrica ou da escola.

Na **atividade 2**, incentive os estudantes a imaginar esse modo de vida. Eles devem demonstrar que compreendem aspectos do modo de vida ribeirinho, mesmo que seja por meio da imaginação. Podem dizer que viver na beira do rio parece calmo, bonito ou desafiador; que é preciso usar barco em vez de carro; que a pesca e os frutos da floresta fazem parte da alimentação.

Avaliação

Proponha uma Avaliação formativa com base nessa seção (p. 90 e 91), permitindo observar se os estudantes:

- diferenciam práticas predatórias e sustentáveis.
- reconhecem ações de cuidado com a natureza no cotidiano.
- relacionam desenvolvimento econômico à preservação ambiental.

BNCC

(EF03GE05)
(EF03GE09)
(EF04GE04)
(EF04GE07)
(EF04GE08)
(EF05GE01)

Orientações Didáticas

Inicie a aula explicando que muitas comunidades amazônicas se organizaram em cooperativas para proteger a floresta e gerar renda de forma justa.

Na sequência, apresente a importância da organização coletiva na defesa do meio ambiente e dos direitos das populações da floresta, por meio do exemplo do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Xapuri (AC) e da atuação de Chico Mendes. Reforce que, além de lutar por melhores condições de vida, os seringueiros buscavam preservar a floresta de forma sustentável.

Conte que o sindicato foi um espaço de escuta e ação coletiva, em que trabalhadores se uniram para discutir problemas e buscar soluções. Relacione esse contexto ao cotidiano dos estudantes, reforçando que cooperação e solidariedade são essenciais para transformar a realidade de um grupo.

Para aprofundar, proponha a **atividade 1** em forma de debate: “Por que você acha que é importante nos organizarmos para proteger o lugar onde vivemos?”. Oriente que os estudantes tragam ideias sobre como as pessoas podem se unir para cuidar da escola, do bairro ou da natureza ao redor. Encoraje escuta, respeito e argumentação oral.

Finalize destacando que cooperativas mostram ao Brasil e ao mundo que desenvolvimento econômico e preservação ambiental podem caminhar juntos.

MERGULHANDO NA HISTÓRIA

Luta coletiva, o sindicato de Xapuri

NÃO ESCREVA NO LIVRO.

O que acontece quando um grupo de trabalhadores se une para defender seus direitos e o lugar onde vive? Foi isso que ocorreu em 1975, na cidade de Xapuri, no Acre, quando seringueiros e trabalhadores rurais criaram o Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Xapuri.

O sindicato foi criado porque essas famílias queriam um lugar para conversar sobre seu trabalho, suas dificuldades e as formas de cuidar da floresta. Ali, discutiam como garantir o acesso à terra, à saúde, à educação e a meios de subsistência que respeitassem a natureza. Esse espaço também era importante para lutar contra a destruição da floresta e buscar justiça.

Uma das lideranças mais conhecidas ligadas ao sindicato foi Chico Mendes, seringueiro que se destacou por sua luta em defesa da floresta e dos direitos dos trabalhadores. Por meio do sindicato, ele e outros líderes mostraram que era possível viver da floresta sem destruí-la, unindo o trabalho coletivo à proteção da natureza. A organização dos trabalhadores rurais se tornou um exemplo de como a união pode fortalecer a luta por uma vida mais justa.



Chico Mendes, líder seringueiro que participou da fundação dos sindicatos dos trabalhadores rurais de Basiléia e Xapuri. Xapuri, Acre, 1988.



Centro de Memórias Chico Mendes, Xapuri, Acre, 2022.

Você consegue imaginar como era importante ter espaço de fala naquela época? Esse sindicato mostra a força da organização coletiva e o respeito pelo trabalho rural na Amazônia.

Logo após sua fundação, por volta da década de 1970, o Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Xapuri reuniu muitos seringueiros para lutar pelo direito de permanecer em suas terras. Essa união foi essencial para que o governo reconhecesse o direito dos pequenos produtores, abrindo caminho para a criação da Reserva Extrativista Chico Mendes, em 1990. Essa conquista garantiu que as comunidades extrativistas pudessem manter suas tradições e viver da floresta de forma sustentável.



1

Por que você acha que é importante nos organizarmos para proteger o lugar onde vivemos?

Espera-se que os estudantes compreendam que, quando as pessoas se juntam e se organizam, conseguem defender melhor seus direitos e cuidar do lugar onde vivem. Podem reconhecer que a união ajuda a resolver problemas, impedir injustiças e proteger a natureza.

92

Atividade complementar

Proponha que os estudantes pesquisem outras cooperativas, rurais e urbanas, que promovem o ganho econômico da comunidade em harmonia com o meio ambiente. Oriente-os a investigar exemplos locais ou regionais e a trazer relatos, imagens ou pequenos textos para compartilhar com a turma. Sugira que comparem essas iniciativas com a cooperativa de Xapuri, identificando semelhanças e diferenças.

NÃO ESCREVA NO LIVRO.

Você sabia que existem áreas da floresta onde as pessoas podem morar, trabalhar e, ao mesmo tempo, ajudar a cuidar da natureza? Essas áreas são chamadas de reservas extrativistas, ou simplesmente Resex.

Geralmente, essas reservas são criadas para proteger o meio ambiente e também as comunidades tradicionais que vivem dele. Nesses espaços, famílias de trabalhadores rurais, ribeirinhos, indígenas e extrativistas podem continuar suas atividades, como colher frutas, plantar, pescar e extrair óleos da floresta — tudo sem destruir a natureza. Essas práticas seguem o ritmo da floresta, respeitando o tempo certo de cada coisa e evitando o desmatamento.

Um exemplo importante é a Reserva Extrativista Chico Mendes, criada em 1990. Ela foi uma grande conquista dos trabalhadores rurais e hoje protege mais de 900 mil hectares de floresta amazônica. Assim, centenas de famílias conseguem viver de forma sustentável, mantendo suas tradições e cuidando do meio ambiente.

De modo geral, as reservas extrativistas mostram que é possível viver da floresta sem destruí-la, garantindo o sustento das famílias e a preservação dos espaços naturais. Elas também são um símbolo da força das comunidades que se organizam para lutar por seus direitos e pela proteção da natureza, tão rica na Região Norte.



Fonte: Elaborado com base em VEJA. **Legado de Chico Mendes agoniza com avanço da pecuária.** Disponível em: <https://veja.abril.com.br/especiais/legado-de-chico-mendes-agoniza-com-avanco-da-pecuaria/>. Acesso em: 27 jul. 2025.

No caderno, responda:

1. Espera-se que os estudantes compreendam que as reservas extrativistas ajudam a proteger a floresta e, ao mesmo tempo, garantem que as pessoas que vivem ali possam trabalhar e sustentar suas famílias. Os estudantes podem destacar que essas áreas preservam a natureza e os modos de vida tradicionais, permitindo que a floresta continue viva por muito tempo.

- Por que as reservas extrativistas são importantes para quem vive na floresta e também para o meio ambiente?
 - Em qual estado se localiza a Reserva Extrativista Chico Mendes?
2. Espera-se que os estudantes localizem no mapa que a Reserva Extrativista Chico Mendes fica no estado do Acre, na Região Norte do Brasil.

93

BNCC

(EF03GE04)
(EF03GE05)
(EF03GE09)
(EF03GE10)
(EF03HI02)
(EF04GE04)

Orientações Didáticas

Localize a Reserva Extrativista Chico Mendes no mapa, conectando história e território. Explique que reservas extrativistas são áreas protegidas onde comunidades tradicionais vivem de forma sustentável, retirando da natureza apenas o necessário. Ressalte que essas áreas conservam a floresta e garantem os direitos das populações locais.

Desde a morte de Chico Mendes, a ideia das reservas extrativistas foi encampada pelos governos e se espalhou pelo país. Hoje, há dezenove só na Amazônia, sendo quatro delas no Acre [...]. A Chico Mendes, a maior delas, passa por cinco municípios (incluindo Rio Branco, Xapuri e Brasi-léia), garantindo a sustentação de 1838 famílias.

VENTURA, Zuenir. **Chico Mendes – Crime e Castigo**. 1. ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2003.

Apresente o mapa do Brasil com destaque para o Acre, onde fica a Reserva Chico Mendes. Oriente os estudantes a observar a legenda, os limites estaduais e a posição da Floresta Amazônica. Incentive a leitura cartográfica e relacione o mapa da p. 93 à reserva, reforçando seu papel na proteção da floresta.

Ao final, peça que, no caderno, registrem por que as reservas extrativistas são importantes para as comunidades da floresta e para o meio ambiente (**atividade 1**). Em seguida, oriente-os a indicar em qual estado brasileiro está localizada a Reserva Chico Mendes, com base no mapa (**atividade 2**).

Diversificando

Assista ao curta **Chico Mendes – O preço da floresta** (em plataformas educativas) e promova uma roda de conversa. Depois, proponha um cartaz coletivo com frases e desenhos sobre a preservação da floresta. Finalize destacando que os mapas das reservas mostram como as comunidades protegem seus territórios e a relação entre sociedade e natureza.

BNCC

(EF03HI02)
(EF04GE01)
(EF04GE04)
(EF05GE01)

Orientações Didáticas

Inicie a aula com a leitura expressiva da narrativa, destacando sua origem indígena e o valor das tradições orais na preservação da memória coletiva. Após a leitura, promova uma roda de conversa para que os estudantes compartilhem as emoções despertadas pela história e reflitam sobre como os povos da floresta se relacionam com a natureza.

Oriente os estudantes a registrar no caderno o que mais lhes chamou atenção na lenda, podendo escrever ou desenhar. Incentive-os a relacionar a lenda com a importância do açaí em sua alimentação cotidiana.

Atividade complementar

Proponha uma pesquisa sobre como o açaí é consumido em outras regiões do Brasil. Explique que no Norte ele é um alimento principal, acompanhado de peixe e farinha, mas em outras partes do país costuma ser consumido como sobremesa ou bebida gelada. Oriente que registrem no caderno relatos de familiares ou informações coletadas em vídeos, reportagens e sites confiáveis, para depois compararem em sala de aula. Encerre destacando que um mesmo alimento tem usos diferentes em cada cultura, reforçando identidade e diversidade.

Relacione a lenda com o boxe **Vozes da história**, destacando a coragem da personagem, que deu origem ao açaí com a história da Dona Socorro. Em seguida, promova uma conversa em grupo sobre a força das mulheres nas lendas e na vida.

A lenda de laçã: o amor que virou fruto

Conta-se que, há muito tempo, na região de Belém, no Pará, em uma aldeia, faltava alimento para todo mundo, e o cacique Itaki, que era o líder do povo, tomou uma decisão muito triste: não deixar nascer mais crianças, para que ninguém passasse fome.

Um dia, a própria neta do cacique, filha de laçã, teve que ser sacrificada. laçã ficou muito triste, chorou muito e pediu ajuda ao deus Tupã para encontrar uma solução. Numa noite, laçã ouviu o choro de uma criança. Quando saiu da oca, viu sua filha perto de certa palmeira. laçã tentou abraçá-la, mas a menina desapareceu. laçã ficou tão triste que morreu ali mesmo, aos pés da palmeira.

No dia seguinte, o cacique Itaki encontrou laçã deitada, olhando para uns frutinhas roxos que cresceram na palmeira. Ele mandou colher os frutos e fazer um suco, que alimentou todo o povo e matou a fome de todos.

Em homenagem à filha, o cacique deu o nome de açaí àquela fruta, porque é “laçã” ao contrário.



ANA HIDALGO

Glossário

Cacique: título dado ao líder de um povo indígena. O cacique é uma pessoa respeitada, que ajuda a tomar decisões importantes, ouvir a comunidade e cuidar do bem-estar de todos.

VOZES DA HISTÓRIA



NÃO ESCREVA
NO LIVRO.

Dona Socorro, guardiã do babaçu e da agricultura familiar

Dona Socorro, que se chama Maria do Socorro Teixeira Lima, nasceu no Tocantins e aprendeu com a mãe e a avó a quebrar o coco-babaçu. Quando cresceu, começou a ajudar outras mulheres que vivem dessa atividade, formando grupos de quebradeiras de coco para defender seus direitos.

Essas mulheres cuidam das palmeiras de babaçu, que dão o fruto usado para fazer óleo, sabão, farinha e outros produtos. Dona Socorro luta para que as famílias consigam viver da floresta sem destruir a natureza.

Assim como a lenda do açaí, a história de Dona Socorro mostra que as mulheres são grandes protetoras das florestas e ajudam a alimentar muitas famílias no Norte do Brasil.

1 O que a lenda do açaí e a história de Dona Socorro têm em comum no que diz respeito ao papel das mulheres na relação com a natureza? *Espera-se que os estudantes percebam que, nas duas histórias, as mulheres aparecem como cuidadoras da vida e da floresta.*

94

Na **atividade 1**, a resposta pode destacar que laçã, na lenda, mostra amor e força, e que Dona Socorro também representa coragem, união e respeito pela natureza e pelas pessoas. Peça que os estudantes citem mulheres importantes de suas famílias ou comunidades e como elas contribuem para o bem coletivo. A atividade valoriza a memória cultural, destaca o protagonismo das mulheres e aproxima a lenda da realidade dos estudantes.

A riqueza da cultura dos povos do Norte

Você já parou para pensar que, em nossa região, muitos costumes vêm da relação com a floresta? As festas, as comidas, os remédios naturais e até as histórias contadas nas comunidades têm ligação direta com a natureza.

O tucupi, líquido amarelo extraído da mandioca-brava, é essencial na culinária do Pará e do Amapá. Ele serve de base para pratos como o pato no tucupi e o tacacá, presentes em feiras e reuniões.

Em muitos lugares do Norte, chás de ervas como capim-santo e hortelã são tradição familiar, com receitas simples transmitidas por gerações que conhecem o poder de cura das plantas.

No Acre, comunidades extrativistas produzem o óleo de copaíba, um remédio natural extraído da árvore, valorizado por suas propriedades analgésicas e usado há muito tempo na medicina tradicional.



Tucupi, caldo derivado de mandioca. Este é um dos pratos mais tradicionais da culinária nortista.

MAURICIO SIMONETTI/PULSAR

CULTURAS DA NOSSA REGIÃO



NÃO ESCREVA
NO LIVRO.

Festa da Castanha de Tefé

Desde tempos antigos, a cidade de Tefé, no Amazonas, celebra a Festa da Castanha-do-Brasil. Essa festa é uma tradição comunitária que reúne famílias extrativistas para celebrar a colheita da castanha, com danças, comidas, músicas e troca de conhecimentos. Em 2020, a festa foi reconhecida como Patrimônio Cultural Imaterial do Amazonas, pois representa a memória, os saberes e os valores de quem vive da floresta. De modo geral, essa festa mostra como os frutos da Amazônia, como a castanha, fazem parte da história e da identidade local. Ao celebrarem a temporada de coleta, as pessoas se preocupam em manter vivas as tradições e os saberes transmitidos pelos mais velhos, que há muito tempo ensinam a importância dos cuidados com a natureza.



Castanha-do-Brasil com casca. Manaus, Amazonas, 2025.

RICARDO OLIVEIRA/PULSAR

- 1** O que o modo de vida dos povos do Norte nos ensina sobre a relação entre cultura e natureza? *Os estudantes devem perceber que muitos costumes das comunidades da Região Norte, como a culinária com tucupi, o uso de ervas medicinais, a produção de óleo de copaíba e as festas tradicionais, como a Festa da Castanha, em Tefé, estão diretamente ligados ao ambiente em que vivem.*

95

Na **atividade 1**, proponha uma conversa sobre festas relacionadas a alimentos na região dos estudantes, comparando com a Festa da Castanha. Peça para que os estudantes construam frases sobre a relação entre o modo de vida dos povos do Norte, suas celebrações e a natureza.

Finalize destacando que festas populares mantêm vivas as memórias coletivas e a cultura local.

BNCC

(EF04GE01)
(EF04GE02)
(EF05HI01)
(EF05HI10)

Orientações Didáticas

Esta página destaca a diversidade cultural da Região Norte, revelando como povos indígenas, ribeirinhos, quilombolas e migrantes contribuíram para a formação de práticas sociais, celebrações e saberes. Inicie a aula convidando os estudantes a compartilhar oralmente tradições de sua comunidade, como festas religiosas, culinária ou danças típicas. Valorize cada relato como expressão da identidade local.

Após a explanação inicial, proponha que os estudantes discutam como essas manifestações unem as pessoas e fortalecem laços comunitários.

Atividade complementar

Incentive uma pesquisa sobre festas ou tradições do Norte, como o Círio de Nazaré ou o Festival de Parintins, pedindo que tragam imagens, textos ou relatos familiares. Monte com a turma um mural coletivo para socializar os resultados.

Finalize destacando que a cultura nortista é marcada pela relação com a floresta, os rios e a ancestralidade, sendo fundamental reconhecer e preservar essas práticas para fortalecer a identidade brasileira.

O boxe **Culturas da Nossa Região** apresenta a Festa da Castanha, de Tefé (AM), que celebra o período da colheita da castanha-do-pará. Mostre aos estudantes como essa festa valoriza o trabalho das comunidades extrativistas e preserva tradições ligadas ao uso sustentável da floresta.

BNCC

(EF03GE09)
(EF03GE10)
(EF04GE04)
(EF04GE07)
(EF05GE01)
(EF05HI10)

Orientações Didáticas

A seção **Saiba mais** amplia o conteúdo ao apresentar a bioeconomia como alternativa de geração de renda e cuidado ambiental.

Inicie a leitura com os estudantes, destacando como a cultura amazônica é rica em saberes tradicionais que conectam a natureza ao modo de vida das comunidades. Cite como as plantas da floresta são usadas na alimentação, em remédios caseiros, óleos e artesanatos. Esses conhecimentos transmitidos de geração em geração mostram como a floresta é fonte de alimento, cura e trabalho e renda.

Explique que valorizar esses saberes é essencial para compreender a identidade regional e refletir sobre o uso sustentável da biodiversidade.

Temas Contemporâneos Transversais (TCT)

A bioeconomia mostra que é possível crescer economicamente preservando a natureza. Promova uma roda de conversa para que os estudantes proponham soluções práticas: diminuir o uso de plástico, valorizar produtos locais e dar preferência a alimentos regionais. Registre no quadro as ideias e, juntos, construam uma lista de compromissos sustentáveis da turma.

SAIBA MAIS

Bioeconomia: ganhar vida cuidando da natureza

NÃO ESCREVA NO LIVRO.

A palavra bioeconomia pode parecer difícil, mas o conceito é simples: significa usar os recursos da natureza de forma sustentável, ou seja, produzir, gerar renda e melhorar a vida das pessoas sem destruir o meio ambiente. Isso quer dizer aproveitar o que a floresta oferece — como frutas, sementes, raízes, óleos, plantas e resinas — de maneira responsável, mantendo a natureza viva e protegida para as próximas gerações.

A bioeconomia é um caminho importante para unir cultura, ciência, inovação e saberes tradicionais. Muitas comunidades da Amazônia já fazem isso há séculos, usando o conhecimento dos povos indígenas, ribeirinhos e extrativistas para criar produtos com valor no mercado e, ao mesmo tempo, proteger a floresta.

Um exemplo inspirador vem do Amapá, onde um grupo de mulheres ribeirinhas participa de um projeto que transforma óleos de andiroba e copaíba em sabonetes naturais. Elas colhem os frutos com cuidado, sem derrubar árvores, e produzem os sabonetes em pequenas oficinas na comunidade. Depois, vendem os produtos em feiras e mercados locais. Assim, elas geram renda, preservam o saber tradicional e cuidam da floresta.

Outro caso de sucesso está no Acre, com o projeto “Mulheres da Borracha”. Lá, extrativistas aprenderam a usar o látex da seringueira para fabricar calçados sustentáveis. O projeto ensina desde a coleta correta do látex até o acabamento dos produtos, com apoio de cooperativas que ajudam na venda. Dessa forma, essas mulheres conseguem trabalhar, lucrar e, ao mesmo tempo, manter a floresta em pé.

1. Espera-se que os estudantes usem a criatividade para imaginar um produto da floresta (como sabonete, creme, óleo ou chá) e desenvolvam uma embalagem visualmente atrativa, com nome inventado, função clara (como “ajuda na pele” ou “relaxa o corpo”) e elementos gráficos (desenhos ou símbolos) que representem a floresta e o uso sustentável dos recursos naturais.

Mulheres extrativistas após coleta de castanhas de andiroba. Amapá, 2023.



RUBENS CHAVES/PULSAR IMAGENS

- 1 Em grupos, escolham um produto da floresta que poderia ser vendido: sabonete de copaíba, óleo de andiroba ou creme de castanha. Depois, criem uma embalagem com nome, ilustração e indicação de uso do produto.
- 2 Agora, monte um cartaz explicando de onde vem esse produto como ele é usado e por que é importante para a floresta e para as comunidades que vivem nela.

96

Interdisciplinaridade com Arte

Na **atividade 1**, convide os estudantes a explorar os usos sustentáveis dos recursos da floresta por meio da criação de um produto comercial associado a um produto amazônico. Cada grupo deverá criar uma embalagem, incluindo o nome do produto, ilustração e sua utilidade.

Depois, na **atividade 2**, oriente os grupos a montar um cartaz explicando de onde vem o produto escolhido e o que aprenderam sobre ele com base no conteúdo do capítulo. Essa produção pode ser exposta na sala ou em um mural coletivo, promovendo a integração entre arte, ciência e consciência ambiental.

ORGANIZE AS IDEIAS

NÃO ESCREVA
NO LIVRO.

Ao longo deste capítulo, aprendemos que é possível viver da floresta sem destruir a natureza, utilizando seus recursos com sabedoria e responsabilidade.




Vimos que muitos costumes, como fazer comidas típicas ou usar ervas medicinais, passam de geração em geração e mantêm viva a nossa cultura. Descobrimos a lenda do açaí e a história de mulheres que cuidam da floresta.

Tudo isso mostra que cuidar do lugar onde vivemos é também valorizar nossa cultura e nossas tradições. Agora é hora de organizar as ideias!

Observe a imagem e na sequência responda às questões 1 e 2.



Transporte escolar navegando no rio Amazonas, entre as comunidades ribeirinhas da região. Manaus, Amazonas, 2022.

-  **1** Por que é importante que o transporte escolar chegue até as comunidades ribeirinhas?
1. Resposta pessoal.
- 2** O que essa imagem nos ensina sobre a vida dos povos ribeirinhos?
2. Os estudantes podem perceber que os ribeirinhos têm um modo de vida diferente, adaptado à presença dos rios.
-  **3** Pesquise informações em sites confiáveis da internet e produza uma arte, ilustrando como seria um dia na vida de uma comunidade extrativista do Norte.
3. Resposta pessoal.
- 4** A partir da ilustração, produza um diário indicando como é o dia a dia de uma criança que vive em uma dessas comunidades.
4. Resposta pessoal.
-  **5** Converse com alguém da sua família para descobrir uma receita feita com frutas ou plantas típicas da sua região, como bacuri, cupuaçu, buriti, mangaba ou tucumã. Depois da conversa, escreva no seu caderno uma carta fictícia para uma criança que mora em outra região do Brasil, contando sobre a receita, os ingredientes, o modo de preparo, quando ela costuma ser feita e explicando por que essas frutas são especiais na sua cultura.
5. Resposta pessoal.

BNCC

(EF03GE05) (EF04GE04) (EF05HI01)
(EF03GE09) (EF04GE07)

Orientações Didáticas

Esta seção propõe uma síntese dos aprendizados sobre os povos ribeirinhos, as comunidades extrativistas e os alimentos típicos da Amazônia.

Reforce que a seção visa compreender como a natureza, o trabalho humano e a cultura estão

profundamente ligados na vida das comunidades amazônicas.

Na **atividade 1**, oriente os estudantes a refletir que o transporte escolar garante o acesso das crianças ribeirinhas à escola, promovendo igualdade de oportunidades e reduzindo desigualdades. Espera-se que os estudantes compreendam que o Estado tem o dever de garantir o acesso à escola para todos, inclusive para quem vive em regiões afastadas.

Para a **atividade 2**, incentive os estudantes a perceber como o rio organiza a vida ribeirinha — no transporte, no trabalho, na alimentação e nas relações culturais com a natureza.

Nas **atividades 3**, peça que pesquisem informações em sites confiáveis e no livro, e por meio de desenhos e anotações, representem as principais atividades diárias de uma comunidade extrativista.

Na **atividade 4**, espera-se que os estudantes elaborem um diário de como seria um dia na vida de uma comunidade extrativista do Norte.

Na **atividade 5**, solicite que conversem com alguém da família e descubram uma receita feita com frutas ou plantas da região onde moram, para, na sequência, elaborar uma receita. Espera-se que os estudantes, com apoio da família, reconheçam e descrevam frutos da Região Norte que não são muito conhecidos em outras partes do Brasil, como o cupuaçu, bacuri, buriti, mangaba ou tucumã. No desenvolvimento da atividade, os estudantes devem demonstrar envolvimento com os saberes da comunidade ou da família, registrando uma receita tradicional que utilize algum fruto ou planta local.

Avaliação

As atividades desta seção podem servir como Avaliação formativa, permitindo observar como os estudantes relacionam o modo de vida ribeirinho ao rio e à floresta, reconhecem práticas extrativistas como formas de sustento e preservação e identificam alimentos típicos da região e sua relevância cultural. Registre evidências de aprendizagem nas falas, escritos e cadernos, valorizando os avanços de cada estudante e da turma.

Objetivos gerais da seção

- Estimular os estudantes a observarem e valorizarem o lugar onde vivem.
- Reconhecer a presença simultânea de elementos naturais e construídos nas cidades amazônicas e como eles organizam a vida urbana.
- Valorizar patrimônios históricos e práticas cotidianas ligadas aos rios, compreendendo sua importância para a economia, o transporte e a sociabilidade.

Orientações didáticas

Esta etapa introdutória tem a função de explorar o que os estudantes já sabem e pensam sobre o lugar em que vivem. O foco não está em corrigir respostas, mas em conhecer ideias e experiências iniciais, servindo como base para planejar e direcionar as próximas atividades do capítulo.

Inicie a aula com um convite a observar a cidade amazônica em diálogo com a água. Conduza a leitura da legenda para identificar o lugar e, em seguida, oriente uma leitura em camadas: observar elementos visuais (forte, mercado, barcos, orla, áreas verdes), situar a cena a partir da legenda e discutir as funções urbanas que aparecem (comércio, turismo, transporte fluvial, lazer). Promova comparação com a localidade dos estudantes, destacando semelhanças e diferenças no uso do rio e da orla. Produza um pequeno vocabulário no quadro (orla, porto, patrimônio, feira, embarcação) e retome que, na Amazônia, os rios estruturam deslocamentos, abastecimento e trabalho. Feche com uma síntese oral sobre quais aspectos da natureza aparecem e como a cidade se organiza ao redor deles.

CAPÍTULO

8

URBANIZAÇÃO NA AMAZÔNIA: CIDADES E NATUREZA

PRIMEIROS OLHARES



NÃO ESCREVA NO LIVRO.



VIAGENS E CANINHOS/SHUTTERSTOCK

À direita, está o Forte do Presépio ou Forte do Castelo. No canto esquerdo, está o Mercado Ver-o-Peso. Belém, Pará, 2024.

Observando a imagem

- 1 Qual cidade está sendo mostrada na fotografia? O que mais chama sua atenção nessa imagem? **1. A cidade é Belém. Espera-se que os estudantes reconheçam a cidade mostrada ou descubram seu nome por meio da legenda.**
- 2 A sua localidade é parecida com a da imagem? Você já visitou alguma cidade assim? **2. Resposta pessoal.**
- 3 Quais elementos da natureza aparecem na paisagem? **3. Espera-se que os estudantes indiquem o rio e os espaços verdes, como árvores e terrenos gramados.**

98

Na **atividade 1**, incentive os estudantes a identificar a cidade pela legenda e a escolher dois elementos que chamam sua atenção (ex.: forte, mercado, orla, barcos). Oriente que expliquem o motivo da escolha, relacionando o elemento à função que ele exerce na vida urbana (defesa, comércio, transporte, encontro social).

Na **atividade 2**, conduza a comparação com a realidade dos estudantes. Proponha que indiquem se existe algo parecido em sua cidade ou

região e, caso não haja, expliquem por que não. Sugira que relacionem aspectos como o tamanho dos rios, a presença de mercados públicos ou portos e o tipo de transporte utilizado.

Na **atividade 3**, organize uma listagem coletiva de elementos da natureza visíveis na imagem, como o rio, a vegetação da orla e áreas verdes. Valorize respostas que conectem esses elementos aos usos cotidianos, como transporte, pesca, lazer ou regulação do clima, reforçando a importância da conservação ambiental.

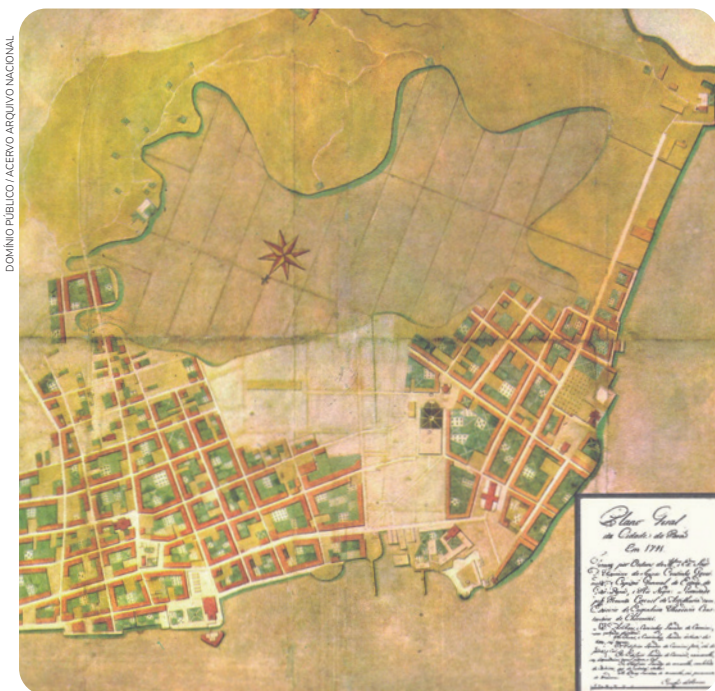
Cada cidade tem sua história

Muitas cidades do Norte nasceram por causa da colonização de Portugal na região, principalmente depois de 1600, quando foram descobertas as **drogas do sertão**. Esse foi o nome dado às especiarias típicas da Amazônia, muito procuradas e caras na Europa.

Cacau, castanha-do-pará, copaíba, urucum e outros produtos eram extraídos da região amazônica pelos portugueses. Para isso, exploraram os povos indígenas locais para trabalhar e construir cidades. Nelas ficavam os **portos fluviais**, que formavam a rota do comércio desde o interior da Amazônia até a Europa.

Mas não era apenas Portugal que explorava as drogas do sertão. Franceses, ingleses e outros povos europeus também percorriam a Amazônia em busca delas. Por isso, os portugueses construíram fortes militares ao longo dos rios para atacar os invasores.

Assim surgiram diversas cidades no Norte, como Belém, no Pará, que cresceu ao redor do Forte do Presépio e do **Mercado Ver-o-Peso**, construído em 1625.




Glossário

Porto fluvial:

local do rio onde os barcos param para embarque e desembarque de mercadorias e pessoas.

NÃO ESCREVA NO LIVRO.

Planta geral da cidade de Belém, feita por Alexandre Rodrigues Ferreira em 1791.

-  **1** Esse mapa mostra as construções na orla do Rio Guamá, em Belém, em 1791. Compare com a visão atual da cidade, na página anterior. No caderno, descreva o que mudou e o que permaneceu igual. *Espera-se que os estudantes identifiquem a presença do Forte do Presépio como um ponto de permanência na paisagem da cidade, assim como a orla e a parte portuária entre o forte e o Mercado Ver-o-Peso. Como mudança, é esperado que eles apontem o crescimento da cidade.*

99

Orientações didáticas

Apresente a página como exercício de leitura cartográfica e de tempo histórico. Conduza a observação do mapa de 1791 como documento: quem fez, quando, para que servia, que parte da cidade representa. Oriente a localizar a orla do Rio Guamá, o Forte do Presépio e a área portuária; retome o glossário “porto fluvial”.

Contextualize o trecho histórico sobre colonização e “drogas do sertão” com uma leitura crítica do vocabulário e das redes comerciais. Conduza a explicação de que “drogas do sertão” eram especiarias, resinas, sementes e corantes amazônicos valorizados na Europa (cacau, castanha-do-pará, copaíba, guaraná, pau-cravo, urucum), e não “drogas” no sentido atual. Oriente a construção, no quadro, de um mapa-conceito ligando produto, área de coleta, porto fluvial, destino, trabalho usado e impactos (exploração de povos indígenas, criação de povoações, fortalecimento dos fortes). Promova a identificação, no texto, de agentes históricos distintos (Portugal, outros europeus e povos indígenas) e discuta relações de poder: quem decidia rotas e preços, quem executava a coleta, quem se beneficiava.

Produza um glossário rápido (drogas do sertão, porto fluvial, rota comercial, colonização) e conecte com a permanência das funções portuárias na paisagem atual de Belém (mercado, orla, circulação fluvial).

Na **atividade 1**, oriente os estudantes a observar a planta da cidade de Belém feita em 1791, destacando que esse tipo de fonte cartográfica mostra a organização urbana de forma vista de cima. Explique que a planta registra ruas, praças, fortificações e a disposição do espaço naquele período. Peça que identifiquem o Forte do Presépio e a orla como elementos centrais. Em seguida, proponha que comparem a planta com a visão que eles têm da cidade atual: presença de prédios altos, ruas asfaltadas, veículos modernos. Valorize respostas que percebam permanências, como a posição da orla e de construções históricas, e mudanças, como o crescimento urbano.

Orientações didáticas

Esta página da seção **Mergulhando na História** permite apresentar aos estudantes o circuito econômico que reorganizou a cidade: demanda industrial por borracha, extração do látex da seringueira, exportação pelo Porto de Manaus e chegada de migrantes atraídos pelo trabalho. Conduza a leitura da imagem histórica do porto destacando estruturas de embarque, armazéns e navios, e relacione com funções urbanas (comércio, serviços, transporte). Registre no quadro a sequência do texto: ciclo da borracha no fim do século XIX, construção e funcionamento do porto em 1907, perda de lucratividade do látex décadas depois e criação da Zona Franca de Manaus, mantendo o porto como eixo logístico.

Para enriquecer o trabalho com as duas fotografias do Porto de Manaus, vá além da simples comparação entre passado e presente. Proponha que os estudantes façam uma leitura guiada em etapas: primeiro, descrevam o que veem em cada imagem (navios, armazéns, prédios, ruas, circulação de pessoas); depois, oriente-os a levantar hipóteses sobre os usos do espaço em cada época, discutindo como o porto se conectava à economia do ciclo da borracha e, mais tarde, à Zona Franca e ao comércio global.

Oriente a turma a mapear o trio produção–circulação–consumo: de onde vem a matéria-prima, por onde circula, quem compra e o que muda na cidade (ruas, prédios, serviços). Retome impactos sociais e territoriais: chegada de trabalhadores, ampliação do comércio, integração da Amazônia

MERGULHANDO NA HISTÓRIA**O Porto de Manaus e a Zona Franca**

Nos anos 1800, surgiram muitas invenções. Carros e vestimentas exigiam novos produtos como a borracha, usada em pneus, luvas e botas.

A borracha vem do látex, líquido extraído da seringueira, uma árvore muito comum na Amazônia. Por isso, a Região Norte se transformou em uma grande produtora dessa matéria-prima. Esse foi o início do **ciclo da borracha**.



Navios de transporte de mercadorias e pessoas no Porto de Manaus, Amazonas, no início dos anos 1900.

1. Espera-se que os estudantes reconheçam a importância do Porto de Manaus para o desenvolvimento da cidade e o ciclo da borracha. Hoje, ele é responsável pelo transporte de produtos para o Brasil e o mundo.

O **Porto de Manaus** começou a funcionar em 1907, e o principal objetivo de sua criação era exportar o látex para a Europa e os Estados Unidos. Ali, foram construídos escritórios, linhas de trem, calçadas e galpões para guardar as mercadorias.

Assim, a cidade ganhou cada vez mais pessoas, incluindo os migrantes que trabalhavam na extração. Isso aumentou os investimentos em ruas, prédios e comércio.

Em 1940, a venda do látex deixou de ser lucrativa, mas o Porto de Manaus continuou a ser importante. Em 1957, foi criada a **Zona Franca de Manaus**, um centro de produção industrial e agropecuária que compra e vende produtos no Brasil e no mundo.

Converse com os colegas e o professor.

NÃO ESCREVA NO LIVRO.



1 Qual foi a importância do Porto de Manaus e qual é sua função hoje?

2 Você conhece outros portos da Amazônia? Por que eles são importantes?

100

2. Resposta pessoal. Talvez os estudantes conheçam portos como o de Santarém, Belém e Porto Velho, importantes para o transporte de mercadorias e pessoas.

a rotas nacionais e internacionais; valorize vocabulário de apoio (látex, seringueira, exportação, porto, Zona Franca).

Na **atividade 1**, incentive-os a explicar por que o porto foi e continua importante para Manaus, articulando passado e presente: escoamento do látex no ciclo da borracha, atração de pessoas e investimentos, e hoje o papel logístico para entrada e saída de mercadorias da Zona Franca.

Já na **atividade 2**, oriente a citar outros portos amazônicos que conhecem e a justificar sua importância com base em funções (transporte de mercadorias e pessoas, conexão entre rios e cidades). Peça que localizem um exemplo no mapa da região e relacionem ao circuito produção–circulação–consumo de um produto típico, registrando uma frase de síntese: “Este porto é importante porque...”.

Transformações da cidade com o tempo



Além dos portos e rios, as cidades do Norte receberam diversas estradas. A Rodovia Transamazônica, principal via da região, começou a ser construída na década de 1970 e passa por estados como Tocantins e Pará. Com problemas desde o início, ela ainda tem trechos sem asfalto.

Com mais investimento e comércio, essas cidades continuaram seu processo de **urbanização**, ganhando prédios, ruas e espaços públicos.

Glossário

Urbanização: movimento de crescimento das cidades e de sua população.

NÃO ESCREVA NO LIVRO.

Rodovia Transamazônica no município de Humaitá, Pará, na década de 1970.



ACERVO IBGE



ACERVO IBGE

Vista da Fortaleza de São José de Macapá, em Macapá, Amapá, 1950.



RUBENS CHAVES/PULSAR IMAGENS

Vista da Fortaleza de São José de Macapá, em Macapá, Amapá, 2022.



1 O que permaneceu e o que mudou nos espaços mostrados pelas fotografias?

Espera-se que os estudantes reconheçam que a Rodovia Transamazônica ainda apresenta trechos de terra. Macapá ganhou novas construções, tornando-se uma região mais urbanizada.

101

Orientações didáticas

Apresente as fotografias da Fortaleza de Macapá em épocas diferentes. Peça que identifiquem o que permaneceu (a construção histórica) e o que mudou ao redor (novos prédios, urbanização da orla). Desenhe no quadro duas colunas — “permanências” e “mudanças” — e preencha com contribuições da turma.

Oriente os estudantes, a observarem as imagens da Fortaleza de São José de Macapá como estudo de permanências e mudanças: o forte e o rio como elementos estáveis; a orla, os prédios e os espaços públicos como marcas do processo de urbanização.

Na **atividade 1**, incentive-os a informar diferenças e semelhanças encontradas nas imagens. Peça que registrem as informações no caderno. Destaque como o conceito de urbanização ajuda a explicar a presença de novas construções e vias, enquanto elementos como o rio e o forte permanecem na paisagem.

OED

Utilize o **mapa clicável** “Como crescem as capitais da Região Norte?” para conduzir uma leitura investigativa do território. Oriente a turma a explorar os pins de Belém, Macapá, Boa Vista, Manaus, Porto Velho, Rio Branco e Palmas, observando legenda, escala e orientação do mapa, e relacionando textos e imagens de cada capital. Promova comparações sobre como elementos naturais (rios, florestas, relevo, clima) e processos histórico-econômicos (colonização, portos, ciclo da borracha, hidrelétricas, Zona Franca, agroenergia) orientaram a urbanização e os usos do solo. Produza um registro por capital com dois fatores de crescimento e um desafio urbano-ambiental, citando evidências do recurso. Finalize com uma síntese comparativa: o que é comum entre as capitais, o que diferencia cada uma.

Orientações didáticas

Apresente a página como estudo dos trabalhos que mantêm a vida urbana amazônica e que costumam ficar invisíveis. Conduza a leitura dos textos e das imagens destacando feiras, mercados, barqueiros e pescadores como elo entre natureza, produção e consumo. Oriente a construção, no quadro, de um esquema “do rio à mesa”: extração/pesca; transporte fluvial; preparo nas feiras (descascar, embalar); venda; consumo, apontando onde o trabalho aparece e onde costuma ser pouco reconhecido. Promova a leitura de imagem com foco em tarefas, ferramentas e espaço de trabalho (fação, redes, bancas, cais) e relacione aos fluxos econômicos e de pessoas.

Para enriquecer a aula, apresente o vídeo sobre o **Mercado Municipal Adolpho Lisboa** em Manaus.

Na **atividade 1**, incentive-os a planejar a entrevista com três blocos de questões: o que a pessoa faz no dia a dia; quais são as maiores dificuldades (chuva, transporte, preço, conservação dos produtos); de que forma o trabalho é reconhecido (valorização, orgulho, falta de visibilidade). Oriente a registrar no caderno quem foi entrevistado (sem nome completo), local, data, respostas principais e um desenho ou foto do ambiente de trabalho, quando permitido. Peça que concluam com uma síntese: “o que aprendi sobre esse trabalho e por que ele é essencial para a cidade”.

Quem faz a cidade funcionar?

Muitos trabalhadores são essenciais para a comunidade, mas não são valorizados. Essa situação é chamada de **invisibilidade social**. Para combatê-la, vamos conhecer melhor alguns desses profissionais e aprender a respeitá-los.

Diversas pessoas trabalham em feiras e mercados, descascando e embalando produtos como a castanha-do-pará. Essas atividades, embora facilitem bastante a vida no meio urbano, são muitas vezes ignoradas pela população.

Vendedor descascando castanha-do-pará no Mercado Ver-o-Peso, em Belém, Pará, 2025.



EDSON GRANDIOLPULSAR IMAGENS

A Região Norte é repleta de rios, cruzados por barcos que trazem e levam pessoas. Dessas águas, trabalhadores retiram os peixes que vendem para alimentar a população. Barqueiros e pescadores são profissionais fundamentais, mas são também ignorados pela sociedade.

Pescadores consertando redes de pesca no bairro Educandos, em Manaus, Amazonas, 2025.



RICARDO OLIVEIRA PULSAR IMAGENS

1 Vamos combater a invisibilidade social? Entreviste alguém que trabalha na feira, nos rios ou com pesca.

NÃO ESCREVA NO LIVRO.

Faça as seguintes perguntas:

- Como é seu dia a dia?
- Que atividades você sempre faz?
- Quais são as dificuldades da sua profissão?
- A sociedade valoriza sua profissão?

Anote as respostas no caderno e conte para a turma.

2 Como a sociedade poderia valorizar mais esses profissionais? Converse com seus colegas e escreva no caderno duas ações de valorização desses profissionais.

102

2. Resposta pessoal. Espera-se que os estudantes analisem as respostas das entrevistas para chegar a propostas, como ações sociais, governamentais, auxílios etc.

Diversificando**História: Mercado Adolpho Lisboa | Manaus 350 | #lindaquesóela. Prefeitura de Manaus**

O vídeo apresenta o Mercado Adolpho Lisboa, também conhecido como Mercado Grande em Manaus, construído durante o ciclo da borracha. Fonte: HISTÓRIA: Mercado Adolpho Lisboa | Manaus 350 | #lindaquesóela, 2019. 1 vídeo (59 s). Publicado pelo canal Prefeitura de Manaus. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=1p5Z4pewr80>. Acesso em: 05 ago. 2025.

Campo e cidade se conectam

Quem olha a Região Norte do alto pode ter a ideia de que todos vivem na floresta. Essa é uma impressão incorreta, pois cerca de três quartos da população vivem nas áreas urbanas.

Assim como nas outras regiões do Brasil, o campo e a cidade se conectam por meio de diversas atividades. É o caso dos trabalhadores extrativistas de açaí, que também sofrem com a invisibilidade social.

Esses profissionais são chamados de **peconheiros** ou **açaizeiros**. Eles têm a força física e o conhecimento para identificar os melhores cachos, subir nas palmeiras, derrubar os frutos e carregá-los em cestos.

Quando o açaí chega ao **transporte fluvial**, os barqueiros armazenam os frutos nos barcos com cuidado para que não entrem em contato com produtos químicos ou com a água.

Depois, o açaí é vendido em feiras, restaurantes, sorveterias e outros lugares. Antes de ir à mesa, os caroços e a casca são transformados em polpa. Tradicionalmente, o açaí é acompanhado de farinha de mandioca, tapioca ou peixe frito. Em outras regiões do Brasil, ele é servido com frutas e outros doces.

Glossário

Transporte fluvial: transporte feito pelo rio, em barcos, canoas ou balsas.



KATARINA TSUZUKI

NÃO ESCREVA NO LIVRO.



- 1 Em grupo, pesquise outros produtos extraídos das florestas do Norte. Elabore um cartaz com as etapas de colheita, transporte e venda do fruto, da castanha ou da matéria-prima escolhida.

Espera-se que os estudantes tomem como base o percurso de colheita, transporte e venda do açaí, buscando informações sobre outros produtos extraídos da região amazônica, como cacau, borracha, castanha-do-pará, guaraná, óleos vegetais, entre outros.

103

BNCC

(EF04GE08)

Orientações didáticas

Conduza a leitura do texto destacando a ideia central: campo e cidade se conectam por redes de trabalho e transporte, visíveis no percurso do açaí. Oriente a leitura da ilustração em sequência — colheita, transporte fluvial, venda/polpa —, pedindo que os estudantes indiquem quem atua

em cada etapa (peconheiro, barqueiro, vendedor) e quais cuidados garantem a qualidade do alimento. Promova uma conversa breve sobre invisibilidade social: por que alguns trabalhos são pouco reconhecidos mesmo sendo essenciais? Produza, no quadro, um esquema simples com as etapas, nessa ordem: produto, transporte, preparo e consumo; peça exemplos de onde cada uma acontece (comunidade ribeirinha, porto ou feira, cozinha da casa ou restaurante). Retome o glossário (peconheiro, transporte fluvial, polpa)

e localize, se possível, um rio de escoamento do açaí, valorizando usos regionais e de outras partes do Brasil.

Na **atividade 1**, incentive-os a escolher, em grupo, um produto da floresta (castanha-do-pará, cacau, guaraná, óleos vegetais, látex) e a pesquisar, em fontes confiáveis, três elementos: onde é coletado, como circula até a cidade e como é vendido ou consumido. Oriente-os a organizar um cartaz em três partes ou colunas, conectando as etapas com linhas, títulos ou numeração; incluir nome do produto, atores de cada etapa e um desafio do trabalho (clima, conservação, transporte).

A respeito da importância econômica dessas práticas, é válido mencionar o papel desempenhado pelo açaí em boa parte da região Norte a partir da citação:

Entre as espécies mais promissoras para o mercado encontra-se o açaí que tem demanda para o mercado nacional e internacional e tem uma importância econômica, social e ambiental. Importância econômica com uma diversidade de produtos: polpa da fruta, artesanato, adubos, corantes entre outros produtos. Social pois representa um valor cultural para as comunidades tradicionais entre elas a ribeirinha [...] Além do mercado local, o açaí também tem sido demandado por outras regiões do país, particularmente, pelos Estados do Rio de Janeiro, São Paulo e Minas Gerais.

D'ARACE, Larissa Martins Barbosa et al. Produção de açaí na região norte do Brasil. **Revista Ibero-Americana de Ciências Ambientais**, v. 10, n. 5, p. 15-21, 2019, p.16.

Orientações didáticas

Esta página da seção **Cartografando** permite conduzir a turma a localizar estados e capitais pela legenda e pela orientação (rosa-dos-ventos); depois, oriente-os a identificar os principais rios pelos nomes e as rotas de navegação pelo símbolo do barco. Promova a distinção entre “rio” e “rota fluvial”: o rio é o curso d’água; a rota indica trechos navegáveis com maior fluxo. Produza no quadro um pequeno vocabulário (capital, orla, hidrovia, afluente, foz) e modele perguntas-guia de leitura cartográfica: onde começa o rio observado, para onde corre, que capitais ele aproxima, como a navegação liga povoados e cidades. Retome que, na região, os rios são vias de transporte, abastecimento e trabalho, articulando campo e cidade.

Na **atividade 1**, incentive os estudantes a localizar no mapa a sua Unidade Federativa e identificar a capital correspondente. Oriente-os a comparar sua posição em relação às demais capitais, utilizando termos de direção (norte, sul, leste, oeste) e distâncias aproximadas.

Na **atividade 2**, oriente a busca do rio mais próximo da localidade de cada estudante. Peça que sigam com o dedo, no mapa, o curso dos rios destacados (Amazonas, Madeira, Negro etc.), identificando onde começam e para onde seguem. Estimule que registrem no caderno o que esse rio conecta — por exemplo, cidades, capitais ou confluências com outros rios.

Na **atividade 3**, conduza a leitura da legenda e dos símbolos de barco para elencar os rios mais importantes para a ligação

CARTOGRAFANDO**Rios: os caminhos da Amazônia****NÃO ESCREVA NO LIVRO.**

Você já notou que os rios são muito importantes para o transporte de pessoas e mercadorias na Amazônia? Eles percorrem a imensa maioria dos territórios da Região Norte, formando caminhos fluviais que ligam cidades e povoados.

Analise este mapa da **Amazônia Legal**, com atenção para os estados, as capitais e os rios. Quais são os mais usados para navegação?

Glossário

Amazônia Legal: grande área do nosso país, formada por vários estados que têm partes da floresta amazônica. Foi criada pelo governo para ajudar a proteger a natureza e cuidar melhor das pessoas que vivem lá.



Fonte: Adaptado de IBGE. Amazônia legal 2024. Disponível em: https://geoftp.ibge.gov.br/organizacao_do_territorio/estrutura_territorial/amazonia_legal/2024/Mapa_da_Amazonia_Legal_2024_20250722.pdf. Acesso em: 13 jul. 2025.



Depois de analisar o mapa, responda no caderno.

- 1 Qual capital do mapa você conhece ou é mais perto de onde você mora? Essa é a mesma capital do seu estado? **1. Espera-se que os estudantes localizem sua localidade e as capitais próximas no mapa.**
- 2 Qual rio mostrado no mapa é mais próximo da cidade onde você mora? **2. Resposta pessoal.**
- 3 Quais são os rios mais importantes que ligam as cidades da Amazônia legal? **3. Resposta pessoal.**

104

entre cidades da Amazônia Legal. Solicite que citem ao menos dois exemplos de cidades ou capitais conectadas por esses rios e que expliquem por que a navegação é estratégica. Destaque as grandes distâncias, a escassez de estradas contínuas e o custo do transporte terrestre. Como recurso complementar, você pode projetar uma foto ou pequeno vídeo de barcos regionais para aproximar o conteúdo da experiência real de quem vive ou já viajou pela Amazônia.

Atividade complementar

Proponha que a turma produza um “guia de rotas fluviais da minha região”. Em duplas, escolham um rio do mapa da Amazônia Legal, pesquisem em sites de órgãos públicos e notícias locais quais cidades ele aproxima e que serviços dele dependem. Em uma folha a parte, redesenhem o trecho do rio, indiquem capitais/municípios com símbolos simples (barco para navegação, gota para água, cesta para feira) e escrevam uma legenda clara.

Acessibilidade urbana

Quando as cidades passam por um processo de urbanização, não basta construir estradas, portos e edifícios. É preciso ter **acessibilidade**.

Pessoas idosas, com deficiência ou com alguma condição que dificulte os movimentos devem ter seu direito de ir e vir respeitado. Veja estes exemplos de como garantir que todos participem da vida em grupo:

- **Calçada larga:** deixa espaço para todos andarem com conforto, inclusive pessoas com bengala, carrinho de bebê ou cadeira de rodas.
- **Rampa:** ajuda quem não consegue subir degraus.
- **Sinal sonoro:** avisa quando é seguro atravessar a rua, ajudando pessoas com deficiência visual.
- **Sinalização tátil nas calçadas:** linhas em relevo que mostram o caminho para quem não enxerga bem.

Glossário

Acessibilidade: quando a cidade é pensada para todas as pessoas, mesmo que tenham alguma dificuldade para andar, ver ou ouvir.



Trabalhadores construindo calçada com piso tátil às margens da Avenida Cuiabá, em Santarém, Pará, 2024.

TARGISO SCHNAIDER/PULSAR IMAGES

NÃO ESCREVA NO LIVRO.



- 1 Com o auxílio de um adulto, analise o bairro onde você mora. Ele tem acessibilidade? Por que você acha isso? **1. Resposta pessoal. Espera-se que os estudantes identifiquem pontos de melhoria de acessibilidade no bairro onde moram.**



- 2 No caderno, faça um desenho mostrando o que poderia ser feito para melhorar a acessibilidade do bairro. **2. Resposta pessoal. Espera-se que os estudantes elaborem desenhos relacionados aos problemas observados no bairro.**

105

Orientações didáticas

Conduza uma conversa inicial sobre o que é acessibilidade e por que ela deve estar presente em calçadas, prédios, praças, pontos de ônibus e travessias. Produza um quadro de exemplos do texto: calçadas largas, rampas, sinal sonoro, piso tátil, ciclovias, e relacione cada item ao público que se beneficia (pessoas com deficiência, idosos, famílias com carrinho, ciclistas). Conecte com a gestão municipal: quem projeta, quem executa e como a comunidade pode participar (ouvidoria, conselhos, audiências). Leia a imagem focando materiais, sinalização e etapas da obra; destaque que acessibilidade é direito e planejamento, não “acabamento”. Finalize com uma síntese: espaços acessíveis melhoram a mobilidade de todos e fortalecem a vida em comum.

Na **atividade 1**, incentive-os a realizar, com um adulto, uma observação do entorno da escola ou do próprio bairro, registrando em anotações: trechos de calçada livre, presença de rampas, piso tátil, semáforos com som, travessias seguras, obstáculos (buracos, degraus altos, postes no meio da calçada). Oriente que descrevam por que consideram o local acessível ou não, sempre com exemplos do percurso feito.

Na **atividade 2**, organize um “antes e depois” do mesmo trecho. Primeiro, peça um esboço do local como está (calçada, poste, degraus, faixa, fluxo de pessoas). Depois, oriente a versão “proposta”, incluindo: alargamento de calçada, rampa em esquina, rebaixamento de guia, travessia sinalizada com piso tátil e semáforo sonoro, faixa/ciclovia e bancos/sombra.

Temas Contemporâneos Transversais (TCT)

Cidadania e Civismo

Promova uma reflexão sobre acessibilidade como direito de todos e dever do poder público, relacionando-a ao princípio da cidade para todas as pessoas. Produza conexões entre empatia e participação: valorize relatos de quem enfrenta barreiras no bairro e mostre canais de atuação cidadã, como conselhos, ouvidorias e audiências. Incentive atitudes cotidianas de respeito no uso dos espaços comuns e a elaboração de sugestões de melhorias fundamentadas nas observações da turma, reforçando que participar, escutar e dialogar são práticas de civismo que qualificam a vida urbana.

Orientações didáticas

A página permite realizar com os estudantes uma leitura histórica das imagens de Manaus para discutir como escolhas de transporte alteram a paisagem urbana e o ambiente (ruído, qualidade do ar, ocupação das vias). Promova a comparação entre o bonde elétrico do início do século XX e a circulação atual de carros e ônibus: capacidade de passageiros, fonte de energia, impactos ambientais e de ocupação do espaço. Produza um quadro “mais sustentável/menos sustentável” com exemplos de mobilidade ativa (caminhada, bicicleta), transporte coletivo (barcos urbanos, ônibus, bondes/elétricos) e transporte individual motorizado. Relacione soluções já estudadas na região (rotas fluviais, ciclovias, sombreamento arbóreo, calçadas acessíveis) e incentive a turma a pensar integração entre modos (barcos, ônibus, caminhada).

Analise o trecho destacando a transição dos bondes elétricos para ônibus a diesel e carros particulares, relacionando essa mudança à dependência do petróleo e aos impactos na qualidade do ar, no ruído e no uso do espaço viário. Proponha que a turma construa uma linha do tempo simples com três momentos: passado com bondes, expansão dos automóveis, busca atual por alternativas limpas.

Transporte urbano sustentável

No final dos anos 1800, as maiores cidades brasileiras passaram por reformas para se modernizar. Manaus, por exemplo, criou avenidas largas, grandes prédios e transporte público. Com a riqueza da borracha, ela foi a terceira cidade a inaugurar o sistema de bondes elétricos, em 1899, depois de Rio de Janeiro e Salvador.

A partir de 1950, o Brasil começou a produzir e importar carros. Aos poucos, os bondes foram sendo substituídos pelos ônibus, e o transporte nas cidades passou a depender do petróleo, que polui o meio ambiente.

Hoje, as cidades têm o desafio de aumentar o transporte público e reduzir os carros nas ruas, com combustíveis menos poluentes e energia limpa.



Bonde elétrico circulando na Avenida Eduardo Ribeiro, Manaus, Amazonas, 1909.



NÃO ESCREVA NO LIVRO.

1. Espera-se que os estudantes reconheçam que a primeira imagem mostra um bonde elétrico; por não usar petróleo e ter a função de transporte público, é um meio de transporte sustentável.

Avenida Eduardo Ribeiro, Manaus, Amazonas, 2024.

Analise essas duas fotografias de Manaus e responda no caderno:

- 1** Qual das duas imagens apresenta um meio de transporte sustentável? Explique sua resposta comentando sobre o funcionamento desse veículo.
 - 2** O que poderia ser feito em sua cidade para tornar o transporte mais sustentável e menos prejudicial ao meio ambiente?
- 2.** Espera-se que os estudantes sugiram ciclovias, vias mais seguras para pedestres, ampliação do transporte público, adoção de veículos que utilizam combustíveis menos poluentes ou renováveis etc.

106

Na **atividade 1**, incentive-os a identificar o bonde elétrico como meio mais sustentável, justificando com dois critérios: não uso de derivados de petróleo e maior capacidade de transporte por veículo, reduzindo carros nas ruas. Valorize respostas que citem também barcos/ônibus elétricos como soluções atuais de menor impacto.

Na **atividade 2**, oriente a listar melhorias realistas para o município: ampliar linhas e frequência do transporte coletivo, priorizar corredores exclusivos, criar ciclovias seguras, arborizar e qualificar calçadas, implantar barcos urbanos onde houver rio navegável e adotar veículos de menor emissão (elétricos ou híbridos). Peça que registrem no caderno uma proposta desenhada de “rua completa” com legenda (calçada contínua, faixa de pedestres, ciclovia, ponto de ônibus abrigado) e uma frase explicando por que a ideia torna o transporte mais sustentável e inclusivo.

Crescimento e sustentabilidade das cidades

Quando as cidades crescem sem melhorias para a população, falamos que houve **crescimento desordenado**, que prejudica a acessibilidade e o meio ambiente. Se não há coleta, é a natureza que recebe o nosso lixo.

Prefeitos e vereadores devem cuidar da população, mas nós também temos deveres: reduzir o consumo, jogar lixo no lugar certo e separar materiais recicláveis.



Ribeirinho em canoa no igarapé Mindu, poluído de lixo plástico. Manaus, Amazonas, 2022.

VOZES DA HISTÓRIA



NÃO ESCREVA NO LIVRO.

Fundação Rede Amazônica e a proteção do meio ambiente

A Fundação Rede Amazônica é um grupo que trabalha para preservar o meio ambiente desde 1985. Junto às autoridades públicas, ela educa as pessoas e incentiva atitudes sustentáveis, como a coleta seletiva.

Em 2003, começou o projeto Consciência Limpa, para incentivar a limpeza dos igarapés em Manaus, pois a poluição afeta as comunidades que vivem da pesca e agricultura.

Atualmente, ela faz campanhas em escolas para ensinar os estudantes a proteger a natureza com a destinação correta de materiais reutilizáveis. Assim, ainda gera renda para as comunidades de coletores.

1 Qual é o destino do lixo na sua cidade: lixão ou aterro sanitário?

1. Espera-se que os estudantes aprendam e compartilhem informações sobre o destino local do lixo.

2 Quais atitudes podemos tomar para evitar o acúmulo de lixo?

2. Espera-se que os estudantes mencionem pequenos gestos individuais, como reduzir o consumo de produtos embalados e fazer a separação de recicláveis.

107

Na **atividade 1**, conduza uma pesquisa guiada: 1) defina as fontes (site da prefeitura/secretaria de limpeza urbana, autarquia de saneamento, câmara municipal); 2) distribua funções (buscador, registrador, verificador da fonte); 3) peça que preencham no caderno uma ficha-síntese: fonte consultada (*link/título*), tipo de destinação (lixão ou aterro sanitário), localização aproximada, existência (ou não) de coleta seletiva/PEVs, impactos possíveis em rios/igarapés (ex.: chorume, entupimento de bueiros, lixo flutuante).

Feche com uma frase-ação: “O que a escola/comunidade pode fazer este mês?”.

Na **atividade 2**, organize uma roda de planejamento e transforme ideias em plano mínimo de 5 passos: (1) reduzir (ex.: evitar copos descartáveis), (2) reutilizar (potes, papel rascunho), (3) separar recicláveis (definir lixeiras e responsáveis por turma/semana), (4) destino correto (listar ecopontos/PEVs com dia/horário), (5) cuidado com o espaço público (não descartar em bueiros; avisar quando houver entulho).

Orientações didáticas

Esta página possibilita a leitura para discutir em sala a diferença entre crescimento urbano e crescimento com qualidade de vida. Oriente a turma a relacionar serviços urbanos (coleta, destinação de resíduos, drenagem) com o estado dos igarapés, destacando consequências do descarte inadequado: poluição da água, enchentes, perda de fauna e riscos à saúde. Produza uma leitura orientada da imagem: de onde vem o lixo? Quem é afetado? Que decisões públicas e atitudes individuais poderiam evitar esse cenário? Retome conceitos-chave em um mini glossário no quadro (coleta seletiva, lixão, aterro sanitário, reciclagem, logística reversa) e proponha um roteiro curto de investigação do bairro: onde estão lixeiras, bueiros, ecopontos e horários de coleta.

Para a análise dos conteúdos do boxe **Vozes da História**, apresente a Fundação Rede Amazônica como exemplo de organização da sociedade civil que articula educação ambiental, políticas públicas e geração de renda para catadores. Conduza uma conversa sobre como projetos locais (mutirões, campanhas em escolas, coleta seletiva) complementam o trabalho do poder público e como estudantes podem participar: mapear pontos de descarte, produzir materiais informativos e dialogar com associações de reciclagem.

Orientações didáticas

Inicie com uma roda de conversa: peça que a turma cite áreas verdes que frequenta (praças, parques, margens de rios) e como se sente nesses espaços (sombra, descanso, brincar). Ao longo da página, apresente áreas verdes urbanas como parte da infraestrutura da cidade, conectando benefícios ambientais (sombra, qualidade do ar, redução de ilhas de calor, proteção de corpos d'água) e sociais (lazer, convivência, saúde). Conduza a leitura orientada da foto do **Parque Cesamar**: identifiquem o curso d'água, a mata ciliar, os equipamentos de lazer e como o desenho integra natureza e uso público. Em seguida, retomem a roda para discutir cuidados necessários: limpeza, trilhas demarcadas, lixeiras, acessibilidade e segurança. No quadro, esquematize o “parque ideal” em três camadas: natureza (vegetação nativa, mata ciliar), usos (caminhada, esporte, descanso) e gestão (manutenção, regras de convivência). Conclua pedindo que cada grupo escolha um cuidado prioritário e proponha uma ação simples para a escola ou bairro.

Na **atividade 1**, incentive-os a descrever uma área verde local indicando nome, localização aproximada, elementos naturais presentes (árvores, lago, córrego, gramado), equipamentos de uso (trilha, quadra, parquinho) e cuidados observados (lixeiras, sinalização, piso acessível). Caso não exista área verde próxima, oriente a criação de uma proposta.

Cidades que acolhem a natureza

NÃO ESCREVA NO LIVRO.

Para melhorar a relação entre cidade e meio ambiente, é preciso acolher a natureza como parte da estrutura urbana. Por isso, cada vez mais o asfalto das ruas e o concreto dos prédios está dando espaço para as **áreas verdes urbanas**.

Áreas verdes urbanas são espaços da cidade reservados para parques e natureza. Além de preservar o meio ambiente, elas reduzem a poluição e melhoram a qualidade do ar.

Essas áreas também são locais de diversão e lazer, onde as pessoas podem aproveitar o silêncio e praticar esportes para melhorar a saúde física e mental.




Vista do Parque Cesamar, em Palmas, Tocantins, 2023.

Em Palmas, Tocantins, há um ótimo exemplo de área verde urbana: o Parque Cesamar. Ele foi inaugurado em 1998 e fica na margem do córrego Brejo Comprido, que é protegido pela **mata ciliar**. O local conta com muitas atividades, como pistas de caminhada, skate e patins, pedalinho no lago e museu.

Glossário

Mata ciliar: vegetação que fica na margem de rios, lagos e córregos e que protege a água da poluição e da erosão.

Além do Parque Cesamar, existe também o Parque da Cidade, em Belém, Pará. Ele foi criado para ajudar a evitar enchentes, aproveitando áreas que costumavam alagar. Mesmo que ainda tenha alguns problemas, o parque é muito importante para a cidade, pois ajuda a cuidar do meio ambiente e oferece um espaço para diversão e descanso.

-  **1** Sua cidade tem uma área verde urbana? No caderno, faça uma descrição dela ou crie uma proposta para um parque com várias atividades.

108

Espera-se que os estudantes descrevam uma área verde da cidade, explicando a relação com o meio ambiente e as atividades disponíveis. Se não houver, espera-se que usem a criatividade para propor uma ideia de criação com base na proteção da natureza e no uso do espaço para o bem-estar da população.

Interdisciplinaridade com Ciências

Conduza uma investigação simples sobre serviços ambientais das áreas verdes: proponha medir a temperatura do solo/ambiente em trechos sob árvores e em área exposta (termômetro simples), observar a infiltração da água em solo com vegetação e sem vegetação (garrafa com furos simulando chuva) e registrar a presença de polinizadores (abelhas, borboletas) e aves. Relacione os resultados a temas de ciências já estudados — ciclo da água, fotossíntese, cadeia alimentar, ilhas de calor — e produza um quadro de “evidências” com conclusões da turma sobre como a mata ciliar e o parque melhoram o ar, reduzem a temperatura e protegem a água.

CULTURAS DA NOSSA REGIÃO

A floresta e os povos nos muros da cidade

Você sabe o que é **grafite**?

O grafite é uma arte urbana que usa *spray*, pincel e rolos para criar desenhos em muros e paredes. Os grafiteiros, como são chamados esses artistas, usam a própria cidade como tela, dando cor e vida ao cinza do concreto.

No passado, muitas pessoas viam o grafite como um ato de vandalismo. Essa visão mudou, e hoje ele é entendido como uma manifestação da arte e da cultura nos espaços urbanos.

Chermie Ferreira, artista indígena Kokama, usa o grafite para contar as histórias de seu povo e trazer as imagens da flora e da fauna amazônica para os muros de Manaus.



Mural Ancestralidade, obra pintada por Chermie Ferreira em Manaus, Amazonas, 2017.

Para saber mais:

Vamos conhecer mais do grafite produzido por artistas amazônicos? Assista ao vídeo **Grafitigrafismo Amazônico** para conhecer as obras do artista amazonense Raiz Campos: <https://www.youtube.com/watch?v=TITjL08WEaQ>. Acesso em: 14 ago. 2025.

109

Diversificando

Chermie Ferreira e o desafio de retratar o Norte do Brasil. Ziv Gallery

Entrevista com a artista Chermie Ferreira, que compartilha, além de suas obras, suas raízes indígenas kokama, vivências ribeirinhas e memórias familiares que inspiram sua produção artística. Fonte: CHERMIE Ferreira e o desafio de retratar o Norte do Brasil. **Ziv Gallery**, São Paulo. Disponível em: <https://www.zivgallery.com/chermie-ferreira-e-o-desafio-de-retratar-o-norte-do-brasil/>. Acesso em: 09 set. 2025.

Orientações didáticas

O conteúdo da página dedicado ao boxe **Culturas da Nossa Região**, permite organizar com os estudantes uma conversa inicial sobre grafite como linguagem artística e forma de ocupar o espaço público com memória, identidade e natureza.

Apresente a obra de Chermie Ferreira (povo Kokama) e produza uma leitura de imagem: cores, elementos da floresta, figuras humanas, símbolos da cultura indígena e relação com a cidade. Incentive a turma a perceber como a arte nos muros pode educar e sensibilizar para o cuidado ambiental e o respeito aos povos originários. Se possível, organize um pequeno circuito visual: projete murais da artista e de outras referências amazônicas e convide os estudantes a identificar mensagens e emoções que as imagens comunicam.

Antes de assistir ao vídeo sugerido, ative conhecimentos prévios: o que a turma já sabe sobre grafite na Amazônia e sobre artistas locais. Durante a exibição, proponha que observem intencionalmente “o que aparece” (fauna, flora, rios, pessoas), “o que comunica” (mensagem, sentimentos) e “como foi feito” (traços, cores, escala).

Após o vídeo, produza um quadro-síntese no quadro com três campos — natureza, cultura, cidade — e sistematize exemplos que surgiram. Conecte as obras vistas às temáticas do capítulo (urbanização, áreas verdes, rios), destacando como a arte urbana pode fortalecer pertencimento e cidadania. Se houver tempo, organize uma pequena exposição em sala com legendas autorais dos estudantes para seus esboços inspirados nas obras.

Orientações didáticas

Comece a página da seção **Saiba Mais**, com um estudo de caso visual: projete uma foto de lixão a céu aberto e outra de um aterro com cobertura de solo e drenagem; peça que a turma descreva o que vê, levante hipóteses sobre impactos e, só então, nomeie coletivamente os conceitos de lixão e aterro, registrando semelhanças e diferenças em um quadro-síntese.

Em seguida, construa um mapa do caminho do resíduo desde a sala de aula até o destino final, marcando pontos críticos onde ocorrem vazamentos, queimadas ou contaminação e onde entram soluções como coleta seletiva, cooperativas de catadores e educação ambiental. Valorize o trabalho dos catadores como serviço essencial, cuidando da linguagem para evitar estigmas e trazendo exemplos locais de boas práticas.

SAIBA MAIS**O problema dos lixões nas cidades****NÃO ESCREVA NO LIVRO.**

Você sabe o que são **lixões**? Em muitas cidades, esses são os lugares onde o lixo da população é jogado a céu aberto, sem nenhum tipo de separação ou cuidado com o meio ambiente. Esse descuido causa a poluição da água e do ar, atraindo bichos e insetos que podem transmitir doenças.

Em 2010, o governo decidiu que todos os lixões no Brasil deveriam ser substituídos até 2024 pelos **aterros sanitários**, um local que recebe e trata o lixo de maneira mais sustentável e evita a poluição do meio ambiente.

No entanto, os lixões continuam existindo no país, e o Norte é a região brasileira com o maior número deles.



Vista de lixão a céu aberto, em Santarém, Pará, 2023.

Você já parou para pensar que muita gente trabalha nesses lixões? Essas pessoas, chamadas de catadores, retiram materiais que podem ser reciclados, como papelão, plástico, alumínio e vidro. Mesmo prestando um serviço importante para o meio ambiente, elas vivem em condições muito difíceis, sem segurança e muitas vezes sem apoio.

É por isso que os lixões devem ser fechados e substituídos por locais mais seguros e organizados. Além disso, as cidades precisam criar programas de coleta seletiva para que o lixo reciclável seja separado já nas casas das pessoas.

**1**

Você já viu alguma lixeira para separar o lixo reciclável perto da sua casa ou escola? O que você pode fazer para ajudar a reduzir o lixo e cuidar melhor do lugar onde vive?

Resposta pessoal.

110

Na **atividade 1**, incentive-os a observar o entorno da escola e de casa para localizar lixeiras de coleta seletiva, ecopontos e cooperativas; proponha que registrem duas atitudes pessoais (separar recicláveis limpos, reduzir descartáveis, reaproveitar recipientes) e uma ação coletiva da turma (campanha interna, sinalização de lixeiras, parceria com cooperativa). Valorize respostas que reconheçam os impactos dos lixões na água, no ar e na saúde, o papel dos catadores e a necessidade de substituir lixões por aterros com coleta seletiva, conectando escolhas cotidianas a melhorias ambientais e de bem-estar.

ORGANIZE AS IDEIAS

NÃO ESCREVA
NO LIVRO.

Quanta coisa estudamos neste capítulo, não é mesmo? Vimos as mudanças históricas nas cidades do Norte, aprendemos o que é acessibilidade e conversamos sobre poluição, meio ambiente e bem-estar. Agora chegou a hora de praticar!

1 Entreviste um morador antigo da sua vizinhança e descubra as transformações do bairro nos últimos anos. Use este roteiro de perguntas:

- Qual é o seu nome? **1. Espera-se que os estudantes tomem contato com o passado local.**
- Quando você nasceu?
- Quando você chegou ao bairro?
- Como ele era? O que mudou?
- O que melhorou e o que piorou?
- O que você acha que falta no nosso bairro?
- O que a nossa comunidade pode fazer para melhorar nosso bairro? Você tem alguma sugestão?

Anote as respostas e faça um resumo no caderno para apresentar aos colegas.

2 Analise as imagens a seguir. Quais soluções para os problemas da cidade elas mostram? Como elas melhoram o bem-estar e a qualidade de vida da população?

2. Uma rampa de acesso e uma ciclovia. Soluções de acessibilidade ou de garantia de espaço na cidade asseguram o direito de ir e vir às pessoas, com segurança e inserção comunitária.



Rampa de acesso a cadeirantes no ponto de ônibus, em Boa Vista, Roraima, 2022.



Ciclovia no canteiro central da Avenida Duque de Caxias, Belém, Pará, 2025.

3 Em uma folha separada, faça um grafite que ilustre a importância das ações individuais para a proteção do meio ambiente. **3. Espera-se que os estudantes criem grafites com mensagens sobre lixo, água e consumo consciente.**

- Leia o que é o grafite e reveja algumas das obras mostradas.
- Pesquise mais grafiteiros e se inspire no estilo de um deles.
- Observe que cores eles usam e que tipo de desenho gostam de fazer.

Agora, use a criatividade e crie sua própria arte! Depois, explique sua arte para a turma.

Avaliação

Nesta seção, o foco é observar como os estudantes conectam os conteúdos do capítulo com sua própria realidade. Ao invés de avaliar por respostas corretas ou incorretas, proponha uma **Avaliação por portfólio**, em que cada estudante registre suas descobertas. O objetivo é acompanhar o desenvolvimento da capacidade de interpretar o ambiente local, relacionar informações históricas, sociais e ambientais, e expressar ideias de forma criativa e organizada.

Objetivos gerais da seção

- Estimular os estudantes a observarem seus espaços de vivência.
- Reconhecer ações individuais e coletivas de cuidado socioambiental presentes nas imagens.
- Relacionar participação cidadã e políticas públicas locais, compreendendo como a comunidade pode dialogar com Prefeitura, Câmara de Vereadores e conselhos municipais.

BNCC

(EF04GE05)
(EF04GE03)
(EF03HI04)

Orientações didáticas

Inicie a aula convidando a turma a “ler” a fotografia como documento: quem participa, onde estão ou que materiais e técnicas de plantio estão sendo usados. Em seguida, registre no quadro as falas dos estudantes. Proponha a construção de um mapa rápido da escola/comunidade marcando pontos que precisam de cuidado e pontos já preservados. Articule a leitura da imagem à noção de participação: explique, em linguagem simples, o papel da Prefeitura (secretarias de Meio Ambiente, Educação, Obras), da Câmara de Vereadores e dos conselhos municipais; mostre canais de escuta (ouvidoria, audiências públicas, conselhos). Para encerrar, conduza uma roda de conversa sobre mobilização social com regras de respeito à fala do outro; sistematize, com a turma, um pequeno “pacto de ações possíveis” para a semana (economia de água na escola, por exemplo).

CAPÍTULO

9

SER CIDADÃO DO NORTE

PRIMEIROS OLHARES



NÃO ESCREVA NO LIVRO.



CHICO SOUZA/PREFEITURA DE PARAUAPEBAS

Amigos do Prosap realizam mais uma ação de plantio de mudas nativas em Parauapebas. Pará, 2025.

Observando as imagens

- 1 O que essas pessoas estão fazendo? **1. Espera-se que os estudantes identifiquem que as pessoas estão plantando mudas para restaurar a vegetação nativa em uma floresta.**
- 2 Na sua opinião, quais cuidados seriam importantes para melhorar o meio ambiente em seu município? **2. Resposta pessoal. Espera-se que os estudantes sugiram ações como não jogar lixo no chão, cuidar dos rios, não desperdiçar água, não desmatar as florestas, entre outras.**
- 3 Você acha que plantar árvores é uma boa forma de cuidar do meio ambiente? Por quê? Justifique sua resposta contando por que essa ação é importante e o que ela pode melhorar na natureza ou na sua comunidade. **3. Resposta pessoal.**

112

Na **atividade 1**, incentive-os a identificar ações e intenções na imagem: defesa do uso consciente da água, plantio de espécies nativas, envolvimento de crianças e estudantes. Peça que citem indícios visuais (luvas, mudas, locais).

Na **atividade 2**, proponha uma reflexão sobre cuidados ambientais do município e organize as ideias em três colunas no quadro: problema local, ação possível, quem pode ajudar (família, escola, Secretaria de Meio Ambiente, cooperativas). Estimule exemplos concretos e factíveis.

Na **atividade 3**, oriente a produção de argumentos pró ou contra passeatas, sempre com justificativas. Reforce que a participação pode ocorrer por várias vias: campanhas escolares, audiências públicas, conselhos e iniciativas comunitárias.

Cidadania e cuidado

NÃO ESCREVA
NO LIVRO.

Você conhece a palavra **cidadania**? Sabe o que significa ser **cidadão**?

Desde que nascemos, temos cidadania. Isso significa que somos cidadãos, com **direitos** e **deveres**. As crianças têm o direito de ir à escola, brincar e serem protegidas, ouvidas e respeitadas. Aos poucos, também surgem os deveres, como respeitar pais, colegas e professores, cumprir as diferentes regras de cada lugar, cuidar do meio ambiente e muitas outras.

Cidadania e meio ambiente estão relacionados por direitos e deveres. Ao mesmo tempo que temos o direito a um ambiente saudável, temos o dever de também cuidar do meio ao nosso redor. Jogar o lixo nos lugares corretos, separar materiais recicláveis, plantar árvores, participar nas atividades da horta da escola, tudo isso contribui para melhorar o meio ambiente nas cidades e no meio rural.


Sermos cidadãos significa também cobrar nossos direitos. Isso quer dizer que toda criança pode exigir que as autoridades cuidem do meio ambiente e resolvam problemas como falta de tratamento do esgoto, poluição do ar, devastação das matas e dos igarapés, enchentes, alagamentos, entre outros.

Essas ações mostram que as crianças podem participar e fazer a diferença no nosso mundo! Quando cuidamos dos lugares onde vivemos — como nossa casa, escola e bairro —, estamos praticando nossa cidadania e zelando por todas as pessoas que também vivem neles.



LUIS SALVATOREPHULSAR/IMAGENS

Horta da Escola Municipal São Judas Tadeu. Manaus, Amazonas, 2022.

-  **1** Quais cuidados com o meio ambiente você gostaria de ver na sua escola ou no seu bairro? Desenhe suas ideias no caderno.

Espera-se que os estudantes desenhem ações que indiquem cuidado com o meio ambiente, por exemplo, implantação de esgoto, plantação de árvores, criação de hortas, entre outros.

113

BNCC

(EF04GE03)

(EF03HI04)

Orientações didáticas

Abra a conversa perguntando o que “ser cidadão” significa no cotidiano das crianças: na fila do recreio, na rua da casa, no uso da água e do lixo. Mostre a foto da página e conduza uma leitura de imagem: onde é, que materiais usam, que objetivo perseguem (plantio, horta, cuidado com a água).

Em seguida, produza um quadro no mural com duas colunas: direitos ambientais (água limpa, ar de qualidade, áreas verdes, coleta regular) e deveres correspondentes (economizar água, separar resíduos, não queimar lixo, cuidar das plantas). Traga exemplos locais do município para tornar as ideias concretas (igarapés, praças, pátio da escola).

Explique, de forma simples, que a cidadania envolve agir e também solicitar providências do poder público; apresente canais reais de participação: diretoria da escola, associação de moradores, Secretaria de Meio Ambiente, ouvidoria da Prefeitura. Para consolidar, conduza a turma na elaboração de um pequeno “pacto de cuidado” com metas semanais (regar a horta, reduzir desperdícios, manter o pátio limpo). Feche com uma roda de fala: cada estudante escolhe um direito que quer ver garantido e um dever que está disposto a assumir, reforçando a noção de corresponsabilidade.

Na **atividade 1**, incentive-os a transformar ideias em soluções visuais: placas de orientação para o pátio, lixeiras identificadas, canteiros de horta, cisterna de captação de chuva, sombra de árvores na quadra, composteira para restos da merenda. Peça que incluam no desenho a localização dentro da escola ou do bairro e um breve rótulo explicando a função (ex.: “ponto de coleta de papel”, “canteiro de ervas”). Valorize propostas factíveis e com baixo custo, destacando quem poderia colaborar (turmas, funcionários, famílias, órgãos municipais).

Orientações didáticas

Inicie retomando o sentido de cidadania ambiental com situações do cotidiano: separar o lixo em casa, fechar a torneira enquanto ensa-bua as mãos, evitar queimar folhas e resíduos. Conduza uma leitura guiada das imagens, destacando o fluxo dos materiais (coleta seletiva e reciclagem) e os impactos do fogo sobre ar, solo, fauna e saúde. Produza um quadro comparativo na lousa com duas colunas: “ações que conservam” (separar recicláveis, reduzir embalagens, reaproveitar água de chuva, compostagem) e “ações que degradam” (queimar lixo, jogar resíduos em igarapés, desperdício de água). Traça exemplos locais: existe ponto de coleta seletiva no bairro? Como as queimadas afetam a qualidade do ar aí?

Em seguida, organize um microplanejamento de sala: defina combinados para uso da água (garrafas identificadas, torneiras bem fechadas), destino dos resíduos (caixas rotuladas para papel, plástico, metal) e uma rotina semanal de verificação dos recipientes. Se possível, articule com a equipe escolar para conhecer onde os recicláveis são armazenados e quem faz a retirada, valorizando esses trabalhadores.

Na **atividade 1**, incentive-os a reconhecer a cena como coleta seletiva organizada (abrigo telado, recipientes identificados), relacionando-a à redução de resíduos nos rios e ao aumento da reciclagem e do trabalho dos catadores/cooperativas.

Na **atividade 2**, conduza a identificação do incêndio florestal e seus efeitos: fumaça que piora a respiração,

Cidadania ambiental: floresta, cidade e rios**NÃO ESCREVA NO LIVRO.**

Uma das formas de cuidado com o meio ambiente é a **coleta seletiva**. Você já ouviu falar nesse termo? É o processo de recolher os materiais que podem ser reciclados. Em muitas casas, nas cidades e nas zonas rurais, as pessoas têm tomado cada vez mais esse cuidado. Elas separam o lixo reciclável, como papel, plástico e metal, que é recolhido e encaminhado para lugares que tratam esses materiais e os reciclam. Isso ajuda a diminuir a poluição e a gerar empregos.

O desperdício é outro grave problema que afeta o meio ambiente. Seja na torneira das casas ou nos rios de sítios e fazendas, o cuidado com a água deve ser contínuo. Por isso, devemos fechar a torneira quando não a estamos usando, utilizar a quantidade adequada para irrigar as plantações e aproveitar as chuvas também para armazenar a água.

Se devemos ter cuidado com a água, o mesmo vale para o fogo. As queimadas de lixo e de terrenos poluem o ar que respiramos e, quando acontecem em grandes proporções, afetam a saúde das pessoas, causando problemas respiratórios. Além do mais, podem causar acidentes, como a destruição de casas. Por isso, o lixo dos terrenos deve ser descartado corretamente. Além disso, esses lugares podem ser transformados em áreas verdes, melhorando a qualidade do meio ambiente e a vida das pessoas.

Depósito de lixo com coleta seletiva de materiais recicláveis protegido por tela contra insetos no município de Ferreira Gomes, Amapá, 2024.



Vista de incêndio florestal no município de Borba, Amazonas, 2023.

- 1** Qual ação está sendo mostrada na imagem da direita e como ela ajuda no cuidado com o meio ambiente? **1.** Espera-se que os estudantes identifiquem que se trata de uma ação de coleta seletiva, que auxilia na limpeza do meio ambiente ao separar o lixo e destiná-lo à reciclagem.
- 2** Qual problema está sendo mostrado na imagem da esquerda e como ele afeta o meio ambiente e a saúde das pessoas? **2.** Espera-se que os estudantes identifiquem que a imagem mostra um incêndio de grandes proporções, que causa a poluição do ar e pode provocar doenças respiratórias nas pessoas da região.

114

fuligem sobre a cidade, perda de vegetação e de animais, empobrecimento do solo e risco de acidentes. Estimule que proponham atitudes preventivas (não queimar lixo, acionar defesa civil/corpo de bombeiros, manter terrenos limpos, apoiar campanhas de prevenção).

Diversificando**Rota dos 3Rs na escola**

Organize uma caminhada rápida pelos corredores e pátio para mapear onde reduzir, reutilizar e reciclar. Oriente a turma a anotar pontos de desperdício de água (torneiras pingando), oportunidades de reuso (papel rascunho, garrafas para mudas) e locais para instalar caixas de coleta seletiva. Ao voltar, produza um miniplano com três ações imediatas da turma e responsáveis por cada uma.

Cidadania indígena e defesa do meio ambiente

NÃO ESCREVA
NO LIVRO.

Os povos indígenas da Amazônia vivem em relação direta com a natureza e são responsáveis por preservar grande parte da biodiversidade do planeta. Mesmo assim, seus modos de vida estão cada vez mais ameaçados pelas mudanças climáticas.

Vamos ler a carta a seguir:

Carta dos Povos Indígenas da Bacia da Amazônia aos presidentes

A melhor forma de frear e solucionar a crise climática global é dar ouvidos aos povos indígenas [...].

Dito isso, nos dirigimos aos representantes e Chefes de Estado presentes à Cúpula da Amazônia e aos que vão participar da Conferência das Nações Unidas sobre as Mudanças Climáticas [...].

CONSIDERANDO:

...

Que, apesar de os povos indígenas representarem apenas 5% da população mundial, conservamos cerca de 80% da biodiversidade existente, que é essencial para que a natureza faça sua parte em conter as mudanças climáticas;

Que os povos indígenas são os mais afetados pelo aquecimento global e seus impactos, tais como as enchentes, secas e deslizamentos de terra, entre outros, e que, apesar disso, encontramos tempo e disposição para liderar a luta contra as mudanças climáticas;

Que os povos indígenas criaram, desenvolveram e estabeleceram práticas agrícolas tradicionais alinhadas com os processos naturais e, portanto, com segurança e soberania alimentar sustentável;

Que os povos indígenas são atores-chave para a promoção de uma economia indígena que proteja a Amazônia e garanta o seu desenvolvimento sustentável

CIMI. **Carta dos Povos Indígenas da Bacia da Amazônia aos presidentes**. Disponível em: <https://cimi.org.br/wp-content/uploads/2023/08/Carta-dos-Povos-Indigenas-da-Bacia-da-Amazonia-aos-presidentes-1.pdf>. Acesso em: 24 jun. 2025.

2. Espera-se que os estudantes reconheçam que a carta se dirige aos presidentes, isto é, aos representantes e chefes de Estado presentes na Cúpula da Amazônia. Depois da leitura e interpretação da carta, discuta com os colegas e o professor:



- 1 Os indígenas que escrevem a carta são de qual região?
1. Espera-se que os estudantes identifiquem que os indígenas são da região da Bacia da Amazônia.
- 2 A quem os indígenas estão se dirigindo em sua carta?
- 3 Na carta, quais ações dos indígenas são afirmadas como importantes para a sociedade e o meio ambiente?
3. Espera-se que os estudantes reconheçam a menção à agricultura sustentável, ao uso de processos naturais, à produção de alimentos, à promoção da economia e à proteção da Amazônia.
- 4 Na sua opinião, essa carta representa um jeito de exercer a cidadania?
4. Espera-se que os estudantes reconheçam que expressar suas opiniões aos governantes e cobrar direitos é uma forma de exercer a cidadania.

115

Orientações didáticas

A página propõe a leitura e discussão de uma carta pública escrita por povos indígenas da Bacia Amazônica como exercício de cidadania ambiental. Conduza a turma a identificar gênero, autoria, destinatários e propósito; em seguida, realize uma leitura guiada para localizar argumentos centrais (conservação da biodiversidade, impactos climáticos, práticas agrícolas tradicionais e economia indígena). Produza um quadro-síntese na lousa (quem fala, para quem, por quê, o que reivindica e com quais evidências) e situe o tema em mapa da Bacia Amazônica, retomando a noção de territórios étnico-culturais e sua legitimidade. Promova uma roda de escuta sobre formas de participação infantil: redigir cartas à comunidade escolar, registrar problemas ambientais locais, propor ações de cuidado, respeito aos povos originários e uso responsável dos recursos. Valorize vozes indígenas, evite estereótipos e, quando surgirem dúvidas, priorize fontes indígenas e institucionais.

Na **atividade 1**, incentive-os a identificar a autoria como povos indígenas da Bacia da Amazônia, compreendendo que abrange territórios no Brasil e países vizinhos.

Na **atividade 2**, conduza a turma a notar que a carta se dirige a presidentes/chefes de Estado, citando a Cúpula da Amazônia e a Conferência da ONU sobre clima, ou seja, instâncias decisórias.

Na **atividade 3**, estimule a coleta de evidências do texto: conservação da biodiversidade, liderança na luta contra as mudanças climáticas,

práticas agrícolas tradicionais alinhadas à natureza, promoção de uma economia indígena que proteja a Amazônia.

Na **atividade 4**, provoque a reflexão: reconhecer que a carta é exercício de cidadania por expor demandas, fundamentar argumentos e cobrar ações dos governantes. Aceite respostas divergentes, desde que justificadas, e relacione com formas de participação possíveis para crianças (projetos na escola, campanhas, cartas à comunidade).

Orientações didáticas

Esta página da seção **Cartografando** introduz a criação do estado do Tocantins como oportunidade para trabalhar leitura cartográfica e mudanças político-administrativas no Brasil. Conduza uma conversa inicial sobre por que certos territórios são desmembrados e como isso aparece nos mapas (novas fronteiras, novas capitais, siglas). Explore com a turma elementos básicos de leitura: título, legenda, limites interestaduais, localização das capitais e comparação temporal entre o mapa de 1970 e o atual.

Incentive que associem o desmembramento do estado de Goiás para a criação do estado do Tocantins a demandas de cidadania por serviços e gestão mais próxima, evitando juízos de valor e focando nos efeitos cartográficos e administrativos. Se possível, projete os dois mapas lado a lado para leitura coletiva e, ao final, retome a ideia de que mapas “contam histórias” de decisões políticas, econômicas e sociais.

Na **atividade 1**, conduza os estudantes a apontar diferenças visíveis entre 1970 e hoje: criação do estado do Tocantins (separação do norte de Goiás), criação do estado do Mato Grosso do Sul, eventuais ajustes de limites e identificação de novas capitais (como Palmas). Valorize descrições que relacionem mudança territorial a reorganização administrativa.

Na **atividade 2**, oriente a turma a explicar que mapas registram transformações ao longo do tempo e ajudam a compreender causas e efeitos dessas mudanças

CARTOGRAFANDO**A criação do Tocantins****NÃO ESCREVA NO LIVRO.**

Você sabia que o Tocantins é o estado mais jovem do Brasil? Ele foi criado em 1988, quando foi separado da parte norte do estado de Goiás.


Por muito tempo, as pessoas que moravam nessa região se sentiam abandonadas pelo governo do Brasil e de Goiás. Elas reclamavam da falta de escolas, hospitais, transporte e outros serviços, mas não eram atendidas.

Então, os moradores se organizaram e pediram a criação de um novo estado. Assim nasceu o Tocantins — para que as pessoas tivessem um governo mais próximo e pudessem viver com mais cidadania, respeito e desenvolvimento.

Quando um novo estado é criado, os mapas mudam. É preciso desenhar novas divisões e fronteiras, mostrando onde começa e onde termina o novo território.

Os mapas não servem só para mostrar onde os lugares ficam. Eles também ajudam a entender como os espaços se transformaram ao longo do tempo e como isso afetou a vida das pessoas.

Analise os mapas e responda no caderno:

-  **1** Compare o mapa do Brasil de 1970 e o atual. O que você percebe de diferente? Como isso mudou a forma de organizar os estados no mapa? **1. Resposta pessoal.**
- 2** Como você acha que os mapas ajudam a contar a história de um lugar?

Fonte: BRASIL EM SÍNTESE. **Divisão político-administrativa.** Disponível em: <https://brasilemsintese.ibge.gov.br/territorio/divisao-politica.html>. Acesso em: 15 jul. 2025.

116

2. Espera-se que os estudantes compreendam que os mapas apresentam a mudança dos territórios ao longo do tempo, assim como ocorreu com a criação do estado de Tocantins e de Mato Grosso do Sul.

(novas rotas, serviços públicos, representação política). Espera-se que reconheçam o mapa como fonte histórica e instrumento de cidadania, útil para localizar, comparar e interpretar o espaço vivido.

Atividade complementar

Como complemento das atividades, proponha que os estudantes pesquisem na internet (sites do IBGE e do governo do Tocantins) informações básicas sobre a criação do estado: data da lei, motivo do desmembramento, capital escolhida e mudanças no mapa. Em duplas, peça que salvem um mapa do Brasil de 1970 e outro atual, anotando três diferenças visíveis (novas siglas, novas fronteiras, nova capital). Em seguida, cada dupla elabora uma linha do tempo (3 a 4 eventos) com fonte citada e imprime/cola os dois mapas em meia folha.

Brasil: divisão política em 1970

Fonte: AGÊNCIA DE NOTÍCIAS IBGE.

Dividir para conhecer: as diversas divisões regionais do Brasil. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/19383-dividir-para-conhecer-as-diversas-divisoes-regionais-do-brasil>. Acesso em: 24 jun. 2025.

Brasil: divisão política atual

Água e energia elétrica do Norte

NÃO ESCREVA
NO LIVRO.

A garantia da vida e da dignidade é um direito de todo cidadão. A água e a energia elétrica são essenciais para isso, pois estão diretamente ligadas à saúde e ao bem-estar.

No Brasil, a Região Norte enfrenta os maiores desafios no acesso à água. De cada dez pessoas, quatro não têm acesso ao abastecimento. Mas como é possível obter água e fazer ela chegar até as casas?

A água consumida na Região Norte vem principalmente de **poços artesianos**, que são escavações no chão feitas por máquinas até o subsolo. A água também pode ser captada dos rios próximos. Depois disso, ela passa por um tratamento que retira sujeiras e bactérias antes de chegar às casas.

Um exemplo é a Estação de Tratamento de Água do Complexo Bolonha, que capta água do Rio Guamá e abastece cerca de um milhão de pessoas na região de Belém.

A chuva também é uma importante fonte de acesso à água. Cada vez mais as pessoas têm construído cisternas, que são reservatórios para guardar a água da chuva. Essa água não é adequada para o consumo, mas serve para limpar casas e carros e para regar hortas e jardins.

A Região Norte é rica em rios; por isso, tem um grande potencial de gerar energia elétrica usando a força da água em grandes instalações, chamadas de **usinas hidroelétricas**, que são responsáveis por cerca de um quarto da energia do país.

No entanto, muitas comunidades rurais e indígenas ainda não têm acesso à eletricidade. Para melhorar essa situação, painéis solares vêm sendo instalados em telhados de casas, escolas e até barcos, levando energia para diferentes lugares por meio da luz do sol.

Painéis solares instalados em barco navegando no rio Negro. Manaus, Amazonas, 2022.



Vista de drone da Estação de Tratamento de Água do Complexo Bolonha. Belém, Pará, 2025.



1 Qual dessas soluções você achou mais interessante? Por quê?

Espera-se que os estudantes apontem soluções como poços artesianos, tratamento de água, construção de hidroelétricas e, instalação de painéis solares. Os motivos da escolha são pessoais, mas é esperado que a justificativa dialogue com a preservação do meio ambiente e o exercício da cidadania e dos direitos.

117

BNCC

(EF04GE08)

Orientações didáticas

Conduza uma leitura guiada destacando três ideias-chave do texto: de onde vem a água (poços, rios, chuva), como ela se torna própria para uso (captação, filtragem e cloração) e por que algumas fontes servem apenas para usos não potáveis (cisternas).

Ao tratar de energia, diferencie geração, transmissão e distribuição. Conduza uma comparação entre hidroelétricas (grande capacidade, impactos ambientais) e soluções descentralizadas (placas solares em telhados, escolas e embarcações), destacando por que elas ampliam o acesso em áreas isoladas. Incentive que a turma relacione consumo consciente às contas da família e da escola: luz apagada em ambientes vazios, ventilação natural, tempo de banho, reaproveitamento de água para regar a horta.

Na **atividade 1**, incentive que a escolha venha acompanhada de justificativa. Se optarem por cisternas, espere argumentos ligados ao reaproveitamento de chuva e ao uso não potável (limpeza, irrigação), lembrando cuidados sanitários. Se escolherem poços ou captação em rios com tratamento, valorize a importância das estações de tratamento para garantir água segura. Caso destaquem painéis solares, conduza a reflexão sobre autonomia energética em áreas isoladas, redução de emissões e necessidade de manutenção. Para hidroelétricas, estimule ponderação entre alta geração e possíveis impactos ambientais e sociais, incluindo medidas de mitigação.

Indica-se a seguinte citação:

No rio Xingu, chama atenção a Usina Hidrelétrica de Belo Monte, que já conta com grande parte de suas obras concluídas. Os conflitos de interesses, a atuação do Estado, as polêmicas em torno do leilão, o acesso a ativos a custo muito baixo e a garantia de alta taxa de lucratividade às geradoras, ilustram muito bem o modelo espoliativo que tem guiado a expansão do sistema produtivo de energia elétrica na Amazônia brasileira e a forte relação desses empreendimentos com grandes consumidores, a exemplo de mineradoras e siderúrgicas. A crescente demanda por eletricidade no país tem sido utilizada como justificativa principal para implantação de novos projetos.

CASTILHO, Denis. **Hidroelétricas na Amazônia brasileira**: da expansão à espoliação. In: *Simpósio Internacional de la História de la Electrificación*. Barcelona. La electricidad y la transformación de la vida urbana y social. Barcelona: Universidad de Barcelona/Geocrítica. 2019. p. 68-87, p.69.

Orientações didáticas

Esta página permite relacionar que a cidadania se pratica no coletivo e impacta diretamente a conservação dos espaços públicos (praças, feiras, rios). Explore com a turma como pequenas ações individuais (descartar resíduos corretamente, fechar torneiras, respeitar filas e trabalhadores) resultam em benefícios comuns, como rios limpos para o transporte escolar ribeirinho e feiras mais organizadas. Promova uma conversa sobre “o que é público” e “o que é de todos”, diferenciando cuidado privado e cuidado coletivo.

Produza um quadro síntese para guiar a discussão e os registros: coluna de “lugares públicos” (rio, feira, praça), “direitos associados” (água limpa, organização, lazer), “deveres cotidianos” (descartar corretamente, economizar água, respeitar trabalhadores e filas) e “efeitos que todos percebem” (transporte escolar mais seguro, feira mais higiênica, convivência respeitosa). Recorra às imagens da página para ler evidências: identifique atitudes corretas e incorretas e peça que os estudantes expliquem o impacto de cada uma no coletivo.

Direitos e deveres de quem vive junto**NÃO ESCREVA NO LIVRO.**

Se todos somos cidadãos, isso quer dizer que a cidadania é uma atitude que acontece em conjunto. Isto é, a cidadania acontece de maneira plena, completa, quando todas as pessoas respeitam os direitos coletivos e cumprem seus deveres individuais. Dessa forma, todos podem viver em harmonia na sociedade.

Cuidar dos animais, jogar o lixo no lugar certo, respeitar os colegas ou ajudar alguém que precisa são exemplos de cidadania. Mas como você acha que é possível ser cidadão nos espaços públicos?

No interior do estado do Amazonas, por exemplo, crianças da comunidade ribeirinha de Santo Antônio vão para a escola de barco. Mas o transporte fluvial, como é chamado, só pode ser feito em segurança quando os rios estão limpos e sem lixo. Em alguns lugares, existem barcos que recolhem o lixo dos rios, ajudando na limpeza. Por isso, cuidar dos rios é também uma maneira de cuidar da educação e da vida das pessoas que moram nesses locais.

As feiras comunitárias também são exemplos de espaços públicos que precisam ser cuidados. Dessa forma, é importante respeitar esses locais: não jogar lixo no chão e ser gentil com os feirantes, por exemplo, são práticas de cidadania importantes de serem seguidas!



Analise a imagem a seguir:



ANA HIDALGO

1. Espera-se que os estudantes identifiquem que a imagem apresenta uma feira popular.

- 1 Qual ambiente está sendo mostrado na imagem?
2. Espera-se que os estudantes apontem que a menina jogando o lixo no local correto e a mãe interagindo e alimentando a criança são práticas cidadãs, pois contribuem tanto para a preservação do meio ambiente quanto para o bem-estar das pessoas.
 3. Espera-se que os estudantes reconheçam que jogar lixo no chão, deixar a torneira aberta e brigar com as pessoas são atitudes incorretas, pois são uma forma de desrespeito às pessoas e ao meio ambiente.
3. Quais atitudes mostradas na imagem são incorretas? Justifique sua resposta comentando como elas prejudicam a sociedade.
4. Como você pode ajudar a cuidar de lugares que são de todos, como praças, rios e feiras?



118

Na **atividade 1** espera-se que os estudantes apontem atitudes concretas para cuidar de espaços públicos, como usar lixeiras, separar recicláveis quando houver coleta, levar garrafa reutilizável, fechar torneiras, não danificar equipamentos e acolher quem precisa de ajuda.

Na **atividade 2** espera-se que identifiquem o ambiente como uma feira popular/mercado a céu aberto, reconhecendo elementos típicos (bancas, circulação de pessoas, resíduos, pontos de água).

Na **atividade 3** espera-se que reconheçam como corretas ações de cidadania, por exemplo, jogar lixo na lixeira, usar sacolas retornáveis, respeitar filas, dialogar com cordialidade e manter a torneira fechada após o uso, justificando por que preservam o bem comum.

Na **atividade 4** espera-se que indiquem atitudes inadequadas, como jogar lixo no chão, desperdiçar água, gritar ou empurrar pessoas, ocupar área de passagem, e justificar como isso prejudica convivência, saúde e meio ambiente.

O poder público e a participação das pessoas

Você sabia que existem pessoas, órgãos e instituições públicas com a responsabilidade de identificar problemas e soluções na região onde você vive?

O prefeito e os vereadores são parte desses órgãos e dessas instituições. Eles devem administrar a cidade e criar leis que melhorem a saúde, a educação, o transporte, a limpeza das ruas e muito mais. Essas pessoas são eleitas por quem vota na cidade, que, a cada quatro anos, deve comparecer às urnas para escolher seus representantes políticos.

Para ajudar a prefeitura a cuidar do meio ambiente, existe a Secretaria de Meio Ambiente, que cuida da natureza e faz campanhas educativas para orientar a população, além de plantar árvores e multar quem joga lixo em locais incorretos.

Mas você sabia que, além da prefeitura, os moradores também podem ajudar a cuidar das cidades? Os **conselhos comunitários** são grupos formados por moradores que se unem para debater os problemas de onde vivem e pensar em soluções. Para isso, eles fazem pedidos para a prefeitura, organizam mutirões e participam das decisões sobre a comunidade.

Cuidar de onde moramos é uma tarefa de todos nós e você também pode participar! Veja algumas formas de ser cidadão onde você mora:



Cartas

Enviar cartas, e-mails e mensagens para autoridade públicas e candidatos políticos são uma forma de dialogar e propor ações que melhorem a qualidade de vida no bairro e na cidade.



Redes escolares

As redes escolares são formas de cuidar do lugar onde vivemos, já que muitas escolas organizam projetos de reciclagem, hortas, campanhas de conscientização e de proteção a crianças e adolescentes, e muito mais.



Associações de bairro

Os moradores dos bairros podem se organizar em associações, reunindo-se para discutir soluções para problemas como falta de saneamento básico, enchentes, alagamentos, falta de segurança, entre outros.

NÃO ESCREVA NO LIVRO.



- Imagine que a prefeitura de sua cidade pediu aos estudantes das escolas que elaborassem um cartaz de conscientização para que a população cuide do meio ambiente. Juntamente com seus colegas, elabore um cartaz apresentando alguma ação que mostre como o exercício da cidadania está relacionado ao cuidado com a natureza e com as pessoas.

Espera-se que os estudantes identifiquem problemas no local onde vivem e criem cartazes relacionados a eles, propondo soluções por meio de ações coletivas e cobrança do poder público.

119

Orientações didáticas

Apresente, em linguagem simples, quem faz o quê no município: prefeito e secretarias executam políticas públicas (Meio Ambiente, Obras/Serviços Urbanos, Educação/Transporte), enquanto a Câmara de Vereadores legisla e fiscaliza. Conduza uma leitura guiada do texto para relacionar problemas cotidianos a órgãos responsáveis: descarte irregular de resíduos e arborização (Meio Ambiente/Serviços Urbanos), alagamentos e drenagem (Obras/Defesa Civil), educação ambiental e campanhas (Educação/Meio Ambiente).

Produza, com a turma, um quadro “problema – órgão – como solicitar”, indicando canais reais de contato da prefeitura (ouvidoria, telefone geral, site) e regras de convivência cidadã. Proponha uma simulação de reunião comunitária: organize uma pauta, registre consensos em frases objetivas e elabore uma minuta de ofício simples (assunto, pedido, justificativa, local e data), reforçando respeito, clareza e foco no interesse coletivo.

Na **atividade 1**, conduza a escolha de um tema ambiental próximo (ex.: lixo espalhado perto da feira, terreno com queimada, entulho em vias). Oriente a definir público-alvo (moradores, comunidade escolar), a mensagem principal em uma única frase e uma ação viável (separar recicláveis, usar pontos de entrega, solicitar limpeza pela ouvidoria municipal). Incentive que o cartaz inclua o vínculo entre cuidado ambiental e saúde/convivência, além de um contato institucional.

Temas Contemporâneos Transversais (TCT)

Cidadania e Civismo

Trabalhar o papel do poder público municipal e os canais de participação social fortalece a compreensão de que cidadania é corresponsabilidade. Ao relacionar problemas do bairro (lixo, alagamentos, arborização) aos órgãos competentes (prefeitura, secretarias, Câmara de Vereadores) e aos espaços de escuta (ouvidoria, conselhos comunitários, associações de moradores), os estudantes percebem que direitos coletivos dependem de participação informada e respeitosa.

OED

Utilize o **infográfico** “Mulheres do Norte” para articular História e Geografia na temática da cidadania. Conduza a turma pela tela inicial e, a cada clique (Mame-tu Nangetu, Neidinha Suruí, Dorothy Stang e Joênia Wapichana), provoque a leitura guiada dos textos suspensos, destacando território de atuação, causa defendida e formas de participação social. Em seguida, produza com a turma um mapa-síntese: localizem no mapa do Norte os estados de atuação das personagens e registrem, em cartões, palavras-chave como liberdade religiosa, direitos indígenas, floresta e políticas públicas. Peça que cada estudante elabore uma breve biografia com uma evidência de ação cidadã e uma pergunta que ainda desejam investigar.

Orientações didáticas

Conduza a leitura em voz alta do relato de Ana Cleide, destacando quem fala, sobre o quê e por quê. Em seguida, produza com a turma um quadro “problema – quem age – o que faz – para quê”, a partir de racismo, queimadas, invasão de lagos e falta de políticas públicas citados no texto.

Localize Santarém, Belém e o quilombo do Arapemã no mapa e relacione as lutas a direitos ambientais e sociais (acesso a água, saúde, educação). Retome o glossário para discutir preconceito e combine formas seguras de enfrentá-lo na escola e na comunidade.

As mulheres e a defesa dos territórios



As mulheres têm um papel muito importante na luta por direitos e por uma vida melhor para todos. Desconhecidas pela maioria das pessoas ou aparecendo na televisão e nos jornais de todo o país, elas trabalham todos os dias para melhorar as condições de vida da população e do meio ambiente. Vamos ver exemplos.

Ana Cleide Vasconcelos nasceu em Santarém, no Pará. Durante a infância, sofreu **preconceitos**, mas conseguiu a oportunidade de estudar em Belém, capital do estado, onde adquiriu conhecimentos para retornar à sua cidade natal e viver no quilombo do Arapemã. Leia o que ela conta:

Glossário

Preconceito: julgar alguém sem conhecer, por aparência ou origem.



“Via o meio ambiente degradado e ninguém fazia nada, ninguém se interessava. Via mulheres quilombolas que sofriam muitas coisas, principalmente o racismo e isso foi me incomodando. Comecei a participar dos movimentos em Santarém e nas comunidades. Ouvi o relato do nosso povo negro, a falta de políticas públicas, de educação, de saúde, de saneamento básico. Criamos o grupo Na Raça e na Cor e passamos a discutir sobre meio ambiente, sobre a invasão dos lagos, sobre as queimadas. O povo precisava de socorro, de ajuda e comecei a frequentar órgãos para que a gente pudesse frear essas situações.”

SAÚDE E ALEGRIA. **Mulheres na luta pela floresta amazônica.**

Disponível em: <https://saudeealegria.org.br/redemocoronga/mulheres-na-luta-pela-floresta-amazonica/>. Acesso em: 25 jun. 2025.

VOZES DA HISTÓRIA



NÃO ESCREVA NO LIVRO.

Marina Silva e o cuidado com o povo e a floresta

Marina Silva nasceu em um seringal, no Acre, e se mudou para Rio Branco, capital do estado, onde aprendeu a ler e a escrever. Mais tarde, se formou em História e se interessou pela política. Com 28 anos, já disputava as eleições para vereadora. Desde então, dedica-se à defesa do meio ambiente e da educação. Em 2023, se tornou ministra do Meio Ambiente, função que tem como objetivo proteger a natureza e ajudar a construir um Brasil mais justo e sustentável.



Marina Silva, ministra do Meio Ambiente e Mudança do Clima, em sessão sobre debates climáticos, em Brasília, 2024.

ROQUE DE SAIA GÊNCIA SENADO

- 1 Você conhece alguém que também luta por uma causa? Quem é essa pessoa e como ela contribui para a comunidade? Compartilhe com seus colegas.

Resposta pessoal. Espera-se que os estudantes compartilhem com os colegas a luta de alguém que conhecem, indicando quem é essa pessoa, o que faz para lutar por uma causa importante e que causa é essa.

120

Utilize o boxe **Vozes da História** para apresentar Marina Silva em uma linha do tempo (origem no seringal, estudos, atuação política) e compare com Ana Cleide (origem, redes comunitárias, incidência). Explique, em linguagem simples, para que serve o Ministério do Meio Ambiente e como projetos locais também produzem mudanças.

Na **atividade 1**, oriente que escolham uma liderança próxima (agente de saúde, feirante, professora, catadora, ribeirinho, indígena, quilombola, jovem do grêmio). Espera-se que registrem a causa, as ações concretas e um efeito observado. Se citarem alguém da comunidade, sugira usar apenas primeiro nome ou iniciais. Valorize respostas respeitadas, conectadas ao território e à cidadania.



Festival Cultural Juabense

No município de Cametá, no Pará, acontece todos os anos o Festival Cultural Juabense, um evento que reúne música, dança, religiosidade e ações de cuidado com o meio ambiente. A festa é organizada pela comunidade da Vila de Juaba e celebra as raízes culturais da Amazônia, reforçando a importância da preservação dos saberes tradicionais e da natureza local.

Durante o festival, são apresentadas manifestações culturais como o Bambaê do Rosário, o Carimbó e o Cordão de Pássaros, que envolvem a participação de homens e mulheres da comunidade, desde as crianças aos mais velhos. É um momento de encontro, aprendizado e orgulho pela história local, e também de troca de saberes entre as gerações.

Além das apresentações, o festival tem rodas de conversa sobre direitos da população ribeirinha, oficinas sobre o uso sustentável dos recursos naturais e mutirões de limpeza dos rios e igarapés próximos. Assim, o Festival Cultural Juabense mostra como a cultura e a cidadania caminham juntas, ajudando a proteger o meio ambiente e fortalecer a identidade das comunidades amazônicas.

- 1 Se você fosse organizar uma festa para cuidar da natureza onde mora, o que teria nela? Quais tipos de músicas, comidas ou atividades você gostaria que os participantes aproveitassem? **1. Espera-se que os estudantes proponham ideias para uma festa que valorize a natureza, incluindo músicas regionais, comidas típicas, atividades sustentáveis e participação da comunidade.**
- 2 Como uma festa cultural da comunidade pode ajudar a valorizar as pessoas, a natureza e os saberes do lugar? **2. Resposta pessoal.**
- 3 Imagine que você vai participar do Festival Cultural Juabense. Desenhe uma cena da festa, mostrando uma das apresentações culturais. Depois, escreva uma pequena legenda explicando o que está acontecendo no seu desenho e por que essa tradição é importante para a comunidade.

3. Espera-se que os estudantes representem, por meio do desenho, um dos elementos culturais do festival.

Para saber mais:

Se quiser saber mais sobre meio ambiente e cidadania, leia o livro **O Pássaro Encantado**, da escritora e ativista indígena Eliane Potiguara (Editora Jujuba, 2014).

Neste livro, a autora valoriza a oralidade, a memória e a espiritualidade indígena, servindo como ferramenta de educação e resistência cultural.



Orientações didáticas

O boxe **Culturas da Nossa Região** trabalha as manifestações culturais (Bambaê do Rosário, Carimbó, Cordão de Pássaros), cidadania (rodas de conversa, direitos ribeirinhos) e meio ambiente (mutirões de limpeza, uso sustentável dos recursos). Produza, no quadro, uma matriz simples com as colunas “prática cultural – saber tradicional – ação de cuidado ambiental – valores aprendidos”, preenchendo-a com exemplos do texto. Localize Cametá/Juaba no mapa do Pará e comente como festas comunitárias articulam identidade, participação social e preservação (patrimônio imaterial, limpeza dos igarapés, prevenção de queimadas).

Na **atividade 1**, oriente que a turma defina objetivo do evento (cuidar da natureza/local), público, programação cultural (danças e músicas regionais), ações socioambientais (coleta seletiva, plantio, oficinas de reciclagem) e logística básica (local, parceiros, acessibilidade). Espera-se que os estudantes proponham elementos coerentes com a realidade da comunidade e relacionem cada atividade a um cuidado ambiental concreto.

Já na **atividade 2**, incentive que explicitem como festas fortalecem vínculos (encontro intergeracional), valorizam saberes (tradições, culinária, artesanato), geram pertencimento e estimulam atitudes cidadãs (limpeza de rios, respeito aos espaços públicos).

Interdisciplinaridade com Arte

Proponha um ateliê inspirado no Festival Cultural Juabense: crie painéis coletivos com colagens de folhas, sementes e papéis reaproveitados, incorporando grafismos de cestarias ribeirinhas e silhuetas de pássaros; confeccione estandartes, máscaras e adereços leves (papelão, fibras, tecidos usados) para uma roda de carimbó; explore ritmos com percussão corporal e objetos do cotidiano; e monte um varal-exposição com fotos e legendas dos processos.

Orientações didáticas

A seção **Saiba Mais** possibilita apresentar aos estudantes o voto como um canal de participação social e de garantia de direitos, articulando-o à logística eleitoral na Região Norte (deslocamentos de barco e avião, seções em comunidades ribeirinhas e aldeias). Explique o princípio do sigilo do voto e o papel da Justiça Eleitoral (cadastro, título, seção, urna). Proponha uma simulação simples de eleição na sala (com cédulas ou “urna” de papel) para vivenciar etapas como identificação do eleitor e apuração, destacando por que regras e transparência fortalecem a cidadania.

Valorize a presença indígena nas eleições: comente materiais em línguas indígenas e a atuação de mesários locais, relacionando língua, cultura e acesso ao direito de votar. Para consolidar, peça à turma que construa um pequeno fluxo do “caminho do voto” (do alistamento à divulgação do resultado), ressaltando como levar urnas a lugares distantes amplia a participação.

SAIBA MAIS**O voto na nossa região****NÃO ESCREVA NO LIVRO.**

Você sabia que uma das formas de exercer a cidadania é por meio do voto? Isso acontece porque votar é um direito e também um dever de todos os cidadãos. No Brasil, todas as pessoas acima de 16 anos podem votar. Mas você sabe para que serve o voto?

Por meio do voto, podemos escolher prefeitos, vereadores, governadores, deputados, senadores e o presidente da República do Brasil. Essas pessoas representam os cidadãos e devem cuidar da população e dos diversos problemas nos municípios, estados e no país.

No dia das eleições, cada pessoa vai até a seção eleitoral, lugar onde estão as urnas eletrônicas, e digita o número dos seus candidatos para votar neles. Todo esse processo é secreto e ninguém pode ver em quem você votou.

O Norte é uma região muito grande, e muitas pessoas vivem em comunidades distantes das cidades. Por isso, funcionários da Justiça Eleitoral, órgão do Brasil responsável por organizar as eleições, vão de barco ou avião até esses lugares para que esses cidadãos tirem seus títulos de eleitores e instalar as urnas eletrônicas nos dias que antecedem as eleições.



Servidores do Tribunal Regional Eleitoral organizando mutirão eleitoral na Terra Indígena Andirá-Marau, no Pará, em 2024.

Os povos indígenas têm direito de votar como qualquer cidadão, e muitos também atuam como mesários e organizadores nas aldeias. O voto indígena respeita os mesmos procedimentos, mas a Justiça Eleitoral tem buscado materiais informativos traduzidos para algumas línguas indígenas (como Baniwa, Tikuna, Yanomami) e promovido a formação de agentes locais.

Além disso, a presença de lideranças indígenas que disputam cargos públicos tem crescido, aumentando o debate sobre autonomia, meio ambiente, saúde e educação nas aldeias.

**1**

Por que o trabalho de quem leva as urnas para comunidades longe das cidades é importante para a cidadania? *é importante para a cidadania, pois permite que pessoas de diferentes locais votem, exercendo seus direitos e deveres de cidadão.*

2

Mesmo não podendo votar ainda, o que você pode fazer hoje para melhorar a vida das pessoas onde você mora? *Espera-se que os estudantes reflitam sobre como podem atuar para melhorar a vida das pessoas onde moram. Eles podem citar exemplos de situações que aprenderam no capítulo, como: cobrar as autoridades, separar o lixo, não fazer queimadas, poupar água, entre outras ações.*



122

Na **atividade 1**, conduza-os a reconhecer que levar urnas e equipes a comunidades remotas assegura que mais pessoas exerçam seu direito político, amplia a representatividade e reduz desigualdades territoriais de acesso ao voto. Valide respostas que citem barcos, aviões, formação de mesários locais e materiais informativos como ações que garantem a cidadania.

Na **atividade 2**, estimule sugestões factíveis para quem ainda não vota: participar de assembleias da escola, organizar campanhas de cuidado com rios e espaços públicos, dialogar respeitosamente sobre problemas do bairro, apoiar coleta seletiva, economizar água e energia, e elaborar pedidos formais à prefeitura ou conselhos.


ORGANIZE AS IDEIAS

NÃO ESCREVA
NO LIVRO.

-  Neste capítulo, você estudou sobre cidadania e os deveres e direitos dos cidadãos. Agora vamos organizar essas ideias.
-  Leia o texto a seguir para responder as questões 1 e 2.


De acordo com o dicionário, cidadão é a pessoa que se identifica culturalmente como parte de um território e seus costumes; é aquele que usufrui dos direitos e que cumpre os deveres estabelecidos em lei. Ser cidadão é também entender que cada ação tem um efeito para si e para os outros.

PLENARINHO. **Cidadania**. Disponível em: <https://plenarinho.leg.br/index.php/descubra/cidadania/>. Acesso em: 25 jun. 2025.

- 1** Com suas palavras, explique o que é cidadania. 1. Espera-se que os estudantes expliquem que cidadania é um conjunto de direitos e deveres importantes de serem respeitados para um bom convívio em sociedade.
- 2** Pensando no que é cidadania, defina com suas palavras o que é ser cidadão. 2. Espera-se que, pensando no conceito de cidadania e no texto trazido pela questão, os estudantes definam que o cidadão é a pessoa que nasce em um país e passa a ter direitos e deveres para sua vida e a dos demais.
-  Analise as imagens a seguir para responder as questões 3 e 4.



ANA HIDALGO

- 3** No caderno, escreva o número das imagens que mostram atitudes e direitos adequados à cidadania. Depois, explique os motivos que levaram você a escolher essas imagens. 3. Espera-se que os estudantes reconheçam que as imagens 2 e 4 coincidem com as práticas cidadãs, uma vez que mostram o cuidado com o meio ambiente, portanto, relacionadas ao bem-estar de todos.
- 4** No caderno, escreva o número das imagens que mostram a falta de cidadania. Depois, explique os motivos que levaram você a escolher essas imagens. 4. Resposta pessoal.
-  **5** Em grupo, discutam o que foi aprendido neste capítulo e elaborem um pequeno texto sobre os problemas existentes na Região Norte e como você e seus colegas podem contribuir para a solução deles e para a melhoria do meio ambiente e da sociedade na região onde moram. 5. Resposta pessoal.
- Cada grupo deve produzir uma redação. Depois, sigam as orientações do professor e apresentem as ideias do grupo para a turma.

123

Avaliação

As atividades desta seção podem ser utilizadas para conferência de aprendizagem. Cada aluno apresenta uma pequena pasta com três evidências: uma explicação de um conceito-chave do capítulo (ex.: cidadania, acessibilidade, transporte fluvial), conectando o conteúdo ao território local e uma proposta de ação cidadã viável para a escola/bairro. Conduza com um roteiro fixo de perguntas (o que você entendeu? onde isso aparece no seu entorno? que ação você propõe?). Feche com devolutiva breve e uma meta individual para a próxima aula.

Orientações didáticas

Use estas atividades para amarrar os conhecimentos do capítulo sobre direitos, deveres e participação social. Retome rapidamente o que foi visto (cidadania no cotidiano, órgãos públicos e canais de participação) e conduza os estudantes a sintetizar ideias com base no texto-fonte e nas imagens, valorizando exemplos locais sem perder o foco conceitual.

Na **atividade 1**, espere definições de cidadania como conjunto de direitos e deveres garantidos por lei e exercidos no convívio social, incluindo participação e responsabilidade coletiva.

Na **atividade 2**, oriente a formulação de “cidadão” como a pessoa que usufrui direitos, cumpre deveres e participa das decisões e cuidados do lugar onde vive (escola, bairro, município).

Na **atividade 3**, conduza a leitura das imagens para identificar práticas compatíveis com a cidadania: cuidado com o ambiente, uso correto de serviços e respeito às pessoas (imagens 2 e 4, conforme o material). Solicite que justifiquem as escolhas.

Na **atividade 4**, favoreça a análise crítica de atitudes que negam a cidadania (imagens 1 e 3): privação de acesso a serviços essenciais e descarte inadequado de resíduos. Peça que relacionem consequências para o bem-estar coletivo e propostas de correção.

Objetivos gerais da seção

- Estimular os estudantes a reconhecer a Amazônia como um território vivo, formado por pessoas, culturas, saberes e paisagens em constante transformação.
- Valorizar memórias e tradições locais por meio do diálogo intergeracional e da escuta da comunidade.
- Desenvolver o sentimento de pertencimento e a consciência ambiental, compreendendo a importância de cuidar da floresta e das pessoas que nela vivem.
- Promover a colaboração, a expressão artística e o uso de diferentes linguagens na construção coletiva do mapa.
- Incentivar o uso responsável da tecnologia e de materiais sustentáveis em práticas de registro e criação.

Orientações didáticas

Esta seção final convida os estudantes a sintetizar o aprendizado sobre a Amazônia por meio da criação de um “Mapa Vivo”, que reúne elementos naturais, culturais e históricos do território. A atividade valoriza a escuta, a memória e o protagonismo dos estudantes, permitindo que percebam como fazem parte desse espaço e têm responsabilidade em preservá-lo.

Para iniciar o projeto, promova um momento de sensibilização. Pergunte o que cada estudante mais gosta na Amazônia: um rio, uma festa, uma comida, um animal, uma história ou um lugar. A partir dessa conversa, destaque como a região é marcada pela diversidade de povos e saberes — indígenas, ribeirinhos, quilombolas, migrantes e populações

REFLEXÕES E CONEXÕES

NÃO ESCREVA NO LIVRO.

Mapa Vivo da Amazônia: histórias, saberes e cuidados

Estudante, que tal transformar tudo o que aprendemos nesta jornada em um grande Mapa Vivo da Amazônia?

A proposta é construir, coletivamente, uma representação do lugar onde vivemos, reunindo memórias, histórias, saberes tradicionais, riquezas naturais e desafios que a região enfrenta. Esse mapa será fruto da contribuição de cada estudante, de sua família e da comunidade. Assim, todos poderão perceber como fazem parte dessa história e como podem cuidar do nosso espaço.

Passo 1. Escuta e memória

Converse com alguém da sua família, vizinhança ou comunidade. Pergunte sobre lembranças ligadas à região:

- Um rio ou igarapé importante;
- Uma festa tradicional;
- Um alimento típico;
- Uma lenda ou história local;
- Um costume ou ofício que marca a vida das pessoas.

Registre o que ouviu no seu caderno. Você pode escrever, desenhar ou até criar símbolos que representem as histórias. Se possível, traga também uma foto antiga, um objeto representativo ou até uma música lembrada. Essas memórias serão o primeiro passo para dar vida ao mapa.

Passo 2. Desenhando o mapa

Com a turma, consultem o mapa da Região Norte já presente neste volume. Ele servirá como base para o trabalho. A partir dele, cada estudante vai escolher um espaço do mapa para inserir o que trouxe: pode ser o desenho de um rio, o símbolo de uma festa, um alimento, um personagem histórico ou um animal típico.

Esses elementos podem ser feitos no papel, mas também com materiais que temos à mão, aproveitando recursos orgânicos e recicláveis. Assim, o mapa ficará mais colorido, sustentável e criativo, lembrando que a Amazônia é um espaço que precisa ser cuidado e respeitado.

124

urbanas — e como todos contribuem para a riqueza cultural e ambiental da floresta.

No **Passo 1**, oriente os estudantes a entrevistar pessoas da família ou da comunidade para registrar lembranças ligadas à região: uma lenda, um alimento típico, um ofício ou um espaço simbólico. Estimule diferentes formas de registro, como desenhos, textos, fotos ou áudios, valorizando a oralidade e as memórias afetivas.

No **Passo 2**, conduza a construção coletiva do Mapa Vivo da Amazônia. Utilize um grande mapa base — desenhado no papel pardo, cartolina ou lona — e oriente os alunos a inserir seus elementos utilizando materiais naturais ou recicláveis (folhas, sementes, tecidos, argila, tampinhas, papelão). Essa etapa favorece a interdisciplinaridade com Artes, estimulando a criatividade e o reaproveitamento consciente de recursos.

Sugestões

- Folhas secas
- Sementes
- Fibras naturais
- Argila
- Palhas
- Tampinhas de garrafa
- Pedacos de tecido
- Caixas de papelão
- Garrafas plásticas

Cada produção será colada ou fixada sobre a base do mapa, até formar um grande **Mapa Vivo da Amazônia**, um mosaico que une rios, florestas, cidades, costumes, festas, casas, lendas e tradições.

Se houver possibilidade, o grupo pode organizar também uma versão digital, usando ferramentas de cartografia colaborativa *online*.

Passo 3. Trocando ideias

Em grupo, conversem sobre o que apareceu no mapa e que foi aprendido ao longo desse volume: quais elementos da natureza, quais festas e costumes, quais desafios e lutas por direitos.

Pensem juntos: o que precisamos preservar? O que pode melhorar? Que atitudes podemos tomar na escola, em casa ou na comunidade para cuidar melhor da Amazônia e das pessoas que nela vivem?

Passo 4. Compartilhando com a comunidade

Depois de pronto, o Mapa Vivo da Amazônia será exibido na escola. Organizem uma exposição aberta para que famílias e pessoas da comunidade possam visitar, ouvir as histórias e conhecer os símbolos criados. Esse encontro será um momento de celebração, de memória e também de compromisso com o futuro da região.

Se houver acesso a tecnologias, a turma pode registrar a exposição com fotos, áudios ou pequenos vídeos, transformando esse material em um minidocumentário, em um podcast em uma galeria ou mapa digital. Assim, a memória do projeto poderá circular ainda mais longe.

Passo 5. Legado coletivo

Depois da exposição, o mapa poderá permanecer na escola como lembrança da turma e inspiração para outras classes. Se tiverem feito registros digitais, eles podem ser guardados no computador da escola ou em uma pasta compartilhada. Se possível, criem um mural fotográfico com imagens da atividade e das pessoas que participaram, para que esse trabalho se torne um verdadeiro patrimônio coletivo.

No **Passo 3**, organize uma roda de conversa para que os grupos troquem ideias sobre o que o mapa revela. Incentive reflexões sobre as relações entre cultura, natureza e modos de vida, destacando também os desafios ambientais e sociais que a região enfrenta. Provoque a turma a pensar em ações concretas para cuidar do território — na escola, em casa e na comunidade.

No **Passo 4**, oriente a exposição do mapa na escola. Sugira convidar as famílias e a comunidade para conhecerem as produções e ouvirem as histórias registradas. Esse momento amplia o sentido do projeto, transformando-o em um espaço de valorização da identidade amazônica e de diálogo entre gerações. Caso a escola disponha de recursos tecnológicos, incentive o registro do evento em fotos, vídeos ou áudios, criando uma galeria digital ou minidocumentário.

Por fim, no **Passo 5**, destaque que o mapa deve se tornar parte da memória viva da escola. Combine com a turma a melhor forma de preservar o material — fixando-o em um mural, guardando-o na biblioteca ou armazenando os registros digitais. Explique que esse legado simboliza o compromisso coletivo com o cuidado, a diversidade e a sustentabilidade da Amazônia.

Finalize com uma breve roda de conversa sobre o que aprenderam com o projeto. Essa troca ajuda a consolidar o sentimento de pertencimento e reforça a ideia de que cuidar da Amazônia é também cuidar de si, do outro e do futuro.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAÓZ, Horácio Machado. **Mineração, Genealogia do Desastre: o Extrativismo na América Como Origem da Modernidade**. São Paulo: Editora Elefante, 2020.

Obra que analisa criticamente o extrativismo como estrutura de exploração colonial, relacionando-o com a formação da modernidade ocidental.

AB'SÁBER, Aziz Nacib. **Os domínios de natureza no Brasil: potencialidades paisagísticas**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

Livro clássico da geografia física brasileira, apresenta uma sistematização dos domínios naturais do país e suas interações com o uso humano.

BONITO, Marco Antonio; CORNIANI, Fábio Rodrigues; BONITO, Cristina Leite Fernandes. A folkcomunicação amazônica no Arraial “Flor do Maracujá” de Porto Velho: em busca de uma identidade cultural através da comunicação social. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 31., 2008, Natal. **Anais [...]**. São Paulo: Intercom, 2008. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2008/resumos/r3-2014-1.pdf>. Acesso em: 19 abr. 2025.

Apresenta estudo sobre as manifestações culturais e comunicacionais no arraial popular em Porto Velho, com base no conceito de folkcomunicação.

BRANDÃO, Toni. **O curupira: Lendas brasileiras**. São Paulo: Studio Nobel, 2009.

Obra infantojuvenil que apresenta a lenda do Curupira, figura mítica da floresta

amazônica, resgatando elementos do folclore brasileiro.

BRASIL. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. **Dossiê de registro: Marabaixo**. Brasília: IPHAN, 2018. Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/DOSSIE_MARABAIXO.pdf. Acesso em: 19 abr. 2025.

Documento técnico que reúne informações históricas e culturais sobre o Marabaixo, manifestação tradicional do Amapá reconhecida como patrimônio imaterial.

BRASIL. Senado Federal. **Atlas histórico-econômico do Brasil no século XIX**. Brasília: Senado Federal, 2020. Disponível em: <https://www2.senado.leg.br/bdsf/handle/id/650540>. Acesso em: 28 mar. 2025.

Publicação que traz mapas, gráficos e análises sobre aspectos econômicos e sociais do Brasil no século XIX.

CAVALCANTI, Maria Laura Viveiros de Castro. O Boi-Bumbá de Parintins, Amazonas: breve história e etnografia da festa. **História, Ciências, Saúde – Manguinhos**, v. 6 (suplemento), p. 1019–1046, 2000. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/hcsm/a/hBC7VW39jNnV3vHB9gzbGnC/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 15 set. 2025.

Estudo etnográfico que aborda a história e os significados culturais da festa do Boi-Bumbá em Parintins, no Amazonas.

CHOMA, Jeferson Luiz. Reserva extrativista Chico Mendes: dos empates ao impasse do camponês da floresta. **Conexões**, v. 11,

n. 2, p. 109–134. Disponível em: <https://periodicos.ufpa.br/index.php/conexoes/article/viewFile/18451/12210>. Acesso em: 11 ago. 2025.

Análise crítica da evolução do modelo de reserva extrativista, com foco nos desafios enfrentados pelas populações locais na atualidade.

COSTA FILHO, Abel de Oliveira; CHAAR, Jamal da Silva. **Bioeconomia: Aplicação e uso na manufatura das fibras da Amazônia brasileira**. Manaus: Editora Valer, 2024.

Explora a aplicação da bioeconomia no uso de fibras amazônicas, apontando seu potencial para inovação sustentável e valorização de saberes locais.

CRUZ, Valter do Carmo. Territórios, identidades e lutas sociais na Amazônia. In: ARAÚJO, Frederico Guilherme Bandeira; HAESBAERT, Rogério (Org.). **Identidades e Territórios: questões e Olhares Contemporâneos**. Rio de Janeiro, 2007. v. 1, p. 93–122. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/tes/a/SVH6kn5KcRbBbKNqTnsRXzw/?format=html&lang=pt>. Acesso em: 13 ago. 2025.

Reflexão teórica e empírica sobre os conflitos territoriais e a construção de identidades sociais na região amazônica.

DORIA, Carolina Rodrigues da Costa et al. A pesca comercial na bacia do rio Madeira no estado de Rondônia, Amazônia brasileira. **Acta Amazônica**, v. 42, p. 29–40, 2012. Disponível em: <https://acta.inpa.gov.br/fasciculos/42-1/PDF/v42n1a04.pdf>. Acesso em: 15 set. 2025.

Estudo sobre as características, desafios e impactos socioeconômicos da pesca comercial na bacia do rio Madeira.

GUERRA, Antônio José Texeira; COELHO, Mária Célia Nunes. **Unidades de conservação: abordagens e características geográficas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2009.

Discute o papel das unidades de conservação na preservação ambiental, com foco em seus aspectos físicos e geográficos.

IBGE. **Atlas geográfico escolar**. 9. ed. Rio de Janeiro: IBGE, 2023. Disponível em: <https://atlascolar.ibge.gov.br>. Acesso em: 15 maio 2025.

Publicação didática com mapas, gráficos e informações geográficas sobre o Brasil, voltada ao público escolar.

LOUREIRO, João de Jesus Paes. **Cultura amazônica: uma poética do imaginário**. Belém: Cejup, 1995.

Explora as manifestações simbólicas e culturais da Amazônia, destacando o imaginário como elemento estruturante da identidade regional.

MOURA, Cláudio. **História da borracha na Amazônia**. Manaus: Editora Valer, 2004.

Relato histórico sobre os ciclos da borracha na Amazônia e seus impactos sociais, econômicos e culturais.

NEVES, Eduardo Góes. **Arqueologia da Amazônia**. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

Obra essencial para compreender os processos históricos e arqueológicos da ocupação humana na Amazônia antes da colonização europeia.

REIS, Fátima. **A história de Chico Mendes para crianças**. Barueri, SP: Editora Prumo, 2010.

Livro didático e acessível que apresenta a trajetória do ambientalista Chico Mendes, voltado ao público infantojuvenil.

ROSS, Jurandyr. L. Sanches. **Geografia do Brasil**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1995.

Abordagem abrangente sobre os aspectos físicos, humanos e econômicos do território brasileiro, com base em conceitos geográficos fundamentais.

SANTOS, Milton; SILVEIRA, María Laura. **O Brasil: território e sociedade no início do século XXI**. São Paulo: Record, 2001. 471p.

Análise crítica das desigualdades territoriais brasileiras e das dinâmicas socioeconômicas em curso no início do novo milênio.

SILVA, Carolina Rabelo da et al. Marujada(s): a tradição ainda resiste. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 33., 2010, Caxias do Sul. **Anais [...]**. São Paulo: Intercom, 2010. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2010/resumos/R5-2747-2.pdf>. Acesso em: 19 abr. 2025.

Relato da permanência da tradição cultural da Marujada em contextos urbanos contemporâneos, analisando sua resistência e adaptação.

SILVA, Maria das Graças S. Nascimento. **Mulheres das Águas: Geografia e Gênero nas áreas Ribeirinhas da Amazônia**. Jundiaí, SP: Paco Editorial, 2024.

Obra que destaca a atuação e protagonismo das mulheres nas comunidades ribeirinhas amazônicas, sob a ótica da geografia e do gênero.

SIMONETTI, Érica Ribeiro de Souza. **A multifuncionalidade da agricultura familiar e**

a promoção do desenvolvimento. Curitiba: Editora Appris, 2024.

Explora como a agricultura familiar pode assumir múltiplas funções sociais, ambientais e econômicas no meio rural brasileiro.

SOUZA, Márcio. **História da Amazônia: Do período pré-colombiano aos desafios do século XXI**. Rio de Janeiro: Editora Record, 2019.

Panorama histórico da Amazônia que vai desde as civilizações pré-colombianas até os conflitos e desafios contemporâneos.

VALOIS, José. O Segundo Ciclo da Borracha e os soldados da borracha. **Revista do Instituto Geográfico e Histórico do Amazonas**, v. 61, n. 1, p. 85–102, 2005. Disponível em: <https://teste-periodicos.ufac.br/index.php/SAJEBTT/article/view/218>. Acesso em: 10 set. 2025.

Analisa a retomada da produção de borracha durante a Segunda Guerra Mundial e o recrutamento de trabalhadores conhecidos como soldados da borracha.

VASCONCELOS, Omar Machado; DE FREITAS NAVEGANTES-ALVES, Livia. Economia ribeirinha: peculiaridades das relações comerciais em torno do açaí no interior da Amazônia Tocantina. **Cadernos de Agroecologia**, v. 19, n. 1, 2024. Disponível em: <https://cadernos.aba-agroecologia.org.br/cadernos/article/view/8802>. Acesso em: 10 set. 2025.

Explora as relações econômicas e sociais envolvendo o açaí nas comunidades ribeirinhas, destacando práticas locais e circuitos comerciais informais.

CONHEÇA O BRASIL

REGIÃO NORTE

Volume Único

Anos Iniciais do
Ensino Fundamental

Componente curricular:
Livro regionalizado de Geografia e História

Organizadora: **Casa de Letras**
Obra coletiva concebida, desenvolvida e produzida pela Editora Casa de Letras.

Editor responsável:
Adriano Moreno Barbosa

Anissa Felippini

Licenciada em História pelo Centro Universitário Barão de Mauá
e mestre em História pela Universidade Federal de Uberlândia.
Atua como autora e editora de materiais didáticos.

Matheus Felipe Oliveira

Licenciado e bacharel em Geografia pela Unesp - Campus de Ourinhos.
Mestre em Ciência do Solo pela Unesp - Campus de Jaboticabal.
Professor de Geografia do Ensino Fundamental e Médio.
Autor e editor de materiais didáticos.

Livro do Professor

1ª edição
São Paulo, 2025

Casa de letras

© Casa de Letras, 2025

Elaboração dos originais:

Carlos Zlatic

Doutor em História pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). Autor e Editor de materiais didáticos.

Renato Garcia Freire Soares Pinto

Mestre em Geografia pela Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ). Professor, autor e editor de materiais didáticos.

William Kleyton Costa

Doutorando em Educação pela Universidade de São Paulo (USP). Professor e autor de materiais didáticos.

Diretoria Editorial: Ana Mortara

Coordenação Editorial: Heloisa Pimentel

Assistência Editorial: Ana Maria Herrera, Gisele Cerchiaro, Kátia Scaff, Luciana Bianni, Mirna Imperatore, Paula Dias, Regina Gomes

Produção: Hachura

Direção: Adriano Moreno Barbosa

Coordenação de Produção: Priscila Tobal

Gestão de Conteúdo: Matheus Felipe Oliveira

Gestão de Produção: Kátia Fortes

Assistente de Produção: Ana Luiza dos Santos

Edição Geral: Anissa Felippini

Edição: Ana Luiza Pedrosa, Beatriz Gomes, Carlos Augusto Ferreira, Carlos Augusto Ferreira Guimarães Rodrigues, Carlos Zlatic, Daniel Safadi, Daniel Viana, Eliana Moura Estúdio, Emanuelle Almeida, Gabriel Miranda, Jean Kleber, Juliana Cava Tanaka, Lys Villela, Manoella Soares, Priscila Ferreira, Renato Garcia, Rodolfo Rodrigues, Tatiana Soares

Revisão: Eliana Moura Estúdio Editorial

Edição de Arte: Alexandre Santiago

Diagramação: Pavoá Editorial

Ilustrações: Ana Beatriz Takano, Ana Hidalgo, Bruna Mendonça, Christiane Messias R.Pretero, Eduardo Silvestre Soares, Hercules Breno, Jocal, J.Moia, Katarina Tsuzuki, Stella Ribas, Vespúcio Cartografia, Will Silva

Cartografia: ABVetor, Jocal, Vespúcio Cartografia

Iconografia: Universo.cc (Gabriel Correa, Larissa Oliveira, Marcela Tosta, Selma Braz, Thiago Fontana)

Projeto Gráfico: Hachura

Capa: Adriano Moreno Barbosa

Objetos Educacionais Digitais: Estúdio GDI

Departamento Financeiro: Lourdes Borges

Catálogo na publicação

Elaborada por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

F315c

Conheça o Brasil: Região Norte: Volume único / Obra coletiva concebida, desenvolvida e produzida pela Editora Casa de Letras; editor responsável Adriano Moreno Barbosa. – 1º ed. – São Paulo: Casa de Letras, 2025.

ISBN 978-65-6011-337-4 (Livro Impresso do Estudante)

ISBN 978-65-6011-336-7 (Livro Impresso do Professor)

1. Geografia no ensino fundamental - Anos iniciais. 2. Região Norte - Brasil.
I. Barbosa, Adriano Moreno.

CDD 372.891

1ª edição – São Paulo – 2025

Casa de letras

Casa de Letras Editora e Gráfica Ltda.

Rua Fradique Coutinho, 1139

Vila Madalena – São Paulo-SP

CEP 05416-011

www.casadeletras.com.br

Índice para catálogo sistemático

I. Geografia no ensino fundamental - Anos iniciais

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	132
1.1. Composição da coleção	132
1.1.1. Livro do Estudante.....	132
1.1.2. Livro do Professor.....	132
2. PROPOSTA DIDÁTICA	133
2.1. A abordagem regional da obra	133
2.2. Objetivos do ensino regionalizado	134
3. AS HABILIDADES e COMPETÊNCIAS DA BNCC	135
3.1. Competências gerais da Educação Básica	135
3.2. Competências específicas da área de Ciências Humanas	136
3.3. Competências específicas de Geografia para o Ensino Fundamental	136
3.4. Competências específicas de História para o Ensino Fundamental	137
3.5. Habilidades BNCC	137
3.5.1. História.....	137
3.5.2. Geografia.....	139
3.6. Quadro de habilidades BNCC	141
3.7. TCTs e a formação cidadã	142
4. ORIENTAÇÕES DIDÁTICAS PARA O USO DO MATERIAL	143
4.1. O ensino de História e Geografia nos anos iniciais do Ensino Fundamental	143
4.1.1. Proposta teórico-metodológica.....	143
4.1.2. Prática docente e metodologias.....	144
4.2. O estudante nos anos iniciais do Ensino Fundamental	144
4.2.1. Competências socioemocionais.....	145
4.2.2. Objetos Educacionais Digitais, pensamento computacional e novas tecnologias.....	145
5. ESTRATÉGIAS PARA TRABALHAR OS CONTEÚDOS EM SALA	146
5.1. Metodologias ativas: aprendendo com autonomia e sentido	146
5.1.1. Estações de Aprendizagem.....	146
5.1.2. Situação-problema.....	146
5.1.3. Trabalho de campo.....	146
5.1.4. Gamificação.....	147
5.1.5. Projetos integradores.....	147
5.1.6. Círculos de cultura e rodas de conversa.....	147
5.1.7. Aprendizagem baseada em investigação.....	147
5.1.8. Mapas afetivos e mapeamento coletivo.....	147
5.1.9. Portfólios e diários de campo.....	147
5.1.10. Contação de histórias e dramatizações.....	148
5.2. Letramento cartográfico e leitura do espaço vivido	148
5.3. Inclusão, diversidade e valorização das vozes locais	148
6. AVALIAÇÃO e ACOMPANHAMENTO DA APRENDIZAGEM	149
6.1. Avaliação formativa e processual	149
6.2. Autoavaliação e coavaliação	149
6.3. Avaliação e o tempo histórico e geográfico	149
6.4. Tipos e instrumentos de avaliação	150
6.5. Avaliação e os Temas Contemporâneos Transversais	150
7. CRONOGRAMA	151
7.1. Cronograma de Execução – Obra Regionalizada (3º ao 5º ano)	151
7.2. Cronograma de Execução – Obra Regionalizada (1 ano letivo)	152
8. ESTRUTURA e ORGANIZAÇÃO DO LIVRO	153
8.1. Seções	153
Conectando conhecimentos.....	153
Primeiros Olhares.....	153
Organize as ideias.....	153
Mergulhando na História.....	153
Cartografando.....	153
Saiba mais.....	153
Reflexões e Conexões.....	154
8.2. Boxes	154
Vozes da História.....	154
Culturas da nossa região.....	154
Glossário.....	154
8.3. Ícones	154
9. A PARTE ESPECÍFICA DO MANUAL	155
10. REFERÊNCIAS	159

INTRODUÇÃO

Esta obra de História e Geografia, organizada de forma regionalizada, foi pensada de modo a apoiar o professor na importante missão de guiar seus estudantes pelo reconhecimento e valorização do lugar onde vivem. Ao longo deste material, os conteúdos propõem um olhar atento para as características culturais, sociais, econômicas e naturais da região do estudante, estimulando a percepção de que o espaço geográfico é construído também por ele, por suas experiências e por sua atuação no cotidiano.

A proposta pedagógica considera que o estudante, desde cedo, deve ser reconhecido como protagonista das transformações ao seu redor, e não apenas como um observador. Por isso, os temas trabalhados partem do seu espaço de vivência – o bairro, a comunidade, a cidade – e ampliam-se para o município, o estado, a região e, por fim, o país, respeitando uma lógica de expansão de escalas que promove pertencimento, identidade e reflexão crítica.

Ao trazer a realidade regional como ponto de partida, a obra oferece ao estudante a possibilidade de se reconhecer no conteúdo estudado e de perceber sua importância na construção coletiva dos lugares onde vive. Assim, amplia-se o entendimento do espaço geográfico como resultado das relações entre o meio natural e as ações humanas, estimulando valores como o respeito à diversidade e à memória local.

1.1. Composição da coleção

A coleção é composta por dois volumes articulados: o Livro do Estudante e o Livro do Professor. Cada um desempenha funções específicas e complementares, garantindo coerência pedagógica e favorecendo o trabalho em sala de aula.

1.1.1. Livro do Estudante

O Livro do Estudante é um volume único, destinado a estudantes do 3º, 4º e 5º anos do Ensino Fundamental – Anos Iniciais. Elaborado para ser usado ao longo de três anos letivos, o livro organiza-se em capítulos temáticos que promovem o desenvolvimento das habilidades previstas na Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Seu conteúdo regionalizado favorece a aprendizagem significativa, ancorada nas vivências e referências dos estudantes, sendo um material complementar ao ensino regular de História e Geografia, e não substitutivo. Ou seja, deve ser utilizado de forma articulada ao currículo obrigatório.

1.1.2. Livro do Professor

Já o Livro do Professor tem como objetivo auxiliar no planejamento da prática docente, apresentando orientações gerais e orientações específicas que dialogam diretamente com cada página do Livro do Estudante. Para isso, o professor encontrará sugestões metodológicas, expectativas de aprendizagem, indicações de habilidades da BNCC envolvidas, propostas de mediação, dicas de aprofundamento e sugestões de atividades complementares.

Este material, orienta o uso das seções, boxes e ícones do Livro do Estudante, esclarecendo suas intenções pedagógicas. Assim, o professor conta com suporte que facilita a mediação dos conteúdos, fortalece competências regionais e estimula o engajamento dos estudantes.

Cada seção ou atividade traz também propostas de reflexão sobre o território e o lugar, a construção da identidade e o protagonismo do estudante. O professor é convidado a explorar o conteúdo com liberdade pedagógica, adaptando as propostas à realidade escolar e às experiências culturais dos estudantes.

PROPOSTA DIDÁTICA

2.1. A abordagem regional da obra

A proposta didática desta coleção parte do princípio de que o espaço geográfico é uma construção histórica e social. Assim, valoriza a trajetória dos povos originários, das comunidades tradicionais, das populações negras, migrantes e de todos os sujeitos que, ao longo do tempo, transformaram o território onde vivemos. Reconhecer essas contribuições permite às crianças perceberem que o espaço em que vivem não é algo pronto e dado, mas sim um resultado das ações humanas em diálogo com a natureza.

Desde os primeiros contatos com os temas de História e Geografia, a obra incentiva o olhar questionador e a valorização da memória local. O estudante é convidado a investigar as marcas deixadas no território pelas diferentes culturas, povos e modos de vida que passaram ou ainda vivem ali. Com isso, o ensino regionalizado cumpre sua função de fortalecer o sentido de pertencimento, contribuindo para a construção de uma identidade social consciente, crítica e respeitosa.

No que diz respeito à abordagem geográfica, a obra incorpora os princípios defendidos por Milton Santos, que compreende a região como um recorte do espaço onde se articulam o tempo, os usos do território e a diversidade social, comportando a realidade do espaço vivido. Para estudantes dos anos iniciais, essa noção é adaptada por meio da observação e da experiência cotidiana.

Esse entendimento nos leva à seguinte reflexão proposta por Santos (2014, p. 165):

Tanto a região quanto o lugar são subespaços subordinados às mesmas leis gerais de evolução, onde o tempo empiricizado entra como condição de possibilidade e a entidade geográfica preexistente entra como condição de oportunidade. A cada temporalização prática corresponde uma espacialização prática, que desrespeita as solidariedades e os limites anteriores e cria novos. A distinção entre lugar e região passa a ser menos relevante do que antes, quando se trabalhava com uma concepção hierárquica e geométrica onde o lugar devia ocupar uma extensão do espaço geográfico menor que a região. Na realidade, a região pode ser considerada como um lugar, desde que a regra da unidade, e da continuidade do acontecer histórico se verifique. E os lugares – veja-se o exemplo das cidades grandes – também podem ser regiões.

Assim, o conceito de **região** é apresentado a partir de elementos concretos da vivência infantil – como o bairro, a cidade, o tipo de moradia, os sons, os cheiros, as feiras, os rios – para, depois, ser ampliado de forma significativa.

Esse movimento, que vai do concreto ao abstrato, do conhecido ao novo, respeita os processos cognitivos da faixa etária de 8 a 10 anos e promove um aprendizado mais duradouro e afetivo. A criança aprende a nomear, descrever e analisar a sua região, percebendo-a como parte de um todo maior, sem perder de vista suas especificidades históricas, ambientais, culturais e sociais.

Desse modo, a obra estimula a comparação entre diferentes contextos regionais, promovendo o reconhecimento da diversidade do território brasileiro. Por meio da pesquisa, da escuta e da troca de saberes com familiares, colegas e membros da comunidade, os estudantes aprendem que cada região tem sua história, seus desafios e suas potencialidades.

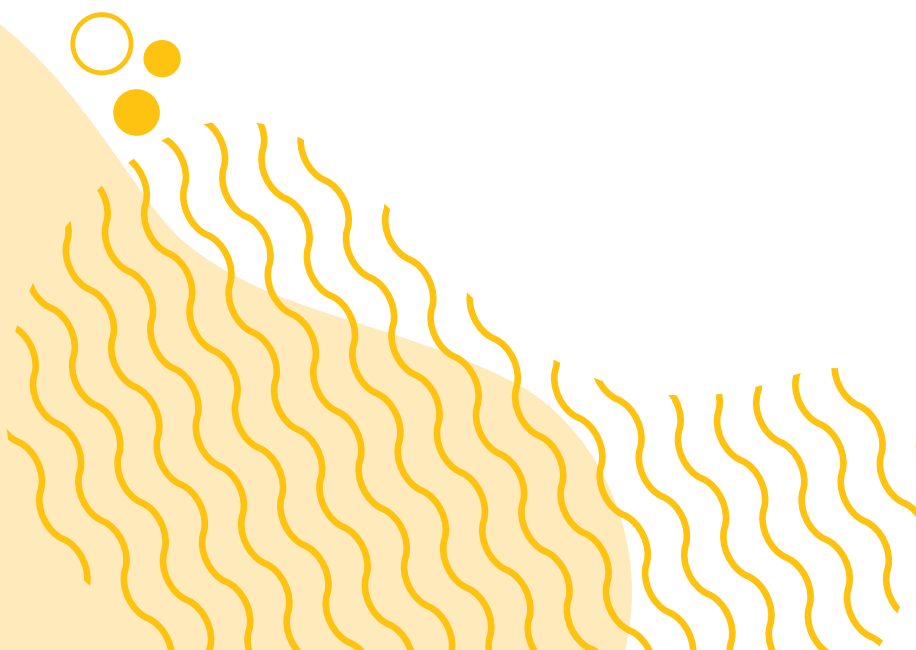
Ao compartilhar experiências, as crianças desenvolvem não apenas habilidades cognitivas, mas também competências sociais, como o respeito às diferenças e a empatia. Esse processo fortalece a percepção de que aprender sobre a região é também aprender a conviver e a participar de maneira ativa e responsável da vida em comunidade.

2.2. Objetivos do ensino regionalizado

A seguir, apresentamos os principais objetivos do ensino regionalizado que orientam a construção deste material:

- Ampliar o olhar geográfico e histórico das crianças, iniciando pelo espaço vivido e avançando para outras escalas (bairro, município, estado, região e país), respeitando o ritmo de aprendizagem e a maturidade cognitiva do estudante;
- Valorizar as experiências e os saberes locais como ponto de partida para a compreensão dos conteúdos escolares, promovendo conexões significativas entre a realidade do estudante e os temas estudados;
- Reconhecer a diversidade cultural, étnica e ambiental da região, por meio de exemplos, registros, fontes e ilustrações que retratem a pluralidade dos sujeitos sociais e dos ambientes regionais;
- Estimular a leitura crítica do território, entendendo que a região não é apenas um espaço físico, mas também um lugar de disputas, memórias e transformações;
- Desenvolver o sentimento de pertencimento e de responsabilidade com o espaço onde se vive, cultivando valores de respeito, cuidado, cidadania e sustentabilidade;
- Compreender a importância da atuação individual e coletiva na construção de uma sociedade mais justa, democrática e ambientalmente equilibrada;
- Reconhecer o potencial transformador do conhecimento regional, entendendo que conhecer bem o próprio território é condição para promover o desenvolvimento social e econômico sustentável, valorizando saberes, práticas e soluções locais.
- Aproximar o currículo da vida dos estudantes, assegurando que o conteúdo escolar dialogue com a realidade sociocultural e ambiental da comunidade, tornando o aprendizado mais engajado e contextualizado;
- Favorecer o desenvolvimento da consciência socioambiental, promovendo a reflexão sobre o uso responsável dos recursos naturais da região e o cuidado com o meio ambiente.

Esses objetivos estão alinhados à BNCC e às competências gerais da educação básica, ao mesmo tempo em que respeitam as particularidades das diferentes regiões do Brasil. Ao integrar as dimensões históricas e geográficas com a vivência real do estudante, a proposta amplia as possibilidades de aprendizagem e promove um ensino mais inclusivo, contextualizado e significativo.



AS HABILIDADES E COMPETÊNCIAS DA BNCC

3.1. Competências gerais da Educação Básica

As competências gerais da BNCC são diretrizes que orientam o desenvolvimento integral dos estudantes ao longo da Educação Básica. Elas visam à formação de cidadãos críticos, responsáveis e preparados para os desafios do século XXI.

Nº	Competência Geral
1	Valorizar e utilizar os conhecimentos historicamente construídos sobre o mundo físico, social, cultural e digital para entender e explicar a realidade, continuar aprendendo e colaborar para a construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva.
2	Exercitar a curiosidade intelectual e recorrer à abordagem própria das ciências, incluindo a investigação, a reflexão, a análise crítica, a imaginação e a criatividade, para investigar causas, elaborar e testar hipóteses, formular e resolver problemas e criar soluções (inclusive tecnológicas) com base nos conhecimentos das diferentes áreas.
3	Valorizar e fruir as diversas manifestações artísticas e culturais, das locais às mundiais, e também participar de práticas diversificadas da produção artístico-cultural.
4	Utilizar diferentes linguagens – verbal (oral ou visual-motora, como Libras, e escrita), corporal, visual, sonora e digital –, bem como conhecimentos das linguagens artística, matemática e científica, para se expressar e partilhar informações, experiências, ideias e sentimentos em diferentes contextos e produzir sentidos que levem ao entendimento mútuo.
5	Compreender, utilizar e criar tecnologias digitais de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais (incluindo as escolares) para se comunicar, acessar e disseminar informações, produzir conhecimentos, resolver problemas e exercer protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva.
6	Valorizar a diversidade de saberes e vivências culturais e apropriar-se de conhecimentos e experiências que possibilitem entender as relações próprias do mundo do trabalho e fazer escolhas alinhadas ao exercício da cidadania e ao seu projeto de vida, com liberdade, autonomia, consciência crítica e responsabilidade.
7	Argumentar com base em fatos, dados e informações confiáveis para formular, negociar e defender ideias, pontos de vista e decisões comuns que respeitem e promovam os direitos humanos, a consciência socioambiental e o consumo responsável em âmbito local, regional e global, com posicionamento ético em relação ao cuidado de si mesmo, dos outros e do planeta.
8	Conhecer-se, apreciar-se e cuidar de sua saúde física e emocional, compreendendo-se na diversidade humana e reconhecendo suas emoções e as dos outros, com autocrítica e capacidade para lidar com elas.
9	Exercitar a empatia, o diálogo, a resolução de conflitos e a cooperação, fazendo-se respeitar e promovendo o respeito ao outro e aos direitos humanos, com acolhimento e valorização da diversidade de indivíduos e de grupos sociais, seus saberes, identidades, culturas e potencialidades, sem preconceitos de qualquer natureza.
10	Agir pessoal e coletivamente com autonomia, responsabilidade, flexibilidade, resiliência e determinação, tomando decisões com base em princípios éticos, democráticos, inclusivos, sustentáveis e solidários.

3.2. Competências específicas da área de Ciências Humanas

As competências específicas da área de Ciências Humanas orientam o desenvolvimento de habilidades relacionadas à compreensão e análise crítica das dinâmicas sociais, culturais, políticas, econômicas e ambientais.

Nº	Competência Específica de Ciências Humanas
1	Compreender a si e ao outro como identidades diferentes, de forma a exercitar o respeito à diferença em uma sociedade plural e promover os direitos humanos.
2	Analisar o mundo social, cultural e digital e o meio técnico-científico-informacional com base nos conhecimentos das Ciências Humanas, considerando suas variações de significado no tempo e no espaço, para intervir em situações do cotidiano e se posicionar diante de problemas do mundo contemporâneo.
3	Identificar, comparar e explicar a intervenção do ser humano na natureza e na sociedade, exercitando a curiosidade e propondo ideias e ações que contribuam para a transformação espacial, social e cultural, de modo a participar efetivamente das dinâmicas da vida social.
4	Interpretar e expressar sentimentos, crenças e dúvidas com relação a si mesmo, aos outros e às diferentes culturas, com base nos instrumentos de investigação das Ciências Humanas, promovendo o acolhimento e a valorização da diversidade de indivíduos e de grupos sociais, seus saberes, identidades, culturas e potencialidades, sem preconceitos de qualquer natureza.
5	Comparar eventos ocorridos simultaneamente no mesmo espaço e em espaços variados, e eventos ocorridos em tempos diferentes no mesmo espaço e em espaços variados.
6	Construir argumentos, com base nos conhecimentos das Ciências Humanas, para negociar e defender ideias e opiniões que respeitem e promovam os direitos humanos e a consciência socioambiental, exercitando a responsabilidade e o protagonismo voltados para o bem comum e a construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva.
7	Utilizar as linguagens cartográfica, gráfica e iconográfica e diferentes gêneros textuais e tecnologias digitais de informação e comunicação no desenvolvimento do raciocínio espaço-temporal relacionado a localização, distância, direção, duração, simultaneidade, sucessão, ritmo e conexão.

3.3. Competências específicas de Geografia para o Ensino Fundamental

Nº	Competência Específica de Geografia
1	Utilizar os conhecimentos geográficos para entender a interação sociedade/natureza e exercitar o interesse e o espírito de investigação e de resolução de problemas.
2	Estabelecer conexões entre diferentes temas do conhecimento geográfico, reconhecendo a importância dos objetos técnicos para a compreensão das formas como os seres humanos fazem uso dos recursos da natureza ao longo da história.
3	Desenvolver autonomia e senso crítico para compreensão e aplicação do raciocínio geográfico na análise da ocupação humana e produção do espaço, envolvendo os princípios de analogia, conexão, diferenciação, distribuição, extensão, localização e ordem.
4	Desenvolver o pensamento espacial, fazendo uso das linguagens cartográficas e iconográficas, de diferentes gêneros textuais e das geotecnologias para a resolução de problemas que envolvam informações geográficas.
5	Desenvolver e utilizar processos, práticas e procedimentos de investigação para compreender o mundo natural, social, econômico, político e o meio técnico-científico e informacional, avaliar ações e propor perguntas e soluções (inclusive tecnológicas) para questões que requerem conhecimentos científicos da Geografia.
6	Construir argumentos com base em informações geográficas, debater e defender ideias e pontos de vista que respeitem e promovam a consciência socioambiental e o respeito à biodiversidade e ao outro, sem preconceitos de qualquer natureza.
7	Agir pessoal e coletivamente com respeito, autonomia, responsabilidade, flexibilidade, resiliência e determinação, propondo ações sobre as questões socioambientais, com base em princípios éticos, democráticos, sustentáveis e solidários.

3.4. Competências específicas de História para o Ensino Fundamental

Nº	Competência Específica de História
1	Compreender acontecimentos históricos, relações de poder e processos e mecanismos de transformação e manutenção das estruturas sociais, políticas, econômicas e culturais ao longo do tempo e em diferentes espaços para analisar, posicionar-se e intervir no mundo contemporâneo.
2	Compreender a historicidade no tempo e no espaço, relacionando acontecimentos e processos de transformação e manutenção das estruturas sociais, políticas, econômicas e culturais, bem como problematizar os significados das lógicas de organização cronológica.
3	Elaborar questionamentos, hipóteses, argumentos e proposições em relação a documentos, interpretações e contextos históricos específicos, recorrendo a diferentes linguagens e mídias, exercitando a empatia, o diálogo, a resolução de conflitos, a cooperação e o respeito.
4	Identificar interpretações que expressem visões de diferentes sujeitos, culturas e povos com relação a um mesmo contexto histórico, e posicionar-se criticamente com base em princípios éticos, democráticos, inclusivos, sustentáveis e solidários.
5	Analisar e compreender o movimento de populações e mercadorias no tempo e no espaço e seus significados históricos, levando em conta o respeito e a solidariedade com as diferentes populações.
6	Compreender e problematizar os conceitos e procedimentos norteadores da produção historiográfica.
7	Produzir, avaliar e utilizar tecnologias digitais de informação e comunicação de modo crítico, ético e responsável, compreendendo seus significados para os diferentes grupos ou estratos sociais.

3.5. Habilidades BNCC

A obra regionalizada de História e Geografia apresenta habilidades dos 3º, 4º e 5º anos do Ensino Fundamental – Anos Iniciais – alinhadas aos objetivos da proposta: valorizar o espaço vivido e fortalecer os laços com cultura, identidade e território.

3.5.1. História

Habilidades BNCC – História – 3º ano

Unidades temáticas	Objetos de conhecimento	Habilidades
As pessoas e os grupos que compõem a cidade e o município	O “Eu”, o “Outro” e os diferentes grupos sociais e étnicos que compõem a cidade e os municípios: os desafios sociais, culturais e ambientais do lugar onde vive	EF03HI01 Identificar os grupos populacionais que formam a cidade, o município e a região, as relações estabelecidas entre eles e os eventos que marcam a formação da cidade, como fenômenos migratórios (vida rural/vida urbana), desmatamentos, estabelecimento de grandes empresas etc.
		EF03HI03 Identificar e comparar pontos de vista em relação a eventos significativos do local em que vive, aspectos relacionados a condições sociais e à presença de diferentes grupos sociais e culturais, com especial destaque para as culturas africanas, indígenas e de migrantes.
O lugar em que vive	A produção dos marcos da memória: a cidade e o campo, aproximações e diferenças	EF03HI08 Identificar modos de vida na cidade e no campo no presente, comparando-os com os do passado.
A noção de espaço público e privado	A cidade, seus espaços públicos e privados e suas áreas de conservação ambiental	EF03HI10 Identificar as diferenças entre o espaço doméstico, os espaços públicos e as áreas de conservação ambiental, compreendendo a importância dessa distinção.
		EF03HI11 Identificar diferenças entre formas de trabalho realizadas na cidade e no campo, considerando também o uso da tecnologia nesses diferentes contextos.
	A cidade e suas atividades: trabalho, cultura e lazer	EF03HI12 Comparar as relações de trabalho e lazer do presente com as de outros tempos e espaços, analisando mudanças e permanências.

Habilidades BNCC – História – 4º ano

Unidades temáticas	Objetos de conhecimento	Habilidades
Transformações e permanências nas trajetórias dos grupos humanos	A ação das pessoas, grupos sociais e comunidades no tempo e no espaço: nomadismo, agricultura, escrita, navegações, indústria, entre outras	EF04HI01 Reconhecer a história como resultado da ação do ser humano no tempo e no espaço, com base na identificação de mudanças e permanências ao longo do tempo.
	O passado e o presente: a noção de permanência e as lentas transformações sociais e culturais	EF04HI03 Identificar as transformações ocorridas na cidade ao longo do tempo e discutir suas interferências nos modos de vida de seus habitantes, tomando como ponto de partida o presente.
Circulação de pessoas, produtos e culturas	A circulação de pessoas e as transformações no meio natural	EF04HI05 Relacionar os processos de ocupação do campo a intervenções na natureza, avaliando os resultados dessas intervenções.
	As rotas terrestres, fluviais e marítimas e seus impactos na formação de cidades e as transformações do meio natural	EF04HI07 Identificar e descrever a importância dos caminhos terrestres, fluviais e marítimos para a dinâmica da vida comercial.
	O mundo da tecnologia: a integração de pessoas e as exclusões sociais e culturais	EF04HI08 Identificar as transformações ocorridas nos meios de comunicação e discutir seus significados para os diferentes grupos ou estratos sociais.
As questões históricas relativas às migrações	Os processos migratórios para a formação do Brasil: os grupos indígenas, a presença portuguesa e a diáspora forçada dos africanos	EF04HI09 Identificar as motivações dos processos migratórios em diferentes tempos e espaços e avaliar o papel desempenhado pela migração nas regiões de destino.
	As dinâmicas internas de migração no Brasil a partir dos anos 1960	EF04HI10 Analisar diferentes fluxos populacionais e suas contribuições para a formação da sociedade brasileira.
		EF04HI11 Analisar, na sociedade em que vive, a existência ou não de mudanças associadas à migração (interna e internacional).

Habilidades BNCC – História – 5º ano

Unidades temáticas	Objetos de conhecimento	Habilidades
Povos e culturas: meu lugar no mundo e meu grupo social	O que forma um povo: do nomadismo aos primeiros povos sedentarizados	EF05HI01 Identificar os processos de formação das culturas e dos povos, relacionando-os com o espaço geográfico ocupado.
	As formas de organização social e política: a noção de Estado	EF05HI02 Identificar os mecanismos de organização do poder político com vistas à compreensão da ideia de Estado e/ou de outras formas de ordenação social.
	Cidadania, diversidade cultural e respeito às diferenças sociais, culturais e históricas	EF05HI04 Associar a noção de cidadania com os princípios de respeito à diversidade, à pluralidade e aos direitos humanos. EF05HI05 Associar o conceito de cidadania à conquista de direitos dos povos e das sociedades, compreendendo-o como conquista histórica.
	O papel das religiões e da cultura para a formação dos povos antigos	EF05HI03 Analisar o papel das culturas e das religiões na composição identitária dos povos antigos.

Continua na página seguinte.

Habilidades BNCC – História – 5º ano (continuação)

Unidades temáticas	Objetos de conhecimento	Habilidades
Registros da história: linguagens e culturas	As tradições orais e a valorização da memória	EF05HI06 Comparar o uso de diferentes linguagens e tecnologias no processo de comunicação e avaliar os significados sociais, políticos e culturais atribuídos a elas.
	O surgimento da escrita e a noção de fonte para a transmissão de saberes, culturas e histórias	EF05HI07 Identificar os processos de produção, hierarquização e difusão dos marcos de memória e discutir a presença e/ou a ausência de diferentes grupos que compõem a sociedade na nomeação desses marcos de memória.
		EF05HI08 Identificar formas de marcação da passagem do tempo em distintas sociedades, incluindo os povos indígenas originários e os povos africanos. EF05HI09 Comparar pontos de vista sobre temas que impactam a vida cotidiana no tempo presente, por meio do acesso a diferentes fontes, incluindo orais.
	Os patrimônios materiais e imateriais da humanidade	EF05HI10 Inventariar os patrimônios materiais e imateriais da humanidade e analisar mudanças e permanências desses patrimônios ao longo do tempo.

3.5.2. Geografia

Habilidades BNCC – Geografia – 3º ano

Unidades temáticas	Objetos de conhecimento	Habilidades
O sujeito e seu lugar no mundo	A cidade e o campo: aproximações e diferenças	EF03GE01 Identificar e comparar aspectos culturais dos grupos sociais de seus lugares de vivência, seja na cidade, seja no campo.
		EF03GE02 Identificar, em seus lugares de vivência, marcas de contribuição cultural e econômica de grupos de diferentes origens.
		EF03GE03 Reconhecer os diferentes modos de vida de povos e comunidades tradicionais em distintos lugares.
Conexões e escalas	Paisagens naturais e antrópicas em transformação	EF03GE04 Explicar como os processos naturais e históricos atuam na produção e na mudança das paisagens naturais e antrópicas nos seus lugares de vivência, comparando-os a outros lugares.
Mundo do trabalho	Matéria-prima e indústria	EF03GE05 Identificar alimentos, minerais e outros produtos cultivados e extraídos da natureza, comparando as atividades de trabalho em diferentes lugares.
Formas de representação e pensamento espacial	Representações cartográficas	EF03GE06 Identificar e interpretar imagens bidimensionais e tridimensionais em diferentes tipos de representação cartográfica.
Natureza, ambientes e qualidade de vida	Produção, circulação e consumo	EF03GE08 Relacionar a produção de lixo doméstico ou da escola aos problemas causados pelo consumo excessivo e construir propostas para o consumo consciente.
	Impactos das atividades humanas	EF03GE09 Investigar os usos dos recursos naturais, com destaque para os usos da água em atividades cotidianas.
		EF03GE10 Identificar os cuidados necessários para utilização da água na agricultura e na geração de energia.
		EF03GE11 Comparar impactos das atividades econômicas urbanas e rurais sobre o ambiente físico natural, assim como os riscos provenientes do uso de ferramentas e máquinas.

Habilidades BNCC – Geografia – 4º ano

Unidades temáticas	Objetos de conhecimento	Habilidades
O sujeito e seu lugar no mundo	Território e diversidade cultural	EF04GE01 Selecionar, em seus lugares de vivência e em suas histórias familiares e/ou da comunidade, elementos de distintas culturas (indígenas, afro-brasileiras, de outras regiões do país, latino-americanas, europeias, asiáticas etc.), valorizando o que é próprio em cada uma delas e sua contribuição para a formação da cultura local, regional e brasileira.
	Processos migratórios no Brasil	EF04GE02 Descrever processos migratórios e suas contribuições para a formação da sociedade brasileira.
	Instâncias do poder público e canais de participação social	EF04GE03 Distinguir funções e papéis dos órgãos do poder público municipal e canais de participação social na gestão do Município, incluindo a Câmara de Vereadores e Conselhos Municipais.
Conexões e escalas	Relação campo e cidade	EF04GE04 Reconhecer especificidades e analisar a interdependência do campo e da cidade, considerando fluxos econômicos, de informações, de ideias e de pessoas.
	Unidades político-administrativas do Brasil	EF04GE05 Distinguir unidades político-administrativas oficiais nacionais (Distrito, Município, Unidade da Federação e grande região), suas fronteiras e sua hierarquia, localizando seus lugares de vivência.
	Territórios étnico-culturais	EF04GE06 Identificar e descrever territórios étnico-culturais existentes no Brasil, tais como terras indígenas e de comunidades remanescentes de quilombos, reconhecendo a legitimidade da demarcação desses territórios.
Mundo do trabalho	Trabalho no campo e na cidade	EF04GE07 Comparar as características do trabalho no campo e na cidade.
	Produção, circulação e consumo	EF04GE08 Descrever e discutir o processo de produção (transformação de matérias-primas), circulação e consumo de diferentes produtos.
Formas de representação e pensamento espacial	Sistema de orientação	EF04GE09 Utilizar as direções cardeais na localização de componentes físicos e humanos nas paisagens rurais e urbanas.
	Elementos constitutivos dos mapas	EF04GE10 Comparar tipos variados de mapas, identificando suas características, elaboradores, finalidades, diferenças e semelhanças.
Natureza, ambientes e qualidade de vida	Conservação e degradação da natureza	EF04GE11 Identificar as características das paisagens naturais e antrópicas (relevo, cobertura vegetal, rios etc.) no ambiente em que vivem, bem como a ação humana na conservação ou degradação dessas áreas.

Habilidades BNCC – Geografia – 5º ano

Unidades temáticas	Objetos de conhecimento	Habilidades
Conexões e escalas	Território, redes e urbanização	EF05GE03 Identificar as formas e funções das cidades e analisar as mudanças sociais, econômicas e ambientais provocadas pelo seu crescimento. EF05GE04 Reconhecer as características da cidade e analisar as interações entre a cidade e o campo e entre cidades na rede urbana.
Mundo do trabalho	Trabalho e inovação tecnológica	EF05GE05 Identificar e comparar as mudanças dos tipos de trabalho e de desenvolvimento tecnológico na agropecuária, na indústria, no comércio e nos serviços. EF05GE07 Identificar os diferentes tipos de energia utilizados na produção industrial, agrícola e extrativa e no cotidiano das populações.

Continua na página seguinte.

Habilidades BNCC – Geografia – 5º ano (continuação)

Unidades temáticas	Objetos de conhecimento	Habilidades
Formas de representação e pensamento espacial	Mapas e imagens de satélite	EF05GE08 Analisar transformações de paisagens nas cidades, comparando sequência de fotografias, fotografias aéreas e imagens de satélite de épocas diferentes.
	Representação das cidades e do espaço urbano	EF05GE09 Estabelecer conexões e hierarquias entre diferentes cidades, utilizando mapas temáticos e representações gráficas.
Natureza, ambientes e qualidade de vida	Qualidade ambiental	EF05GE10 Reconhecer e comparar atributos da qualidade ambiental e algumas formas de poluição dos cursos de água e dos oceanos (esgotos, efluentes industriais, marés negras etc.).
	Diferentes tipos de poluição	EF05GE11 Identificar e descrever problemas ambientais que ocorrem no entorno da escola e da residência (lixões, indústrias poluentes, destruição do patrimônio histórico etc.), propondo soluções (inclusive tecnológicas) para esses problemas.
	Gestão pública da qualidade de vida	EF05GE12 Identificar órgãos do poder público e canais de participação social responsáveis por buscar soluções para a melhoria da qualidade de vida (em áreas como meio ambiente, mobilidade, moradia e direito à cidade) e discutir as propostas implementadas por esses órgãos que afetam a comunidade em que vive.

3.6. Quadro de habilidades BNCC

A seguir, apresentamos um quadro que relaciona as habilidades da BNCC desenvolvidas ao longo do Livro do Estudante com os conteúdos temáticos de cada capítulo. Na concepção da obra, as habilidades foram organizadas de forma flexível, permitindo que o material seja adotado em qualquer um dos anos do ciclo (3º, 4º ou 5º ano), sem prejuízo ao desenvolvimento cognitivo do estudante. A proposta não se prende a uma única série, possibilitando sua utilização isolada ou de forma contínua ao longo dos três anos. Nessa última opção, as habilidades foram cuidadosamente distribuídas para garantir uma progressão gradual e integrada da aprendizagem. Ainda que um mesmo capítulo mobilize habilidades previstas para diferentes anos escolares, elas dialogam entre si, permitindo a compreensão do estudante em sua série escolar, respeitando seu desenvolvimento cognitivo, ritmo e sua experiência. Esse quadro, portanto, tem como finalidade apoiar o planejamento do professor, evidenciando o alinhamento entre a proposta pedagógica da obra e as diretrizes da BNCC.

Habilidades da BNCC Desenvolvidas nos Conteúdos Temáticos

Capítulo do Livro do Estudante	Geografia	História
1. Os encantos naturais do Norte	EF03GE03, EF03GE04, EF03GE05, EF03GE06, EF03GE09, EF03GE10	EF03HI10, EF05HI02
2. Vidas e povos do Norte	EF03GE02, EF03GE03, EF03GE04, EF04GE01, EF04GE02, EF04GE06, EF05GE02	EF03HI01, EF03HI03, EF04HI04, EF05HI05, EF05HI08, EF05HI09
3. As culturas e as festas do Norte	EF03GE01, EF03GE02, EF03GE03, EF04GE01, EF04GE02, EF05GE02	EF03HI01, EF03HI02, EF03HI03, EF03HI04, EF03HI07, EF04HI07, EF05HI01, EF05HI03, EF05HI09
4. Amazônia: o tesouro do Norte e do Brasil	EF03GE02, EF03GE03, EF03GE04, EF03GE11, EF04GE01, EF04GE10, EF04GE11, EF05GE02,	EF03HI02, EF03HI03, EF03HI04, EF04HI05, EF04HI07
5. O ouro verde do Norte	EF03GE04, EF03GE05, EF03GE09, EF03GE10, EF03GE11, EF04GE01, EF04GE02, EF04GE04, EF04GE07, EF04GE08, EF05GE01, EF05GE10	EF03HI01, EF03HI02, EF03HI03, EF03HI11, EF03HI12, EF04HI05, EF04HI06, EF04HI07, EF05HI01, EF05HI09

Continua na página seguinte.

Habilidades da BNCC Desenvolvidas nos Conteúdos Temáticos (continuação)

Capítulo do Livro do Estudante	Geografia	História
6. Entre roças, rebanhos e igarapés	EF03GE01, EF03GE05, EF03GE09, EF03GE10, EF03GE11, EF04GE04, EF04GE07, EF04GE08, EF05GE05, EF05GE07	EF03HI08, EF03HI11, EF03HI12, EF04HI03, EF04HI05
7. O Norte que colhe sem derrubar	EF03GE04, EF03GE05, EF03GE09, EF03GE10, EF03GE11, EF04GE01, EF04GE02, EF04GE04, EF04GE07, EF04GE08, EF05GE01, EF05GE10	EF03HI02, EF03HI03, EF04HI05, EF04HI06, EF04HI07, EF05HI01, EF05HI03, EF05HI09, EF05HI10
8. Urbanização na Amazônia: cidades e natureza	EF03GE01, EF03GE08, EF03GE11, EF04GE04, EF04GE07, EF05GE03, EF05GE04, EF05GE05, EF05GE06, EF05GE08	EF03HI08, EF03HI11, EF03HI12, EF04HI03
9. Ser cidadão do Norte	EF03GE09, EF03GE10, EF05GE07, EF05GE10, EF05GE11, EF05GE12	EF04HI03, EF04HI05, EF05HI04, EF05HI05

3.7. TCTs e a formação cidadã

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) define os **Temas Contemporâneos Transversais (TCTs)** como essenciais para conectar os conteúdos escolares às realidades sociais, culturais e ambientais, organizados em seis macroáreas: Meio Ambiente, Economia, Saúde, Cidadania e Civismo, Multiculturalismo e Ciência e Tecnologia. Na obra regionalizada de História e Geografia, a integração desses temas fortalece a identidade cultural e regional dos estudantes, relaciona questões locais e globais e favorece a formação de uma consciência crítica e participativa. As macroáreas são trabalhadas da seguinte forma:

- **Meio Ambiente:** ao explorar as características naturais e as transformações das paisagens locais, os estudantes são incentivados a refletir sobre a conservação ambiental e os impactos das ações humanas no meio em que vivem. Isso promove a compreensão da importância da sustentabilidade e do cuidado com os recursos naturais.
- **Economia:** a análise das atividades econômicas regionais, como agricultura, indústria e comércio, permite que os estudantes entendam as relações de trabalho e consumo em sua comunidade. Essa compreensão é essencial para o desenvolvimento da educação financeira e do empreendedorismo consciente.
- **Saúde:** a abordagem de temas relacionados à saúde pública e ao bem-estar coletivo, como saneamento básico e hábitos alimentares, contribui para a formação de cidadãos conscientes de seu papel na promoção da qualidade de vida em sua região.
- **Cidadania e Civismo:** ao estudar a organização política e administrativa local, os estudantes são estimulados a conhecer seus direitos e deveres, bem como os mecanismos de participação social. Isso fortalece o exercício da cidadania e o engajamento nas questões que afetam sua comunidade.
- **Multiculturalismo:** o reconhecimento e a valorização das diversas manifestações culturais presentes na região, incluindo as tradições indígenas, afro-brasileiras e de outros grupos, promovem o respeito à diversidade e o combate aos preconceitos.
- **Ciência e Tecnologia:** a compreensão do papel das inovações tecnológicas no cotidiano local, como o uso de tecnologias na agricultura ou na comunicação, permite que os estudantes percebam as transformações sociais e econômicas em sua região.

A integração dos Temas Contemporâneos Transversais na obra regionalizada de História e Geografia proporciona uma aprendizagem significativa, conectando os conteúdos escolares às experiências e contextos dos estudantes. Essa abordagem contribui para a formação de indivíduos críticos, responsáveis e comprometidos com a construção de uma sociedade mais justa e sustentável.

ORIENTAÇÕES DIDÁTICAS PARA O USO DO MATERIAL

4.1. O ensino de História e Geografia nos anos iniciais do Ensino Fundamental

Nos anos iniciais do Ensino Fundamental, o ensino de História e Geografia deve cumprir não apenas a função de introduzir conceitos básicos das ciências humanas, mas também provocar a construção de uma consciência crítica e afetiva sobre o espaço vivido, o tempo histórico e a diversidade social e cultural. Nessa etapa da formação escolar, a experiência cotidiana das crianças é ponto de partida fundamental para o desenvolvimento de aprendizagens significativas, sendo essencial respeitar sua capacidade de observação, sua curiosidade e seu modo peculiar de interagir com o mundo.

O material regionalizado de História e Geografia proposto nesta coleção é fundamentado na concepção de que o território, os grupos sociais e as paisagens culturais devem ser compreendidos a partir da experiência direta do estudante. Assim, são priorizados temas que façam sentido para sua vida: o bairro onde vive, as tradições de sua comunidade, os costumes locais, as transformações urbanas e rurais, as festas populares e as memórias da família e da escola.

A proposta está alinhada aos princípios da BNCC, que indicam o desenvolvimento integral do estudante como objetivo central da prática pedagógica. Dessa forma, História e Geografia não são tratadas como campos separados e abstratos, mas como saberes interligados que contribuem para o letramento social e a construção da identidade regional e nacional.

4.1.1. Proposta teórico-metodológica

A abordagem teórico-metodológica da coleção parte de uma visão crítica da realidade e do papel da escola na formação cidadã. Fundamenta-se nas contribuições do campo da educação histórica e da geografia crítica, especialmente nos aportes de autores como Circe Bittencourt, Selva Guimarães Fonseca, Sandra Jatahy Pesavento, Maria Yedda Leite Linhares, Milton Santos e Rogério Haesbaert, que compreendem a educação como construção coletiva de sentidos sobre o mundo e seus processos sociais e espaciais.

Para a Geografia, a proposta dialoga com a ideia de região como uma construção dinâmica, vivida e experienciada – uma totalidade em constante transformação – que pode ser interpretada pelas crianças por meio da observação sensível do espaço. Essa perspectiva está presente no pensamento de Milton Santos, ao definir a região como um recorte espacial que articula tempo, sociedade e natureza, e que só faz sentido quando relacionada à experiência de seus habitantes. Assim, os conteúdos geográficos são apresentados com base em elementos que fazem parte do cotidiano da criança – como o tipo de moradia, as ruas, os sons, os alimentos – e são ampliados progressivamente para outras escalas.

Em História, adota-se uma pedagogia da escuta e da narrativa, na qual os estudantes são convidados a ouvir e contar histórias, investigar memórias, interpretar fontes e compreender os sujeitos históricos de seu território. O ensino histórico é concebido como um processo de construção de sentido sobre o tempo vivido, com base na valorização das múltiplas vozes, culturas e experiências. A proposta busca superar visões simplificadoras e lineares da história e promove uma abordagem mais plural, crítica e situada.

Essa concepção baseia-se nas contribuições de autores como Circe Bittencourt, que enfatiza a função social do ensino de História; Selva Guimarães Fonseca, que propõe o trabalho com fontes e narrativas como eixo da aprendizagem histórica; Sandra Jatahy Pesavento, que defende uma história sensível aos sujeitos e à cultura cotidiana; e Maria Yedda Leite Linhares, cuja obra amplia a compreensão dos processos históricos regionais, das transformações socioeconômicas e das relações de trabalho e poder no Brasil, oferecendo subsídios para a análise crítica das permanências e rupturas nas trajetórias sociais. Esses referenciais fundamentam a valorização da memória local e da história vivida, entendendo que as crianças podem, desde cedo, desenvolver capacidades de interpretação e reflexão sobre o passado e suas conexões com o presente.

4.1.2. Prática docente e metodologias

A prática docente nos anos iniciais exige sensibilidade, escuta ativa e conhecimento sobre os modos de aprendizagem das crianças. Nesse sentido, a coleção propõe uma mediação que articula o conteúdo escolar às vivências dos estudantes, respeitando seu ritmo e favorecendo a aprendizagem pela curiosidade, pela experiência e pela imaginação.

O trabalho do professor é concebido como ação intencional, reflexiva e criativa. Por isso, o material não apresenta um roteiro fechado de ações pedagógicas, mas oferece subsídios, sugestões e caminhos possíveis que respeitam a autonomia docente e as especificidades de cada turma e território.

As metodologias sugeridas partem do princípio da aprendizagem ativa e da participação dos estudantes na construção do conhecimento. Valorizam-se práticas como:

- Observação do entorno e do cotidiano;
- Investigação por meio de perguntas abertas;
- Uso de mapas, croquis, desenhos e registros orais;
- Escuta de narrativas e relatos familiares;
- Leitura de imagens e de diferentes tipos de texto;
- Diálogo e construção coletiva de sentidos.

Esse modelo valoriza a produção do conhecimento como processo e não apenas como resultado. O professor é incentivado a adaptar as atividades conforme as necessidades da turma e a criar conexões entre o conteúdo trabalhado e a realidade social da comunidade escolar.

4.2. O estudante nos anos iniciais do Ensino Fundamental

A criança dos anos iniciais do Ensino Fundamental está em pleno desenvolvimento de suas habilidades cognitivas, emocionais e sociais. Seu modo de aprender está profundamente ligado à afetividade, à interação com os pares e à vivência concreta. Por isso, o estudante não é visto apenas como alguém que deve "aprender conteúdos", mas como sujeito ativo que participa da construção da realidade por meio da linguagem, do corpo, das emoções e da imaginação.

O material regionalizado considera essas especificidades e propõe um ensino que respeita os tempos da infância, que instiga a curiosidade, que reconhece a criança como produtora de cultura e conhecimento. A obra convida o estudante a se enxergar como protagonista da história e da geografia do seu território, incentivando a observação, a valorização de suas raízes e o desenvolvimento de uma consciência cidadã desde os primeiros anos de escolarização.

Nesse processo, destaca-se também a importância do letramento cartográfico. Desde as primeiras experiências escolares, é fundamental que a criança compreenda os elementos básicos da representação

espacial – como direção, localização, símbolos e escalas – de forma lúdica e contextualizada. O trabalho com mapas, cartogramas, croquis e imagens estimula a construção de noções espaciais e favorece a leitura crítica do território, desenvolvendo habilidades de orientação e interpretação que são essenciais para a autonomia e a compreensão do mundo. O letramento cartográfico, portanto, não é apenas uma competência técnica, mas uma forma de alfabetização para o espaço vivido.

4.2.1. Competências socioemocionais

O ensino de História e Geografia é um campo privilegiado para o desenvolvimento das competências socioemocionais, pois lida com questões de identidade, convivência, diversidade e pertencimento. Ao explorar temas como memória, cultura, conflitos, organização do espaço e justiça social, os estudantes têm a oportunidade de refletir sobre seus sentimentos, atitudes e responsabilidades na vida coletiva.

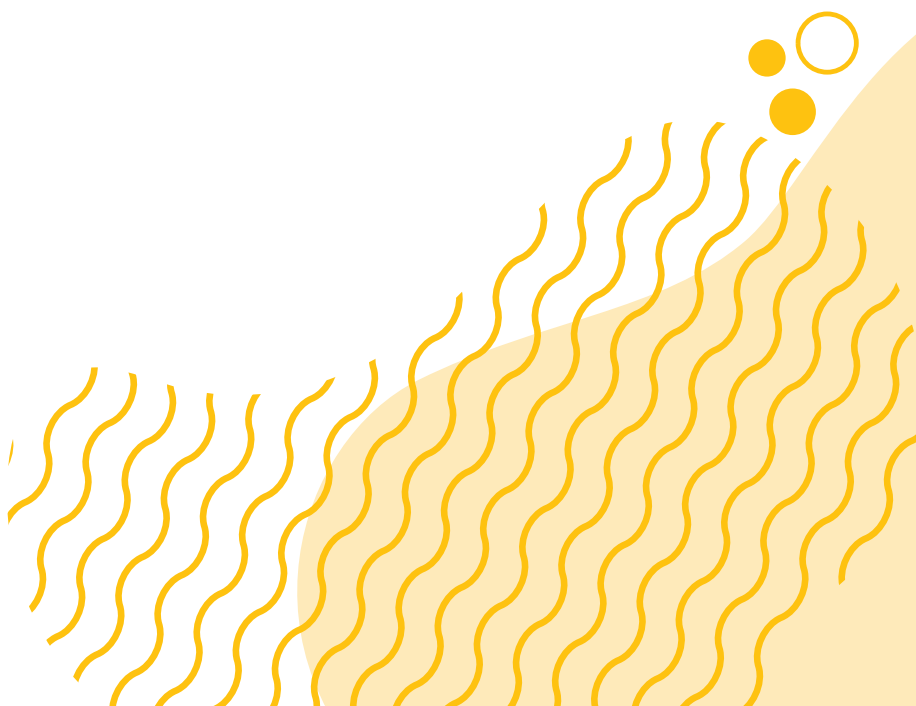
A obra incentiva o desenvolvimento de competências como empatia, respeito à diversidade, escuta ativa, cooperação, responsabilidade, protagonismo e resiliência. Essas habilidades e atitudes são fundamentais para o convívio democrático e para a construção de uma sociedade mais ética, solidária e inclusiva.

4.2.2. Objetos Educacionais Digitais, pensamento computacional e novas tecnologias

A coleção integra de forma transversal o uso de Objetos Educacionais Digitais (OEDs), alinhados às competências da BNCC que incentivam a utilização ética, crítica e criativa das tecnologias digitais. O pensamento computacional, compreendido como a capacidade de formular e resolver problemas de maneira lógica e eficiente, é estimulado por meio da leitura e criação de representações gráficas, da organização de dados e da análise de informações em diferentes formatos ao longo da obra.

Os OEDs propostos favorecem o acesso a ferramentas como mapas clicáveis e infográficos, como recursos interativos que complementam os conteúdos da coleção, tornando a aprendizagem mais dinâmica, acessível e significativa. Essas ferramentas respeitam a faixa etária do público-alvo e são apresentadas de modo a potencializar a autonomia do estudante, o trabalho colaborativo e a construção de saberes múltiplos.

Os infográficos e mapas clicáveis se destacam por ampliarem a compreensão dos temas trabalhados por meio da interatividade e do uso de recursos visuais. Com esses recursos, os estudantes podem explorar informações de forma mais detalhada, relacionando dados, espaços e acontecimentos, o que enriquece a experiência de aprendizagem e favorece a construção de conexões entre o conhecimento escolar e a realidade cotidiana.



ESTRATÉGIAS PARA TRABALHAR OS CONTEÚDOS EM SALA

O ensino de História e Geografia nos anos iniciais deve ser construído a partir de práticas significativas, que levem em consideração a experiência do estudante, seus conhecimentos prévios e o território em que está inserido. Nesse sentido, as estratégias de sala de aula precisam ultrapassar métodos expositivos tradicionais e investir em abordagens práticas, interdisciplinares e participativas, capazes de engajar os estudantes na construção ativa do conhecimento.

5.1. Metodologias ativas: aprendendo com autonomia e sentido

Para garantir uma aprendizagem significativa, contextualizada e que valorize a vivência do estudante, a proposta metodológica desta obra regionalizada está baseada no uso de estratégias ativas, interdisciplinares e flexíveis. As práticas aqui sugeridas consideram a diversidade dos estudantes, os diferentes contextos escolares brasileiros e os Temas Contemporâneos Transversais (TCTs), como cidadania, sustentabilidade, respeito à diversidade, inclusão e responsabilidade social.

A seguir, apresentamos algumas metodologias que podem ser adotadas de forma adaptável, conforme a realidade de cada escola. Essas metodologias serão apresentadas como atividades no Livro do Estudante, ou como sugestões ao longo dos capítulos na parte específica do Livro do Professor.

5.1.1. Estações de Aprendizagem

Essa metodologia organiza a sala em diferentes “estações” ou espaços temáticos, por onde os estudantes circulam em pequenos grupos, explorando diferentes conteúdos de forma ativa e diversificada. Cada estação pode abordar um aspecto do conteúdo – como um mapa interativo da região, objetos antigos para observação, imagens de paisagens locais, ou atividades de leitura e escrita sobre histórias da comunidade.

Além de promover autonomia e colaboração, essa prática favorece a personalização do ensino e respeita o ritmo de aprendizagem de cada estudante. Em História e Geografia, as estações podem incluir jogos, leitura de fontes, análise de mapas, vídeos, produção de cartazes e entrevistas simuladas.

5.1.2. Situação-problema

A proposta de trabalhar com situações-problema coloca o estudante no centro da construção do conhecimento. Parte-se de uma questão instigante e desafiadora que desperta a curiosidade e mobiliza saberes prévios. Por exemplo: “O que aconteceria com nossa cidade se o rio secasse?” ou “Por que algumas regiões têm mais lixo acumulado que outras?”. A partir dessas questões, a turma investiga, debate, propõe hipóteses e constrói soluções possíveis.

Essa abordagem fomenta o pensamento crítico, a resolução colaborativa de conflitos e a capacidade argumentativa, aspectos centrais no desenvolvimento de competências cidadãs.

5.1.3. Trabalho de campo

O trabalho de campo é uma das estratégias mais eficazes para o ensino de História e Geografia, pois permite que o estudante observe diretamente os elementos do território, perceba as transformações sociais e ambientais e desenvolva senso de pertencimento.

Podem ser realizados passeios pelo bairro, visitas a praças, rios, museus locais, arquivos históricos, centros culturais, monumentos, entre outros. O essencial é que o campo não seja visto apenas como “saída”, mas como espaço de investigação, registro e análise. Após a saída, os estudantes podem produzir mapas, desenhos, relatórios e maquetes, sistematizando as aprendizagens.

5.1.4. Gamificação

A gamificação aplica elementos de jogos – como missões, pontuações, rankings, narrativas e recompensas – ao contexto educacional. Essa metodologia aumenta o engajamento, promove a cooperação e estimula a motivação intrínseca.

No ensino regionalizado, é possível propor desafios como “Missão: descobrir as origens do meu bairro” ou “Jornada pelos rios da região”. Os estudantes podem criar personagens históricos, resolver enigmas baseados em documentos, percorrer trilhas geográficas virtuais, entre outras possibilidades. A gamificação é eficaz tanto no ambiente presencial quanto no digital.

5.1.5. Projetos integradores

Trabalhar por projetos permite integrar diferentes componentes curriculares em torno de um tema significativo para os estudantes. Um projeto sobre “A cidade onde vivo” pode envolver História (memória, patrimônio, cultura), Geografia (localização, paisagem, recursos naturais), Língua Portuguesa (produção textual e oral), Artes (fotografias e ilustrações) e Matemática (gráficos, medições).

Essa metodologia valoriza o protagonismo estudantil, fortalece os vínculos com a comunidade e contribui para a interdisciplinaridade, essencial para a formação integral.

5.1.6. Círculos de cultura e rodas de conversa

Inspiradas na pedagogia de Paulo Freire, essas práticas valorizam o diálogo, a escuta ativa e a construção coletiva do conhecimento. Os estudantes são convidados a partilhar suas experiências, sentimentos e saberes, refletindo sobre sua realidade.

Podem ser organizadas rodas temáticas sobre identidade, família, festas locais, transformações do bairro, problemas ambientais da comunidade, entre outros. São espaços de acolhimento e de exercício da empatia, fundamentais para o fortalecimento da cidadania e da consciência social.

5.1.7. Aprendizagem baseada em investigação

Nesta abordagem, os estudantes partem de uma pergunta investigativa para construir o conhecimento. Eles planejam a pesquisa, buscam informações, analisam dados e apresentam suas conclusões.

Por exemplo, podem investigar “Quais foram os primeiros moradores da minha cidade?”, “Como o lixo é recolhido na minha comunidade?” ou “Por que existe uma rua com nome indígena aqui perto?”. Essa estratégia estimula a curiosidade, a autonomia e a capacidade crítica.

5.1.8. Mapas afetivos e mapeamento coletivo

Essas estratégias aliam o letramento cartográfico à valorização do território vivido. Os estudantes podem construir mapas do entorno da escola com base nas suas experiências: onde moram, por onde passam, onde brincam, quais lugares consideram importantes, seguros ou perigosos.

A cartografia afetiva estimula a observação e a leitura crítica do espaço, desenvolve habilidades espaciais e promove o reconhecimento dos espaços públicos como parte da vivência cidadã.

5.1.9. Portfólios e diários de campo

Os portfólios registram o percurso de aprendizagem dos estudantes ao longo do tempo, reunindo produções como textos, desenhos, entrevistas, registros fotográficos e reflexões. Já os diários de cam-

po podem ser utilizados em visitas externas ou nas observações do cotidiano escolar, incentivando a sistematização do olhar e da escuta.

Ambas as estratégias favorecem a autonomia, a autoavaliação e o protagonismo na construção do conhecimento.

5.1.10. Contação de histórias e dramatizações

Narrar e dramatizar experiências, fatos históricos ou vivências geográficas são formas potentes de aproximar o conteúdo da realidade do estudante. Ao ouvir ou encenar histórias da comunidade, lendas locais ou trajetórias de personagens históricos, a criança desenvolve empatia, compreensão do tempo histórico e apropriação de saberes tradicionais.

Essas atividades também dialogam com a cultura oral e as tradições regionais, fortalecendo a identidade e a memória coletiva.

5.2. Letramento cartográfico e leitura do espaço vivido

A Geografia nos anos iniciais tem papel fundamental na formação do pensamento espacial das crianças. O letramento cartográfico, nesse sentido, é um processo que deve ser trabalhado de forma gradual e contextualizada, partindo das experiências concretas e do espaço vivido pelos estudantes.

Atividades como construção de mapas mentais da casa, do caminho até a escola, do bairro ou da comunidade são exemplos de como iniciar essa alfabetização cartográfica. O uso de maquetes, croquis, mapas colaborativos e aplicativos simples de georreferenciamento pode ser incorporado progressivamente, sempre com mediação ativa do professor e com base nas vivências dos estudantes.

Além disso, a leitura e interpretação de imagens de satélite, mapas temáticos e gráficos devem estar articuladas ao cotidiano. Por exemplo, é possível discutir os usos do solo a partir da comparação entre mapas antigos e atuais da cidade, ou analisar as áreas de risco ambiental visíveis em imagens aéreas.

No ensino de História, o letramento cartográfico também desempenha papel relevante ao possibilitar que o estudante compreenda a noção de tempo histórico vinculada ao espaço. O uso de mapas históricos na obra permite visualizar os processos de ocupação do território, as rotas migratórias, os fluxos comerciais, as alterações nas fronteiras e transformações urbanas ao longo do tempo. Comparar diferentes representações cartográficas – antigas e atuais – favorece a construção da consciência temporal e espacial, essenciais à formação do sujeito histórico.

Dessa forma, tanto a Geografia quanto a História colaboram para desenvolver no estudante a capacidade de localizar-se, compreender escalas, identificar transformações e reconhecer seu lugar no mundo e na trajetória coletiva da sociedade.

5.3. Inclusão, diversidade e valorização das vozes locais

As estratégias adotadas devem ser sensíveis às múltiplas realidades e diversidades presentes nas salas de aula brasileiras. Isso implica considerar as especificidades culturais, sociais, linguísticas e territoriais dos estudantes, respeitando suas trajetórias e saberes.

Nesse sentido, é fundamental valorizar as vozes locais: histórias de moradores, saberes de povos tradicionais, registros de lideranças comunitárias, mapas produzidos por jovens ou instituições locais. Essas vozes contribuem para o fortalecimento da identidade regional e para a construção de uma história plural e democrática.

Além disso, é necessário que as práticas pedagógicas sejam adaptáveis a diferentes contextos – urbanos e rurais, escolas com ou sem acesso à internet, com diferentes recursos materiais. O foco deve estar no protagonismo do estudante e na construção de sentido em cada experiência.

AVALIAÇÃO E ACOMPANHAMENTO DA APRENDIZAGEM

A avaliação, no contexto da obra regionalizada de História e Geografia, deve estar sintonizada com a proposta pedagógica que valoriza o território vivido, a diversidade cultural e as múltiplas temporalidades e espacialidades que constituem o universo do estudante. Mais do que verificar resultados ou mensurar desempenho, avaliar é uma prática educativa e transformadora, que acompanha o processo de aprendizagem de forma contínua, diagnóstica e formativa.

Nos anos iniciais do Ensino Fundamental, a avaliação deve reconhecer as especificidades do desenvolvimento cognitivo e emocional das crianças de 8 a 10 anos, valorizando seus percursos, estratégias e modos singulares de aprender. Ao considerar a avaliação como prática emancipadora, opta-se por romper com modelos classificatórios e meritocráticos para assumir uma postura investigativa: o foco se desloca do acerto e do erro para a compreensão dos processos e da construção de sentido pelo estudante.

6.1. Avaliação formativa e processual

A avaliação formativa é central no ensino de História e Geografia nos anos iniciais, pois permite acompanhar o progresso dos estudantes ao longo do tempo, reconhecendo avanços, dificuldades e possibilidades. Trata-se de uma avaliação que ocorre durante o processo de ensino-aprendizagem, por meio da observação sensível e sistemática, do diálogo constante com os estudantes e da análise de produções variadas – como desenhos, registros escritos, mapas mentais, narrativas orais, entre outros.

Essa perspectiva está diretamente associada à avaliação processual, que valoriza os percursos e não apenas os produtos. É por meio da documentação pedagógica – registros do professor, portfólios de atividades, fichas descritivas e devolutivas – que se torna possível mapear trajetórias, identificar aprendizagens em construção e planejar intervenções mais efetivas, respeitando o tempo de cada estudante.

6.2. Autoavaliação e coavaliação

Nos anos iniciais, é essencial que os estudantes sejam protagonistas de sua própria aprendizagem. A autoavaliação e a coavaliação favorecem esse protagonismo ao promoverem a metacognição – ou seja, a consciência do estudante sobre seus próprios processos de aprender. Ao descreverem o que aprenderam, o que gostariam de aprender mais ou como se sentiram ao realizar determinada atividade, os estudantes desenvolvem habilidades importantes de reflexão, autorregulação e responsabilidade.

A coavaliação, por sua vez, possibilita a escuta das percepções de colegas e do professor em um ambiente seguro e respeitoso, fortalecendo os vínculos entre os sujeitos e estimulando a empatia. Ambas as práticas contribuem para a construção de uma cultura avaliativa mais democrática e dialógica.

6.3. Avaliação e o tempo histórico e geográfico

Em História, avaliar é também considerar o desenvolvimento do pensamento histórico – o que implica observar a capacidade do estudante em distinguir presente e passado, estabelecer

relações de causa e consequência, compreender permanências e rupturas e reconhecer múltiplos pontos de vista. No campo da Geografia, isso se traduz na apreensão do espaço vivido e na ampliação progressiva das noções de escala, território, paisagem e lugar.

Tanto em História quanto em Geografia, a avaliação deve contemplar a leitura crítica de fontes – imagens, mapas, textos, objetos e relatos –, a construção de argumentos e hipóteses, bem como a capacidade de propor soluções para questões reais de seu cotidiano. Assim, avalia-se não apenas o domínio conceitual, mas também as competências investigativas e interpretativas que os estudantes vão desenvolvendo.

A avaliação em História e Geografia também se caracteriza por seu caráter investigativo, pois possibilita observar como os estudantes relacionam informações de diferentes naturezas e constroem argumentos consistentes. Esse movimento favorece a compreensão de que o conhecimento histórico e geográfico está sempre em construção e depende de múltiplas interpretações.

6.4. Tipos e instrumentos de avaliação

Dentre as formas de avaliação que podem ser mobilizadas, destacam-se:

- **Avaliação diagnóstica:** realizada no início do volume e dos capítulos, para identificar conhecimentos prévios, interesses e necessidades dos estudantes.
- **Avaliação processual:** acompanhamento contínuo do desenvolvimento da aprendizagem por meio de observações, registros de participação, portfólios, mapas conceituais, entre outros instrumentos.
- **Autoavaliação:** os estudantes são convidados a refletir sobre o próprio processo de aprendizagem, favorecendo a metacognição e a autonomia.
- **Avaliação por pares:** promove a colaboração, o diálogo e o senso de responsabilidade coletiva.
- **Avaliação somativa:** sistematiza os resultados ao final de uma sequência didática ou ciclo, sem que isso signifique exclusividade de notas ou classificações.

Esses tipos de avaliação não são excludentes e devem coexistir de maneira complementar, sempre a serviço do processo pedagógico.

6.5. Avaliação e os Temas Contemporâneos Transversais

A avaliação também é um espaço potente para mobilizar os Temas Contemporâneos Transversais (TCTs), promovendo a cidadania, a sustentabilidade, o respeito à diversidade e a valorização da cultura local. Ao propor tarefas como investigar memórias do bairro, comparar modos de vida ou analisar a gestão ambiental da cidade, os professores contribuem para que os estudantes desenvolvam uma postura crítica e atuante frente à realidade em que vivem.

A avaliação, portanto, deve ser entendida como um ato político-pedagógico que visa à emancipação dos sujeitos. Em consonância com os princípios da obra regionalizada, ela deve fortalecer os vínculos dos estudantes com seu território, suas histórias e culturas, promovendo não apenas aprendizagens cognitivas, mas também afetivas, éticas e sociais.

O cronograma de execução da obra foi elaborado considerando diferentes possibilidades de implementação em sala de aula, respeitando a diversidade dos contextos escolares. Foram, portanto, organizadas duas propostas distintas: uma que prevê o desenvolvimento dos conteúdos ao longo de três anos (3º, 4º e 5º anos do Ensino Fundamental – Anos Iniciais) e outra que contempla a execução integral da obra em um único ano letivo.

Essas propostas visam oferecer flexibilidade ao docente que irá conduzir as atividades, permitindo que a escolha do formato de implementação seja feita de acordo com a carga horária disponível e o planejamento pedagógico da escola. Em ambos os casos, o conteúdo foi sequenciado de forma a garantir coerência temática e gradualidade no desenvolvimento das habilidades da BNCC, respeitando os ritmos de aprendizagem dos estudantes.

7.1. Cronograma de Execução – Obra Regionalizada (3º ao 5º ano)

3º ano

Capítulo	Semanas Previstas	Aulas Previstas (quinzenais)	Habilidades BNCC
1. Os encantos naturais do Norte	1–12	6 aulas	EF03GE03, EF03GE04, EF03GE05, EF03GE06, EF03GE09, EF03GE10, EF03HI10, EF05HI02
2. Vidas e povos do Norte	13–24	6 aulas	EF03GE02, EF03GE03, EF03GE04, EF04GE01, EF04GE02, EF04GE06, EF05GE02, EF03HI01, EF03HI03, EF04HI04, EF05HI05, EF05HI08, EF05HI09
3. As culturas e as festas do Norte	25–36	6 aulas	EF03GE01, EF03GE02, EF03GE03, EF04GE01, EF04GE02, EF05GE02, EF03HI01, EF03HI02, EF03HI03, EF03HI04, EF03HI07, EF04HI07, EF05HI01, EF05HI03, EF05HI09

4º ano

Capítulo	Semanas Previstas	Aulas Previstas (quinzenais)	Habilidades BNCC
4. Amazônia: o tesouro do Norte e do Brasil	1–12	6 aulas	EF03GE02, EF03GE03, EF03GE04, EF03GE11, EF04GE01, EF04GE10, EF04GE11, EF05GE02, EF03HI02, EF03HI03, EF03HI04, EF04HI05, EF04HI07
5. O ouro verde do Norte	13–24	6 aulas	EF03GE04, EF03GE05, EF03GE09, EF03GE10, EF03GE11, EF04GE01, EF04GE02, EF04GE04, EF04GE07, EF04GE08, EF05GE01, EF05GE10, EF03HI01, EF03HI02, EF03HI03, EF03HI11, EF03HI12, EF04HI05, EF04HI06, EF04HI07, EF05HI01, EF05HI09
6. Entre roças, rebanhos e igarapés	25–36	6 aulas	EF03GE01, EF03GE05, EF03GE09, EF03GE10, EF03GE11, EF04GE04, EF04GE07, EF04GE08, EF05GE05, EF05GE07, EF03HI08, EF03HI11, EF03HI12, EF04HI03, EF04HI05

5º ano

Capítulo	Semanas Previstas	Aulas Previstas (quinzenais)	Habilidades BNCC
7. O Norte que colhe sem derrubar	1–12	6 aulas	EF03GE04, EF03GE05, EF03GE09, EF03GE10, EF03GE11, EF04GE01, EF04GE02, EF04GE04, EF04GE07, EF04GE08, EF05GE01, EF05GE10, EF03HI02, EF03HI03, EF04HI05, EF04HI06, EF04HI07, EF05HI01, EF05HI03, EF05HI09, EF05HI10
8. Urbanização na Amazônia: cidades e natureza	13–24	6 aulas	EF03GE01, EF03GE08, EF03GE11, EF04GE04, EF04GE07, EF05GE03, EF05GE04, EF05GE05, EF05GE06, EF05GE08, EF03HI08, EF03HI11, EF03HI12, EF04HI03
9. Ser cidadão do Norte	25–36	6 aulas	EF03GE09, EF03GE10, EF05GE07, EF05GE10, EF05GE11, EF05GE12, EF04HI03, EF04HI05, EF05HI04, EF05HI05

7.2. Cronograma de Execução – Obra Regionalizada (1 ano letivo)

Capítulo	Semanas Previstas	Aulas Previstas (quinzenais)	Habilidades BNCC
1. Os encantos naturais do Norte	1–4	2 aulas	EF03GE03, EF03GE04, EF03GE05, EF03GE06, EF03GE09, EF03GE10, EF03HI10, EF05HI02
2. Vidas e povos do Norte	5–8	2 aulas	EF03GE02, EF03GE03, EF03GE04, EF04GE01, EF04GE02, EF04GE06, EF05GE02, EF03HI01, EF03HI03, EF04HI04, EF05HI05, EF05HI08, EF05HI09
3. As culturas e as festas do Norte	9–12	2 aulas	EF03GE01, EF03GE02, EF03GE03, EF04GE01, EF04GE02, EF05GE02, EF03HI01, EF03HI02, EF03HI03, EF03HI04, EF03HI07, EF04HI07, EF05HI01, EF05HI03, EF05HI09
4. Amazônia: o tesouro do Norte e do Brasil	13–16	2 aulas	EF03GE02, EF03GE03, EF03GE04, EF03GE11, EF04GE01, EF04GE10, EF04GE11, EF05GE02, EF03HI02, EF03HI03, EF03HI04, EF04HI05, EF04HI07
5. O ouro verde do Norte	17–20	2 aulas	EF03GE04, EF03GE05, EF03GE09, EF03GE10, EF03GE11, EF04GE01, EF04GE02, EF04GE04, EF04GE07, EF04GE08, EF05GE01, EF05GE10, EF03HI01, EF03HI02, EF03HI03, EF03HI11, EF03HI12, EF04HI05, EF04HI06, EF04HI07, EF05HI01, EF05HI09
6. Entre roças, rebanhos e igarapés	21–24	2 aulas	EF03GE01, EF03GE05, EF03GE09, EF03GE10, EF03GE11, EF04GE04, EF04GE07, EF04GE08, EF05GE05, EF05GE07, EF03HI08, EF03HI11, EF03HI12, EF04HI03, EF04HI05
7. O Norte que colhe sem derrubar	25–28	2 aulas	EF03GE04, EF03GE05, EF03GE09, EF03GE10, EF03GE11, EF04GE01, EF04GE02, EF04GE04, EF04GE07, EF04GE08, EF05GE01, EF05GE10, EF03HI02, EF03HI03, EF04HI05, EF04HI06, EF04HI07, EF05HI01, EF05HI03, EF05HI09, EF05HI10
8. Urbanização na Amazônia: cidades e natureza	29–32	2 aulas	EF03GE01, EF03GE08, EF03GE11, EF04GE04, EF04GE07, EF05GE03, EF05GE04, EF05GE05, EF05GE06, EF05GE08, EF03HI08, EF03HI11, EF03HI12, EF04HI03
9. Ser cidadão do Norte	33–36	2 aulas	EF03GE09, EF03GE10, EF05GE07, EF05GE10, EF05GE11, EF05GE12, EF04HI03, EF04HI05, EF05HI04, EF05HI05

ESTRUTURA E ORGANIZAÇÃO DO LIVRO

8.1. Seções

Este material de História e Geografia regionalizada está estruturado em nove capítulos, além de seções introdutórias e conclusivas, com o objetivo de apresentar conteúdos relacionados à identidade regional dos estudantes dos anos iniciais do Ensino Fundamental. A organização dos capítulos busca respeitar uma lógica de progressão dos temas, favorecendo a construção de conhecimentos a partir das vivências dos estudantes e considerando a diversidade cultural e geográfica da região.

A seguir, são descritos os principais componentes que integram a estrutura da obra – seções, boxes e ícones – juntamente com sua intencionalidade pedagógica, a fim de apoiar o uso do livro em sala de aula e o planejamento do professor.

Conectando conhecimentos

Presente no início do livro, esta seção propõe atividades que resgatam os conhecimentos prévios dos estudantes sobre região e identidade cultural. Tem como foco o reconhecimento da vivência local e a valorização das referências regionais. Trata-se de uma avaliação diagnóstica da bagagem do estudante em relação ao seu espaço vivido, com perguntas que exigem um pensamento reflexivo acerca dos conhecimentos adquiridos a partir de suas experiências.

Primeiros Olhares

Abre cada capítulo com imagens e questões de sensibilização, despertando a curiosidade e permitindo o diagnóstico do conhecimento prévio dos estudantes. Não apresenta conteúdo teórico. Serve como avaliação diagnóstica para os estudantes.

Organize as ideias

Encerra cada capítulo, propondo atividades que sistematizam os conteúdos trabalhados, consolidando aprendizagens por meio de práticas integradoras, envolvendo atividades em grupo, participação comunitária e momentos com a família.

Mergulhando na História

Traz documentos e fontes históricas com propostas de análise e reflexão. Trabalha com imagens, textos, mapas e registros que representam o patrimônio material e imaterial da região.

Cartografando

Explora mapas e outras linguagens cartográficas. Desenvolve o letramento cartográfico e o raciocínio espacial dos estudantes, articulando leitura e produção de mapas.

Saiba mais

Amplia os conteúdos do capítulo por meio de curiosidades e temas contemporâneos transversais (TCTs), como sustentabilidade, diversidade e cidadania.

Reflexões e Conexões

Encerramento do livro. Estimula projetos práticos, articulação com a comunidade e culminâncias. Reforça a interdisciplinaridade e a aplicação do conhecimento à realidade do estudante.

8.2. Boxes

Vozes da História

Dá voz a personagens e coletivos historicamente invisibilizados, promovendo representatividade e reconhecimento de diferentes sujeitos históricos.

Culturas da nossa região

Valoriza as manifestações culturais regionais, incluindo danças, festas, gastronomia e tradições populares.

Glossário

Destaca e explica termos novos ou complexos presentes nos textos, enriquecendo o vocabulário dos estudantes.

8.3. Ícones

Os ícones são recursos visuais que orientam o tipo de atividade ou ação esperada:



Leitura – Indica atividades de leitura individual ou compartilhada.



Pesquisa – Propõe investigações com a comunidade, com o apoio da família ou de fontes variadas.



No caderno – Indica que a atividade deve ser feita fora do livro, preservando sua reutilização.



Família – Envolve familiares no processo de aprendizagem.



Em grupo – Requer trabalho colaborativo entre os estudantes.



Oralidade – Propõe momentos de fala e escuta, valorizando o debate e o compartilhamento de ideias.



Socializando - Indica momentos de troca e interação entre os estudantes.



Em dupla - Indica atividades realizadas em pares, favorecendo a cooperação entre os estudantes.

Objetivos gerais da seção

Apresenta os objetivos pedagógicos dentro de capítulos e da seção inicial e final.

Objetivos gerais do capítulo

- Reconhecer elementos naturais e humanizados nas paisagens da Região Norte.
- Compreender como o modo de vida das pessoas se relaciona com o ambiente onde vivem.
- Refletir sobre o convívio entre cidade e floresta, reconhecendo suas características e seus desafios.
- Ampliar a percepção a respeito do território local, valorizando a diversidade da região.

Orientações didáticas

Este primeiro contato com o conteúdo do capítulo convida os estudantes a observar uma imagem aérea de uma área urbana cercada pela Floresta Amazônica, servindo de avaliação diagnóstica para resgatar conhecimentos prévios. Inicie com uma conversa aberta: O que vocês veem nessa imagem? Tem algo parecido perto de onde vivemos? Estimule a descrição oral dos elementos da cena e promova a escuta entre colegas.

Na **atividade 1**, incentive-os a identificar elementos da natureza (floresta, árvores, vegetação) e da ação humana (casas, ruas, construções). Se a escola tiver recursos, um projetor, por exemplo, projete a imagem para os estudantes e analise em conjunto com eles, organizando e incentivando a participação de cada um.

Na **atividade 2**, oriente a reflexão dos estudantes sobre como as pessoas interagem com esse ambiente, reconhecendo formas de convivência com a floresta. Espera-se que percebam que, na Região Norte, muitas pessoas vivem próximas

CAPÍTULO

1

OS ENCANTOS NATURAIS DO NORTE

PRIMEIROS OLHARES

NÃO ESCREVA
NO LIVRO.



Bairro da cidade de Manaus, Amazonas, em contato direto com a floresta, 2023.

Observando a imagem 1 a 4. Respostas pessoais.

- 1 O que você percebe nessa paisagem? Quais elementos naturais e quais elementos construídos aparecem nela?
- 2 Que ideias essa imagem traz sobre a convivência das pessoas com a natureza na região?
- 3 Por que a cidade foi construída tão perto da floresta? Quais são os benefícios e os impactos de morar próximo à floresta?
- 4 Com a ajuda de seu professor, diferencie paisagem natural de paisagem humanizada.

à natureza e que é comum a floresta estar perto das casas ou dos bairros. Enfatize que essa convivência pode ser harmônica, com respeito ao meio ambiente, mas também pode gerar desafios, como o risco de desmatamento ou de queimadas.

Para a **atividade 3**, a resposta deles pode indicar que a cidade cresceu nesse local em razão dos recursos naturais disponíveis, da geografia da região ou da origem histórica do povoamento.

Já na **atividade 4**, relembre os estudantes sobre a diferença entre paisagem natural e humanizada (ou cultural) usando exemplos da realidade deles: uma praça construída, um rio cercado por matas ciliares, um bairro com muitas árvores. Retome essas ideias ao longo do capítulo, aprofundando os conceitos.

BNCC

Indica a habilidade trabalhada na página ou na sequência de páginas.

BNCC

(EF03GE01)
(EF03GE04)
(EF04GE02)

Orientações didáticas

Apresente o mapa da seção **Cartografando** e explique a importância dos mapas para entender a geografia e como ele pode mostrar recursos naturais essenciais, como rios e florestas, que influenciam a produção de alimentos.

Juntamente com o mapa da seção, apresente o mapa da Região Norte, destacando os principais aspectos e relacione a localização geográfica à produção de alimentos.

Solicite que, em grupos, os estudantes desenhem um mapa simplificado da sua cidade ou região, destacando alguns limites (fronteiras), aspectos naturais e outros locais importantes. Estimule os estudantes a utilizarem cores diferentes para marcar diferentes elementos (como áreas urbanas e rurais, por exemplo), facilitando a visualização e a compreensão. A partir desse exercício, discuta como esses espaços refletem a cultura e o modo de vida local.



Diversificando

Boxe com sugestões de leitura, filmes, séries, jogos, aplicativos e sites, servindo como recurso didático ou aprofundamento teórico para a prática docente.

Diversificando

Para transformar o ensino de cartografia de forma mais envolvente, utilize ferramentas digitais como *Google Earth* ou aplicativos de mapas interativos. Isso permitirá aos estudantes visualizarem suas comunidades, cidades e regiões com mais detalhes, promovendo uma interação direta com o território.

Peça que os estudantes criem um livro de receitas. Para isso, divida os estudantes em grupos e incentive-os a escolher uma comida típica ou tradicional para criar uma página de um livro de receitas. Cada grupo incluirá uma imagem do prato, uma breve história sobre sua origem, a receita com ingredientes e modo de preparo e informações sobre como o prato é consumido. Ao final, cada grupo apresentará sua receita para a turma, criando um livro de receitas com conteúdo cultural e educativo.

46

Orientações didáticas

Apresenta para orientações e sugestões de como devem ser trabalhados os conteúdos teóricos e práticos.

BNCC

(EF04GE01)
(EF03GE02)
(EF05GE02)

Orientações Didáticas

Apresente o uso de plantas medicinais na Amazônia, valorizando o saber tradicional dos povos indígenas e comunidades ribeirinhas.

Explique que muitas dessas plantas também são utilizadas pela indústria farmacêutica e cosmética, e que a exploração sustentável desses recursos pode gerar renda sem causar danos à floresta. Destaque usos da copaiba (anti-inflamatório), andiroba, breu-branco (limpeza de feridas) e guaraná, usados para fazer chás, pomadas e remédios. Aprofunde o tema acessando o site da Fiocruz sobre Plantas Medicinais em <https://cbpm.fiocruz.br/index/ethnobotany>, acesso em 11 set. 2025.

Utilize o box **Glossário** para explicar a diferença entre exploração legal e ilegal, relacionando sustentabilidade à legalidade.

Promova um debate sobre a importância de proteger os saberes tradicionais e traga o tema da biopirataria apresentando o caso de Conrad Gorinsky. Reforce com os estudantes a importância de valorizar, respeitar e defender os direitos das comunidades tradicionais, garantindo o uso ético e justo da biodiversidade amazônica.

Na atividade 1, peça aos estudantes que expliquem como as plantas medicinais auxiliam nos cuidados com a saúde e bem-estar dos moradores da região e os impactos econômicos de sua exploração e comercialização.

Se houver condições, assistam ao vídeo **Amazônia: riqueza da natureza selvagem**. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=_MyLk4v-Oj0. Acesso em: 11 set. 2025.

54

As plantas medicinais

Por toda parte da Floresta Amazônica, existem muitas plantas que são utilizadas como remédios naturais. Os povos indígenas e outras comunidades tradicionais conhecem essas plantas há muito tempo e aprenderam com os mais velhos como utilizá-las com cuidado.

O óleo de copaiba é usado para tratar inflamações, o guaraná dá energia e ajuda na dor de cabeça. Já o breu-branco, uma resina tirada de uma árvore ajuda com dores e pode limpar feridas. Há ainda outras plantas como o jatobá, a unha-de-gato e o boldo amazônico, que servem para fazer chás e tratar diferentes problemas de saúde das pessoas.

Esses conhecimentos são muito importantes e fazem parte da sabedoria das pessoas que vivem em diferentes estados da Região Norte do nosso país. Cuidar das plantas medicinais e respeitar a natureza é uma forma de manter a saúde e também de proteger a biodiversidade da Amazônia.



Breu-branco, resina extraída pela cooperativa mista dos produtores extrativistas do Rio Itatapuru, Laranjal do Jarí, Amapá, 2022.



Ervas medicinais da floresta amazônica. Manaus, Amazonas, 2024.

NÃO ESCREVA NO LIVRO.

Você sabia que tem gente que usa a natureza e o saber dos povos indígenas para ganhar dinheiro sem pedir permissão?

Foi isso que fez um pesquisador da Inglaterra chamado Conrad Gorinsky. Ele aprendeu com indígenas o uso do canhambi, que ajuda a pescar, e do tipir, usado como remédio. Depois, registrou essas plantas como se fossem descobertas dele. Isso é **ilegal** e é chamado de **biopirataria**: usar saberes de um povo sem permissão nem reconhecimento.

Em seu caderno, responda:

1. Qual é a importância das plantas medicinais para a população amazônica? Cite o nome de uma planta que você conhece. **1. Resposta pessoal.**
2. Você acha certo usar o conhecimento dos povos indígenas sobre plantas sem pedir permissão ou reconhecer quem ensinou? Por quê? **2. Espere-se que os estudantes demonstrem compreensão da importância do respeito e da justiça em relação aos conhecimentos tradicionais.**

Glossário

ilegal: algo que não está de acordo com a lei, ou seja, é proibido. Quando uma pessoa faz algo ilegal, ela está desrespeitando regras importantes que servem para proteger as pessoas e a natureza.

Atividade complementar

Peça que os estudantes pesquisem e tragam rótulos de produtos com ingredientes da Amazônia (como açai, guaraná, copaiba ou andiroba). Promova uma discussão sobre seus usos, valor econômico e a necessidade de uma exploração responsável.

Temas Contemporâneos Transversais (TCT)

Economia

Proponha um debate sobre o futuro da exploração sustentável dessas plantas. Questione como conciliar economia e preservação, e como beneficiar as populações locais.

Atividade complementar

Propostas de ações pedagógicas baseadas em metodologias ativas, estimulando a participação ativa dos estudantes na construção do conhecimento.

Temas Contemporâneos Transversais

Subsídios para a abordagem de conteúdos que articulam conhecimentos escolares às questões urgentes e reais da sociedade.

Interdisciplinaridade com...

apresenta possibilidades de articulação entre os conteúdos de Geografia e História com outros componentes curriculares, como Língua Portuguesa, Matemática, Ciências ou Arte, ampliando a compreensão dos temas abordados e promovendo a integração de saberes.

ORGANIZE AS IDEIAS

NÃO ESCREVA NO LIVRO.

Você já sabia muita coisa sobre o lugar onde vive, porque faz parte do seu dia a dia. Ao longo do capítulo, teve a chance de observar com um olhar diferenciado, valorizando seus conhecimentos e sendo convidado a pensar de um jeito novo sobre o que já conhecia, descobrindo novos detalhes e pensando sobre o que torna a Região Norte tão especial. Agora, é hora de reunir tudo isso, refletir sobre o que aprendeu e mostrar do seu jeito!

Mapa com memória

1 Faça um desenho ou colagem de um mapa da Região Norte, incluindo elementos que marcaram seu aprendizado: rios, relevo, vegetação, animais ou alimentos típicos. Você pode escrever palavras, usar cores ou símbolos criativos. Depois, compartilhe com a turma e conte o que escolheu mostrar.

Meu clima, meu lugar

2 Pesquise com sua turma: como é o clima do local onde vocês moram. Vocês podem pesquisar em sites confiáveis, entrevistar moradores mais velhos, conversar com alguém da prefeitura ou até com um agricultor da região.

Depois, comparem o clima local com o que vocês aprenderam sobre o clima equatorial: faz muito calor? Chove bastante? O ar é úmido ou seco? Existem períodos de seca ou o tempo é igual o ano todo?

Juntos, montem um painel colorido, com desenhos, frases e palavras que representem o clima da sua localidade.

Histórias de quem vive perto dos rios

3 Converse com alguém da sua família ou da comunidade, que conheça bem um rio próximo. Pergunte como esse rio faz parte da vida das pessoas: se é usado para pesca, banho, transporte, celebrações ou outras atividades. Registre com um desenho ou escreva algumas frases, contando essa história para a turma.

Riquezas da natureza, desafios da vida

4 Converse com seus colegas: por que lugares com tantos recursos naturais, como na Região Norte, ainda enfrentam dificuldades como falta de transporte, escolas ou água tratada? Será que cuidar da natureza pode ajudar a melhorar a vida das pessoas? Como?

BNCC (EF03HI02)

Orientações didáticas

Na atividade 1, incentive representações visuais que incluam elementos como rios, relevo, vegetação e alimentos da Região Norte. Os estudantes podem usar palavras, desenhos, cores e colagens, representando rios, floresta, relevo plano, animais e alimentos típicos. Organize uma apresentação dos mapas para que cada um explique suas escolhas.

Na atividade 2, oriente a pesquisa colaborativa sobre o clima local. A pesquisa deve mostrar que o clima da localidade é parecido com o clima equatorial, se for quente e chuvoso, ou diferente, se tiver estações mais definidas ou menos chuvas. Podem aparecer temperaturas altas, chuvas frequentes, umidade ou períodos secos. O painel coletivo, com frases e desenhos, permitirá expressar percepções de forma criativa.

A proposta da atividade 3 possibilita o exercício da escuta e da oralidade. Incentive conversas com pessoas da comunidade e registros com frases curtas ou desenhos, mostrando como os rios marcam o cotidiano. Os relatos podem abordar enchentes, travessias, festas ou mudanças no uso da água. Esse exercício contribui para compreender a importância social, econômica e afetiva do rio.

Na atividade 4, conduza um diálogo sobre o uso sustentável da água, a importância da organização social e os desafios enfrentados para transformar os recursos naturais em bem-estar para todos, promovendo equilíbrio entre natureza e sociedade.

Avaliação

As atividades desta seção podem ser utilizadas para uma avaliação formativa, observando a capacidade dos estudantes de mobilizar saberes aprendidos, interpretar a realidade local e se expressar por múltiplas linguagens.

Interdisciplinaridade com Arte

Sugira que as produções visuais das atividades, como mapas e painéis, utilizem colagens, texturas, desenhos e símbolos regionais, ampliando o repertório artístico e cultural e favorecendo a expressão sensível do território vivido. Reforce práticas sustentáveis, com materiais recicáveis (papelão, embalagens, plásticos) e orgânicos (sementes, gravetos, flores, folhas secas).

21

Avaliação

estratégias avaliativas alinhadas aos objetivos da aula e às competências da BNCC.

BRASIL. Câmara dos Deputados. **Estatuto da criança e do adolescente**. 13. ed. Brasília, DF: Câmara dos Deputados: Edições Câmara, 2015.

Documento legal que garante os direitos das crianças e adolescentes no Brasil, com orientações sobre proteção, educação, convivência familiar e comunitária.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**: a educação é a base. Brasília, DF: MEC, 2018.

Documento que determina as competências, habilidades e aprendizagens essenciais em cada etapa da Educação Básica em todo o território nacional.

BRASIL. Ministério da Educação. **Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais da Educação Básica**. Brasília, DF: MEC: SEB: Dicei, 2013. Disponível em: https://www.gov.br/mec/es/media/seb/pdf/d_c_n_educacao_basica_nova.pdf/@download/file/d_c_n_educacao_basica_nova.pdf. Acesso em: 17 jun. 2025.

Documento que estabelece os princípios orientadores para a organização curricular da Educação Básica, com foco na formação humana integral.

BRASIL. Ministério da Educação. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Brasília, DF: MEC: SEF, 1997. v. 1, 4, 5, 8, 9 e 10. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro01.pdf>. Acesso em: 18 jun. 2025.

Referência para a organização curricular das disciplinas escolares, com orientações sobre conteúdos, competências e valores para o ensino fundamental.

BRASIL. Ministério da Educação. **Temas contemporâneos transversais na BNCC**: contexto histórico e pressupostos pedagógicos. Brasília, DF: MEC, 2019. Disponível em: https://www.gov.br/mec/pt-br/assuntos/eb/guia_pratico_temas_contemporaneos.pdf. Acesso em: 18 jun. 2025.

Texto de apoio para o tratamento dos temas contemporâneos transversais na escola, como ética, diversidade, sustentabilidade e direitos humanos.

BRASIL. Presidência da República. Decreto nº 11.556, de 12 de junho de 2023. Institui a Estratégia Nacional de Escolas Conectadas. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2023-2026/2023/decreto/D11556.htm. Acesso em: 16 jun. 2025.

Norma federal que regulamenta a conectividade nas escolas públicas brasileiras, promovendo o uso pedagógico de tecnologias digitais.

BUENO, A. ; CAMPOS, C. E. C. (Org.) ; PORTO, D. (Org.) . **Ensino de História**: Teorias e Metodologias. 1. ed. Rio de Janeiro: Sobre Ontens, 2020. v. 1. 497p .

Reunião de artigos que discutem abordagens teóricas e metodológicas para o ensino de História, voltados especialmente à formação docente.

CARLOS, Ana F. A. **A geografia na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 1999.

Livro clássico sobre o ensino de Geografia, com reflexões sobre a prática docente e propostas didáticas para o cotidiano escolar.

CARVALHO, Alcione Luis Pereira; FILIZOLA, Roberto. **A avaliação em geografia nas séries iniciais**. Curitiba: Ed. da UFPR, 2005.

Estudo sobre práticas avaliativas em Geografia voltadas aos anos iniciais, com foco em processos formativos e instrumentos adequados à faixa etária.

COSTA, Sheyla Francielle Mayer da. **Ensino de História nos anos iniciais**: reflexão sobre possibilidades para a prática pedagógica. 2018. Disponível em: <https://acervodigital.ufpr.br/xmlui/handle/1884/60070>. Acesso em: 10 jun. 2025.

Dissertação que analisa os desafios e potencialidades do ensino de História nos primeiros anos do Ensino Fundamental, com ênfase em propostas práticas.

HAESBAERT, Rogério. **Regional-Global: dilemas da região e da regionalização na Geografia contemporânea**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

Obra fundamental da Geografia crítica brasileira que discute os conceitos de região e regionalização a partir das dinâmicas do mundo globalizado.

JESUS, Lilian Gavioli; DIAZ, Natália Germano Gejão. **Ensino de História e Geografia**. Londrina: Editora e Distribuidora Educacional S.A., 2018.

Manual didático que aborda os fundamentos teóricos e metodológicos do ensino de História e Geografia, com sugestões práticas para sala de aula.

LINHARES, Maria Yedda; SILVA, Francisco Carlos Teixeira. **Terra Prometida: uma história da Questão Agrária no Brasil**. Rio de Janeiro: Campus, 1999.

Estudo histórico sobre a formação das estruturas fundiárias no Brasil e a questão agrária, com ênfase nas disputas e políticas de ocupação da terra.

OLIVEIRA, Alexandrino da Costa; NONATO JÚNIOR, Raimundo. **Alfabetização cartográfica: anos iniciais do ensino fundamental**. São Paulo: Dialética, 2021.

Obra voltada ao desenvolvimento do letramento cartográfico com foco nos anos iniciais do Ensino Fundamental, abordando práticas e fundamentos para a leitura e produção de mapas por crianças.

PEDROSO, Leonardo Batista (org.). **Ensino de Geografia: teorias e experiências**. Ituiutaba, MG: Editora Zion, 2021. Disponível em: <https://educapes.capes.gov.br/bitstream/capes/603356/1/Ensino%20de%20Geografia.pdf>. Acesso em: 11 jun. 2025.

Coletânea que reúne reflexões sobre o ensino de Geografia com base em experiências de sala de aula, práticas investigativas e fundamentos teóricos.

PESAVENTO, Sandra J. **História & História Cultural**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

Obra que introduz os conceitos e debates da História Cultural, com ênfase em novas formas de leitura dos fenômenos históricos e das fontes.

RANZI, Serlei Maria Fischer; MORENO, Jean Carlos. **A avaliação em história nas séries iniciais**. Curitiba: Ed. da UFPR, 2005.

Texto que discute a avaliação da aprendizagem em História nos anos iniciais, com ênfase na construção de sentidos históricos pelas crianças.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. 8. ed. São Paulo: Edusp, 2014.

Obra seminal da Geografia brasileira que discute o espaço como construção histórica, relacionando técnica, tempo e sociedade.

